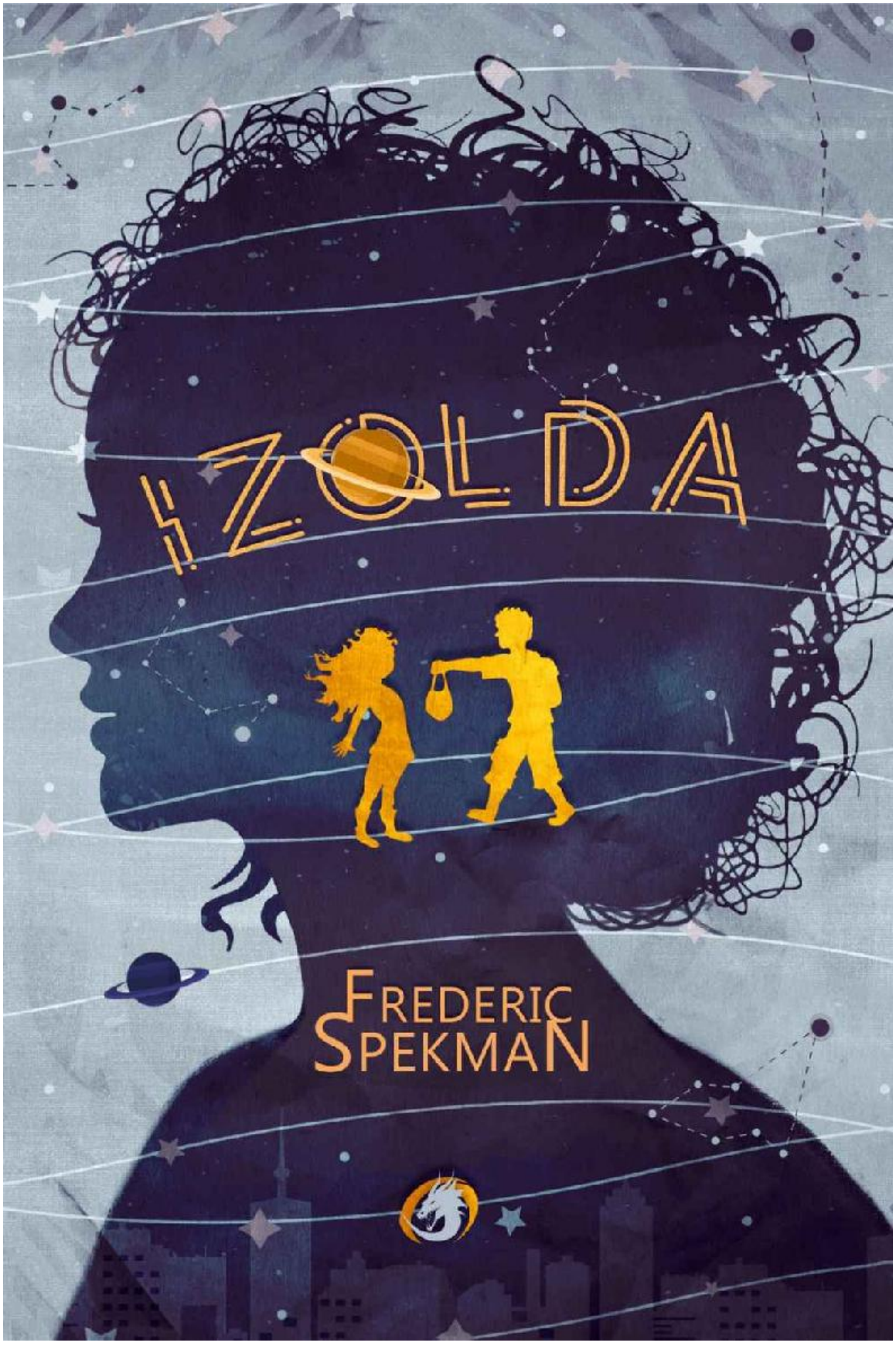
IZOLDA



FREDERIC SPEKMAN


IZOLDA
FREDERIC
SPEKMAN

Todos os direitos desta edição reservados à Editora PenDragon

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portugue
sa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em

2009.

Capa

Mirella Santana

Revisão

Camilla Villalba

Nadja Moreno

Diagramação

Rafael Sales

Editor Gráfico

Ricardo Gonçalves

Coordenação Editorial

Priscila Gonçalves

CIP-Brasil. Catalogação na Fonte.

Renata Brito dos Santos CRB-8/9773

869.9 Spekman, Frederic

S741i Izolda / Frederic Spekman_Rio de Janeiro: Pendragon, 2018.

ISBN: 978-85-9594-078-9

1. Literatura brasileira 2. Ficção Cientifica 3. Fantasia I. Título

CDD: 869.9

Rio de Janeiro – 2018, Rio de Janeiro.

É proibida a cópia do material contido neste exemplar sem o consen timento da editora. Este livro é fruto da

imaginação do autor e nenhum dos personagens e acontecimentos citados nele tem qualquer equivalente na vida

real.

Direitos concedidos à Editora Pendragon. Publicação originalmente em língua portuguesa. Comercialização em todo

território nacional.

Formatos digitais e impressos publicados no Brasil.


Editora
PenDragon

IZOLDA



FREDERIC SPEKMAN

PRÓLOGO

CAPÍTULO 1 ANTES DA CHUVA

CAPÍTULO 2 DEPOIS DA CHUVA

CAPÍTULO 3 A ESTRANHA

CAPÍTULO 4 LAÇOS

CAPÍTULO 5 CORAÇÕES

CAPÍTULO 6 SEPARAÇÃO

CAPÍTULO 7 DESAPARECIDA

CAPÍTULO 8 O PERSEGUIDOR

CAPÍTULO 9 A PARTIDA

CAPÍTULO 10 O PASSAGEIRO DO FUTURO

CAPÍTULO 11 CAINDO NO INFERNO

CAPÍTULO 12 VOMITANDO SANGUE

CAPÍTULO 13 CAINDO AINDA MAIS NO INFERNO

CAPÍTULO 14 FORTE-PRISÃO NÚMERO QUATRO

CAPÍTULO 15 O CORAÇÃO DAS ESTRELAS

CAPÍTULO 16 FOGO NOS CÉUS

CAPÍTULO 17 O SOLITÁRIO CAMINHANTE PROIBIDO

CAPÍTULO 18 CANTAM OS POVOS DE DEHVA

CAPÍTULO 19 UM RÉQUIEM PARA OS HERÓIS

CAPÍTULO 20 OLHOS AZUIS, LÁBIOS VERMELHOS

CAPÍTULO 21 A PROMETIDA

CAPÍTULO 22 ESTRELA APAGADA

CAPÍTULO 23 UM PULSAR PEQUENO E DISTANTE

CAPÍTULO 24 ENTRE O EU E O EU MESMO

CAPÍTULO 25 OLHOS DE SANGUE, ARMAS DE PRATA

CAPÍTULO 26 TABULEIRO DE BATALHA

CAPÍTULO 27 O SINO DE GUERRA DOBRA

CAPÍTULO 28 UMA PONTE LONGA DEMAIS

CAPÍTULO 29 O FURIOSO CAMINHANTE PROIBIDO

CAPÍTULO 30 A SUPERAÇÃO DA DONZELA PRATEADA

EPÍLOGO



PRÓLOGO

Era fim de tarde quando tudo aconteceu. Estrelas cadentes cortaram o firmamento riscando

faixas de luz no crepúsculo. As pessoas olharam para o céu, admiradas. Nunca nenhuma delas

havia visto um espetáculo como aquele. Alguns sortudos conse guiram fotografar o fenômeno

com seus celulares, outros apenas pararam o que estavam fazendo para observar aquela beleza.

Tudo foi rápido, pouco mais de dez minutos, mas o suficiente para que alguns vissem uma

estrela tomar uma direção diferente das outras. Ela descreveu uma espécie de “S” no céu e caiu

na Terra em direção oposta às demais. Alguns disseram que era um óvni. Outros riram com essa

hipótese. Certeza foi apenas a grande chuva que caiu naquela noite.

A tormenta chegou castigando. Fortes ventos arrancaram árvores e destelharam casas. As

luzes de diversos bairros da cidade se apagaram, deixando a população no escuro ao som dos

trovões e iluminadas por rápidos e assustadores relâmpagos. Os cór regos se tornaram rios e em

poucos instantes transbordaram, levando esgoto e lixo para as ruas. Os carros não passavam e

muitos tiveram que pernoitar dentro dos próprios veículos. A fúria da natureza fez com que todos

os homens se escondessem. Até mesmo os ateus aprenderam a rezar naquela noite para que a

tempestade passasse logo, mas ela não passou tão rápido assim. F oram nove horas ininterruptas

de chuvas torrenciais que castigaram aquela capital.

Na manhã seguinte, o saldo da tempestade: barrancos descera m, famílias inteiras

desapareceram na lama. Testemunhas disseram ter visto duas pessoas serem carregadas pelas

águas e desaparecerem em um bueiro. Em outro ponto da cid ade quatro pessoas morreram

eletrocutadas por causa da queda de um poste de luz.

O prefeito decretou ponto facultativo nas repartições públicas e pedi u para que as pessoas

evitassem deixar suas casas. Nas ruas muita lama, lixo, esgoto e ár vores caídas. Um homem, em

vão, tentava ligar o seu carro enquanto do outro lado da rua um com erciante desistia de abrir as

portas de seu estabelecimento.

Foi mesmo a fúria da natureza. E, olhando para o alto, se not ava que as nuvens

continuavam carregadas; a chuva poderia voltar a qualquer moment o.

Um velho e uma velha olhavam toda aquela cena da janela de seu a partamento. Ela voltou-

se para ele e disse:

— O tempo está louco.

— Não — respondeu ele. — O tempo está exatamente como deve e star. Afinal, não é este

o preço que nós escolhemos pelo nosso progresso?

A velha olhou para cima e viu o céu carrancudo e lamentou:

— Que Deus tenha piedade de nós! Será que as escolhas que faze mos estão levando este

mundo para a direção certa?

CAPÍTULO 1

ANTES DA CHUVA

Universo, a obra prima de Deus. Será que o Universo pode o u deve ser explicado? Será

que as raças inteligentes do cosmos, com seus parcos tempos de vi da, possuem a capacidade de

explicar com exatidão o funcionamento do espaço? Como se deve c alcular o infinito se o tempo

no cosmos não tem começo e nem fim? Como explicar para um ser que vive em um exoplaneta

distante que o mundo que ele descobriu em seu telescópio e que está distante centenas de

milhares de anos-
luz talvez nem tenha mais vida, ou que naquela nebulosa que ele ig norou por

seus cálculos simplórios basearem-
se em situações confortáveis para si acabara de nascer um

planeta tão belo e cheio de vida que supera, e muito, o mundo em q ue ele habita?

O que é o Big Bang e a teoria de expansão do cosmos? Não seria o tão famoso Big Bang

uma repetição infinita de várias outras explosões que já acontecera m e continuarão a acontecer

indefinidamente apenas pelo fato do Universo ter a vocação de ser eterno? Não seria o que

chamamos de Universo apenas um plano ligado a outros tanto s através de cordas quânticas

entrelaçadas, que formam uma tapeçaria majestosa que pode ser d obrada sobre si mesma como

um simples pano negro?

O que seria o ser humano para o Universo? Não seria uma p arte minúscula como a

molécula que compõe a célula de um grande corpo que é o s eu mundo, e o seu mundo um

simples glóbulo vermelho que navega pela matéria escura do cosmo s, que nada mais seria que o

sangue que percorre as veias de Deus?

Universo é tudo. Todas as possibilidades. Possibilidades simple s e fantásticas. Seres

humanos sonham, imaginam, criam… tudo a partir da referênci a que têm do Universo à sua

volta. Assim também foi se expandindo o Universo, como acontece c om qualquer pequena célula

que evolui e forma novas possibilidades. Aquilo que funcionou o Universo mantém, como uma

memória cósmica, como o DNA dos organismos vivos. Aquilo que não funcionou acaba com o

tempo se extinguindo, como aconteceu com várias espécies de animais em diversos mundos que

não suportaram as mudanças climáticas das eras.

Então chegamos ao humanoide. O humanoide talvez seja o ser mais interessante e mais

simples de tornar uma raça desenvolvida no Universo. Bípede, cérebro desenvolvido, mãos com

dedos e um polegar opositor. Em alguns mundos podem ser mais altos, outros mais baixos,

alguns com vários dedos em cada mão, a outros apenas três dedos bastam. Na teoria de evolução

das espécies de cada mundo, cada um se adaptou da forma mais fácil de seu planeta, mas o

resultado é sempre parecido: um ser que necessita de oxigênio, dos pulmões e de fontes de

alimento para se desenvolver.

Quando estão maduros estes seres desenvolvem uma capacidade espiritual invejável. Eles

entram em contato com o seu mundo e o compreendem, fazem parte dele em sua vida até sua

morte e, quando a morte física acontece, sua consciência passa a fazer parte do seu mundo,

entrando em conexão com o Universo. Em um futuro não tão distant e, como todo o planeta que

nasce um dia morre, estas consciências se tornam as sementes con tendo o código genético que se

espalhará pelo cosmos formando outros mundos, outras cultura s e evoluindo de formas

diferentes em novos exoplanetas que nascem no berçário do cosmo s.

Assim se desenvolve o Universo, em um ciclo contínuo e har mônico de morte e

renascimento. Um ciclo de eterna expansão em eterno processo de soma em todas as direções. E,

por existir no Universo todas estas consciências que riem, que choram e que sentem é que dói

tanto quando planetas morrem doentes pela ação de suas pró prias criaturas. É como filhos que

matam os próprios pais, um pecado grave que não pode ser i gnorado por Deus em sua

consciência infinita. O caso se torna ainda mais grave quando os assassinos se espalham pelo

Universo como uma doença e infectam outros exoplanetas, os enve nenando e os matando.

Quando a situação chega a este ponto é necessário buscar u ma vacina. As vacinas mais

eficientes são aquelas criadas a partir dos corpos mais resistentes. Funciona da seguinte forma: o

corpo resistente é infectado, ele rejeita o veneno e cria uma d efesa natural contra a doença.

Quando isso acontece, o cientista dá à resistência um aditivo e sua f orça passa a se multiplicar

muitas e muitas vezes, dando forças a ela para combater a doença. É assim que as coisas devem

ser. Muita gente acha que quando existe o mal Deus deve simplesm ente mandar um meteoro dos

céus e explodir com tudo! Seria como um médico que extirpa um órg ão de um paciente. Mas e o

risco de uma rejeição? Um corpo sem um órgão pode nunca mais fu ncionar bem, pode precisar

de contínuas intervenções médicas até o fim dos dias. Enfim, operaç ões são sempre arriscadas. É

por isso que as soluções mais eficientes são aquelas respondidas p elo próprio organismo.

O tempo do Universo não é o tempo de um planeta, que não é o tem po do ser humano. A

ordem do Universo é feita de círculos, onde cada círculo é maior qu e o outro. Apenas quando a

humanidade entender a alma de uma estrela ele poderá compr eender e conversar com o

Universo, esta consciência antiga, mais velha que a ideia de tempo, que os homens chamam de

Deus. Como uma velha estrela que compreende o princípio da criaç ão, recebi a incumbência de

dar uma solução para este problema. Eu, como médico, prefiro pres crever uma vacina. Mas para

fabricar a vacina nós precisamos de um organismo forte. Este organi smo os humanos chamariam

de heróis. Mas heróis não são construídos por acaso, não surgem d o nada. Heróis nascem com

raízes fortes, são determinados, não se dobram diante do mal, não desistem diante da dor, tudo

superam através do amor incondicional que os faz ter fé para contor nar o impossível.

Agir de forma a encontrar um ser humano capaz de dobrar o imposs ível não é uma tarefa

fácil, mas, quando achamos, não importa quantos milhões de anos tenham passado, é sempre

uma satisfação.

E foi assim que tudo começou, com a busca… em uma forte chuva no planeta chamado

Terra, em uma região de uma grande cidade qualquer de um país qu e eles chamam de Brasil. Um

lugar onde seres humanos confusos se dividem entre lutar para per manecerem saudáveis e ajudar

no equilíbrio de seu mundo ou serem seres doentes e desesperança dos, presos em suas próprias

ambições pessoais, amaldiçoando seu futuro e seus semelhant es. Um bom lugar para buscar

organismos resistentes.



CAPÍTULO 2

DEPOIS DA CHUVA

— Menino, o que está fazendo? Por que este olhar tão sombrio?

— Não está vendo? Veja ali na frente! Aqueles moleques covardes q uebraram a coluna do

gatinho porque ele não pode se defender sozinho!

— O que vai fazer?

— Simples, vou quebrar todos os dentes da boca deles, assim vão a prender que os animais

também sentem dor.

— Eles são três, não tem medo de apanhar deles?

— Quantidade para mim não importa, só a satisfação de fazê-los chorar já me basta.

— Você é um menino violento e cruel, seus pais ficarão bravos com você!

— Hu, hu, hu, hu!

— Isso não tem graça, menino! Você é perigoso! Se não ama nsar este seu coração, terá

muitos problemas no futuro! Você não é um animal, é um ser human o! Precisa agir como tal e

parar de resolver as coisas através da violência! Se você for arrumar problemas com eles, eu vou

contar aos seus pais! E… e… pare de me olhar assim! Este seu olh ar me incomoda!

— Izac… desde quando se tornou um maldito covarde?

Assim acordou Izac Valgas: ofegante e suando. Ninguém o desperto u naquela manhã. Pelo

barulho da chuva ele já sabia que não haveria aula naquele d ia. Isso sempre foi comum em

bairros de classes menos privilegiadas em qualquer lugar do Brasil. É só chover um pouco e tudo

vira um caos. O jovem Izac já estava acostumado com isso, sempre acontecia em todo o verão;

apesar de que, desta vez, não era verão.

— Parece que o professor acertou. Estas mudanças climáticas caus adas pela poluição estão

mesmo transformando o planeta numa loucura só.

Quando colocou o pé no chão, sentiu o frio da umidade. Era a água da chuva que também

tomou parte do seu quarto. Ele olhou em volta e viu que tudo estava no lugar, inclusive sua velha

guitarra elétrica que ele não usava há mais de um ano. O jovem leva ntou-se e foi para a cozinha,

onde encontrou sua mãe, Dona Tainá, já na limpeza da casa. A água invadiu a cozinha e a copa,

trazendo muitas folhas e lama.

— Bom dia, mãe.

— Bom dia. Tem biscoitos e chá na mesa.

— Cadê o pai?

— Foi cedo ajudar o pessoal do outro lado do bairro, parece que aconteceu um

deslizamento de terra.

— Se o pai tivesse aqui, iria te chamar a atenção. Ele diz que não existe deslizamento de

terra, o que existe é queda de talude.

— Que seja! — Dona Tainá sempre se irritava quando era corrigida por um dos filhos. —

Vá tomar o seu café e vem ajudar.

— Quero ajudar é o pai, a coisa lá deve estar séria!

— Não! Pode haver gente morta lá! — Como toda mãe, ela parou de varrer e olhou para o

filho de forma suplicante para que ele não se envolvesse em lugares perigosos.

— Legal, mais um motivo de ir, ué! — Como parar a juventude? Izac era do tipo que

sempre se achava capaz de resolver qualquer problema sozinho. Pior para mãe, já que

normalmente ele conseguia mesmo resolver seus problemas.

Como resultado, Dona Tainá apenas balançou a cabeça e continuou a limpeza.

Rapidamente o jovem devorou meia dúzia de biscoitos com margari na e secou o copo de

chá. Quando estava prestes a sair, surgiu diante dele uma pequena sombra. Era sua irmã, Ísis, que

havia acordado.

— Bom dia, feioso! — disse ela, fazendo careta.

— Bom dia, assombração! — rebateu ele, sorrindo.

— Está indo aonde?

— Vou ajudar o pai, tem gente presa por causa de um desmoronam ento.

— Nossa! Queda de talude!

— Isso.

— Oh! — exclamou a menina enquanto a mãe, ao fundo, bal ançava a cabeça

negativamente ouvindo a conversa dos dois. — Posso ir também? — emendou Ísis.

— Não é boa ideia, pode ter gente morta lá.

— Legal! — riu ela.

— De jeito nenhum! — reagiu a mãe como uma leoa; afinal, você não pode segurar os

filhos grandes, mas os menores… — Você fica, Ísis. Temos muito tra balho aqui!

— Ah, mãe! — choramingou a menina. — Me deixa ir!

— Seu irmão tem dezesseis anos, você tem treze. Não está n a idade de ver essas coisas.

Seu pai não vai poder ficar de olho em vocês dois. Você fica!

A menina fechou a cara, emburrada. Izac sorriu e sussurrou no ouvi do da irmã:

— Se tiver um morto, eu tiro uma foto para você ver no celular.

— Oba! — riu ela. A juventude e a adoração pelo bizarro sempre an dam juntas.

— Mãe, eu estou indo! — disse Izac enquanto pegava a capa de ch uva, já prevendo que a

tormenta não daria trégua.

— Por favor, tome cuidado! — advertiu a mãe. — Aonde você vai não é lugar para

brincadeira.

Izac mandou um beijo para a mãe e tomou a saída da casa. O tênis dito impermeável de

nada adiantava contra aquele volume de barro que estava nas ruas. O bairro estava horrível e,

quanto mais ele se aproximava do morro, pior a situação ficava. Qua ndo ele chegou próximo ao

local do desastre é que foi possível perceber o tamanho do e strago. Izac lembrava-se bem

daquele lugar; ali havia cerca de dezesseis casas, agora não havia nada além da terra crua,

resultado da erosão que carregou todas as construções.

Ele sentiu o cheiro ruim da terra misturada a toneladas de lixo e entu lho que havia no lugar

e tapou o nariz. Caminhando com dificuldade, conseguiu se aproxim ar do lugar onde dezenas de

pessoas se aglomeravam junto com os bombeiros. Ele chegou no momento em que um corpo

estava sendo retirado do barro e carregado. Quatro homens particip avam do resgate, e entre eles

estava o Professor George Valgas, pai de Izac. O jovem estava assu stado, pois o corpo retirado

foi depositado no chão a pouco mais de um metro de distânci a de onde ele estava. Ele viu

claramente o corpo do menino de cabelos crespos e corpo coberto d e lama antes de um bombeiro

cobri-
lo com uma lona. Estava morto. Mulheres em volta começaram a ch orar, eram vizinhas e

parentes da vítima. Voluntários afastavam as pessoas e tentavam, e m vão, consolá-las.

Izac permaneceu estático, olhando fixamente para o corpo no chão. Ele mal sentiu quando

uma mão cheia de barro tocou seu ombro.

— “Tragédia no Morro da Piedade” — disse a voz forte em to m irônico. — Esta será a

manchete de amanhã, com algumas estatísticas em um requad ro de quinze centímetros. Com

sorte eles colocam alguma coisa na primeira página ao lado d a notícia da estreia de algum

programa de reality show, talvez assim alguém se lembre desta regi ão da cidade.

— Eu já o vi antes… — Engoliu em seco Izac, sem voltar os olhos p ara o pai.

— Era de sua escola, um aluno meu. Um ano mais jovem que você. Poderia ter sido você

em outra realidade. — As palavras do pai fizeram percorrer u m calafrio pela espinha de Izac,

levando-o a imaginar-se naquela situação. — Bem-
vindo ao mundo dos homens!

O pai deu dois tapas nas costas do jovem, chamando-
o para a realidade.

— Acabou o período de promoção. Veja! — O velho apontou para ci ma e mostrou que a

chuva havia parado um pouco, mas não demoraria voltar a ap ertar. — Você não veio aqui a

passeio, não é? Venha, vamos ajudar! Com a chuva o terreno fica traiçoeiro, temos que

aproveitar agora.

E pai e filho se embrenharam no meio dos outros voluntários e bombeiros, perderam a

noção do tempo. Algumas pessoas, admiradas, olhavam para a dupla e um perguntava: “Quem

são aqueles dois?”, e outro respondia: “É o Professor George e o filho.” De fato, eram parecidos.

O professor era um homem robusto, mesmo com 52 anos tinha a boa forma. Calvo, os cabelos

grisalhos revelavam que um dia já foram negros como a noite. O filho é o retrato jovem do pai.

Moreno, magro, cabelos negros e lisos, estatura mediana, olhos castanho-escuros. Eles só

pararam quando a chuva voltou e o Capitão decidiu dar por encerrado os trabalhos até que o

tempo ficasse melhor. A dupla voltou para casa e lá dividiram com a família as impressões sobre

a tragédia.

Cansado, Izac foi dormir cedo. Quando fechou os olhos viu uma multidão de estrelas

cadentes cortando os céus como naquele crepúsculo anterior à chuva. O sono chegou como uma

pedrada, ele dormiu tão pesado que não sonhou com absolutamente nada. Quando acordou o

tempo estava firme. Novamente seu pai não estava em casa e sua mãe foi logo dizendo:

— Você tem outro trabalho hoje. Seu pai te mandou ir até a escola e ntregar um envelope

na secretaria.

Ele olhou para o envelope ao lado da mesa e já imaginou os exercíc ios terríveis que seu pai

havia preparado para torturar os pobres alunos. Deu graças a Deus por não o ter como professor

naquele ano.

Depois do desjejum, ele pegou a encomenda e tomou o caminho da rua. A escola ficava do

outro lado do bairro. Para cortar caminho, ele sempre entrava em uma trilha e atravessava um

pequeno bosque de mata atlântica que subia em direção ao morro d o lado oposto ao local onde a

tragédia tinha acontecido. Ainda não havia casas construídas de ma neira irregular ali. Apesar de

bonito, aquele bosque não era um lugar dos mais amistosos; há dois anos aquele recanto ficou

famoso depois da polícia ter encontrado a ossada de três crianças d e diferentes idades no lugar.

Segundo as investigações, elas foram abusadas e mortas. A polícia prendeu alguns suspeitos do

crime bárbaro, mas muitos acreditam que a investigação não f oi correta e que o verdadeiro

criminoso ainda estava solto. Izac nunca se preocupou com su a segurança quando passava

naquele lugar, mas morria de pavor em imaginar sua irmã ou sua mãe passando por ali

desacompanhadas.

Foi naquele momento que o jovem olhou para uma árvore e viu uma figura humana que

parecia examinar as raízes de uma árvore. Ele parou, olhou e viu que era uma menina. Ela se

levantou, permanecendo de perfil por alguns instantes. Parecia muito jovem, com certeza era

mais jovem que sua irmã. Tinha os cabelos longos cor de favo de mel. Eram muito encaracolados

e revoltosos. Ela era baixinha e o corpo era reto como um bambu. Quando ela virou, ambos

trocaram olhares. Izac reparou bem no rosto redondo e liso da menina que parecia um bebê com

cara de lua cheia. Os olhos eram grandes e verdes como duas pedras de jade. Ela usava uma

roupa estranha, com um tipo de recorte que ele nunca havia visto nas ruas. O tecido era diferente,

tinha a cor opaca e parecia bastante pesado e duro.

Ela permaneceu imóvel, como se observasse o que Izac iria fazer; pelo seu olhar,

demonstrava que ela estava tão curiosa quanto ele. Como nada acontecia, ela deu dois passos

para trás e ocultou-
se atrás de uma árvore. Ele, por sua vez, seguiu pela trilha.

Conforme foi

ordenado, Izac entregou o envelope e retornou para sua casa. Sua c uriosidade o fez voltar pelo

mesmo caminho que havia feito para ir e, olhando para as árv ores da mata, ele pôde ver

novamente aquele par de olhos grandes e verdes o observando de uma árvore. Desta vez ele não

parou, apenas continuou andando pela rua e foi para casa.

No fim daquela tarde, Izac e seus pais foram para uma igreja participar do velório dos

conhecidos vítimas da tragédia. Ele ficou no lugar enquanto aguento u, mas por volta das duas da

manhã foi vencido pelo cansaço e retornou para casa. Quando dormiu, sonhou com a imagem

daquela menina de olhos verdes e roupas estranhas no meio da mat a. De certa forma ele estava

preocupado, pois sabia que aquele local não era dos mais seguros. Aquela criança não parecia ser

daquela região; aliás, ela não tinha nada a ver com aquele lugar. Qu ando se lembrava do olhar da

menina, ele sentia como se ela estivesse perdida. Algo naquela cen a destoava da realidade e ele,

no fundo da alma, gostaria de entender o que estava havendo.

Quando amanheceu o jovem acordou e comeu algumas bolachas co m chá, mas, à medida

que comia, a cena da menina não saía de sua cabeça. Sem conversar muito com ninguém, ele

novamente foi em direção ao bosque. Izac olhou para a mata, procu rou, procurou com os olhos e

nada encontrou. Caminhou um pouco mais para frente e acho u novamente a menina com as

mesmas roupas, agachada entre os ramos, parecendo recolher raízes. Ver aquela menina tão

jovem com as mesmas roupas naquele mesmo lugar deixou Iz ac muito incomodado. Onde

estariam os pais dela? Ela, percebendo que estava sendo observad a, levantou-se assustada, mas

ao ver que se tratava do mesmo indivíduo do dia anterior apenas fic ou quieta, observando.

Como da primeira vez, os dois se olharam por um tempo até que Iza c virou-se e seguiu o

seu caminho. Ele pôde perceber que a menina permaneceu no mesmo lugar, apenas o

observando. Izac engoliu em seco; seria ela uma menina abandona da? Estaria ela com fome? Ele

colocou a mão no bolso e contou algumas moedas. Não teve dúvidas; foi até uma mercearia e

comprou alguns biscoitos e frutas. Instantes depois ele voltou até a t rilha e procurou a menina do

bosque. Não demorou muito vê-
la entre os ramos. Como de costume, ela se ergueu e passou a

fitá-lo com seus grandes olhos verdes.

Sorrindo como se fizesse uma boa ação, ele colocou a sacola de compras no chão e se

afastou. Ele caminhou por quase duzentos metros quando resolveu olhar para trás e viu que a

sacola permanecia no mesmo lugar. Ele parou e ficou observando se a garota iria descer até a

trilha, mas isso não aconteceu.

— Que droga! — rosnou entredentes, coçando a cabeça. — Será que ela é retardada e não

sabe que aquilo é de comer?

Depois pensou bem e imaginou que se tratasse de uma menina muito honesta, a ponto de

não querer pegar porque não entendeu que lhe foi oferecido. Ele apressou o passo, retornando até

o local onde as compras foram deixadas. Chegando lá encontrou a menina no mesmo local atrás

dos ramos, o observando.

Ele pegou as compras com as mãos e ergueu em direção à pequena. Ela entendeu o recado

e desceu em direção à trilha. Izac, então, entregou a sacola de compras e voltou para casa

enquanto a menina o observava partir sem dizer uma palavra. E assim mais uma tarde se passou.

— Faz dois dias que encontro uma menina de olhos verdes q ue parece estar perdida no

bosque — disse o jovem na hora do jantar. — Comprei algumas frut as e deixei para ela comer.

A mãe fechou a cara como se estivesse preocupada, já o pai nem levantou os olhos, se

limitando a dizer:

— “Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativa s”, Antoine de Saint

Exupéry.

— Como? — perguntou Izac, sem entender nada.

— Guarda isso na tua cabeça para que você entenda no que se mete para não lamentar

depois.

Izac comeu uma colherada de arroz ainda de nariz torcido. Depois v oltou à carga, tentando

se defender.

— Ela não parecia um mendigo, parecia até uma princesa.

— Isso é tocante! A prova viva de que, se tivéssemos mais p rincesas nas ruas, teríamos

mais gente solidária como você e menos mendigos passando fome — ironizou o velho, comendo

tranquilamente sem sequer olhar na direção do filho.

Dona Tainá e a filha deram uma risada e Izac, contrariado, continuo u a comer, desta vez

quietinho.

Não importava a opinião dos pais; Izac fechou os olhos à noite e só conseguia enxergar o

rosto daquela menina com grandes olhos cor de jade e cabelos enc aracolados e revoltosos. “Será

que ela está com frio?” pensou ele antes do sono o vencer ao final d e mais um dia.

O dia seguinte amanheceu barulhento. Alguns caminhões pesa dos passaram pela rua e

foram em direção à saída do bairro, onde aconteceu a tragédia do m orro. O caso havia ganhado

repercussão nacional e agora as autoridades precisavam se mexer nos próximos dias para evitar

que o nome do Prefeito fosse queimado pela imprensa. Era a busca por votos nas próximas

eleições que se aproximavam. Nada de novo no país.

A fim de mostrar serviço, o Prefeito ordenou o retorno das aulas, qu e estavam suspensas

desde a tempestade. Izac e o pai acordaram cedo e foram a pé para a escola. Senhor George era

professor do ensino médio; para a alegria de Izac, naquele ano seu pai não era seu mestre. Ele

sempre dizia que o velho era um tremendo carrasco, especialmente nas provas.

— A garota que você falou está neste bosque? — perguntou o pai quando chegaram à

entrada da trilha.

— Sim — respondeu ele, demonstrando surpresa com o súbito inter esse do seu velho. —

Sempre a vejo brincando entre as árvores. Ela é clara, baixinha, tem cabelos cor de favo de mel e

olhos muito verdes.

O pai observou a mata um pouco e continuou pelo caminho natural pela rua de trás. Izac

olhou para a mata e sentiu uma forte vontade de cortar nova mente caminho pela trilha, mas

acabou acompanhando o pai. Senhor George parecia pensativo , mas nada disse depois da

pergunta.

As aulas se passaram e Izac resolveu voltar pela trilha. Ele c aminhou observando

atentamente o bosque para ver se encontrava algum sinal da menina, mas acabou escutando

muito mais do que gostaria. Um grupo de quatro rapazes de idades diferentes gritava e ria alto no

interior do bosque. Preocupado, o jovem foi em direção ao so m para tentar descobrir o que se

passava e ficou assustado com o que viu.

Encolhida no alto de uma árvore estava a menina e, embaixo, os rap azes atiravam pedras e

tentavam acertá-la com uma longa vara.

— Sua ladra! Vai apanhar, sua mudinha! — xingavam os garotos.

— Ei! — bradou Izac, chegando ao local. — Parem com isso! Não p ercebem que, se ela

cair, pode se machucar?

O mais alto, que parecia chefe do grupo, bradou cheio de marra:

— O que tem com isso, otário? Ela é só uma mudinha; se cair, não v ai nem gritar!

— Ela é conhecida minha, tenho certeza que ela não roubou nada!

— Roubou, sim! — retrucou um outro. — O dono da merceari a é meu tio, ele viu ela

pegando duas maçãs e, quando ele gritou, ela correu pra cá.

— Isso mesmo! — disse o terceiro. — Isso é justiça! Ladrão tem é q ue morrer!

Izac colocou a mão no bolso e tirou uma nota de cinco contos.

— Toma, leva para o seu tio. Isso é muito mais do que valem duas maçãs.

Os meninos se olharam e o mais velho começou a rir.

— Não é só isso, não! Você vai ter que pagar uma taxa extra. No trib unal de justiça isso se

chamaria fiança. Isso não paga a fiança dela, otário.

Izac baixou a cabeça e cerrou os dentes.

— Ah… então é isso! Vocês ficam posando de justos, mas na verda de não passam de uma

cambada de covardes que só quer ganhar dinheiro fácil!

Naquele momento um dos meninos recuou, preocupado.

— Gente, deixa isso pra lá. Já acabou!

— Como “deixa pra lá”? Esse cara me chamou de covarde! — recla mou o maior.

— Acho que eu conheço esse cara — disse o menino preocupado. — Deixa isso pra lá que

é melhor!

— Vou deixar, o cacete! — xingou o mais alto.

Quando ele tentou avançar a mão em direção ao pescoço de Izac, a cabou surpreendido por

um violento pontapé no pulso seguido de uma giratória tão rápida na cabeça que caiu no chão já

desacordado.

O segundo tentou avançar, mas nada pôde fazer contra dois c hutes diretos na cara. O

menino despencou de costas como uma jaca madura quando cai da árvore. A pancada foi tão

forte que ele sentiu como se tivesse tomado um porre e sequer cons eguia se mover embriagado

pela porrada.

Os dois últimos se limitaram a correr, escondendo-se atrás de uma árvore a cerca de

quarenta metros dali, deixando os companheiros para trás. Izac apenas olhou para eles de forma

tão furiosa que, se ele fosse o demônio, aqueles dois teriam sido queimados.

Ele respirou fundo e deixou a adrenalina baixar. Quando se acalmou, a menina já estava do

lado dele, olhando com medo para os outros dois moleques que sobraram e segurando a mão de

Izac como se precisasse dele para se proteger.

Izac a conduziu em direção à trilha. Os dois rapazes foram socorrer os amigos caídos. O

maior perguntou:

— Quem é aquele cara? É o Bruce Lee?

— Não, ele é o Zac Cachorro-doido! — disse o rapaz que conhecia o atacante. — Ele tem

andado quieto ultimamente, mas quando estava no ensino fundamental ele era o maior brigão do

colégio. Já foi suspenso duas vezes e só não foi expulso da escola porque o Professor George é o

pai dele e um cara importante lá. Parece que ele parou de brigar depois que quebrou a perna de

um cara em dois lugares numa briga de rua. Foi uma sorte que ele não detonou vocês ainda mais.

Por medo, o quarteto foi embora pela direção oposta à seguida por Izac e a menina. Não

queriam encontrar novamente com ele tão cedo.

Izac caminhou com a menina pela trilha, mas durante a caminhada começou a ficar

preocupado. O que faria com ela agora? Ele não podia levá-la para casa… teria que se despedir

dela.

— Olha, é melhor você ir para sua casa. Seus pais devem estar preocupados — disse,

sorrindo. — Eu tenho que ir. Quando puder vou te procurar, tudo bem?

E ele tentou se desvencilhar da mão da menina, mas não foi fácil. Ela a agarrava com

força. Então ele começou a caminhar e ela o seguia. Ele apressou o passo e ela apressou também.

Isso começou a incomodá-lo, já que não podia levá-la para sua casa. Ele de repente parou e

gritou:

— Menina! Pare de me seguir! Você não é um animal que eu possa levar pra casa! Melhor

você voltar de onde você veio! Vai pra casa!

A menina parou assustada e o fitou com seus olhos grandes e verdes. Ele olhou e viu

aquele verde se tornar vermelho de tristeza e um longo fio de lágrimas escorreu pelo rosto da

menina que nada dizia. Ela apenas soluçava fraquinho, baixou a cabeça e voltou devagar em

direção à trilha. Izac engoliu em seco. Queria chorar também, m as se fez de forte e seguiu em

frente sem olhar para trás. Ele tomou o rumo de casa e lá se fechou no quarto. Ele deitou-se na

cama e ficou olhando para o teto, angustiado. Sentia-
se muito mal com tudo aquilo.

A mãe, preocupada, foi logo perguntando o que havia acontecido. El e respondeu:

— Queria fazer a coisa certa, mãe… mas hoje fui tão mau que me si nto o pior ser humano

da Terra.

— Você não é mau — disse a mãe, tentando consolá-lo.

— Sou, sim. Preciso ficar sozinho!

— Tudo bem, depois nós conversaremos.

Ela fechou a porta do quarto e esperou o filho se levantar, mas isso não aconteceu. No fim

da tarde o pai chegou da escola. Dona Tainá foi logo avisand o que o filho chegou e estava

emburrado no quarto, que se sentia mal com algo, mas não q ueria dizer. O Professor George

coçou o queixo, suspirou e foi ver o filho. Ele sentou-
se do lado da cama e perguntou:

— Está pronto para falar sobre o que está sentindo?

Izac respirou fundo e disse de forma seca:

— Eu me sinto um lixo.

— Por quê? — perguntou o pai de forma tranquila.

— Eu me sinto a pior pessoa da Terra.

— Por quê?

— Eu não sou uma boa pessoa, pai. Eu queria fazer a coisa certa, mas… — Ele engasgou

ao lembrar-
se do olhar triste da mocinha que magoou. — Eu só fiz besteira.

— Por quê?

— Eu tentei ajudar aquela menina, sabe… Eu ontem comprei até co mida para ela. Só que

hoje parece que ela roubou uma maçã…

— Por quê?

Izac ficou irritado com tantos “porquês” do pai e resolveu cortar.

— Pô, pai! Você só vai ficar nessa?

— Eu é que te pergunto se você só vai ficar nessa! — tornou o profe ssor com ar sério, mas

mantendo a serenidade. — Encontre o motivo que você vai entender por que está mal.

— O motivo? Ora, ela é uma ladra!

— Você disse ontem que não era — afirmou o pai, olhando com convicção para o filho.

Izac desviou o olhar; realmente ele havia dito que não era.

— Por que você comprou comida para ela ontem?

— Eu achei que ela estivesse com fome.

— Por quê? — sorriu o pai, tornando a conversa ao ritmo anterior.

— Porque quando eu a vi parecia que ela estava comendo raízes no bosque.

— Então, se ela estava comendo raízes e você deu a ela de comer ontem, por que ela

roubaria hoje?

Izac coçou a cabeça e arregalou os olhos.

— Talvez ela estivesse com fome… de novo.

O pai sorriu e levantou-
se. Naquele momento uma forte chuva começou a cair naquele fim

de tarde. Calmamente, Senhor George foi até a janela do quarto e a fechou.

— De que isso adianta? — reclamou Izac, injuriado com a situação.
— Ela sendo ou não

sendo uma menina de rua, o fato é que agora ela é uma ladra.

— Por que a preocupação com ela? — retorquiu o pai. — Você mesmo já a condenou

como uma ladra. Sabe, filho, uma estatística recente informa que na s ruas desta capital, hoje, há

cerca de duas mil pessoas que moram nas ruas. Basta ignorá -la que em uma semana ela se

tornará mais um deles.

Izac engoliu em seco e arregalou os olhos assustado enquanto seu pai deixava o quarto

tranquilamente. O som da forte chuva ribombava na janela. O garoto olhava as gotas de água

explodirem no vidro e cada gota lembrava as lágrimas da men ina que ele havia ofendido. Ele

levantou-
se e foi até o quarto dos pais. Encontrou a mãe assistindo T V e o pai na mesinha do

escritório corrigindo exercícios de aula. Os dois estavam em sil êncio, ele olhou para o velho

George, que estava de cabeça baixa, concentrado na leitura. I zac engoliu em seco, tomou

coragem e disse:

— Pai, não estou conseguindo ignorar.

— Por quê?

— Porque eu me importo com ela.

O pai colocou a caneta sobre os papéis, de costas para Izac, mas mesmo assim o garoto

percebeu que o velho havia dado um leve sorriso.

— Eu avisei no jantar o que iria acontecer se você se envolvesse, n ão avisei?

— Avisou, sim — respondeu o filho com voz baixa.

— Seu grande idiota! — suspirou o pai, balançando a cabeça. — Parece que não tem

remédio… E então, está esperando o que para ir cuidar da sua rosa ?

O rapaz cerrou os punhos e saiu correndo do quarto, pegando as pri meiras capas de chuva

que vieram à sua mão, e saiu porta afora. A mãe ficou assustada:

— Você enlouqueceu? Sabe o que vai acontecer agora?

— Sei, sim — sorriu ele, voltando a se concentrar em corrigir os exe rcícios. — Amor, você

conhece nosso filho há quantos anos?

— Que pergunta idiota, desde que ele estava no meu ventre!

— Desde a briga por causa do gato, quantas vezes você viu Izac vol tar a se importar com

as coisas como naquela época?

— Nunca — disse ela, pensativa.

— Pois é… Eu realmente quero conhecer essa menina de olh os verdes que mora no

bosque! — finalizou o professor, voltando a ler a resposta de seus al unos.

E as nuvens cobriram os céus tornando tudo breu. A forte chuva fazi a com que as árvores

balançassem e os passantes não arriscassem ir para as ruas tomad as pelas enxurradas. Era uma

chuva que fazia aquele bairro lembrar a tragédia recente. Trov ões e relâmpagos ribombavam e

riscavam os céus. O único a ignorar o aviso da natureza era Izac, que já adentrava a trilha do

bosque.

— Ei! Sou eu! — gritava ele, engasgado pelas águas. — Me desculp e! Me desculpe! Por

favor, apareça!

Ele caminhava no barro e gritava, chamava, mas nada da menina a parecer. “Talvez ela não

me reconheça com este capote,” pensou ele, tirando a proteção que tinha. Ele percorreu a trilha

até o final e retornou por ela, tentando encontrar a jovem de t odas as maneiras, mas não

conseguiu achar nada.

Desesperado e sozinho, Izac caiu de joelhos e chorou na chuva. Ch orou por ter perdido a

oportunidade de fazer o que achava certo. Ficou com medo d o julgamento das pessoas e não

assumiu a responsabilidade por aquilo que havia começado. Agora o que seria daquela menina

sozinha e sem abrigo naquelas árvores? Ele se sentia mal. Tal vez ela tivesse ido embora para

sempre e jamais ele poderia mudar a última impressão que havia de ixado.

Quando parou de chorar, ele levantou cabisbaixo. Não sabia o que f azer e nem mais onde

procurar. Foi então que ele sentiu um par de mãos agarrando o seu antebraço. Ele tomou um

susto, mas quando olhou para o lado viu aquele rosto redondo enco stado em seu corpo como se

buscasse calor naquela chuva fria.

O jovem sorriu de forma singela, pegou a capa de chuva e cobriu a menina:

— Venha, vou te levar para casa!

CAPÍTULO 3

A ESTRANHA

Quando a porta da casa se abriu e Dona Tainá viu aquela m enina baixinha de cabeça

redonda, olhos grandes, verdes e assustados, já poderia ser u ma surpresa. Entretanto, o mais

surpreendente para ela foi ver o seu filho atrás da pequena como se fosse um adulto protegendo

uma criança. Sorrindo, ela convidou a menina para entrar. Em sua c abeça se passavam imagens

de Izac desde bebê até aquele momento. Ele era jovem, mas algo a ssim fez a mãe pensar que seu

filhinho havia crescido de verdade.

A menina olhava tudo com curiosidade, parecia que nunca havia vist o nada daquilo antes;

estava de boca aberta, mas não produzia nenhum som, nenhuma p alavra. Ísis foi logo pegando a

nova amiguinha pela mão e levando para o quarto. De lá foram para o chuveiro. Ela emprestou

roupas para a menina e achou interessante a textura das roupas qu e ela usava. Era algo que Ísis

não conhecia e foi logo mostrar à mãe. Já a menina, ao se o lhar no espelho vestida daquela

forma, sorriu.

Com aquela família a novata jantou e se sentiu acolhida pela primeira vez. Ísis tentou

puxar assunto:

— Como você se chama?

— Ela não fala, não diz uma palavra — afirmou Izac.

— Talvez ela esteja com vergonha! — retrucou a irmã. — Fala! Qual é o seu nome?

A visitante olhou Ísis com curiosidade, abriu a boca, fechou, mas nã o disse uma palavra.

Izac riu. A irmã não se deu por vencida e voltou à carga.

— Não precisa ter vergonha, eu sou Ísis — sorriu ela. — Í-sis — simplificou.

— Í-sis — disse a visitante, baixinho.

Izac arregalou os olhos. A menina não era muda coisa nenhuma como os meninos que a

encontraram disseram. A irmã sorriu e tocou o ombro do irmão, que continuava pasmo.

— Este é Izac. I-zac.

— Zac — sussurrou a menina.

— Viu? Ela sabe falar muito bem! — riu Ísis, satisfeita. Em seguida voltou às perguntas.

— Como é o seu nome? De onde você veio?

— Não pressione a menina agora, Ísis. Ela acabou de chegar — disse o pai em tom

autoritário. — Tenha paciência, com o tempo ela vai responder.

Ísis coçou a cabeça, mas concordou.

— Vou te dar um nome então. Vou chamar você de Jade por causa dos seus olhos. Gosta

do nome?

A visitante apenas piscou os olhos, parecia que o nome não fazia sentido algum para ela.

— Acho que ela gostou! — sorriu Ísis.

— Eu tenho certeza que ela não tá entendendo é nada! — resmungou Izac.

E assim começou a convivência de Jade com a família Valgas. Ísis d eu a ela um lápis e um

caderno. A visitante começou a desenhar tudo o que tinha na casa e , à medida que Ísis ia falando

os nomes, ela desenhava caracteres estranhos ao lado dos desenh os. Professor George nada dizia

a respeito disso, apenas balançava a cabeça em sinal de apro vação e continuava sua rotina

normalmente.

Dona Tainá, aos poucos, se apaixonou pela menina. Ela sempr e a ajudava muito e se

esforçava para aprender tudo o que ela fazia. A novata acabo u se tornando sua assistente na

confecção de materiais para festas infantis, muitas vezes acompanh ava Dona Tainá e suas sócias

quando elas eram contratadas para trabalhar em alguma recepção.

Diariamente, Izac acompanhava Jade até a escola. Era comum a menina assistir algumas

aulas, mas outras vezes ela apenas ficava no pátio desenhand o e perguntando “O que é?”,

aguardando a chegada de algum amigo que lhe respondia. Os outros professores tinham

paciência com a novata, ainda mais porque, na verdade, George nã o era um simples professor;

além de lecionar geografia e estatística, ele era também coord enador pedagógico do ensino

médio do colégio e tinha uma boa influência no bairro.

Paralela à rotina de novidades e aprendizado que a jovem Jade leva va, o Professor George

trabalhava muito seriamente naquele ano. Ele tomou a frente d a comunidade local após a

tragédia das chuvas. Quando o trabalho de resgate das vítima s terminou, o saldo foi de onze

mortos e quase o dobro de feridos apenas no bairro. Ele, junt amente com algumas autoridades

civis e religiosas dos bairros atingidos, iniciou um trabalho social co m as vítimas da tragédia e

auxiliou os desabrigados para a solução rápida das perdas que tiver am.

O tempo passou e, ao final do ano letivo, o trabalho que Geo rge desenvolveu foi tão

impressionante para o poder público que ele foi nomeado diretor do colégio em que lecionava.

Naquele Natal, aquele senhor de cinquenta e dois anos pôde sorrir; o sonho que tinha de tirar as

pessoas daquela situação irregular finalmente havia sido concretiza do.

Nestes sete meses que se passaram, a jovem Jade adquiriu fluência na língua portuguesa, o

que surpreendeu o professor, que sabia que ela não entendia absolu tamente nada quando entrou

na casa pela primeira vez. Finalmente o velho sentiu que era o momento de conversar com a

menina. Ele a chamou até o quarto e tomou a iniciativa:

— Você aprendeu muito, minha filha. Estou impressionado!

— Eu agradeço — sorriu a menina de olhos verdes.

— Acho que chegou o momento de você falar um pouco sobre você, não acha?

Jade arregalou os olhos, engoliu em seco e desviou o olhar. Nitidamente se sentiu acuada

com a situação.

— Nós confiamos em você quando entrou nessa casa e acolhemos você como se fosse uma

filha. Creio que está na hora de você confiar um pouco na gente também, não acha? Quem é

você, de verdade?

— O senhor não entenderia se eu explicasse — disse ela, desviando o olhar.

— Você sempre soube conversar, não soube? Você é estrangeira. Por que você não tentou

se comunicar em sua língua? Talvez isso ajudaria para que não tivesse sofrido tanto quando

chegou!

— Eu até tentei… mas ninguém entendeu.

— É tão complicado assim?

— Para vocês, sim — disse, com pesar.

— Eu poderia escutar? Tem como você dizer algo como, por exempl o, “esta é uma noite

de festa” em sua língua?

A menina respirou fundo e falou:

— *Aô’rá ey itza angaste!*

George arregalou os olhos. O som soava de forma clara, firme , mas possuía uma

sonoridade que ele nunca havia escutado antes.

— Menina, de que lugar você veio, afinal?

E ela apontou para o céu. George olhou pela janela e viu um a estrela fraca que brilhava

distante. Ele coçou o queixo pensativo, não havia motivos para ela mentir.

— Jade, por que você veio para cá?

— Eu fugi — disse ela, de cabeça baixa.

— Por que você fez isso?

— Tenho medo de crescer.

Ele achou estranha a resposta e fez uma breve pausa, mas logo res olveu continuar.

— Todas as pessoas crescem, pequena. Por que você teria medo d e crescer?

— Porque tenho medo da guerra.

— Que guerra?

— Da guerra que os meus pais estão envolvidos. Todos esperam qu e eu cresça e resolva as

coisas, por isso tenho medo.

George acariciou a cabeça da menina e não perguntou mais nada. A situação era estranha

demais para ele tornar aquela conversa em um interrogatório. Ele pensou bem e achou melhor

deixar as coisas assim no momento.

— Tudo bem, não precisa crescer se não estiver pronta. Você ainda tem tempo,

principalmente enquanto estiver aqui. Mas um dia terá que cre scer e encarar os seus medos e

para isso deverá contar com as pessoas que você ama! Saiba que a mamos você e vamos te apoiar

quando este momento chegar, tudo bem?

A menina sorriu aliviada, no fundo ela estava com medo de ser obrig ada a ir embora.

— Só mais uma pergunta, aqui estamos te chamando de Jade, mas, de onde você veio, qual

era o nome que seus pais lhe deram?

— Izolda — disse baixinho.

— É um nome bonito. Acho que é justo que todos aqui a cha mem pelo seu verdadeiro

nome, não é?

— Jade é uma pedra bonita — disse ela, tentando desviar o assunto .

George se assustou com o trauma da menina, era tão grande que el a estava se recusando a

aceitar o nome que recebeu de seus pais. Com toda a paciência ele tentou dialogar:

— Izolda, você é você. Mudar de nome não vai mudar quem você é. Aquela Izolda que

fugiu de casa, como você disse, era você. A Izolda de agora, que est á aqui conosco, ainda é você.

É você quem está fazendo a sua história, mudar o nome pod e ocultar o passado das outras

pessoas, mas não de você mesma.

Os olhos da menina se encheram de lágrimas e ela abraçou o Professor George como se

estivesse com medo. Ele a abraçou com força e a tranquilizou.

— Sua história ainda será muito bonita. Acredite nisso! Eu acredito e m você!

Em seguida ele a conduziu para fora do quarto, onde a famíli a os aguardava. Eles iriam

passar o Natal na casa de Tatiana, irmã e sócia de Tainá. Em uma vi agem breve no velho carro,

eles saíram do bairro para a zona oeste da cidade, onde o encontro aconteceria.

A casa de Tatiana era grande, tinha dois andares, um amplo quintal e varanda. Tatiana

tinha dois filhos, Renê e Maura. A idade deles era parecida com as d e Izac e Ísis. Também havia

a presença de Tarcísio, irmão mais velho, e a avó Romilda, fechand o a família naquela noite de

festa.

A avó ao conhecer a jovem menina foi logo perguntando:

— Quem é esta menina de olhos verdes tão lindos?

— Nós a chamamos de Jade. É uma filha que encontrei e é muito q uerida por todos nós —

sorriu Dona Tainá.

— Nós a chamamos? Qual é o nome dela.

A menina deu um passo à frente, muito sem jeito e disse:

— Eu… eu me chamo… Izolda!

Dona Tainá arregalou os olhos, assustada com a revelação, m as foi logo abraçada pelo

Senhor George, que tomou a palavra.

— Izolda veio do estrangeiro, chegou aqui sem saber dizer u ma única palavra na nossa

língua, ela se perdeu da família já faz vários meses. Ainda nã o sabemos onde eles estão, mas

estamos à procura de notícias.

— Oh, pobrezinha! — exclamou a idosa. — Deve estar sendo difícil para você longe dos

pais e parentes. Seja muito bem-vinda!

— Obrigada! — agradeceu a jovem.

Os adultos se acomodaram na varanda da casa, que era bastante gr ande; já os jovens foram

para a sala de televisão. Maura, que era pouco mais velha que Izac, liderava o grupo.

— A gente bem que poderia jogar RPG, eu posso mestrar! — disse ela.

— Oba! Eu quero ser uma maga! — disse Ísis.

— Então eu serei um ladrão — completou Renê.

— Por mim, tanto faz — disse Izac, pouco animado.

— O ideal é que tenha alguém para batalha, assim o grupo fica equil ibrado.

— Tá, eu fico! — disse Izolda.

Izac coçou a cabeça e decidiu.

— Vou ajudar a Izolda a descer a porrada nos inimigos.

— Certo. História dos personagens? — perguntou a mestra.

— O meu ladrão é jovem, tem minha idade e vai ser chamar… hum … Eagle-Eyes.

— Muito bom! — elogiou a irmã. — E você, Ísis?

— Minha maga é pequena, bonita e será antiga apesar de parecer u ma jovem.

— Hum… Ela usa uma magia para parecer jovem.

— Isso! — sorriu ela. — O nome dela será Lady Light.

— Ok! — disse a mestra do jogo, anotando o nome da personagem em um papel. — E o

seu personagem, Izac?

— Vai ser jovem, zangado e vai se chamar Paulinho Desce-Sarrafo!

— Cê tá de brincadeira, não é? — protestou Maura.

— Claro que não, é um personagem que existe para descer a porra da! O nome é perfeito!

— Ah não! — irritou-
se a mestra. — Eu não vou mestrar um grupo onde tem um Eagle-

Eyes, uma Lady Light e um Paulinho Desce-
Sarrafo! Vê se arranja um nome decente de verdade!

— Oh! — assombrou-
se Izac. — Por que não pode ser? O nome é maneiro! Por q ue o

nome tem que ser em inglês?

— É a globalização — afirmou a mestra. — Nome em inglês neste tipo de jogo é mais

sonoro.

— Sonoro? Isso me parece mais colonialismo! Vai ser puxa-
saco dos ianques assim lá na

casa do cacete! — irritou-
se Izac. — Pô, nome maneiro desse que eu arrumei e você fi ca

sacaneando!

— Paulinho Desce-
Sarrafo, nome legal? — rebateu Maura. — Vê se não viaja, Izac! Iss o

vai quebrar o clima do jogo! Vai, arranja um nome de guerreiro de ve rdade!

— Saco! — resmungou Izac entredentes.

Renê e Ísis não paravam de rir do nome que Izac tinha inventado en quanto Izolda apenas

observava preocupada, já que não sabia inglês e era a próxim a a ter que escolher um nome.

Maura, percebendo o silêncio da novata, foi logo atiçando:

— Izolda, já pode ir pensando em um nome também.

— É que… — hesitou a menina. — Eu não conheço este idioma.

— Como não? Isso é impossível! — assombrou-
se Maura. — De que planeta você veio

afinal?

— Er… *Áurius*? — soltou a menina, com olhar assustado.

Renê e Ísis dispararam a rir da resposta de Izolda, que permanecia sem entender a reação

dos dois.

— O nome do personagem é
Black Busterblaze — sentenciou Izac. — Ele tem uma irmã

gêmea chamada
Silver Slashersoul — afirmou, olhando para Izolda. Ela sorriu, pois el e acabara

de salvar a sua pele.

— Está vendo? — sorriu Maura. — É só esforçar um pouquin ho e se cria personagens

legais! Mas… irmã gêmea? Não tem como melhorar isso, não?

— Eles poderiam ser namorados! — disse Izolda com ar infantil. Na quele momento todos

lançaram em sua direção olhares inquiridores. Ela baixou a ca beça, envergonhada, e falou

baixinho. — Vi em uma novela da TV.

— Parece divertido — riu Izac. — Por mim pode ser!

— E a minha maga, não vai ter namorado, não? — reclamou Ísis.

— Não olha pra mim, não vou ficar com nenhuma velha! — riu Renê .

A gargalhada foi geral.

E então, como todo o jogo de RPG, foram criadas as fichas dos pers onagens e em seguida

começaram a campanha. Durante três horas ininterruptas o gru po escalou montanhas, cruzou

vales, enfrentou zumbis e finalmente voltaram vitoriosos com u ma arca cheia de tesouros. De

todos, quem mais se divertiu foi Izolda, incorporando mesmo a pers onagem criada; ela parecia se

sentir à vontade em um mundo diferente do atual. Era como s e ela fosse uma viajante nata de

dimensões paralelas.

O jogo só parou à meia-
noite, quando todos se reuniram para a ceia de Natal e a tradicional

troca de presentes. Após muitas risadas e alegria, chegou a hora do retorno. E assim foi; depois

de uma breve viagem, a família Valgas estava outra vez em sua resi dência.

CAPÍTULO 4

LAÇOS

Era oito e quarenta da manhã quando Izac se levantou. Os pais aind a dormiam depois da

festa da noite anterior e não davam sinais que levantariam tão cedo. Ele foi até a cozinha e

começou a preparar o desjejum quando se deparou com Izold a, que também havia acordado

cedo.

— Feliz Natal, Izolda! — sorriu ele.

— Feliz Natal! — ela respondeu, animada.

Juntos, terminaram de preparar a refeição matinal e se alimentaram. Em seguida saíram da

casa para não acordar os demais. Ao chegarem à calçada, Izac foi l ogo perguntando:

— O que gostaria de fazer?

— Não sei — respondeu ela.

— Vamos fazer o seguinte, vamos ao zoológico! Desde que v ocê apareceu nunca mais

voltei lá!

Ele tomou a mão da menina e juntos foram ao ponto de ônibus; quin ze minutos de espera

depois, eles já estavam a caminho do zoo.

— Eu nunca fui a um zoológico… — suspirou Izolda.

— Vai gostar! O zoo daqui é bem grande. Creio que não vai ter ning uém, já que é feriado,

mas tenho certeza que o Andrezão vai estar lá e vai deixar a gente e ntrar!

Andrezão era o apelido de Marcos André. Ele foi aluno antigo do Professor George e,

segundo ele, se não fosse a influência do mestre ele teria se tornado um marginal. Foi George

quem o incentivou a outros caminhos, fazendo com que ele se realiz asse como um dos zeladores

do zoológico.

De fato, Andrezão estava lá; depois de uma breve conversa e algum as risadas, ele permitiu

que a dupla de jovens entrasse, emendando em tom jocoso:

— Gatinha bonita que arranjou, hein, Zac! Não se esqueça de mim n o casório!

Izac riu, sem graça, enquanto a menina ficou corada como um tomate. A dupla então

começou o passeio: primeiro passaram pelo viveiro dos pássaros, vi sitaram a lagoa dos jacarés,

viram onças, pumas, leões e tigres. Os olhos de Izolda brilhav am e tudo para ela parecia uma

descoberta.

— Nunca havia visto animais assim! — disse ela, maravilhada. — São tão pequenos e

fofinhos!

Izac desatou a rir quando ela disse aquilo apontando para uma anta.

— Esse é o maior mamífero do Brasil. Com certeza não é pequeno e nem fofinho! De onde

você veio tem animais maiores?

— Sim.

— E de que zoológico eles são?

— Não tem zoológicos por lá. Eles ficam soltos.

Izac deu uma risada e olhou para Izolda com cara de deboche, pois não acreditava em nada

daquilo, entretanto ela continuava séria. Ele olhou nos olhos da men ina e viu que não parecia que

ela mentia. Sem graça, ele olhou para um pessegueiro e apontou o dedo, desviando o assunto:

— Olha, pêssegos maduros!

Eles foram até a beira da árvore e ficaram olhando as frutas vermelh inhas.

— Espere aqui!

E Izac subiu na árvore e conseguiu colher três boas frutas. A dupla, r indo, se deliciou com

os pêssegos assistindo os macacos brincarem em uma jaula. Quando a fruta acabou, Izolda

voltou seus olhos novamente para a árvore e viu um pêssego. Izac v iu a fruta e disse:

— Ali não tenho como pegar.

Ela continuou olhando para a fruta com um olhar típico de criança co m fome. Izac suspirou

e disse:

— Venha, se quiser aquela fruta vai ter que pegar, eu vou te ajudar!

E ele se abaixou no chão enquanto ela olhou assustada.

— Tá esperando o quê? Eu vou te levantar e você pega a fruta!

— Quer que eu suba em cima de você?

— Tem algum problema nisso?

Ela sorriu e subiu no pescoço dele. Na hora de levantar a me nina, Izac se assustou: não

sabia que ela era tão pesada, era como se ela fosse uma ad ulta ou coisa assim, mas como era

possível se ela era mais de quinze centímetros mais baixa que ele e era magra como um bambu?

Com muita dificuldade, ele conseguiu carregar Izolda e levá-la até a fruta. Assim que ela a

pegou, foi logo gritando:

— Ali, ali! Tem outras três ali!

E ele a carregou até lá enquanto ela puxava seus cabelos e ria com o uma criança no jardim.

Assim que ela pegou os pêssegos, ele foi logo abaixando.

— Caramba, como você pesa! — reclamou o rapaz enquanto Izolda apenas ria e comia os

pêssegos colhidos.

Naquele momento o telefone celular de Izac tocou, era sua mãe:

— Izac, onde você está? — reclamou ela.

— Mãe, eu te mandei um torpedo, não leu, não?

— Onde você está?

— No zoológico.

— O zoológico está fechado, onde você está? — ralhou ela.

— No zoológico, o Andrezão deixou a gente visitar.

— Vem pra casa. Tá na hora do almoço. Se você ficar aí, va i atrapalhar o emprego do

Marcos André e o seu pai não vai gostar.

— Tá bom.

— E vê lá o que vai arrumar com essa menina, hein?

— Como assim, a gente só está passeando! Ela nunca tinha visto u m zoológico!

— Sua irmã me contou que vocês andam brincando de namor adinhos por aí, não estou

gostando disso, não, ela é muito nova e você é muito sem juízo!

— A Ísis o quê? — protestou Izac no celular. — Mãe, era RPG.

— Ah! RPG, né? Só faltava essa! — exaltou-se a mãe ao telefone. — Então anda

brincando de massagem com ela, não é? Vem pra casa agora! Vam os ter uma conversa séria, seu

sem-juízo!

Quando a mãe desligou o telefone, Ísis disparou a rir enquant o a mãe olhou para ela e

perguntou:

— O que foi?

Obedecendo as ordens da mãe, Izac e Izolda pegaram o ônibus e re tornaram para casa. Eles

desceram em um ponto a duas quadras de casa. Ao olhar para o out ro lado da rua, Izac reparou

que a farmácia estava aberta. Ele olhou para Izolda e disse:

— Vem, quero ver uma coisa.

Chegando na farmácia, Izac foi logo levando a menina até uma máq uina que media peso,

altura e pressão arterial. Quando ele viu os resultados, ficou a bismado: Izolda tinha 1,47 de

altura, mas estava pesando 68 quilos, ou seja, ela era magra como um bambu, mas de acordo

com o aparelho ela era obesa. Eles saíram da farmácia e caminhara m pela rua enquanto Izac não

deixava de olhar o papel.

— Tem alguma coisa que eu fiz de errado? — perguntou a menina, preocupada.

— Não, claro que não — riu Izac, ainda intrigado.

Eles caminharam mais um pouco e Izac finalmente perguntou:

— Izolda, de onde você é afinal?

Ela parou e baixou a cabeça.

— De longe, muito longe.

— Longe quanto?

— Não sou daqui — respondeu baixinho.

Izac então começou a juntar os fatos; ele lembrou-
se da chuva, da roupa estranha que ela

usava quando se conheceram, do fato da menina não dizer uma só palavra… Ele então engoliu

em seco e perguntou:

— Você é de outro mundo, não é?

— É — disse ela, de cabeça baixa.

— E você não quer que ninguém saiba disso, não é?

— É — tornou a dizer baixinho.

Izac acariciou os cabelos da menina e, rindo, disse:

— Caraca! Isso é muito maneiro! Como é que eu faço pra aprender a falar a sua língua?

Izolda olhou para Izac com os olhos cheios de assombro. Ele fez uma caretinha e sorriu.

Ela, com um olhar cheio de alegria, se pendurou no pescoço do rap az e estalou-lhe um beijo no

rosto.

CAPÍTULO 5

CORAÇÕES

Não demorou até que todos passassem a chamar Jade por se u verdadeiro nome. Dona

Tainá a observava com um misto de curiosidade e ternura. Ela não d izia nada, mas estava claro

que o esposo contou a ela tudo o que sabia. Izac ficava cada vez m ais próximo de Izolda e era

evidente em alguns momentos que ele sentia mais do que simples c arinho pela menina. A única

que não mudou absolutamente nada foi Ísis, que insistia em chama-la de Jade, já que foi o nome

que escolheu para ela.

Os dias passaram sem novidades até que o ano novo chegou. Daí a escolha: ir para a

fazenda no interior do tio Gregório, irmão de George, ou ficar na cid ade e assistir à tradicional

queima de fogos? A possibilidade de ir para um lugar tranquilo falou mais alto e a turma foi

então para a fazenda que possuía uma bela lagoa, árvores fru tíferas e trilhas pela mata. Para

Izolda foi uma experiência nova, livre e divertida.

Já passava das dez da noite e Izac, Izolda e Ísis ainda não estavam dormindo naquela

chácara.

— Amanhã vamos pescar com toalha de novo? Eu gostei muito! — disse Izolda, animada.

— Não! — resmungou Izac. — Esse negócio cansa muito, est ou todo queimado de sol!

Vamos fazer alguma coisa mais tranquila amanhã!

— Vamos andar a cavalo! — sorriu Ísis. — Já andou a caval o antes? — acrescentou,

voltando-se para Izolda.

— Já, mas faz muito tempo… muito tempo mesmo! — respon deu a menina em tom

nostálgico.

— Ok, vocês duas vão andar a cavalo e eu vou deitar na bei ra do rio debaixo de um

flamboyant e fazer poesias enquanto durmo! — disse Izac em tom s onolento.

— Você, fazendo poesia, Izac? — riu Ísis.

— Eu compunha músicas legais na época que eu tocava mais a guit arra.

— É... isso lá é verdade — concordou a irmã.

— Melhor a gente desligar a luz, senão a mãe vai vir chamar a noss a atenção.

Dizendo isso, Izac ergueu o pé e desligou o interruptor do qu arto. Silêncio. Instantes

depois, Izolda o chamou:

— Zac, me conta uma história para eu dormir, estou sem sono!

— Puxa vida! Já contei todas as histórias de princesas que c onheço! Bela Adormecida,

Branca de Neve, Rapunzel…

— Conta alguma onde a princesa salva o príncipe!

— Isso é difícil! — riu Izac. — E o orgulho do príncipe, onde é que fi ca?

— Ísis, você conhece alguma história? — perguntou Izolda. A respos ta foi o silêncio. —

É… ela já dormiu!

Izac riu.

— Zac, por que você não quer me contar uma história onde a princesa salva o príncipe?

— Porque, para um homem, o maior desgosto é o sentimento de não ter sido capaz de

proteger quem ele ama.

— Sério? Então, se eu fosse uma princesa de contos de fadas, eu iria esperar por você!

— Você é mesmo muito doce, Izolda! Durma bem!

A menina virou-
se na cama e dormiu imaginando as histórias infantis que conheceu.

E dias se passaram. Quanto mais os dias passavam, maior ficava a intimidade entre Izolda

e Izac; por mais que eles negassem em palavras, o comportamento parecia cada vez mais de dois

namorados. Eles ficavam horas sozinhos; ora Izac ensinava mais coisas sobre o idioma

português, ora ela ensinava coisas do idioma de seu mundo. Ora Izac não deixava Izolda quieta,

a cutucando e fazendo cócegas quando ela estava fazendo alguma atividade distraída, ora era

Izolda quem o provocava. A convivência dos dois tão próxima sempre gerava perguntas, mas o

discurso de ambos era sempre o mesmo:

— O que é isso, somos apenas ótimos amigos! Somos como irmãos !

Dona Tainá ficava cada vez mais preocupada:

— Olha o juízo! Vocês são muito crianças ainda para pensarem em namoricos!

— Eu sei, Mãe — ria Izac. — Quando eu fizer dezoito anos eu coloc o uma aliança no dedo

dela.

— Nem brincando você vai casar antes de se formar! — ralho u a senhora enquanto o

jovem retrucava em tom jocoso:

— Eu vou me formar pelo IUB, Instituto Universal Brasileiro. Curso p or correspondência!

Vou poupar aí uns dez anos.

Do outro lado da casa, Ísis soltou uma gargalhada.

— Quando estiverem debaixo de uma marquise com fome não me p rocurem, ouviram! —

sentenciou a mãe.

Izolda e Izac riram e saíram em disparada para o quintal. Eles se se ntaram debaixo do pé

de abacate e começaram a conversar enquanto Izolda desenhava e m seu caderno.

— Mamãe é uma comédia! Somos ótimos amigos, só isso! — disse ele.

— É — concordou ela, retocando o desenho que fazia.

— Casar! Conheço histórias de um monte de gente que era muito fel iz enquanto estavam

namorando, mas depois que se casaram a vida deles se tornou um i nferno. Pouco tempo depois já

não suportavam mais ficar juntos.

— Sério? — Ela parou de desenhar e olhou Izac com espanto.

— Sério. E quando isso acontece, não tem jeito. Acabam indo cada um para o seu canto e

nunca mais conseguem ver a cara um do outro. Viram grandes inimi gos.

— Puxa!

— De onde você veio também acontecia muito isso?

— Não. Eu ouvi casos a respeito disso, mas não é comum is so lá, não. Acho que… as

pessoas do lugar de onde vim não gostam de ficar sozinhas. O que as pessoas aqui fazem quando

estão sozinhas?

— Entram na internet e ficam flertando com outras em algum site de relacionamento.

— Isso é esquisito!

— Não é, não. É bem comum até.

— O que é o amor para você?

— Sei lá, eu acho que é quando a gente se importa com a outra pes soa e quer o bem dela

acima do nosso próprio bem.

— Você foi me buscar quando nem me conhecia, posso dizer então que você me ama?

Izac ficou corado com a pergunta. Virou-
se de lado para que ela não percebesse que ele

havia ficado vermelho e disse:

— De certa forma, amo, sim! Mas a minha religião diz que devemos amar outras pessoas,

não é?

— Então você vai fazer isso que fez por mim por qualquer pessoa?

— Er, eu deveria, não é? — disse ele, constrangido. — Mas não vou mentir, eu senti que

você era alguém especial e isso se confirmou. Você é uma pessoa e special para mim!

— Vai colocar uma aliança no meu dedo? — riu ela.

— Só quando a gente ficar adulto e eu puder ter uma casa e um bo m emprego.

— Eu espero — riu ela.

— Neste caso, você vai ganhar uma de ouro. Quando as pes soas se casam, elas trocam

alianças de ouro umas com as outras com o nome da pessoa que a ma gravado.

— Isso é legal! — sorriu ela. — Eu gosto de anéis.

Ele olhou para o caderno e perguntou:

— Posso ver seus desenhos?

— Claro!

Logo na primeira página havia um guerreiro vestindo uma arm adura negra e que possuía

uma capa azul que formava uma espécie de cachecol em torno do p escoço.

— Uau! Que barato! Quem é esse?

— É Black Busterblaze! — sorriu ela. — Eu andei tentando entender um pouco do inglês e

acho que esta imagem é o que melhor retrataria para mim um destru idor de brasas negras.

— Eu gostei muito!

Ele virou a página e viu um desenho do mesmo guerreiro cer cado de seres ameaçadores

pintados de amarelo e com uma criança sentada sobre o seu ombro esquerdo.

— Nossa! Eu vou ter que lutar com todos eles? Quem é a menina, minha filha?

— Na verdade sou eu! — riu ela. — Me sinto segura quando estou c om você!

— Mas eu não poderia me casar uma criança! Tá certo que você é u ma tampinha, mas não

acha que você está pequena demais, não?

— Mas eu tenho medo dos monstros!

— Você é Silver Slashersoul, não deveria estar com medo! De veria lutar ao meu lado!

Como você vai conseguir salvar algum príncipe em seu conto de fad as se ficar com medo?

A menina baixou os olhos, contrariada. Visivelmente ela não g ostou do que Izac disse.

Percebendo que havia algo mais, ele perguntou:

— Você chegou no dia daquela grande tempestade, não foi?

Izolda ficou muda por uns instantes e baixou a cabeça como se não quisesse se recordar de

algo. Por fim respirou fundo e contou:

— Aquela tempestade não foi uma coisa natural do seu planet a. Aquilo foi obra de uma

coisa muito grande e muito perigosa.

— O que é? — perguntou o jovem com interesse.

— É sério, você não vai querer saber.

— Você é uma menina que veio de outro mundo e ninguém sabe qu e está aqui, você está

segura, Izolda. Não é hora de você se abrir um pouco e desabafar e sta angústia que carrega?

Ela então se levantou, olhou para Izac com olhar determinado e diss e:

— Venha comigo!

O jovem não hesitou. A dupla saiu da casa e tomou a rua e m direção à escola, eles

caminharam até a trilha do bosque e lá adentraram a mata.

— Quando você chegou, foi aqui que encontrei você.

— Sim — respondeu ela, caminhando na frente. — Eu tive m uita sorte de achar alguém

como você, antes disso acontecer eu era muito infeliz.

— Por quê?

— Porque meus pais se perderam de mim por causa da guerra e aq ueles que me pegaram

não eram pessoas boas.

Ela engoliu em seco. Visivelmente Izolda se sentia angustiada falan do sobre aquilo, mas ao

mesmo tempo parecia determinada a falar um pouco mais sobre si.

— O lugar de onde vim é muito diferente daqui. Existem muit os outros humanoides

diferentes. Existem árvores, animais, rios e vales muito maiores que os daqui. As noites aqui

chegam muito mais rápido que as de lá e são bem mais curt as também. O seu mundo é legal,

talvez os
Ocres deveriam aprender coisas com vocês. Talvez, se aprendesse m alguma coisa com

os daqui, existisse a possibilidade de sermos amigos.

— Quem são os Ocres?

— São aqueles que me separaram de minha família. Os Ocres dizem que estão sempre

certos, você é obrigado a fazer tudo do jeito deles. Eles querem que todos abandonem o seu jeito

de viver e dizem que só se pode ser feliz se forem como eles.

— Ser como eles como?

— Ocres — respondeu Izolda, de forma seca e categórica.

— Eu, hein! — disse ele, coçando a cabeça. — Mas como são esses Ocres, afinal?

Izolda respirou fundo e disse:

— Na minha terra, os povos se saúdam assim: *“Loremon rá-jiti-luk asmonon xaiare | riô*

sol-il xaisur-i rozan'lorê”. Já os Ocres são assim:
“Ich bog Superius. Ich bong Superius. Ich aver

Bion Superius”
— disse ela, segurando a garganta para mostrar que a voz dos Ocres era

ameaçadora.

— Não entendi nada, mas quero aprender essas línguas aí.

— Eu disse “Eu sou Superior. Eu era Superior. Eu sempre serei Superior”. Já minha língua,

você não entendeu nada do que eu te ensinei? — perguntou a meni na com raiva.

— A primeira eu entendi alguma coisa… é.
… você disse… — Ele pensou um pouco e

disparou: — “Tudo no Universo é feliz e merece viver pelo pai”… é is so?

— Não! — Izolda ficou vermelha. — Eu disse: “Todos nós so mos belos e merecemos

viver felizes em nome do coração do pai de todos”.

— Isso ia ser minha segunda opção — riu Izac.

— Você é muito distraído, não vai conseguir falar língua alguma dest e jeito!

O jovem respondeu fazendo uma careta. Enquanto caminhava m, ele pegou o caderno de

Izolda e novamente olhou o desenho. Foi então que ele enten deu que as figuras amarelas

ameaçadoras que ela havia desenhado eram os Ocres. A dupla cont inuou a subir a serra até que

Izolda parou assustada em uma clareira.

— Estava aqui! Não sobrou mais nada!

— Estava aqui o quê?

— A cápsula!

Izac olhou em volta e viu apenas mato; já haviam se passado meses desde a tempestade, a

mata cresceu, mas não havia mais rastro algum.

— Esta cápsula era grande?

— Ela foi destruída, estava em pedaços, mas os pedaços não eram pequenos e não

desapareceriam daqui. Alguém esteve aqui!

Neste momento a menina estacou. Ficou branca como cera.

— Izolda, algum problema?

— Eles vão vir! Eles vão vir atrás de mim! Eles não me esqueceram!

Izac abraçou a menina com carinho.

— Você não está sozinha! Ninguém vai fazer mal a você! Eu não vo u deixar! Prometo que

vou cuidar de você!

— Não é uma boa ideia, os Ocres são perigosos! São fortes! A temp estade foi obra de um

deles! Quem destruiu a cápsula foi um deles! Eu tenho que ir embor a! Se eles me acharem vou

sofrer outra vez! Eu tenho medo! Não quero sofrer tudo aquilo mais uma vez!

— Você está em pânico! — disse Izac, abraçando a menina com ma is força. — Eu sempre

vou cuidar de você, acredite em mim!

A menina desatou a chorar. Ela puxava os próprios cabelos, desesp erada.

— Eles nunca vão me deixar em paz! Eu não quero ir para a guerra! Eu não sou o que eles

acham que sou! Eu tenho medo! Eu não quero lutar!

— Izolda, você é uma criança! — gritou Izac. — Não vou deixar nen hum covarde colocar

você para lutar. Eu vou cuidar de você!

— Não importa quanto tempo passe… — chorava a menina. — Esto u mesmo destinada a

morrer nas mãos dos Ocres!

— Não! Isso se você quiser! Mas se não quiser, podemos crescer e f icar juntos!

A menina arregalou os olhos e fitou Izac assustada. Por algun s instantes Izac ficou

desconsertado em dizer aquilo, seu rosto ficou pálido e as bochecha s enrubescidas. Ele engoliu

em seco e balbuciou algumas palavras:

— Eu realmente… realmente gosto de você!

Os olhos da menina brilharam. Ela abraçou o rapaz com força. Ele a cariciou os cabelos da

menina.

— Quando nós ficarmos mais velhos e a sua mãe não tiver mais motivos para ficar com

raiva de nosso namoro, vamos nos casar?

— Sim — respondeu ele de forma categórica. — Seu destino é casa r-se comigo!

Ela ergueu a cabeça, fitou Izac e sorriu.

— Obrigada! Eu realmente quero acreditar agora que tenho um outr o destino.

— Claro que você tem! De onde você tirou essa ideia de que você v ai lutar e morrer em

uma guerra?

Izolda empurrou de leve Izac e ele se sentou na raiz de uma árvore. Ela sentou-se no colo

dele e o abraçou.

— Antes de nascer, uma pessoa muito importante do lugar onde vim fez uma profecia que

dizia:

“Lohu buoh-rá'doums vermires ozanu'rá | Rô'danre tilkrere-ey deminea | Luk-Lohu-nea

tilku'rá il pur | lahu-ey sirana guarine mouse'mo-eiô milez-il | Airuma xaisur meidenu'rá riô-

maoh | Luk jermure-il bao jei go'mo eio nifebo”

“Que, traduzindo, seria algo como: ‘Quando dois poderosos seres in compatíveis se unirem

nascerá uma prometida, e quando esta ressurgir das cinzas co mo uma rainha guerreira terá

chegado a hora do coração das estrelas tomar a forma da morte e c astigar um mal que veio de

longe’. — Ela respirou fundo, olhou para Izac e disse: — Eu sou a fil ha de dois poderosos seres

incompatíveis. Todos esperam que eu resolva tudo! Que eu guie um exército contra os Ocres e os

expulse de nosso mundo!

— É! Isso é mesmo um problemão! — comentou Izac. — Mas a gent e dá um jeito!

— Doido! — riu ela. — Você sabe o que é uma guerra?

— Guerra é uma coisa muito ruim, mas é como eu te disse, você não é obrigada a lutar.

Repete a profecia aí, vamos raciocinar em cima do que as palavras dizem.

A menina repetiu tudo, palavra por palavra.

— Tá aí! — bradou Izac como se tivesse descoberto a lâmpa da. — A profecia disse:

“Quando dois poderosos seres incompatíveis se unirem nascerá um a prometida”. Ora, a profecia

não diz que é necessário ser filha destes dois seres, isso pode ser in terpretado como: “na época da

união de dois seres poderosos incompatíveis, em algum lugar, neste período, irá nascer uma

prometida”. Entendeu? E tem mais! Você também disse: “… e quand o esta ressurgir das cinzas

como uma rainha guerreira terá chegado a hora do coração das estr elas tomar a forma da morte e

castigar um mal que veio de longe". Bom, o final não entendi porcaria nenhuma, mas o meio

quer dizer algo como "durante uma batalha, ou seja, das cinzas, uma rainha guerreira vai

aparecer". Está vendo só? Não é você! É alguém que já está no seu mundo e talvez nem saiba

que será a guia das pessoas na batalha! Você está se torturando à toa!

Izolda abraçou Izac e sorriu, era a primeira vez que tinha esperanças de que poderia ter um

futuro feliz.

Os dois então começaram a descer o morro por entre as árvores e Izac observava tudo à

volta para tentar perceber alguma coisa. De repente ele parou e disse:

— Espera, vamos dar uma volta se não se importa.

— Não tem problemas pra mim.

Eles então adentraram a mata e começaram a contornar o morro. Ele não dizia uma

palavra, mas, se algo estava assustando Izolda, ele se sentia na obrigação de tentar descobrir o

que era. Sua cabeça não parava de funcionar. Ele não viu a cápsula que trouxe a menina, mas se

ela fosse grande o suficiente para carregar uma pessoa e havia sido destruída quando caiu deveria

haver por ali rastros. Entretanto, conforme Izolda reclamou, não havi a sinal algum das partes da

tal máquina, então só restava uma alternativa, que era a que assombrava a menina, a de que

alguém carregou os objetos.

Eles fizeram a volta em torno do lugar e acharam uma antiga estrada abandonada. A

estrada tinha capim-
colonião quase da altura de uma pessoa de tão antiga, mas, observ ando bem,

Izac encontrou antigas marcas de pneus de automóveis. Era u m carro grande, talvez uma

caminhonete. O mato cresceu de volta porque se passou bastante t empo, mas comprovadamente

passou um carro ali em um período posterior ao abandono da estrad a.

Izac nada disse para a menina, pois não queria preocupá-la. Em seu íntimo também

preferia ignorar aquele fato e imaginar que uma conspiração e nvolvendo alienígenas era algo

muito distante da sua realidade e, seguindo a vida de forma normal, absolutamente nada de mal

aconteceria a ninguém.

CAPÍTULO 6

SEPARAÇÃO

Ao descerem do morro, Izolda e Izac não voltaram direto para casa. Eles pegaram o ônibus

e foram passear no centro da cidade. Eles entraram em lojas onde ela experimentou roupas,

sapatos, joias e irritaram muito os vendedores, pois saíram de lá se m comprar nada. Também, o

que esperar de dois adolescentes que juntos não possuíam mais do que duas notas de dez contos?

O que fazer com vinte contos em um país com crise política e amea ça constante de alterações nas

taxas de juros para conter uma economia instável devido à et erna falta de uma reforma

administrativa por parte do governo? Para dois jovens a resposta é s imples: sorvete, salgadinhos

e gramado da praça. Além de barato, às vezes se acha uma surpres a.

— Olha! É um cupom de prêmio instantâneo! — disse Izac ao rasgar o pacote de salgados

e achar dentro o vale-brinde.

— O que é isso?

— São pequenas lembrancinhas que você pode pegar em lojas esp ecializadas. Venha! Tem

uma aqui perto! Depois a gente volta para a praça!

A menina acompanhou Izac por duas quadras até que chegaram à u ma loja de variedades.

Lá ele mostrou o vale-
brinde ao atendente, que foi logo perguntando:

— Este cupom vale trinta reais, vai querer comprar alguma coisa ou quer o dinheiro?

Izac olhou para a vitrine e viu uma pulseira de pano com um coraçã o feito com um cristal

esverdeado e perguntou:

— Aquele ali custa quanto?

— Trinta e oito — respondeu o vendedor.

— Vou levar então!

Assim que recebeu a compra, Izac foi logo amarrando no pulso de Iz olda, que sorria sem

parar. Era uma pedra comum, mas para ela era verdadeiramente jad e.

Os dois caminharam lentamente até a praça e ela não parava de bri ncar com o presente que

havia recebido, já que a pulseira possuía um pequeno guiso que ela não cansava de cutucar para

ouvir o barulhinho.

Ao chegar na praça, Izac escolheu um lugar no gramado próxi mo de uma árvore e ali se

deitou. Já Izolda, com as mãos, arrebentou um tufo de seus cabelos , fez com os fios uma pequena

trança, sentou-
se ao lado de Izac, tomou sua mão e amarrou no dedo anelar do rap

az a pequena

corda dizendo:

— Não tenho um anel para trocar com você, mas quero que você saiba que vou te amar



para sempre! — Então abriu o caderno e começou a desenhar.

Izac olhou para o dedo com o presente e sorriu. Em seguida brincou :

— Para me amar para sempre vai precisar crescer muito, sua nanic a!

— Bocó! — respondeu ela. — Eu mudei de ideia, agora quero lutar j unto com você!

— Então agora o Black Busterblaze não vai mais precisar te carrega r no ombro?

Izolda fez uma careta e sentenciou:

— Não. Agora vou desenhar você esmagado no chão igualzinh o a um feijãozinho e a

minha personagem em pé em cima dele com pose poderosa! Lugar de homem é como tapete para

princesa pisar!

— Você e suas piadas!

Ela não perdeu tempo e mostrou o desenho que havia feito: era mesmo a Silver Slashersoul

fazendo pose em cima do personagem de Izac. Izolda desatou a rir ao ver a cara do menino,

desconcertado ao ver o desenho e emendou:

— Tenho que fazer desenhos assim mais vezes!

A dupla só pegou o ônibus para casa no final da tarde.

Quando Izac e Izolda chegaram em casa se assustaram com dois carros estacionados na

porta. Ele abriu a porta de casa e encontrou um casal estranho, muito pálido, sentado no sofá.

Eles vestiam roupas muito finas. Ela um vestido longo e o pescoço e as orelhas estavam

adornados com brincos e colares de pérolas. Ele vestia um terno azul-marinho. O corte de cabelo

era impecável e as sobrancelhas eram bem-feitas, demonstrando que era um homem muito

vaidoso. Sem dúvidas era um casal extremamente rico.

Izac olhou para Izolda e viu que ela estava branca como cera. Parecia que estava vendo um

fantasma. Estava estampada no rosto da menina a expressão de horror como se aquilo fosse o

pior de seus pesadelos.

— Finalmente encontramos você! — disse a mulher, abrindo o s braços. — Que bom,

estamos muito felizes em revê-la, Izolda!

A menina correu para trás de Izac e ele imediatamente cerrou os pu nhos e fechou a cara de

forma ameaçadora. Naquele momento um homem negro também de terno chegou sorrindo.

— Não precisa ter medo. Eu explico, o meu nome é Marcelo Rodrigues, sou oficial de

justiça. Estes são Charles e Catherine. São os pais de Izolda, eles vi eram da Romênia apenas para

levá-la de volta.

— Não! — disse a menina, horrorizada. — Não são meus pais!

— Claro que somos! — chorou a mãe. — Você fugiu de casa e aind a nos trata assim? Não

sabe o quanto a procuramos por todo este tempo?

— Filha, volte pra casa conosco! Vamos esquecer tudo o que você f ez e voltar a ser uma

família feliz, tudo bem? — Era o pai abrindo um sorriso.

— Não! — gritou Izolda. — Vocês não são os meus pais! Não são! E u não vou com vocês

nunca!

— Izolda! — bradou o pai com autoridade.

Na porta para a copa estavam George, Dona Tainá e Ísis. Eles olhav am a cena em silêncio,

mas em seus rostos estava clara a tensão por aquele moment o. Izac não teve dúvidas, foi logo

gritando:

— Não sei quem vocês são, só sei que, se ela não quiser ir, ela não vai!

— Garoto, eu já disse que sou um oficial de justiça, vim aqui para ga rantir que essa menina

seja reintegrada à sua família de origem!

— Me mostra sua carteira! — gritou Izac. — Sei lá se você é oficial d e justiça mesmo…

— O garoto olhou para o pai e reparou que ele havia dado um leve s orriso.

Furioso, o pai da menina falou em um idioma cuja sonoridade Izac id entificou de cara:

— *Krizorda, Degrerig skrerkarenigwa kragogro zren?*

“Maldição, parece o idioma dos Ocres que Izolda falou!” pensou o g aroto, hesitando.

Izolda começou a chorar e caiu de joelhos. Dona Tainá foi até ela e a abraçou; irritada,

argumentou com o oficial de justiça:

— A menina está assustada, não quer ir com eles! O senhor é oficial de justiça, deveria

averiguar a história desta família e entender por que ela está com m edo antes de entregá-la assim,

pelo amor de Deus!

— A lei está do lado deles, minha senhora — argumentou o oficial. — Se quiser, o que

você pode fazer é procurar um advogado e ver o que pode ser feito, o que eu já vou afirmando

que é muito pouca coisa. Por ora ela deve ir com eles, para o lugar de onde vieram.

— Ela não quer ir! — gritou Izac. — Se ela não quer, ela não vai!

— Eu vou… — chorou a menina baixinho. — Tudo bem, eu vou!

— Izolda… — Izac olhou para ela, incrédulo.

Ela se levantou vagarosamente e foi para o quarto. Ísis começou a c horar e abraçou a mãe,

que também chorava. Izac foi logo atrás de Izolda e a encontr ou olhando para a janela e

chorando.

— Eles não são os seus pais, eles são Ocres, não são? Por que tem que ir?

— Desculpe, não tenho escolha! Eu queria ficar… mas eles são peri gosos!

— Eu posso cuidar de você! — disse o garoto, com os olhos cheios de lágrimas.

— Não, não pode! Zac, eu gosto muito de você, mas não qu ero que nada aconteça com

vocês! Eu amo todos aqui!

— Foi isso que eles falaram em sua língua, não é? — disse o garoto , irritado e com um nó

na garganta. — Eles ameaçaram a gente, não foi?

— Zac… Eu gosto muito de você! Por favor, quero que viva e fique b em!

Ela se levantou para partir ao mesmo tempo que ele desatou a chor ar como uma criança,

caído de joelhos no chão do quarto. Comovida, ela acariciou os cab elos do jovem e sussurrou em

seu ouvido:

— De todos, o que eu mais amei foi você! Nunca se esqueça de mi m, porque eu nunca me

esquecerei de você!

E ela se levantou e saiu.

Na sala, os pais da menina a aguardavam com o oficial de ju stiça. Ela abraçou e beijou

cada um: George, Tainá e Ísis. Todos estavam abatidos e tristes. A mulher que se dizia sua mãe

pegou Izolda pela mão e sorriu.

— Vamos embora, Princesa!

Quando entraram no carro, Senhor George olhou para o oficial de ju stiça e perguntou:

— É um problema internacional, não é?

— Sim — disse o oficial, sorrindo.

— O senhor fez um bom trabalho. Só queria saber de uma coisa, nu nca entendi que idioma

era esse que eles falavam… Eles são de onde mesmo?

— Romênia.

— Hum… Tá certo! — George pensou um pouco e, sorrindo, acenou. — Então… *Bună*

ziua!

O oficial de justiça arregalou os olhos, assustado.

— Não estou te xingando! — riu o velho. — Isso é apenas “boa tard e” em romeno! É uma

das coisas que a gente aprende estudando várias culturas, sabe? S ou professor.

O oficial fechou a cara e fez sinal para o motorista dar partida no aut omóvel. No momento

em que o carro partia, Izac surgiu e gritou:

— Eu juro, Izolda, juro que vou buscar você!

E a menina, de dentro do carro, olhou a família que amava fi car distante até finalmente

dobrar a esquina. Izac, da rua, viu o carro desaparecer e, de cabeça baixa, voltou para casa.

CAPÍTULO 7

DESAPARECIDA

As horas seguintes foram cheias de várias ligações telefônicas do Senhor George para

amigos influentes. Primeiramente ligou para dois vereadores que au xiliaram em seu projeto para

o desastre acontecido nas chuvas, um deles o orientou a proc urar um conhecido, o Tenente-

coronel Artur Frido. Este o orientou a procurar o Comandante-geral Marcelo Reina. O

Comandante Reina se interessou pela história do Senhor George e pediu para encontrá-lo no dia

seguinte.

— Não adianta chorar agora — disse o professor para a famíl ia. — A verdade é que, se

realmente forem a família de Izolda, pouco pode ser feito. O que que ro saber é a verdade de tudo

isso, mais importante que qualquer coisa é saber se, onde ela estive r, ela estará bem e segura.

— Eles não são os pais dela, pode ter certeza disso, pai — f alou Izac, demonstrando

irritação.

— E não são — afirmou Senhor George. — Não sou idiota. Entretanto, existe alguma

coisa realmente grande por trás disso, parece que é algo que nós não temos condições de

alcançar.

— O que vai acontecer com a Izolda? — perguntou Ísis, ainda soluç ando.

— Não sei — respondeu o pai de forma sincera. — Mas vamos tent ar descobrir o máximo

que pudermos.

— Quero ir com você, pai — afirmou Izac.

— Vou me encontrar com o Comandante, ele é um homem m uito importante, portanto

deve tomar cuidado com o que falar. É hora de ter sabedoria, meu fil ho.

Izac concordou.

No dia seguinte, George e o filho foram para o Quartel Central do C orpo de Bombeiros do

município. O velho carro do Senhor George parecia ainda mais vaga roso que o normal naquela

manhã para o aflito Izac, que não via a hora te tentar fazer a lgo de produtivo quanto àquela

situação. Foi o pai que sorriu e tentou acalmá-lo.

— Izac, você está novo demais para ter ataques de estresse. Relaxe! Nervoso, não vai

conseguir ajudar em nada.

— Me desculpe — riu ele, sem graça. A viagem continuou em silênci o até que ele resolveu

quebrar o silêncio. — Pai, o que foi aquilo que disse para o oficial de justiça?

— Foi “*Bună ziua*” .

— Isso é romeno?

— Parece que sim.

— E desde quando você sabe romeno?

— Não sei. Foi a primeira vez que falei na vida — sorriu o professor de forma velhaca. —

Quando eles falaram que eram da Romênia, fui logo acessando à internet pelo celular e

decorando isso. Não tinha certeza se colava, mas vai que ia ser útil, não é?

— Você é um canalha, velho! — Izac começou a rir. Em instantes a dupla estava dando

altas gargalhadas no carro. — Você é muito doido, pai. E se tivesse dado errado?

— Aprenda uma coisa, meu filho. Se quiser ter o controle de uma situação, jamais deixe os

outros perceberem que você é um ignorante pois, se isso acontecer, eles farão com você o que

eles quiserem. Se não sabe algo, pergunte, mas sempre dê a impressão ao outro de que não é um

leigo total no assunto e que as informações que você está pescando são para completar alguma

informação que você já possui.

— E se eu não souber realmente porcaria nenhuma?

— Se eu não me engano, um antigo presidente americano chamado Abraham Lincoln disse

certa vez: “É melhor ficar quieto e parecer um idiota do que abrir a b oca e dar toda a certeza”.

Izac riu. Instantes depois o carro adentrou o pátio da Academia dos Bombeiros. Izac e seu

pai foram recebidos e encaminhados para um escritório no térr eo. Lá encontraram o

Comandante-
geral, chefe do destacamento de bombeiros, conversando com o Tenente-coronel

Frido e um civil bem trajado, mas que não usava naquele dia um terno. Assim que o Tenente-

coronel viu o professor, foi logo o cumprimentando.

— Professor George, seja bem-vindo!

— Tenente-
coronel, quando me sugeriu o nome do Comandante-geral não imaginava

encontrá-lo também.

— Sempre quis conhecê-
lo pessoalmente, professor. — Era o Comandante-geral que o

cumprimentava. — O trabalho que o senhor fez foi impressionante.

— Nenhum trabalho deste porte pode ser desenvolvido sem o envol vimento da sociedade.

Ainda existe muita esperança para todos quando se trabalha unido e m prol de algo maior.

— Disse bem — afirmou o Comandante. — Este jovem é o seu filho ?

— Eu me lembro dele. — O Tenente-coronel colocou a mão no ombro de Izac e sorriu. —

Este garoto esteve ajudando nas buscas quando o morro desabou.

— Vai seguir os passos do pai? — perguntou o Comandante-geral.

— Acho impossível superar o meu pai no quesito de serviço social, Senhor Comandante —

sorriu o garoto.

O Comandante riu. Em seguida convidou George e o filho par a entrarem no escritório,

onde poderiam conversar mais à vontade. O Tenente-coronel Frido fechou a porta assim que o

desconhecido bem trajado entrou. O Comandante sentou-se em sua poltrona e começou a

examinar alguns papéis que estavam em suas mãos.

— Como é a história mesmo? — perguntou. — Você tinha pedido a guarda temporária de

uma jovem menor de idade, não é?

— Sim — respondeu George, firme. — Meu filho encontrou a jovem e acabamos ficando

muito ligados a ela.

— Me desculpe a intromissão, mas eu tenho medo que as pessoas que estão com ela não

sejam realmente os pais dela — disse Izac.

O Comandante olhou para o garoto com olhar grave. Em seguida ol hou para o senhor bem

trajado que ali estava e ainda não havia dito qualquer palavra.

— Este é o juiz da Vara de Infância e Juventude, Senhor Anselmo Si las.

— É um prazer conhecê-lo pessoalmente, professor — disse o juiz.

— Foi o senhor quem concedeu a guarda temporária para a menina, não foi?

— Exato.

Izac se assustou, não sabia dessas coisas. Mas para ele fazia todo o sentido, afinal, era uma

garota desaparecida, isso deveria ser informado às autoridades. O j uiz continuou:

— Ela não queria falar o nome, não é? Então vocês passaram a cha má-la de Jade.

— Foi isso mesmo.

— A verdade é que foi realmente difícil descobrirmos quem er a os pais dela. Ela era

estrangeira, sem documentos, surgiu do nada, como se fosse um passe de mágica. Deixamos o

processo em aberto e aguardamos a resposta de todas as em baixadas que possuem relações

diplomáticas com o Brasil, mas não obtivemos respostas de ne nhuma. O fato é que, se os pais

dela não tivessem aparecido, vocês teriam ficado com ela talvez par a sempre.

— Foi o que eu imaginei também — afirmou George.

— Mas os pais dela apareceram, apresentaram todos os docu mentos. Comprovaram com

fotos… não temos o que discutir. Para o governo brasileiro, o assunt o está encerrado.

— Entendo, mas qual é a naturalidade da menina?

— Parece que é romena.

— Parece? — disse o velho com ar desconfiado. — Sinto mui to, mas tenho certeza que

romena ela não é.

Neste instante o Comandante levantou-
se da cadeira e apresentou uma cópia da certidão de

nascimento. George olhou e respirou fundo, realmente era romeno.

— Professor, eu sei que está preocupado com a garota, mas realme nte não há o que fazer!

Está tudo certo, eles são os pais da menina — lamentou o Comanda nte-geral.

— Entendo… Eles deixaram o endereço pelo menos?

— Isso é um assunto diplomático… — resumiu o juiz.

— Então, assim como ela apareceu, ela vai desaparecer? — perguntou George em tom

sério.

— Senhor juiz! — Era Izac que novamente se metia na conversa. — Creio que o senhor

tem filhos ou sobrinhos, sei que gosta muito deles, então deve me e ntender… Essa menina estava

sob minha guarda, preciso muito saber se ela está bem! Não existe como descobrir o endereço ou

o telefone dela?

O Comandante-geral e o Tenente-
coronel olharam para o juiz de forma inquiridora; ele se

mostrava incomodado com a situação, por fim disse:

— Não posso prometer nada, mas entrarei em contato assim que obtiver alguma

informação a respeito disso.

A reunião terminou ali. O grupo ainda conversou sobre assuntos div ersos, mas logo pai e

filho se despediram e foram para casa. Izac sorriu no caminho , ele tinha esperanças de ter

notícias pelo juiz, mas seu pai estava sério. Izac o fitou e, à noite, nã o parava de lembrar-se do

semblante grave do pai. Ele o conhecia há tempo suficiente para sa ber que algo estava errado. E,

com o tempo, aquele semblante sério confirmou a verdade: os dias se tornaram semanas, as

semanas se tornaram meses e nunca mais tiveram notícias da meni na

CAPÍTULO 8

O PERSEGUIDOR

Izac, deprimido, estava sentado no meio-
fio da calçada olhando para o asfalto duro. A vida

de todos havia continuado; ele estava agora no terceiro ano do ensi
no médio, sua mãe continuava

a trabalhar com as sócias, sua irmã estudava à tarde e o seu pai era
o diretor da escola. Ele olhou

para o outro lado da rua e viu uma loja com roupas de noiva. Mês de
maio, mês das noivas… Ele

riu ao imaginar aquela menina de olhos verdes e cabelos cor de fav
o de mel de noiva. Seria ele o

noivo? Ele novamente baixou a cabeça, amargurado. Izolda re almente havia sido a primeira

mulher que ele havia gostado.

Vagarosamente ele voltou para casa. À noite, a mãe foi até o quarto e perguntou:

— Como você está, meu filho?

— Indo… — disse, resignado.

— Você precisa se animar, fez tudo o que pôde. A vida continua, me u filho.

— Eu sei, mãe… mas… — Ele fez uma pausa, como se precisasse de tempo para pensar.

— Eu falhei, sabe? Eu prometi a ela que iria procurá-
la, mas estou sem saída. Não existe nenhum

lugar que me ofereça alguma opção para tentar achar ela!

— Às vezes você precisa dar um tempo nas coisas! Sabe, m eu filho, quando se fica

pensando demais em algo, os seus olhos ficam presos demais em uma direção. Se você quiser

encontrar sua amiga, o melhor é você parar de pensar em um a coisa só e olhar em volta.

Algumas vezes, a melhor maneira de se aproximar de algo que busc a é se afastando.

Naquela noite Izac dormiu pensando nas palavras da mãe. Ela real mente estava certa, o que

ele tinha feito nos últimos meses a não ser pensar em Izolda? Nada. Nenhuma forma de busca

que estava fazendo estava surgindo algum efeito. Ele decidiu então começar a tentar fazer

contato com mais pessoas; se conhecesse mais gente, com ce rteza em algum momento

conseguiria encontrar alguma informação relevante sobre o que esta va buscando.

No dia seguinte, durante as aulas de Física, ele começou a p ensar em algo que lhe

incomodou no dia que se separou de Izolda: o peso. Ele colocou a a ltura da menina no papel e

dividiu o valor pelo peso, encontrando 1,47 como resultado. Ele foi a té o professor no final da

aula e perguntou:

— Professor, estou pensando em escrever um conto de ficção científica, o senhor poderia

me ajudar?

O professor riu e disse que na idade dele também escrevia contos deste tipo, contou a Izac

sobre as reportagens que lia que o fizeram se interessar pela física. Contou sobre os erros de

filmes, sobre a questão de que não existe som no vácuo, o fato de lasers coloridos não poderem

ser vistos no espaço, que a lua não tem vento e não se pode ver a face oposta, dentre outras

curiosidades.

— Professor, é possível existir extraterrestres com a mesma aparência de seres humanos?

— Não. Isso é impossível — disse de forma categórica. — Partindo do princípio da

evolução das espécies, a evolução de uma espécie aqui da Terra não seria jamais igual à evolução

de espécies de outros planetas.

— Mas e se acontecesse algo improvável e fossem parecidos os seres humanos daquele

local e os daqui da Terra…

O professor começou a rir.

— Tá, vamos supor que o seu livro seja um romance entre um E.T e um terrestre. A única

explicação que me vem na cabeça é bíblica. Em Gênesis está escrito no versículo 26: “E disse

Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os

peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre to da a terra, e sobre todo o réptil

que se move sobre a terra”. Se em cada mundo Deus tiver cr iado um homem a sua imagem e

semelhança, seria possível que eles tivessem a mesma aparên cia. Agora, como você explicaria

em seu conto a teoria da evolução das espécies de Darwin, que afir ma que o homem evoluiu de

um antropoide, que seria semelhante ao macaco, seria um caso à p arte.

— Mas o ser humano não poderia ter evoluído através de uma plant a? Eu ouvi falar que, na

pesquisa do genoma, o ser humano tem menos genes que o milho.

— Vamos dar uma olhada nisso — disse o professor, interess ado, tirando da mochila o

notebook e acessando à internet. Em poucos instantes acessaram u m site do ano de 2009.

Segundo o site, 150 especialistas em genética identificaram os 32 mil genes dos dez

cromossomos que formam o genoma do milho, que é o mais conhec ido entre as plantas. Como

base de comparação, o genoma humano tem 20 mil genes div ididos em 23 cromossomos, que

são os suportes da informação genética. O código genético do milho é colossal: com 2,3 bilhões

de bases de DNA, seu tamanho se aproxima do código humano, qu e tem 2,9 bilhões.

O professor coçou o queixo e disse:

— Seria uma teoria interessante, os seres humanos teriam vindo atr avés de plantas. Remete

até à outra lenda, a de Yggdrazil, a Árvore da Vida. Nunca p ensei em algo assim. Realmente

daria um bom conto de ficção científica.

Izac sorriu. Apesar de absurda, a sua teoria conseguiria explicar a i mprovável aparência de

Izolda na forma humana, mas ele ainda queria entender a questão d o peso.

— Professor, ainda pensando na questão de um ser humano em outro planeta, seria

possível ele ser mais pesado que aqui?

— O ser humano ser mais pesado? Não. Se ele for mais pesado, nã o seria um ser humano.

— Preciso de uma explicação, professor. Mesmo que não seja conv encional. Por que um

ser humano de 1,50 teria mais peso que um ser humano daqui?

O professor coçou novamente o queixo, pensou um pouco e especulou:

— Bom, para começar, no Universo se tem que esquecer a ideia de peso com quilogramas.

O peso de verdade é calculado em Newtons e o que chamam os de peso é a relação força e

gravidade. Teoricamente falando, em um planeta menor que o nosso os seres humanos poderiam

ser mais altos e, em um planeta maior, seriam mais baixos devido à gravidade. Entretanto, os

dinossauros eram animais imensos, eles existiram apesar de terem desaparecido dos ciclos da

história.

— Tá, um ser humano de 1,50 de altura com peso 1,47 vezes maior que o normal poderia

significar o quê?

— Talvez uma compensação por causa da força da gravidade. Os ossos precisariam ser

mais densos e a musculatura mais forte para suportar a força gravitacional. Se você levar em

conta na sua história que se trata de um ser humano com constituição física semelhante à nossa,

isso significaria que pode se tratar de um planeta maior que a Terra.

Izac se deu por satisfeito. Ele agradeceu o professor e meteu na cabeça que precisaria se

preparar fisicamente para um ambiente com gravidade maior q ue o planeta Terra. Não sabia

como chegaria lá, mas sabia que tinha que encontrar um jeito.

Nas semanas seguintes, Izac ia todos os dias na academia do bairro. Ele sempre teve um

bom condicionamento físico, mas sabia que precisava estar cem por cento bem se a aventura de

ir buscar Izolda fosse um dia concretizada. Foi conversando com alg uns amigos da academia que

um deles sugeriu:

— Sei lá, cara! Se eu tivesse um amigo que tivesse ido embora e ni nguém desse notícias,

eu ficaria no pé de quem ajudou ela a fazer a mudança. Pô, o cara tem que ter alguma coisa

anotada em relação a isso!

Izac acordou para este detalhe, ele estava pensando muito em pega r informações de órgãos

superiores, mas não se preocupou com o óbvio de ir procurar o ofici al de justiça que esteve em

sua casa naquele dia. Naquela tarde, Izac foi até o fórum e procurou informações sobre o oficial

de justiça Marcelo Rodrigues. Insistiu tanto que acabou tendo a opor tunidade de conversar com

ele pessoalmente. Ele encontrou o oficial sentado em sua mes a de trabalho em frente a um

computador. Marcelo olhou para Izac e demonstrou surpresa, o jove m logo percebeu.

— Senhor Marcelo, me desculpe incomodar, mas eu sou Izac Valgas. Deve ser difícil se

lembrar de mim, mas você esteve na minha casa cumprindo um ma ndato uns dez meses atrás.

— Sim, eu me lembro de você. O garoto bravo… Pensei que iria me matar naquele dia.

— Confesso que tive vontade disso, sim — riu o garoto. — Teria sid o uma idiotice, você

só estava fazendo o seu trabalho.

— Com certeza!

— Eu não tenho mais a quem recorrer. Não tenho nenhuma n otícia de Izolda, eu tinha a

esperança que o senhor pudesse me ajudar.

— Infelizmente não tenho autorização para ajudar. O que acon teceu foi um caso

internacional… Está além de minha alçada.

— Entendo. — Izac baixou a cabeça com pesar. Em seguida pegou um papel e anotou o

número do celular e o e-
mail. — Sei que é difícil, mas… bom… eu realmente gostava muito da

Izolda… Se tiver alguma notícia, por mais irrelevante que seja, gostaria muito que me

informasse.

Ele entregou o papel para o oficial e se retirou. O oficial de j ustiça olhou para o papel,

pensou e gritou:

— Jovem!

Izac imediatamente olhou. O oficial de justiça caminhou em dir eção a Izac e começou a

conduzi-lo até a saída.

— Seu pai tinha razão, aquela língua não é romena — disse o oficial , puxando Izac pelo

braço sem olhar nos olhos do menino.

— Eu sei. Preciso de alguma informação. Tenho medo que algo tenh a acontecido com ela.

O oficial passou o papel de volta para Izac e disse:

— Você vai ter que procurar informação sobre ela, sozinho. Não pos so ajudar.

Izac olhou para o papel e viu que, rapidamente, Marcelo havia escrito alguma coisa. Ele

sorriu e se despediu:

— Eu entendo. Muito obrigado por tudo!

O oficial voltou para dentro do prédio e Izac foi embora. No ô nibus, o garoto leu o que

estava escrito: era o endereço eletrônico escrito “pamon-
r”. Ao chegar em casa, a primeira coisa

que fez ao entrar no computador foi digitar o endereço eletrônico. E m sua frente surgiu um site

romeno escrito
pacea mondiala. O site pertencia a um grupo de investidores aparentemente

interessados na paz mundial.

Ele entrou em uma área que parecia ser um formulário de co ntato. Nele Izac colocou o

endereço, o número do celular e foi logo escrevendo uma mensage m:

“Olá, meu nome é Izac Valgas, sei pouco sobre vocês e sua organiz ação. Não me importa o

que vocês fazem, mas sei que estão ligados ao desaparecimento de Izolda, uma garota que morou

comigo e aprendi a gostar. Preciso saber se ela está bem. Vocês sa bem que ela não é daqui, vocês

sabem como posso encontrá-la. Preciso da ajuda de vocês.”

Quando enviou a mensagem ele pensou que talvez demorasse m a responder, mas estava

enganado. O susto foi grande quando o seu celular tocou e er a um número confidencial. Com

coragem ele atendeu a ligação:

— Senhor Izac Valgas? — uma voz grave perguntou.

— Sim, sou eu.

— Sou da organização Pamon. Estou feliz com seu interesse pela g arota que você cuidou.

Posso afirmar que ela está feliz junto com os seus pais e…

— Vamos ser francos, não precisa tentar me enrolar — disse Izac co m firmeza. — Aqueles

que eu conheci não eram os pais da garota.

— Senhor Izac, somos uma organização interessada em promover a paz mundial formada

por um grupo de investidores internacionais e…

— Senhor! — retrucou Izac de forma firme. — Eu sei que vocês são muito mais do que

aparentam ser, assim como ela. Ela viveu comigo um bom te mpo… Acho que não precisamos

mentir um para o outro, não é?

Por alguns instantes o telefone ficou mudo, por fim o atendente conti nuou.

— Senhor Izac Valgas, acho que o senhor está equivocado a nosso respeito. Por este

motivo, gostaria que alguém de nossa organização pudesse en trar em contato com você

pessoalmente para desfazer qualquer tipo de mal-entendido.

— Perfeito! — sorriu Izac ao telefone. — Onde e quando?

— Poderia ser amanhã, no Edifício Royal, no Centro? Bastaria o sen hor se identificar na

portaria e iremos recebê-lo.

— Claro. Que horas?

— Dez da manhã, pode ser?

— Está ótimo para mim.

— Nos encontramos então neste horário, Sr. Izac Valgas. Tenha um a boa noite.

— Para você também.

E Izac desligou o computador e suspirou fundo e sorriu. Entret anto, ao se levantar, suas

pernas bambearam e começaram a tremer.

“Que coisa é essa, meu Deus? Por que estou me sentindo assim?”

Foi então que raciocinou e percebeu que estava indo para um lugar perigoso, se metendo

em um problema grande demais para ele e que poderia até morrer.



CAPÍTULO 9

A PARTIDA

— Menino, o que está fazendo?

— Eu estou triste, ninguém me entende e todos acham que sou uma pessoa ruim!

— E você é mesmo ruim! Só as pessoas ruins não têm limites para aquilo que fazem e você

não tem limites, menino! Onde já se viu? Você bateu nos seus coleg uinhas, e um deles se feriu.

Ele não poderá andar por um bom tempo, é bonito isso?

— Eu não queria machucar ele assim!

— Mas machucou.

— É… machuquei!

— Nunca mais deve brigar com ninguém, menino! Deve esconder is so para sempre!

— Eu vou esconder!

— Bom menino! Isso é se tornar adulto! Deve esconder sua naturez a e deixar o senso de

justiça para quem é responsável pelas leis. Meninos não podem brig ar com outros meninos e nem

fazer sozinhos o que acham que é certo!

— Tá bom! Mas… e o gatinho que morreu porque bateram nele? Vo cê vai enterrar ele?

— Esqueça o gatinho, ele já não existe mais!

— Existe, sim! Ele está nas suas mãos!

Izac acordou naquela madrugada ofegante, tamanho o susto do nov o pesadelo. Por alguns

instantes ele sentiu mesmo a textura do pelo e o sangue do gato na s mãos. Depois daquilo não

conseguia mais dormir. Quando fechava os olhos ele via insetos sen do colocados dentro de seu

corpo, sendo dissecado por alienígenas ou simplesmente levando u m tiro na cabeça. A cada hora

ele acordava do cochilo sendo morto de uma maneira diferente . Cansado de tanto morrer em

sonhos, ele pegou a Bíblia e começou a rezar. Eram quatro d a manhã quando finalmente

conseguiu dormir de forma tranquila e acordou só oito e meia.

Sozinho, ele preparou e tomou o desjejum e depois foi para o banhe iro se arrumar para ir

de encontro ao desconhecido. Ele pensava consigo mesmo: “V ou ter que ser muito frio para

conseguir sair bem dessa”. Ele se olhou no espelho e reparou que e stava tenso. Isso não era bom,

ele precisava tentar relaxar se não quisesse ficar nas mãos de seja lá quem fosse. Ele deixou a

água do chuveiro cair em sua cabeça como uma cachoeira que foss e levar embora todos os seus

problemas. Respirando de forma ofegante sob a água, fez um a resolução para si mesmo: “Não

vou me deixar morrer até encontrar a Izolda novamente. Não sou ne nhum idiota, é como o papai

disse, tenho que usar a cabeça”.

Ao sair do banho ele novamente se olhou no espelho, mas desta ve z se endireitou e firmou

o olhar; quando se viu desta vez, ele percebeu que era aquela a pos tura que deveria ter naquele

dia. “Posso perder a vida hoje, mas não posso perder a postura de h omem”. E, resolvido, se foi.

Pontualmente às dez horas ele estava na portaria do Edifício Royal e foi atendido de

pronto.

— Senhor Izac Valgas, vigésimo quinto andar, por favor.

Ele entrou no elevador. Nunca vinte e cinco andares pareceram tão curtos. Ele se olhava no

espelho do elevador e tentava se lembrar da postura ensaiada em c asa. A porta então se abriu e

ele deu de cara com outro atendente:

— Senhor Izac Valgas, o Senhor Misumo vai recebê-
lo. Por favor, por aqui!

Ele seguiu a atendente, que o levou até um escritório no fim do corredor. Chegando lá

encontrou um homem muito loiro e de pele pálida.

— Senhor Izac Valgas, eu presumo. — Os dois se cumprimentaram.

— Senhor Misumo, muito prazer — sorriu Izac.

— Estou admirado, apesar de jovem você tem uma postura firme. G ostei disso!

— Existe grande diferença entre as presas de um coelho e um lobo. Ainda assim agradeço

a cortesia — rebateu o rapaz.

Misumo riu.

— Você é esperto, muito esperto!

— Então, se percebeu isso, podemos ir direto ao ponto, não é? Fiqu ei com Izolda durante

meses, ela chegou sem falar absolutamente nada de português . Com o tempo a gente aprende

sobre as pessoas. Ela não é daqui.

— Por favor, sente-se.

O rapaz sentou-
se suspirando e a única imagem que tinha na cabeça é que ali ele ti nha que

parecer o James Bond, pois se fizesse asneira as coisas iriam ficar muito ruins para ele.

Observando o jeito do rapaz se sentar, Misumo percebeu que ele sa bia bem o que estava fazendo

ali.

— Senhor Izac, por que está atrás dessa garota?

— Eu me tornei responsável por ela.

— Em outras palavras, você gostou dela.

— É. — Mesmo tentando disfarçar, Izac ficou envergonhado.

— Isso é bonito. A paixão. O amor entre duas pessoas tão dif erentes! Diga-me, Senhor

Izac, você não vai desistir dessa menina, não é?

— Com certeza não.

— Entendo… — Misumo balançou a cabeça, pensativo. — Qu antos mais sabem que ela

não é daqui?

— Ela disse isso apenas para mim — respondeu Izac, sem h esitar. — Todos os outros

acham que ela é de outro país. Mas eu conversava muito com ela e ela se abria comigo.

Izac havia decorado esta frase a noite toda. Ele sabia que, se falasse que sua família

desconfiava de algo, eles poderiam correr algum risco. Resgatar Izol da era algo que ele resolveu

que faria sozinho.

— Escute, você gostaria mesmo de ir até onde esta garota está?

— Com certeza — Izac sorriu, interessado.

— Podemos levar você para lá, mas você vai se afastar de sua famíl ia… Talvez por muito

tempo.

— Isso pode ser resolvido, ainda sou um estudante, estudantes faze m intercâmbios.

Misumo sorriu.

— Você realmente é esperto, muito esperto! Combinaremos assim, então: nós faremos uma

visita à sua família esta noite e você deverá se despedir deles e vir c onosco.

— Certo, sem problemas.

— Então assim será!

E Misumo se despediu de Izac.

Ao sair do prédio, Izac respirou aliviado; na cabeça dele, ele jamais conseguiria sair com

vida dali. Mas, depois de caminhar um pouco, acabou percebe ndo que o que aconteceu foi

exatamente o contrário: era agora que realmente ele começaria a correr riscos, pois, se a

organização fosse tão grande quanto parecia, absolutamente to dos os passos dele seriam

controlados.

— Caramba… no que fui me meter? Se esses caras forem m esmo alienígenas e tiveram

tecnologia para chegar aqui na Terra, até com uma bactéria eles con seguiriam me rastrear! Não

dá pra voltar atrás agora… Tenho que seguir em frente até o fim!

Izac foi para casa e, como se fizesse um ritual de despedida, percorr eu cada cômodo, tocou

cada objeto que lhe trazia alguma lembrança, olhou pela janela do q uarto e se embriagou com os

sentimentos de saudade que já lhe batiam no peito. Deitou-se na cama e se deixou levar pelos

sentimentos do passado, os amigos que deixaria, os seus pais, sua irmã, o bairro em que cresceu

e se divertiu… Colocou no velho computador o CD que mais gostava e selecionou as músicas

como se fosse a última vez que escutava.

“Morte em vida! Escolhi um caminho que vou passar dessa para melhor!” riu de si mesmo.

Por alguns instantes pensou se todo aquele risco valeria a pena, se não era mais fácil dar para trás

e ficar no conforto da casa e da sua vida, sentiu-se tentado a ligar para a organização e tentar

desfazer tudo. Entretanto, logo desistiu ao se lembrar daquela menina de olhos verdes e grandes,

rosto redondo e de temperamento doce que poderia estar sofrendo nas mãos de um complô do

qual não queria fazer parte. Rapidamente ele preparou uma pequena mochila com tudo de básico

que poderia imaginar em levar; logo de cara meteu nela a toalha — quem sabe ela não daria

sorte? — e tomou em mãos um simples, mas excelente relógio de ponteiros que seu pai nunca

havia usado. O relógio havia sido presente do Governador pelos serviços prestados durante a

grande enchente, mas o Senhor George não se separava do v elho relógio que pertenceu ao seu

pai. O relógio era de uma marca famosa e, segundo lhe foi informad o, a bateria duraria cerca de

vinte anos. Também colocou na mochila o caderno de desenhos que Izolda havia deixado para

trás e, olhando para o dedo, viu o anel feito do tufo de cabelos da m enina.

— Meu Deus… estou com medo! — disse Izac para si mesm o, engolindo em seco. —

Estou realmente com medo!

Izac olhou para o lado e viu sua velha guitarra. Ele tomou-
a na mão e começou a dedilhar

uma música lenta e melancólica. Nem percebeu quanto tempo passou até que seus pais e sua

irmã chegaram. O professor e Dona Tainá entraram no quarto de Iza c, que parou de tocar assim

que os viu.

— E aí, filho? — O pai o olhou com olhar inquisitivo e ele logo perce beu que algo estava

errado. — Sua mãe e eu recebemos um telefonema de congr atulações, você foi escolhido para

participar de um projeto na África Central de ajuda humanitária.

— As organizações romenas são as melhores! — riu Izac.

— Dá para contar o que está havendo? — perguntou a mãe, não tão paciente quanto o pai.

Izac ergueu a cabeça e seus olhos estavam marejados. Ele se levantou e com um único

abraço envolveu seus pais.

— Eu… eu estou de partida! — balbuciou o jovem, segurando as lágrimas para tentar

mostrar firmeza. — Me desculpem, pai, mãe! Mas não vejo outro jeito de trazer a Izolda de

volta!

— E por isso perdeu a cabeça? — esbravejou o pai. — Você tem ideia no que você está se

metendo? Olha a sua idade, menino!

— Isso mesmo! — concordou a mãe. — Que pai no mundo vai concordar de você se meter

em uma confusão dessas? Acha que a gente criou você para quê, meu filho? Quer sair por aí,

dando de cabeça no mundo? Olha, se o que aconteceu for o que parece, você corre o risco de

morrer! Nunca vamos deixar você jogar sua vida fora!

Izac ficou quieto por uns instantes, deixou a adrenalina baixar, e, por fim, disse:

— A solução para vocês então é deixar a Izolda morrer para eu viver?

O pai virou-
se de costas e coçou o queixo, a mãe continuou reclamando:

— Olha, meu filho, você nem sabe se ela está morta ou não. Ela po de estar bem, mas se

você for lá, aí sim, você pode colocar tudo a perder!

— Mãe! — bradou Izac. — Você acabou de dizer: ninguém sabe se ela está bem ou não,

eu só quero saber isso! Só isso!

— Você não vai e ponto final! — gritou a mãe. — Não criei um filho p ara ele sair por aí

dando uma de herói e recebendo um tiro na cara!

— E se eu fosse policial, iria me proibir de trabalhar também? — retr ucou Izac.

— Você é um menino! — berrou a mãe.

— Responde, então, o que é ser adulto? É conhecer uma pes soa, aprender a amar ela e

depois a deixar correndo risco de morte?

— Você está certo, filho — disse o pai, em tom ameno.

— Como assim, “está certo”? — esbravejou a mãe. — Ah, nã o, George! Você não vai

deixar o nosso filho fazer uma viagem maluca dessas!

— Amor.
… — respondeu ele, suspirando. — Nosso filho tem razão! Eu o edu quei assim,

foi assim que aprendi com meu pai. Meu pai me colocou em um em prego aos quinze anos para

distribuir jornais, ele sempre dizia que um homem está pronto quando é capaz de assumir

responsabilidades. — Senhor George tocou o ombro do filho e olhou para os olhos do rapaz. —

Você acha que consegue, Izac?

— Eu sou o único que é capaz de tentar, meu pai.

— Ah! Meu filho! — chorou a mãe.

Neste momento, Ísis entrou no quarto, viu todos abraçados e se ass ustou:

— O que está acontecendo?

— Seu irmão está indo para o estrangeiro! — respondeu o pai, tenta ndo disfarçar a tensão.

— Ele foi selecionado para um trabalho muito importante na Á frica Central. — Ele tirou o e-

mail do bolso e mostrou para a filha. — Você tem que ter muito orgul ho dele, minha filha.

A mãe ficou assustada com a atitude do pai; para ela deveria ser contada toda a verdade

também para a menina, mas, ao olhar para os olhos de Izac, ela percebeu que George fez isso

para preservar a garota. Ela enxugou as lágrimas e acariciou os cabelos do filho, sorrindo. Ela

chegou ao ouvido de Izac e sussurrou:

— Como mãe, queria que você jamais se envolvesse com ess as coisas, mas no meu

coração Izolda também é minha filha. Por isso… se você acha que d á conta, então não me resta

alternativa a não ser rezar por você e pedir que volte logo pa ra casa. Você tem minha bênção,

filho, traga a minha menina de volta!

Izac abraçou a mãe com toda a força e disse entre soluços:

— Obrigado, mãe!

Ísis, sem saber de tudo, foi logo abraçando o irmão com força.

— Tá indo hoje embora, irmãozinho?

— Sim, eu estou!

— Volta logo!

— Pode ter certeza que vou voltar correndo assim que puder!

A mãe olhou para o pai e em seguida foi tirando Ísis do quarto, dizen do:

— Venha, filha, vamos preparar um jantar bem gostoso para o seu irmão que está indo

viajar de última hora!

— Puxa vida! Tudo tão de repente, não é?

O pai sentou-se ao lado do filho e olhou para a guitarra.

— E aí, filho, não vai tocar para o seu velho?

Izac sorriu e começou a dedilhar aquela melodia suave e melancólic a. O velho balançou a

cabeça.

— Não. Eu perguntei se você ia tocar para mim!

— Mas eu estou tocando! — reclamou Izac.

— Eu falei você! — sorriu o velho.

Izac o olhou com assombro, sem entender. Por alguns instantes ele olhou para sua guitarra

e em seguida para o pai, sem saber como proceder.

— Sabe, filho, a beleza de um artista está no coração. Ele não está preso a uma convenção.

Sua voz quando canta, sua poesia quando escreve, ou seu de senho quando pinta é belo

exatamente por ele colocar o seu coração naquilo que está fazendo, por ele ser autêntico, por ser

ele mesmo. Há quase dois anos você amava esta guitarra, eu me in comodava com o seu som na

época, mas aquele era o som do seu coração. Era um som de uma época em que você se sentia

livre, não é verdade?

— Eu era muito arrogante naquela época, pai — disse Izac, com pe sar. — Eu me achava

muito, era violento, cheio de ironias… Paguei um preço muito alto p or aquilo.

— Eu sei, você sentiu muito depois que quebrou a perna daq uele menino naquela briga,

não foi? Ainda tem pesadelos por causa do gato?

Izac arregalou os olhos. Ele contou aquilo para o velho apenas uma vez há muito tempo e

não pensava que ele ainda se lembrava.

— Sim, eu tenho!

— Escute, filho, a diferença do adulto e de uma criança é a consciên cia de saber quando

parar. Depois desta pancada que a vida lhe deu, você agora sabe bem disso. Se olhar por este

lado, você amadureceu, não? — Izac olhou para o pai e sorriu.

O velho continuou:

— O bom artista sabe que um traço a mais estraga o desenh o, um verso a mais perde o

sentido, mas principalmente sabe que, se não colocar o coração naq uilo que está fazendo, então

sua música não é verdadeira e não será inesquecível.

Izac sorriu como se estivesse revigorado e tivesse tirado um grande peso das costas, então

ele tomou a guitarra nas mãos e tocou. Tocou a balada mais forte qu e vinha em seu coração, só

que desta vez não era um som apenas furioso e cheio de var iações sem sentido, mas um som

vigoroso e forte como o de um artista que desejava que aquel e fosse um som para jamais ser

esquecido. E, assim como o pai havia ensinado, no momento em qu e sentiu que não havia nada

mais de especial a ser tocado, parou.

Ele suspirou aliviado e olhou para o pai, que balançou a cabeça de f orma positiva e para a

porta onde, sem perceber, estava sendo assistido por sua mãe e su a irmã, que foi logo gritando

como uma tiete:

— Mano, você toca demais! Juro que nunca havia visto alguém toca r guitarra como você!

— Este é meu presente para vocês — riu Izac.

— Vamos jantar? — convidou a mãe.

Izac olhou para o pai, que colocou a mão no ombro do filho e disse:

— Conseguiu compreender o sentido da música?

— Acho que sim.

— Eu não tenho mais nada o que ensinar a você. Queria te acompanhar um pouco mais,

mas muitas vezes o nosso tempo é definido pela vida e não por nós mesmo! Conselhos? Vou lhe

dar apenas um: você não tem obrigação nenhuma de vencer na vida porque você não é o dono

dos resultados do que vai enfrentar, mas você tem a obrigaçã o, como homem, de lutar com

dignidade e com o máximo de força que puder. Se fizer isso, jamais sairá envergonhado de uma

batalha contra qualquer inimigo ou problema, seja ele qual for.

— Meu pai, meu mestre! — riu Izac, abraçando o pai com carinho.

— Venha, vamos jantar, sua mãe vai ficar brava com a gente!

O jantar passou rápido, cheio de perguntas e respostas vazias por p arte da mãe e da irmã,

que estavam cheias de preocupações com Izac, que se esforçava e m dizer que estava tudo bem e

que iria dar tudo certo. Às oito em ponto a campainha tocou. Eram d ois agentes da organização.

— Boa noite! — sorriu um homem amarelo de cabelos vermel hos que falava com um

sotaque carregado. — É aqui que mora o jovem Izac Valgas?

— Sim — atendeu o pai. — Ele já está chegando, por favor, entrem!

— Desculpe, senhor, mas temos pressa.

Izac surgiu na sala com a mochila, mas foi logo parado pela mãe, qu e lhe deu um último

abraço.

— Filho! — chamou a mãe, que lhe entregou um crucifixo de prata. — Lembre-se que

sempre estarei orando por você!

Izac mais uma vez abraçou cada membro da família e saiu p ela porta da frente

acompanhado pelos dois homens.

— Escute, eu terei notícias de meu filho?

— Claro! — sorriu o estrangeiro amarelo. — Nossa companhia é um a organização séria e

que preza muito pela família. Ele escreverá a vocês pelo menos um a vez por mês.

O velho abraçou uma última vez o filho e sussurrou um último conse lho:

— Filho, pelo que vejo você vai ter que passar algum tempo com eles, mas não confie

demais. Mantenha o foco para que possa voltar logo pra casa.

— Pode deixar, eu entendi!

Ele abraçou o velho com toda a força e partiu.

Acompanhado pelos dois homens, Izac entrou em um ônibus d e viagem muito luxuoso e

seguiram pela avenida principal da cidade. Aos poucos outras pesso as também eram recolhidas

no ônibus e, até a saída para a rodovia, o transporte já estava quase lotado. O último passageiro a

ser pego não era outro senão o Senhor Misumo.

— Senhor Misumo! — sorriu Izac. — Que bom ver um rosto conheci do.

O homem o olhou com olhar grave e pouco amistoso, mas depois so rriu amarelo.

— Ora, se não é o coelho, o pequeno e esperto Izac Valgas!

— Vamos seguir a estrada dos tijolos amarelos ou vamos entr ar em um buraco? —

perguntou o garoto, com olhar matreiro.

— Você é diferente, pequeno Senhor Izac, muito diferente! Vai gostar dessa estrada de

tijolos amarelos.

CAPÍTULO 10

O PASSAGEIRO DO FUTURO

O ônibus tomou a rodovia com grande velocidade e seguiu e m direção ao interior do

estado. Era por volta de dez da noite quando, durante a subid a em uma serra, o ônibus tomou

uma pequena estrada vicinal e seguiu velozmente pelas curvas sinu osas. Izac não conseguia ver

nada pois estava muito escuro, mas sentia que o ônibus estava sem pre subindo.

Repentinamente o ônibus entrou em uma espécie de galpão ilumina do. Era possível ver das

janelas algo semelhante a uma usina de aço, porém tudo era limpo. O lugar era cheio de

andaimes e cabos de grande espessura, dando a impressão de que necessitava de muita energia

elétrica. Izac não conseguiu identificar o que ao certo era feito ou fa bricado ali. O ônibus parou e

todos desceram. Izac olhou a volta e disparou:

— Me deixa adivinhar, aqui é a casa que caiu em cima da Bruxa Mal vada do Leste!

Misumo gargalhou:

— Você é uma figura, rapaz! Só que na verdade ainda estam os no Kansas. Venha, a

estrada de tijolos amarelos está logo à frente!

— Onde estamos?

— Na entrada da toca do Coelho Branco, se preferir dizer — riu Mis umo.

A comitiva avançou até chegar a uma estranha construção de aço que Izac nunca tinha

visto antes. Ele olhou a construção e viu que na verdade ela não tin ha arestas, era completamente

circular.

— A pílula vermelha?

— Exato. Rápida dedução! Entretanto, neste caso, já não exist em mais pílulas azuis —

sorriu Misumo.

— Eu já esperava por isso.

O homem fez sinal para que todos entrassem na construção d e aço, onde havia poltronas

para cerca de cinquenta pessoas. Todos os que estavam no ônibus se acomodaram e começaram a

surgir muitas outras pessoas que iam ocupando os locais vagos até não sobrar poltrona vazia.

Um grande telão surgiu e nele apareceu um homem amarelo com porte atlético, usando

uma espécie de armadura cor de vinho e um elmo metálico. Izac sus surrou:

— Então estes são os Ocres?

A voz do homem amarelo ribombou:

— Saudações, sou o Comodoro Beyhigh da frota vinte e três da Gal áxia Ono, chamada por

vocês, do planeta Terra, de Via Láctea. Sou o responsável por este setor do Universo. Eu devo

dizer que vocês estão aqui porque foram os escolhidos. Sinta m-se orgulhosos porque os testes

que faremos com vocês influenciarão no futuro de todo o mundo que vocês conhecem.

Naquele instante surgiu dos bancos uma pequena cápsula met álica. Izac olhou à volta e

reparou que apenas ele não sabia bem o que era.

— Coloquem os receptores de tradução nos ouvidos. A partir deste instante todos só

conversarão no idioma de Supéria. Eu aconselho a todos a ap renderem logo a nova língua; ela

não é difícil, mas necessita de atenção a princípio.

Izac colocou a cápsula no ouvido direito e pôde escutar de forma clara o idioma dos

inimigos de Izolda.

— Sejam bem-vindos ao Universo Superior!

A voz do Comodoro soava como uma espada rasgando a garganta, bem diferente da

sonoridade do idioma que aprendeu com Izolda. Izac logo entendeu a situação: com o aparelho

ele podia entender o que eles queriam dizer, mas não sabia como falar. Realmente iria precisar se

adaptar rápido se quisesse ter sucesso em sua busca.

Repentinamente o solo começou a tremer e ele sentiu como se estivesse subindo

verticalmente. O telão ficou negro, mas em seguida começou a mostrar o interior da montanha

onde estavam. Ele não sabia definir como nem quando, mas aparentemente a nau saiu da

montanha e os passageiros passaram a ver a noite e o escuro do solo do planeta. A nau continuou

subindo, passando pela estratosfera e, por fim, todos ali viram o planeta Terra de uma forma que

poucos foram privilegiados o suficiente para enxergar. Para o jovem, a Terra parecia uma grande

joia azulada e brilhante.

“Até breve, minha casa!” pensou Izac ao ver seu planeta natal se tornar uma pequena

esfera do tamanho de uma lua cheia.

Mal terminou de pensar e o interior daquela nave circular começou a se iluminar com uma

grande luz branca. No painel principal o jovem pôde ver que a nave em que se encontravam

estava entrando em algo muito maior. Era a nave-mãe. A pequena nave para pouco mais de meia

centena de pessoas nada mais era que uma cápsula de transporte, uma nave auxiliar.

Ao acoplarem-se na nave-mãe, Izac sentiu um solavanco e, em seguida, viu o teto da

pequena nave auxiliar se abrir. Para sua surpresa, havia oito naves auxiliares acopladas à nave

principal ali. No total eram quatrocentos seres humanos como ele, que haviam sido selecionados

de diversas partes do globo terrestre para o empreendimento intergaláctico. Ele pôde identificar

pessoas de origem latina, como francos, espanhóis e italianos, pessoas de origem africana,

asiáticos, mouros, judeus e pessoas de origem anglo-saxã.

— Atenção todos os passageiros, apertem o cinto de segurança, estaremos entrando na

velocidade da luz em dois nanocíclons — disse uma voz que parecia ser do piloto da nau

espacial.

— Como é? — disse Izac, assustado. — Que tranqueira é essa?

— Um nanocíclon corresponde a cerca de um minuto e meio terrestre. Vamos voar na

velocidade da luz em três minutos — respondeu um homem barbud o e gordo, com voz irritada,

demonstrando que não entendia como alguém como Izac poderia es tar ali.

— Muito prazer, meu nome é Izac Valgas! — disse o jovem, estende ndo a mão de forma

cortês.

— Isso não me importa nem um pouco — respondeu o gordo, babando e cuspindo

enquanto conversava.

Izac colocou o cinto de segurança que mais parecia uma rede de faixas e ficou quieto a

partir dali.

Logo se iniciou a contagem regressiva em nanocíclons e, quando a contagem zerou, Izac e

os outros sentiram como se estivessem no cockpit de um carr o de corridas a mais de trezentos

quilômetros por hora. A pressão, mesmo dentro da nau, era assombr osa. A cabeça dos tripulantes

colou nas cadeiras de tal forma que era difícil até virá-
la para a esquerda ou direita. Apesar da

viagem ter demorado apenas alguns minutos, a impressão para que m passou pela experiência era

de que estavam ali por quase uma hora. Quando a nau espac ial reduziu a velocidade, eles

estavam próximos a Saturno.

— Atenção, tripulação! Vamos iniciar os procedimentos para atr avessarmos a ponte

espacial em direção a Galáxia Arcrux, conhecida pelos terrestres co mo Objeto de Hoag. Podem

ficar à vontade por um kahecíclon.

Izac se desvencilhou do cinto de segurança e foi logo explorar a nau . Ele olhou à volta e

reparou que não haviam extraterrestres ali, apenas terrestres. Ele ca minhou até o canto e viu um

homem uniformizado que ele logo imaginou ser um comissário de bordo. Era um oriental de

cabelo curto e expressão simpática.

— Boa noite! — disse ele.

— Esqueça a noção de dia e de noite aqui, meu rapaz, estamos no espaço — riu o homem.

— Parece que finalmente encontrei alguém capaz de me ensinar alg uma coisa aqui. Muito

prazer, meu nome é Izac Valgas.

— Sou Tatsumi Watanabe.

— O senhor é o comissário de bordo?

— Pode-se dizer que sim — riu Tatsumi.

— Pensei que o Senhor Misumo estaria aqui.

— O Senhor Misumo trabalha como uma espécie de embaixad or no planeta Terra,

certamente ele não viria conosco sem ser necessário.

— Ele é um extraterrestre? — perguntou Izac, curioso. — De que pl aneta ele é?

— Alberan.

— Fica muito longe?

— Fica, sim, no Setor Io, Sistema Grendel.

— Não entendi porra nenhuma! — reclamou Izac.

Tasumi riu.

— Como é nosso hóspede, eu vou explicar. O Setor Io, o Set or Arcrux e o Setor Ono

fazem parte do Universo Superior, a maior rede de planetas e galáxi as do Universo. Ao todo, no

momento são 15 planetas oficiais com atmosfera semelhante à da Terra, além de outros cinco,

incluindo a Terra, em diferentes fases de negociação para fazer part e da Área de Livre Comércio

do Universo Superior.

— E como está a Terra nas negociações?

— Mal. — Balançou a cabeça Tatsumi, com pesar. — Existe esperança para o planeta

Terra, mas da forma como as coisas andam ficará muito difícil. Os S uperiores são investidores

universais e, cá entre nós, devido ao grau avançado de degra dação ambiental, acho difícil eles

enxergarem a Terra diferente de uma fruta bonita, mas bichada.

— Que história de cíclons é essa?

— É bom você decorar, vai ouvir muito isso quando chegarmos em Artatran III. Um cíclon

é cerca de quatro anos terrestres, um hectroncíclon equivale a cerca de 2 meses, um baricíclon

seriam 5 dias, um kahecíclon seriam quarenta minutos e um nanocíc lon corresponde a cerca de

um minuto e meio.

Izac olhou para a tela e reparou um feixe de luz sendo dispar ado em direção ao vazio e

perguntou:

— O que está havendo? O que são estes fachos de luz?

— Estamos em um procedimento que podemos comparar ao t eletransporte de partículas.

Você não pode ver porque nosso alvo é a ponte espacial e ela está a trezentos mil quilômetros

daqui. O que vamos fazer é atingir a velocidade da luz no vácuo do espaço e assim atravessar a

ponte. Ela criará um buraco de minhoca que nos enviará para a outr a extremidade da ponte, que

fica em outra galáxia.

— O tal Objeto de Hoag? Isso é impossível, a distância entre uma galáxia e outra é tão

grande que a luz que vemos dela na Terra talvez nem exista mais!

— Correto! É por isso que os Superiores usam pontes espaciais par a cruzar o Universo, é a

única maneira de chegarmos a um lugar e o que conhecemos como tempo ser semelhante em

outro. O que vai ver agora é o funcionamento prático de um buraco de minhoca. Através da

ponte espacial, nós simplesmente apagaremos o tempo gasto na dis tância entre os dois pontos e

chegaremos na outra galáxia. Muitas histórias de ficção falam sobre viagens no tempo; você é

um privilegiado, Izac, vai ver o que é verdadeiramente uma viagem no tempo na prática.

O jovem arregalou os olhos e olhou para a matéria escura que form ava o espaço enquanto

pequenos fachos de luz eram enviados e devolvidos em forma de pequenos relâmpagos

silenciosos.

Izac olhava pela tela o procedimento de emissão de raios no vácuo e ficou ainda mais

curioso. Ele voltou-se para Tatsumi e perguntou:

— Isso é surreal, não tem como! Deve haver uma explicação lógica para isso!

— Existe — respondeu o oriental. — Eu trabalho para os Sup eriores há quatro anos,

quando cheguei também fiz as mesmas indagações. Para com preender como funciona a ponte

espacial é necessário compreender como romper a velocidade da lu z. É correto dizer que nenhum

corpo é capaz de romper a velocidade da luz porque os corpos poss uem massa e, de acordo com

as leis da física, quanto maior a aceleração maior a massa de um copo. Chegar ao limite da

velocidade da luz significaria, para um corpo, ter peso infinito, result ando em uma explosão de

pura energia.

— Foi isso que aprendi na escola.

— Sim, Izac. Mas não se esqueça de que estamos lidando com uma civilização muito mais

avançada que a terrestre. Pelo que aprendi deles, os cientistas e en genheiros Superiores chegaram

à conclusão que uma nave, para chegar à velocidade da luz, deveria se comportar como a própria

energia. A forma perfeita para se navegar em grandes velocidades p elo espaço é a forma de um

fóton. E é exatamente assim que as naus dos Superiores se compor tam, como fótons. A nave é

formada por vários conjuntos circulares que, somados, criam a s condições ideais para uma

viagem cósmica em alta velocidade; os anéis internos girando em alta velocidade criam um

campo repulsor de energia que evita que seus passageiros sej am instantaneamente mortos pela

radiação, além de criar um campo gravitacional interno suportá vel que evita que os tripulantes

explodam com a viagem. Os discos externos de energia antimatéria criam o efeito fóton, gerando

em torno da nau uma poderosa película de energia, transforma ndo as toneladas de peso desta

nave em massa negativa até chegar ao valor insignificante de um fót on. E, finalmente, os discos

externos também têm a capacidade de, no giro, gerar mais e mais e nergia necessária para que a

nau saia do estágio de inércia para a velocidade da luz, utilizando- se de um efeito de impulso que

usa a própria energia para dobrar a força da energia já gerada.

— Impulso para dobrar a força… Seria algo como a dobra espacial?

— Não neste caso. O sistema de dobra só é interessante em viagen s sem ponte espacial.

— Entendi. Mas isso não explica o lance do buraco de minhoca.

— Isso tudo é questão de lógica e tecnologia, se conhecer a história dos Superiores verá

que eles são colonizadores universais há milhares de anos. Não é a bsurdo compreender que, após

eles conseguirem uma maneira de atingir a velocidade da luz, torno u possível para eles encontrar

uma maneira de tornar realidade a teoria da ponte espacial. Venha c omigo, vou lhe mostrar pelo

simulador.

Izac acompanhou Tatsumi até uma das paredes da nave. Tats umi tocou o metal e uma

janela virtual se abriu, surgindo ali várias pequenas telas. Toca ndo a tela no ar, ele selecionou

uma opção onde uma nova tela virtual se abriu, mostrando um a galáxia em várias cores e, ao

fundo, uma espécie de redemoinho negro que puxava pequenos po ntos de luz que simulavam as

estrelas.

— Os buracos negros nada mais são do que grandes ralos cósmico s que arrastam tudo ao

seu redor para o seu interior. Ele é o resultado de uma estrel a morta, normalmente estrelas de

núcleo de nêutrons. Durante sua morte uma estrela não somente ex plode, mas também implode

em uma reação de fusão que simplesmente deixa um buraco no esp aço-tempo. Existem dois tipos

de buracos negros relativamente comuns, o que funciona como uma vala espacial, onde tudo o

que entra nele despenca, é estraçalhado e expelido como um gigant esco gêiser. E outro, que nos

interessa mais, que é este aqui!

Com um toque, a tela virtual fez um zoom e Izac viu em deta lhes a simulação de uma

estrela sendo atraída pelo campo gravitacional mortal e girando até ser engolida pelo buraco

negro.

— Este não é um buraco qualquer, é uma espécie de redemoinho q ue, como nos rios, chupa

tudo o que tem ao redor e engole. Os terrestres não têm tecn ologia e nem ideia de onde estes

ralos cósmicos vão dar, mas os Superiores, que já navegavam pelo espaço antes dos humanos

deixarem as cavernas, sabem o que acontece. A pressão no interior de um buraco negro é absurda

e capaz de destruir sistemas solares inteiros, mas há uma coisa que o buraco negro com toda a

sua força não é capaz de dividir: partículas de fótons.

Em um novo toque apareceu uma nau dos Superiores e, ao fundo, u m buraco negro.

— Há centenas de anos terrestres, os Superires já faziam experiênci as com buracos negros.

Com estas experiências, os cientistas deles descobriram que, c omo em um rio, aquilo que é

chupado e destruído precisa ser expelido e devolvido em algu m lugar. Esta espécie de buraco

negro fazia com que partículas fossem transportadas para até mesmo o ponto oposto de uma

galáxia. Os buracos negros deram a chave para a compreensã o de como funciona na prática o

teletransporte através de um buraco de minhoca. Através deste princípio foi possível criar as

pontes espaciais, pois uma nave simulando o efeito fóton pode atravessar sem problemas uma

ponte que simula o efeito de um buraco no espaço-tempo e enviar o transporte com segurança

para a outra extremidade da ponte, da mesma forma como a água q ue desce de uma caixa d'água

e sai por uma mangueira.

— Entendi a analogia, mas uma mangueira, ou tubulação de água, p recisa ser construída.

— Por incrível que pareça, essa é a parte mais fácil. As teori as com os buracos negros

provaram que a partícula de fóton enviada poderia voltar a surgir em qualquer lugar, é como a

teoria do chamado buraco de minhoca, onde o plano do espaço-tempo pode ser dobrado sobre ele

mesmo, cobrindo distâncias inimagináveis em instantes. Portando, bastaria apontar o

deslocamento dela para um ponto de atração em qualquer lugar que lá ela reapareceria.

— Isso é impressionante! — disse Izac, maravilhado.

Naquele instante o comandante da nave avisou:

— Por favor, senhores passageiros, dirijam-se aos seus lugares. Em dois nanocíclons

estaremos atravessando a ponte espacial.

Izac agradeceu a Tatsumi pela palestra e ele advertiu:

— Tente aprender o mais rápido possível o idioma dos Superiores, do outro lado da ponte

as pessoas não são tão comunicativas.

— E quanto a você, não vai ficar por lá?

Tatsumi sorriu, mas seus olhos não escondiam a tristeza:

— Não, meu jovem. Meu grau na hierarquia não permite.

Izac achou aquelas palavras estranhas, mas ainda assim sentou-se novamente ao lado do

homem barbudo, gordo e mal-humorado e aguardou o início da contagem regressiva. Quando a

contagem zerou a nave sofreu um grande solavanco. Para Iza c foi uma visão impressionante,

durou menos de cinco segundos. A nave avançou em direção a uma espécie de espelho de luz

que estava no espaço e, ao atravessar o véu, por alguns instantes a nave chacoalhou em todas as

direções como se estivessem dentro de uma máquina de lavar. Tudo era muito escuro e cheio de

relâmpagos de várias cores. Repentinamente surgiu outra vez um v éu de luz e tudo se acalmou.

A nave estava novamente no espaço calmo e vazio.

— Senhores passageiros, bem-
vindos ao setor Arcrux. Podem relaxar novamente, dentro

de dez nanocíclons seguiremos viagem para o planeta Artatran III.

Izac olhou para o lado e arriscou novamente conversar com o homem gordo e mal-

humorado:

— O que está havendo?

— Eles estão apresentando o relatório de viagem e pedindo autoriza ção para seguir. Nem

vale a pena levantar daqui.

— Obrigado pela informação — agradeceu o jovem, tentando ser co rtês.

— Disponha — respondeu o gordo, puxando uma espécie de plug n o assento e colocando

no outro ouvido.

Izac viu a cena e copiou a ação do homem. Ao colocar o plu g no ouvido reparou que se

tratava de uma melodia musical com uma voz metálica nunca ouvida antes. Ele sorriu. Era a

primeira vez que ouvia uma música alienígena. Ele se distraiu tanto que, quando percebeu, já

estavam na contagem regressiva para o início da parte final da viag em.

O garoto se apressou em colocar os cintos de segurança e, quando a contagem zerou, uma

nova e frenética corrida na velocidade da luz se iniciou. Os p assageiros novamente foram

pregados em suas cadeiras durante aproximadamente sete min utos. Quando a nau parou, todos

estavam esgotados. Izac massageou o próprio pescoço e, qua ndo olhou pelo telão, viu a cena

mais impressionante que já havia visto em toda a sua vida.

Artatran III era na verdade uma lua pouco menor que o planeta Terra , tinha uma cor que

mesclava o branco e azul-
acinzentado, indicando que era uma lua rochosa e que possuí a uma

atmosfera capaz de abrigar gelo e água. Ver de perto outro planeta j á deveria emocionar qualquer

pessoa, mas não foi aquilo que fez com que todos da nau se levantassem e olhassem para a tela

embasbacados. Tratava-
se do planeta gigante ao redor do qual a lua orbitava. Era algo surreal.

— O que é isso? — perguntou o homem gordo, demonstrando pela primeira vez que não

sabia de tudo.

O planeta parecia ser um gigante gasoso como Júpiter e Saturno, entretanto o que se via era

uma enorme bolha parecida com vidro que tinha as cores branco-brilhante de um lado e algo

semelhante a vidro colorido fumê de outro, ocupando cerca de trinta e sete por cento da

superfície do planeta. Este planeta de cristal também possuía gigantescos anéis dourados e várias

luas. O mais incrível é que dentro desta bolha havia um planeta azul pouco menor que Netuno. O

que estavam vendo era uma cena impossível, um planeta dentro de outro.

— Isso não deveria existir! — sentenciou o homem gordo, embasbacado com a visão. — É

fisicamente impossível! Um planeta envolvido por outro!

— Parece aquelas lembrancinhas que se compra em cidades do interior — sorriu um

desconhecido. — Aquelas fazendinhas que ficam dentro de bolhas d e vidro!

— Isso é muito mais fantástico que uma lembrancinha! — diss e um outro. — É a visão

mais linda que eu já vi no Universo!

A nau espacial, aos poucos, foi se aproximando da lua. Os tripulante s puderam começar a

ver as primeiras imagens do novo mundo: muitas luzes averm elhadas e construções de aço e

ferro-
fundido. Parecia uma gigantesca siderúrgica cheia de chaminés e co nstruções pontiagudas

nas cores cinza-chumbo e marrom-
avermelhado. Ao ver o lugar Izac ficou decepcionado, a

imagem que criou durante a viagem era de um lugar futurista e esbanjando novidades

arquitetônicas. E então a nau finalmente pousou.

Os terrestres saíram da nave e foram colocados em grupos de doze e perfilados como em

uma coluna militar e um homem vestindo roupas semelhantes às de Tatsumi se aproximou,

trazendo pequenas caixas do tamanho de um telefone celular.

— Quantos aqui não sabem absolutamente nada do idioma de Supé ria?

Izac levantou a mão e foi entregue a ele uma das caixas.

— Aprenda logo, porque isso aqui é temporário! Escreva o que dese ja falar e a caixa irá

traduzir e dizer o que você quer comunicar.

Após entregar caixas a todos os que pediram, o homem se retirou. No lugar dele surgiu um

gigante com cerca de dois metros e meio de altura. Ele tinha a pele amarelo-âmbar e cabelos

dourados, além de usar um uniforme com abotoaduras brilhant es. Seus olhos tinham pupilas

pequenas e vermelhas que brilhavam como rubis. Suas feições era m anguladas como se fossem

talhadas em mármore, dando ao seu rosto uma combinação p erfeita, mas não natural para os

padrões humanos. Na cabeça havia uma tiara vermelha com c ristais. Ele andava de forma

imponente, demonstrando que era uma autoridade ali. Atrás deles h avia dois pares de soldados

magros e altos. Seus dedos eram finos e longos e não era p ossível ver os rostos pois estavam

cobertos por uma máscara.

— Meu Deus, eu estou em choque! Eu vou ter um ataque! — gritou, emocionado, o

homem gordo, barbudo e mal-
humorado, não conseguindo disfarçar a alegria. — É um Superior!

Estou vendo um Superior pela primeira vez!

E o gordo, arranhando a garganta, falou no idioma dos donos do lug ar:

— Este humilde ser da Terra saúda a grandiosidade dos Superiores do cosmos! — E, como

uma fã embasbacada de um cantor juvenil, ele tomou a mão do alie nígena e a beijou.

O gigante parou, olhou o homem gordo de cima abaixo com nojo e d esdém, voltou-se para

um dos soldados e disse:

— Leve este para o Edifício de Karus.

Um dos guardas chegou perto do gordo e este, sorridente, saiu segu indo a criatura sem a

menor preocupação sobre o que poderia acontecer enquanto o giga nte, enojado, limpava a mão

com um lenço.

O Superior foi até o fim das fileiras de terrestres perfilados, d eu meia volta, e voltou

distribuindo os grupos.

— Estes, Edifício Jaks. Estes, Edifício Owl. Estes, Edifício Pawn. — E continuou até que

chegou à fileira onde Izac estava. — E estes, Edifício Meoh.

Então, o gigante seguiu o seu caminho sem olhar para trás.

— Quem é aquele? — perguntou um dos novatos.

— Ele é o Intendente-
mor, Baal Reavylord. Ele é um dos oficiais militares deste lugar. Ele

se reporta apenas ao Comandante Straxus Reder — respondeu o pil oto da nave, se retirando em

seguida.

Izac não entendeu nada. Ele tentou argumentar com os guard as que ficaram e entender o

que estava acontecendo, mas nenhum deles estava interessado em tentar conversar com ele em

idioma terrestre. Temendo fazer alguma coisa idiota, o jovem seguiu o grupo até a saída da base.

A pé, seguiram por uma estrada de calçamento escuro semelhante a pedras. Eles adentraram pela

porta da frente de um edifício de aço e foram recebidos no sag uão por um alienígena de olhos

vermelhos, pele alaranjada e cabelos espetados, que disse no idiom a de Supéria:

— Vocês vão entender na prática como funciona a Área Livre de Comércio Universal.

Começarão no degrau mais baixo da hierarquia, e, aos poucos , conforme atribuirmos pontos,

vocês poderão subir um nível. Venham, é hora de conhecerem a história de glória dos

Superiores.

O grupo de terrestres foi levado para uma sala apertada e co mum, bem diferente da nau

espacial confortável e moderna que os trouxe para Artatran III. Um p rojetor em 3D de aparência

antiga iniciou a videoconferência.

“Como reconhecer o sucesso?” dizia a voz no idioma de Supéria no projetor. “O sucesso

pode ser reconhecido apenas olhando para o Superior! Os Su periores não são uma raça, são a

essência do poder! O poder criado através da ciência e da manipula ção genética que forjou seres

perfeitos. Os Superiores são as únicas criaturas no Universo que po dem habitar qualquer planeta,

suportar qualquer gravidade, viver como imortais e comandar o desti no de todos. Ser Superior é

ser o sucesso, ser o líder, ser o centro. Não é para isso que todos vo cês estão vieram até aqui?

Não foi para chegar ao maior de todos os topos? Sim. Todos vocês desejam, almejam e querem

ser Superior!”

No painel tridimensional, imagens de homens gigantes dourados e mulheres cor de âmbar

eram mostrados. Eles eram capazes de voar pelos céus sem nenhum aparelho extra.

Atravessavam a nado o magma de um vulcão. Explodiam roch as com apenas um toque das

mãos. Eles vestiam armaduras militares na cor do ferro fundid o e sorriam. Sempre estavam

sorrindo nas imagens.

“Como ter o sucesso?” dizia a voz de Supéria. “O sucesso é medido pela quantidade de

créditos que você tem. Quanto maior a sua riqueza em crédito s, mais rápido você se tornará o

Superior. Nossa caminhada rumo ao topo começa no degrau mais baixo da hierarquia, que é

onde vocês começarão a trabalhar agora. Sigam todas as instr uções do monitor; sigam estas

instruções e assim cada um de vocês será Superior!”

A projeção acabou. Izac olhou para os lados e viu os outros t errestres animados com a

palestra; em seus olhos eles se viam voando e fazendo coisas mara vilhosas com corpos perfeitos

reconstruídos através da tecnologia alienígena. Ele, porém, não se entusiasmou. Não era este o

motivo dele estar ali. O monitor tomou a frente de todos e disse:

— Vocês têm direito a duas tulipas de polivitamínicos a cada seis ka hecíclons. Vão ganhar

doze créditos por kahecíclon, que será pago a cada quatro ba ricíclons. Quando o sino soar,

poderão ir para suas casas, mas deverão estar de volta dez kahecícl ons depois.

— O que está havendo? — perguntou um terrestre que conhecia o i dioma de Supéria.

— Vão entender quando passarem por aquela porta.

O grupo de terrestres atravessou o lugar e se viu diante de um galpã o que funcionava como

uma espécie de armazém.

— Voltem daqui a dois kahecíclons para iniciarem o trabalho. Lá fora , na rua, encontrarão

no comércio negociantes para alugarem um lugar para pouso.

CAPÍTULO 11

CAINDO NO INFERNO

Izac saiu do edifício e começou a caminhar pelas ruas da cidade. Er a um lugar estranho; as

ruas com transportes longos e de linhas arrojadas ocupavam t odo o espaço, as pessoas que

caminhavam a pé eram obrigadas a descer para o subsolo e caminhar em túneis semelhantes à

rede de esgotos, pois naquele mundo não existiam calçadas. A únic a diferença é que as estradas

eram feitas de uma espécie de tela de aço. Ao se olhar para cima se via o fundo dos automóveis.

O cheiro de gás emitido pelo cano de descarga era horrível, além do óleo quente que pingava do

alto que caía dos motores.

Izac se sentiu mal, entendeu ali o que era estar no degrau m ais baixo da hierarquia do

lugar. Sua irritação foi ainda maior quando chegou a um grand e arranha-céus e foi barrado na

porta.

— Você não pode entrar — disse o guarda em idioma de Su péria. — Você é de classe

inferior, seu grau na hierarquia não permite.

— Quando eu ficar rico, eu vou entrar aí dentro! — disse um terrestre se retirando

sorrindo, como se tivesse aceitado um desafio.

— Cambada de raça ruim! — protestou Izac em voz baixa. — Estou me sentindo um

animal de rua, Izolda estava certa a respeito desses caras.

O grupo chegou a uma região velha e lá havia vários guichês. Logo o grupo de terrestres

entendeu como as coisas ali funcionavam. Tudo era alugado e havia taxas a pagar a cada tempo

em cíclons. Era taxa para água, para eletricidade, para o aluguel, pa ra lixo, para esgoto… taxas

que ele tinha que pagar que nem fazia ideia do que eram. Na da que fosse muito diferente da

Terra. A única coisa que Izac se assustou e que poucos ali se import aram foi com as traiçoeiras

datas de pagamentos das mesmas. Os juros eram altos para quem atrasava e chegavam à casa dos

vinte por cento. Izac protestou usando o aparelho tradutor que receb eu:

— Mas isso é uma loucura, se nós recebemos a cada quatro baricícl ons, por que a data de

vencimento de vocês é a cada 3.75? Nem dá para calcular quando é que será a data disso!

— Conforme a legislação universal, você tem o direito de esco lher entre três cíclons de

tempo para facilitar o seu trabalho como cliente.

— E quais são os cíclons que vocês me oferecem?

— 3.75, 3.76 ou 3.77 baricíclons.

Izac espumou de raiva. As opções não ajudavam de nada. Acabou o ptando mesmo por 3.75

por ser mais fácil o cálculo.

Ele optou pelas opções mais baratas que ofereciam e, mesmo assim, pelos seus cálculos,

não ganharia praticamente crédito algum. O que eles chamava m de apartamento tratava-se

apenas de um cômodo de quatro metros quadrados com uma esteira de pedras arredondadas e

direito a uma basculante como janela. O banheiro era coletivo e as t orneiras eram a única fonte

de uma água amarronzada e com gosto de lama.

A partir daquele dia o trabalho começou. Os terrestres eram usados como burros de carga

na limpeza e no carregamento e descarregamento de cruzadores e naus espaciais dos Superiores,

que levavam caixas e mais caixas de artigos manufaturados que vin ham do planeta dos anéis e

eram levados para outros cantos do Universo. Todos os que pertenci am àquele grau de hierarquia

eram obrigados a limpar as latrinas e transportar todo o tipo de mate rial corrosivo e tóxico sem a

menor proteção. O tempo passou e nada desanimava os terrestres, que se achavam escolhidos até

o momento em que receberam a primeira remuneração; daí percebe ram que aquilo que achavam

que era ouro, na verdade era uma simples bijuteria sem valor. Eles mal conseguiram pagar suas

contas básicas e muitos ficaram devendo dinheiro, entrando logo de cara na armadilha dos juros

altos.

O tempo continuou passando. Izac controlava o tempo com o relógio de ponteiros que

pegou de seu pai. Na contagem terrestre, já haviam se passado três meses e nada mudava naquela

situação. A única coisa que melhorava era o vocabulário de Izac na l íngua dos alienígenas. Ele já

conseguia conversar um pouco. Com o passar do tempo, ele passou a não confiar no tradutor que

recebeu e o devolveu. Durante a convivência ele percebeu que o tradutor censurava muita coisa

que os alienígenas falavam a respeito dos terrestres. Os terrestres eram ofendidos o tempo todo, e

muitas palavras eram de humilhação e deboche. Para os alienígenas, qualquer um que estivesse

no grau mais baixo da hierarquia era lixo.

Não demorou muito até que os inadimplentes começaram a sofrer pressão física e moral

pela falta de pagamento. Os devedores entraram em depressão, paravam de se alimentar e

faltavam ao trabalho. Em um determinado momento, dois terrestres desapareceram. Preocupado

com a ausência de colegas, Izac perguntou ao monitor se tinha notícias deles.

— Eles foram srauzzerg irkrins Edifício Karus.

— Eles foram levados ao Edifício Karus?

— Foi o que eu disse, terrestre xcrebrirs!

— Eu me lembro deste edifício, o que acontece lá? Um terrestre que conheci na nave foi

para lá logo que chegamos!

— Xcrebrirs! — riu o alienígena. — Quando se vai a Karus, não se volta mais!

Durante todo o expediente, Izac trabalhou desolado. Muitos chegaram ali com a esperança

de decolar na vida e acabaram tendo um fim lamentável. Mas nada se podia fazer no momento,

ele ali era tão vítima quanto qualquer outro e, se não se virasse, pod eria também acabar morto.

Aquela vida revelou-
se um inferno; não havia noite naquele lugar, a lua não girava e a fa ce

onde estavam era sempre iluminada pelo sol e pelo reflexo do planeta de vidro com grandes

anéis dourados. O que tinham para descansar era o intervalo entre o fim e o reinício do trabalho.

Não havia espaço para qualquer alegria naquele lugar. O que Izac já sabia, aos poucos, todos os

outros terrestres aprenderam da pior maneira: eles vieram ali p ara ficar ricos e se tornarem

Superiores, mas não passavam de escravos remunerados de forma falsa. O próprio Izac, por mais

que tentasse poupar, acabava sendo pego pelas armadilhas das dat as das contas e suas multas.

— O que posso fazer quanto a essas contas? — perguntou Izac em idioma de Supéria em

um dos guichês que atendiam os trabalhadores daquela classe.

— Pague sua conta antes que ela vença — disse o atendente de pele roxa e cabelos

vermelhos.

— Mas como posso fazer isso se vocês sempre ficam com todo o m eu dinheiro?

— Isso não é problema nosso! O sistema é justo, qualquer um que a trasar paga multa de

vinte por cento!

No horário que, em teoria, deveria ser noite, Izac deitou-se em uma esteira de pedras

porosas que ali era o que tinham como cama e ficou olhando para o firmamento, olhando o belo

planeta de vidro e seus anéis. Ele colocou a mão na testa, demonstr ando todo o desgaste daqueles

dias e disse para si mesmo:

— O que estou fazendo? Vim aqui para encontrar a Izolda, m as não consigo sequer sair

uma vírgula do lugar! Maldição, eu me tornei um refém deste sistema que eu não queria

participar! Não está correndo nada do jeito que eu preciso!

Izac fechou os olhos e o calor abafado do lugar o sufocou. El e tentava dormir, mas só

conseguia virar de um lado para outro e suar. Em meio aos devanei os, ele começou a se lembrar

de fragmentos de sua vida na Terra. Sua mãe servindo o almoço, su a irmã o provocando. Seu pai

corrigindo exercícios e metido entre os livros. Livros… Ele se lembro u de seu pai que, certa vez,

foi com ele em uma livraria.

— Ler, ler e ler. Ler é a coisa mais importante para o ser hu mano, meu filho — disse o

Senhor George, entregando alguns livros ao rapaz.

— *Madame Bovary* de Flaubert,
Cem Anos de Solidão de Gabriel García Márquez, *Capitão*

Fracasso de Théophile Gautier… Pô, pai! Você só me arranjou coisa velha e grande! —

reclamou Izac.

— Pediu para que eu te ajudasse na língua portuguesa, não é? Não vai conseguir melhorar

sua escrita se não melhorar sua leitura. Além disso, literatura é conh ecimento! Vai te fazer ficar

mais esperto!

— Coisa esperta seria só ler o resumo disso… — continuou r eclamando o jovem. — Eu

não sei se vou ter tempo de ler isso tudo antes da prova! Acho que é melhor tentar decorar só as

regras igual todo mundo faz, que é mais fácil!

— Sério? Responde-
me uma coisa, filho esperto, por que você estuda?

— Para poder ter um bom emprego e ganhar muito dinheiro, ora.

— Você não é de uma família rica e não vejo ninguém que v otaria em você em uma

eleição. Qual é a chance que você tem de ficar rico sem estudar de verdade?

— Pô, pai! Você, hein? Eu não acho que ler vai me dar atalho algum para chegar onde eu

preciso!

— Você é quem sabe, filho! Mas, se você ler, poderá encontrar ensinamentos como o de

Roberto Shinyashiki: “quem quer fazer alguma coisa encontra um meio, quem não quer fazer

nada encontra uma desculpa.”

Naquele instante Izac abriu os olhos. Ele estava furioso:

— Cansei de ficar fazendo papel de palhaço!

Em lugar de descansar, Izac foi direto para a fábrica e começou a fazer horas extras

enquanto aguentou. Descansava a metade do tempo que tinha direito, juntou todo o dinheiro que

tinha e pagou adiantado todas as contas. Entretanto, para seu desespero, Izac fez os cálculos

errados e acabou pagando a mais do que deveria. Novamente ele foi até o guichê reclamar com o

alienígena de pele roxa e cabelos vermelhos.

— Eles precisam me devolver a diferença, isso vai ser feito na próxima fatura?

— Na teoria, sim, mas isso nunca acontece. Eles devolvem quando querem!

— Isso é um absurdo, ninguém faz nada? Cadê o sistema justo que você me falou? —

esbravejou Izac.

— O sistema é justo! — retrucou o fiel alienígena — A lei diz que se deve devolver a

diferença na fatura seguinte ou a empresa pagará juros diários de três e meio por cento ao dia

sobre o valor da conta. É só você ir até o Edifício do Governo Galáctico, entregar os documentos

que comprovam a sua causa e aguardar a intimação judicial.

— E por que ninguém faz?

— Perder um dia de trabalho por causa de uma merreca de três e meio por cento ao dia?

Em lugar de se irritar, Izac apenas balançou a cabeça de forma positiva e sorriu. Voltou

para o trabalho com a intenção de manter a meta de continuar fazendo horas extras para pagar as

contas antecipadamente, mas, para seu azar, o corpo humano não estava mais resistindo a uma

jornada de trabalho tão desumana e, durante o descarregamento de uma nave, ele acabou

sentindo tonturas.

— Hehehehe! — riu o monitor. — Você é determinado, moleque! Está determinado

mesmo a sair desta situação de grau zero, não é?

— Senhor monitor, vou ter que fazer melhor que isso, mas o corpo p
recisa aguentar, não é?

— Pode me chamar de Ollok. Venho te observando há algum tempo
, você é um moleque

interessante. Resolvi fazer uma pesquisa para saber o motivo de alg
uém que não tem a mesma

motivação dos demais e acabei esbarrando com sua busca. Vai ser
uma pena se alguém valente

como você morrer tão cedo! Quero ver até onde você pode ir.

— Você sabe sobre a Izolda?

— Sei. A princesinha de Orbus Cariballion II… Você está vidrado nel
a, não é? Heheeheh!

— debochou o monitor.

— Por favor, tem alguma informação sobre ela?

— Ela foi julgada um baricíclon antes de você chegar aqui. Antes ela
estava presa, parece

que este julgamento foi de última instância. É tudo o que sei.

— Será que ela foi levada para algum lugar?

— Você vai ter que descobrir sozinho. Meu grau de hierarquia não m
e permite saber mais,

só vai conseguir respostas através de alguém de hierarquia mais alt
a.

Dizendo isso, o monitor lhe ofereceu um comprimido.

— Posso te vender baratinho. Vai te deixar ligadão por um tempo du as vezes maior. Com

boa disciplina você, com apenas dois kahecíclons de sono, vai estar completamente recuperado

para trabalhar. Vai poder faturar uma boa grana, hehehehehehe!

Izac olhou para o monitor horrorizado, ele era um traficante de droga s. Ele tentou levantar,

mas a tonteira o venceu e ele caiu no solo aos pés do contraventor.

— Idiota! Do que tem medo?

Izac colocou a mão na testa e fechou os olhos.

“O que posso fazer?” pensava ele. “Meu pai e minha mãe me matari am se soubessem que

eu virei um viciado! Não foi isso que aprendi com minha religião e mi nha escola! Daqui a pouco

posso estar roubando e matando também! Deus do céu! Não quero f azer isso!”

— Se você não se levantar e trabalhar, vai ser removido! Não se esq ueça que sou o chefe

aqui! Eu posso te mandar para o Edifício Karus ou mandar prendê- lo em um lugar onde ficará

sem qualquer possibilidade de obter as respostas que busca!

Izac percebeu então que, muitas vezes, para se manter vivo é neces sário perder o orgulho e

descumprir algumas regras. É como um velho ditado alemão: “*Erst k ommt das Fressen, dann die*

Moral.” Ou “primeiro vem a comida, depois a moral”. Ele tomou o comprimido e o efeito foi

devastador. Ele se sentia eufórico e todas as dores do corpo haviam sumido.

— Essa droga que me deu, ela vai me matar, não é?

— He, He! — riu o monitor. — Aprenda uma coisa, moleque. Aqui não tem ninguém

idiota. Se cumprir todas as regras que te mandarem, não vai sair de onde está. O sistema é feito

para te manter amarrado no nível mais baixo da hierarquia. Se você quer ter sucesso, vai ter que

tomar caminhos diferentes, fazer escolhas diferentes, trabalhar quando todos os outros estiverem

dormindo e estudar todas as brechas para pular para um degrau maior. Sim, eu estou te vendendo

uma droga que vai te destruir, e vou ganhar dinheiro em cima de você. Se for esperto, vai

aprender agora, trabalhando mais, a ganhar dinheiro nas costas de outro otário. É assim que o

sistema funciona. Quem está em cima fará de tudo para te enganar, te ludibriar e se manter em

cima de você. Você só se torna Superior quando compreender uma verdade: o poder só existe

com a finalidade de perpetuar o próprio poder.

Se o fato tivesse ocorrido no planeta Terra, vivendo uma vida comum, segura e tranquila,

certamente Izac faria um discurso político contra o monitor e encerraria a conversa dizendo que a

honestidade é a chave do sucesso, mas ali, diante daquela realidade selvagem em que estava

inserido, ele sorriu e disse:

— Obrigado por esta lição.

— Eu realmente acertei, você é mesmo um moleque interessante! Hehehehehehh!

Izac passou a trabalhar em dobro com o auxílio das drogas, só que, desta vez, pagava quase

o dobro do valor da conta. Ele continuou a contar os dias em seu relógio de ponteiros até que

inteirou três meses terrestres daquela data.

Naquele ciclo de tempo, no lugar de ir trabalhar, Izac reuniu todas as contas adiantadas que

pagou nas últimas três vezes e levou para o Edifício do Governo Galáctico. Ele aguardou

tranquilamente o tempo para ser atendido, até que foi recebido por um homem amarelo de

cabelos azulados.

— Então, você veio fazer uma contestação de contas? — riu o homem ao olhar para o

garoto de hierarquia inferior. — Qual é o seu nome?

— Sobrenome é Valgas. O nome é Izac.

— Valgas — disse com desdém. — Sou o Senhor Xyline para você.

— Prazer, então — respondeu Izac sem se alterar.

— Valgas. Você tem certeza que existe algo errado nas conta s? Quero dizer, você sabe

fazer contas?

— Sei fazer contas, sim. E vocês, Superiores, sabem cumprir leis? — rebateu o jovem.

— Por acaso está insinuando que o Governo Galáctico é toler ante com infratores? Sabe

que este tipo de acusação pode levar você a prestar esclarecimento s diante da justiça?

— Eu sei, mas estas empresas aqui, não! — respondeu Izac, colocando na mesa os

comprovantes das diferenças pagas das contas durante três meses. — Três e meio por cento ao

dia após a data que deveriam me ressarcir, não é? Juros sobr e juros, não é? Creio que a

matemática do meu planeta deve funcionar nessas contas aí també m! Acho que em três meses as

empresas de aluguel, energia, água, gás, coleta de lixo, coleta de es goto, serviço do cacete que

tenho que pagar que são esses aqui que nem sei do que se trata… deve dar algum dinheiro que

eles devem me devolver, não acha?

O atendente ficou mudo. Por alguns instantes ele pegou as an otações, inseriu no painel

digital todos os dados com os ciclos corretos em uma planilha e surg iu o resultado.

— Er.
… — riu sem graça o atendente. — Parece que o senhor dev e ganhar uma

quantidade interessante de créditos. Ouso dizer que você, agora, nã o deve mais ser tratado como

um ser de hierarquia mais baixa.

— Que bom! — riu Izac com ironia. — Agora que sou um pouco mai s “Superior”, como

posso administrar meus novos rendimentos?

— Eu aconselharia o Galáxia Econômico — sorriu o atendente . — Ele é o meu banco e

tem boas opções para um investidor que está começando, como o s enhor, Senhor Valgas.

Izac riu. Era impressionante como o tratamento naquele lugar mudava apenas quando se

mostrava que tinha um pouco mais de dinheiro.

— Obrigado pelo conselho, Senhor Xyline.

O atendente desta vez sorriu.

Ao sair do edifício, o garoto praguejou:

— Malditos sanguessugas filhos de uma ratazana! Isso é só o come ço! Vou berrar tão alto

aqui que eles vão ter que começar a responder as minhas perguntas !

CAPÍTULO 12

VOMITANDO SANGUE

Um baricíclon depois, Izac recebeu um cartão branco que permitia sacar os créditos que

havia conseguido. Ollok viu o momento em que o mensageiro do banco entregou o cartão ao

jovem e começou a rir.

— Hahahah! Então o menino começou a crescer na vida, não é? Bom, muito bom! Acho

que já entendeu como funcionam as coisas por aqui. Vou te colocar na minha jogada se quiser!

— Está querendo que eu seja um traficante de drogas?

— Na verdade o que estou fazendo é aumentando as apostas. O que você realmente

aprendeu sobre os Superiores até aqui, moleque?

Izac pensou um pouco e respondeu com o semblante sombrio.

— Aprendi que são gananciosos ao extremo, são capazes de passar por cima de tudo para

subirem na vida.

— Isso é verdade, mas há algo que você está esquecendo. O que temos aqui é um jogo de

poder onde a meta é chegar ao topo da pirâmide e se mante r por lá. Para crescer como um

Superior você deve abandonar tudo o que aprendeu em sua vi da. Sua moral não existe, seu

estudo não existe, nem o seu corpo existe, compreende?

— Como assim, “nem o meu corpo existe”?

— Garoto, não percebeu ainda? Ande por esta cidade nos loc ais mais abastados, o que

você vê?

Izac então entendeu o óbvio. Todas as pessoas das classes m ais altas possuíam corpos

amarelos; os homens eram altos e fortes e as mulheres, esgui as e magras. Era um padrão de

beleza. Isso só era obtido através de algum tipo de cirurgia c orporal, já que as pessoas dos

diversos planetas que estavam naquele lugar eram todas inicialment e diferentes.

— As pessoas… todas elas são modificadas!

— Exato! Por isso o mercado negro das drogas é punido pelos Supe riores, não porque faz

mal à saúde e mata o indivíduo que consome, mas porque as pessoas trabalham mais rápido e

podem ascender socialmente mais depressa. Isso é ruim para quem comanda os negócios, pois

manter-
se no topo custa caro e por isso os empresários querem mant er seus empregados como

escravos bem debaixo dos seus pés. O Sistema Superior é justo, de sde que você tenha dinheiro

suficiente para pagar. Por isso eu vendo drogas, é o meu neg ócio, é minha forma de ascender

socialmente.

— Entendi! — riu Izac. — Você me contou o que as drogas eram. Is so quer dizer que você

faz uso delas também; resumindo, aos poucos você também está se matando.

— É verdade — lamentou o monitor. — Eu preciso trocar de corpo em breve, por isso

estou juntando dinheiro. Olhe!

Ollok tirou a camisa e mostrou várias chagas espalhadas pelo corpo. Sua carne estava

podre e fedia nas áreas mais escuras.

— Quando me tornar um Superior de verdade este meu corpo atual será jogado fora e eu

terei um melhor, em uma classe social mais elevada. Estou quase c onseguindo, mas preciso de

mais tempo. Preciso de um sócio confiável!

— Quantos por cento recebo por venda?

— Posso fazer por vinte por cento.

— Por este valor, eu não faço. Não sou um mentiroso e vou negociar usando a verdade.

Vou ter menos clientes, mas os que me procurarem vão confiar no q ue ofereço.

— Vinte e cinco por cento, então. Não posso te oferecer muit o mais do que isso porque

tenho que pagar os meus fornecedores.

— Tudo bem. Até porque minha meta não é me tornar um Superior, meu negócio é fazer

barulho e conseguir as respostas que eu busco.

— Não se engane, garoto. O seu corpo já está envenenado, é uma questão de tempo até ele

começar a entrar em colapso. Você precisa pensar em ser operado e evoluir se quiser sobreviver.

— Então será a corrida mais louca que vou fazer até o meu fim! — ri u Izac.

— Você é mesmo maluco, moleque! É mesmo um carinha interessa nte! Sabe, você não é

um xcrebrirs, é um *orzon*!

Xcrebrirs: um tipo de verme semelhante a uma sanguessuga muito comum nas redes de

esgoto dos Superiores, eram criaturas criadas pela tecnologia d eles para comer todo o tipo de

porcaria e assim reduzir o mau cheiro das latrinas. Era desta “coisa” que os de baixa hierarquia e

novatos eram chamados pelos mais abastados que faziam parte do sistema dos Superiores, mas

orzon…

— Eu, um orzon? Você é uma piada, monitor!

— Você é, sim, huhuhu! Por isso me divirto tanto com você!

Orzon: não existe uma tradução correta para esta palavra no idioma português, seria algo

como “perda total”, mas não uma perda total qualquer; o orzon é o t error de todos os Superiores,

pois funciona da seguinte maneira: o Superior é um investidor, ele a posta tudo em algo, faz todos

os cálculos para aquilo dar lucro… mas algo imponderável acontece , o maldito orzon, algo que

não foi esperado e simplesmente derruba tudo, levando o investidor à falência como uma praga

de gafanhotos em uma plantação, ou um meteoro que cai do céu exatamente em cima do bem

mais caro que você acabou de adquirir. Talvez a grande diferença d e um orzon para a falência é

que o falido, se tiver forças, consegue se reerguer, no orzon não. No Sistema Superior, a vítima

de um orzon retorna à estaca zero, humilhado e esquecido. Q uem é vítima de um orzon morre

apodrecendo nas ruas sozinho e desamparado. Não existe seg unda chance para perdedores no

mundo dos Superiores. Izac riu muito com aquela comparação, mas no fundo realmente gostou

da ideia de ser um orzon para os Superiores.

Depois daquela conversa, Izac foi direto para o centro de negócios onde os guichês das

companhias de luz, gás, esgoto funcionavam. Não demorou muito até que uma leva de

alienígenas com aparelhos nas mãos semelhantes aos que os Superiores haviam lhe emprestado

aparecessem. Era a nova ralé de imigrantes que acabava de chegar.

Izac, calmamente, aguardou e observou a negociação dos novatos nos guichês. Percebeu

que alguns, mais espertos, compreenderam o golpe dado pelas empresas fornecedoras e

demonstraram o mesmo desespero que ele para pagar as contas. Quando um alienígena destes

saía, ele logo se aproximava dele.

— Golpe baixo destes caras, não é? — disse Izac.

— É, sim! — choramingou um extraterrestre azul e gordo com o um ovo. — Não tem

como! O pessoal não entende, mas vamos morrer aqui para pagar essas contas e nunca vamos

subir de hierarquia!

— Se quiser, compro as tuas dívidas deste mês e você me devolve o valor quando receber,

assim não vai se afogar nos juros e nem precisará se matar em hora s extras.

— E isso vai me custar quanto? — perguntou o extraterrestre, desco nfiado.

— Cinco por cento sobre o valor da sua conta na data do venciment o. É um bom negócio,

não é? — sorriu Izac. — Não estou fazendo isso de graça, já estive na mesma situação que a sua

e vou cobrar isso das companhias que fazem este abuso conosco. A visa a todos os seus colegas

que não querem se endividar que me procurem, que faço um trato c om eles.

Não demorou até que Izac gastasse quase todos os seus créditos c omprando as contas dos

aspirantes a Superiores e investindo na antecipação. Ele deixo u o tempo passar enquanto

trabalhava normalmente como qualquer outro de hierarquia baix a até que a data do pagamento

dos ressarcimentos venceu e, novamente, ele passou a ganhar outr os três e meio por cento ao dia

em cada uma das novas cotas de boletos que havia consegui do. Para comprar mais contas de

iniciantes, ele se tornou um hábil vendedor de drogas. Explicou a ca da um dos clientes como o

sistema dos Superiores funcionava e que, ao usarem as drogas, est ariam apostando uma corrida

contra a morte. Os apostadores logo aceitavam o desafio e encarav am a jogada de turnos extras;

aos comedidos que estavam em dúvidas, Izac ia logo dizendo:

— Se está pensando, não faça. Essa coisa que estou vendendo mat a! Isso aqui é um tudo ou

nada. Se não acha seguro um vale-
tudo eu, como vendedor, te aconselho a esquecer isso aqui.

E os extraterrestres desistiam. Uns poucos pensavam melhor e resolviam voltar e apostar

tudo. Como Izac previu, os extraterrestres ficaram mais desconfiado s de tudo à sua volta e, como

poucas pessoas eram confiáveis, eles acabaram se tornando cliente s fiéis. Ollok ficou satisfeito;

em pouco tempo estava com dinheiro suficiente para conseguir um novo corpo.

— Garoto! — ele chamou. — Meu tempo está acabando, mas sou u m cara de sorte, com

sua ajuda eu consegui juntar todo o dinheiro que precisava. A gora vou para o Centro de

Transmutação e voltarei como um ser evoluído.

— Boa sorte, Senhor Ollok. Também aprendi muito com o senhor!

— Eu também sou ganancioso, não nego. Não sou muito diferente d os outros aqui. Por isso

vou pagar tudo em espécie e à vista, só para evitar as taxas bancári as.

— Só tome cuidado para não te matarem no processo. Tráfico de drogas é crime aqui e

como todo mundo é ganancioso, sem um banco para confirmar que seu dinheiro existe ele pode

simplesmente desaparecer!

Ollok arregalou os olhos enquanto Izac acenou sorrindo e caminhou para o albergue onde

pernoitava. O velho matreiro não havia previsto esta possibilida de real; muitos sabiam que ele

estava juntando dinheiro e assassinato e morte eram coisas co muns nas classes de hierarquia

mais baixa. Ele caminhou assustado com a possibilidade de ser traí do. O que ele poderia fazer?

Só havia uma maneira, blefar. Mas precisava de ajuda, sozinho não conseguiria sair dessa. Pouco

tempo depois bateu na porta de Izac.

— Ué, o que faz aqui? — reclamou o garoto, sonolento, já que eram poucas as suas horas

de sono.

— Preciso de ajuda, o que você me disse me fez perceber que real mente posso ser traído e

morto. Posso confiar em você?

— Sou um traficante igual a você. Se você se ferrar, eu vou me ferra r também!

— Heheheeh! Você é mesmo um cara muito interessante! — gargal hou Ollok, entregando

a Izac um envelope. — Quero que guarde isso com você até eu volt ar. Pode fazer isso sem abrir?

— Posso, sim.

— Ótimo! Não entregue este envelope a ninguém! Melhor ainda, nã o diga que eu entreguei

a você de maneira nenhuma!

— Sem problemas! Posso dormir agora?

Ollok começou a rir.

— Obrigado, garoto! Você é o meu curinga! Quando estiver no topo vou puxar você

comigo!

— Eu agradeço, Ollok. Boa sorte com sua transmutação!

— Obrigado!

Izac observou o extraterrestre indo embora sorridente. Ele ente ndeu que havia tirado um

grande peso das costas do monitor e o quanto era difícil prog redir em um lugar onde ninguém

confiava em ninguém.

No dia seguinte Izac trabalhou o dia todo e o monitor não apareceu. Isso ocorreu durante

cerca de três dias terrestres. O jovem começou a ficar preocupado, pois a informação que tinha

sobre a primeira transmutação era que esta era a mais rápida, já qu e era tida como a mais barata

dentre as das hierarquias que compunham a Ordem dos Super iores. Era a operação que

chamavam de Primeiro Renascimento. Os Oficiais de Elite, Go vernantes e Presidentes

correspondiam às operações de Décimo Segundo ou Décimo Tercei ro Renascimento.

Preocupado com o tempo que havia transcorrido, resolveu passar n o apartamento de baixo

valor onde Ollok morava. Ele caminhou pelo beco, onde encon trou extraterrestres viciados

estirados no chão, esperando a morte. Seus corpos estavam podres e secos como os de um zumbi,

e fediam como se já estivessem em decomposição. Famintos, não tinham forças sequer para

levantar e tentar roubar algo para comer. Eram o lixo social d aquela sociedade paradisíaca. A

comprovação da situação de miséria absoluta veio quando um auto móvel de luxo entrou no beco

à toda velocidade. Izac saltou e se pendurou em uma espécie de jardineira de um dos prédios

para não ser atropelado. Os pobres zumbis não tiveram nenhuma ch ance: foram dilacerados por

um grupo de jovens Ocres que riam ao volante escutando som alto e destruindo tudo pela frente.

Quando saltou no chão, o que Izac viu foram corpos esmagados e a s lágrimas que restaram

de um último infeliz que parou de respirar instantes depois.

— A morte é a única liberdade para estes pobres coitados e sua vida de rato — filosofou o

jovem.

Ele caminhou um pouco mais à frente e achou um corpo conhecido caído a poucos metros

do apartamento do monitor. Seus ossos estavam esmagados e a ca beça, achatada pelas rodas do

carro de luxo.

— Ollok! Ollok! — gritou Izac, indo em direção ao companheiro destr oçado.

Ollok reconheceu o rosto do jovem e pareceu sorrir.

— Ainda está vivo! Calma! Vou dar um jeito, vou arranjar um médico para você!

Ele agarrou a mão de Izac e usou todas as forças para proferir suas últimas palavras.

— O envelope... é seu!

E expirou.

Apenas quatro kahecíclons depois a polícia daquele Universo paradi síaco chegou ao local.

Um caminhão semelhante a um compactador de lixo chegou e os lix eiros recolheram os corpos

dos mortos e jogaram dentro da caçamba do veículo; dentre o s corpos recolhidos estava o de

Ollok, o monitor. Izac percebeu então como era o funeral daqu ele lugar. Aquilo que não serve

mais é simplesmente descartado pelo Sistema.

Ouvindo a conversa de curiosos à volta, que riam da desgraça alheia e comemoravam o

fato de terem “menos concorrentes rumo ao topo agora e que finalm ente o beco estava limpo da

ralé”, Izac acabou entendendo tudo o que aconteceu. Ollok de sconfiou que iriam roubar o seu

dinheiro e por isso levou uma mala falsa ao Centro de Transmutaçã o; no meio do caminho ele foi

abordado pelos ladrões que tentaram matá-
lo e roubaram a mala. Espancado, sangrando e

sozinho, ele tentou então voltar para casa, provavelmente tentar entr ar em contato com o próprio

Izac para ser socorrido, mas devido aos ferimentos graves e o corpo já corrompido pela ação

destrutiva das drogas ele acabou, ironicamente, não conseguin do chegar ao prédio em que

morava. Lamentavelmente morreu ali, a poucos metros do que poderia ser a sua tábua de

salvação.

Izac não chorou, estava simplesmente indignado, pois tinha a certeza que alguns dos

elementos que estavam rindo já conheciam Ollok antes, mas n inguém quis ajudá-lo. Naquela

sociedade competitiva, onde correr atrás de dinheiro era o mais imp ortante, ninguém quis perder

o seu tempo para ajudar outro ser vivo.

O jovem voltou para sua casa. Deitou-
se na cama desconfortável e ficou algum tempo

encarando o teto, olhou para o envelope e o pegou. De certa forma ele já sabia o que havia

dentro. Era uma chave com instruções que levavam a um arm ário no próprio prédio onde

trabalhavam. Izac foi até o local, abriu o armário e tirou de lá a mala verdadeira.

— Entendi. É hora de ser um pouco mais agressivo! Obrigado, Ollok , com isso vou fazer

muito, mas muito barulho!

E ele retornou novamente ao Edifício do Governo Galáctico. Sr. Xyli ne se assombrou a ver

Izac novamente com as contas nas mãos.

— Como foi que você conseguiu isso? — assombrou-
se o atendente.

— Melhor pegar a calculadora, desta vez os valores serão muito alto s! Hueheheheh! — riu

o garoto.

Sr. Xyline coçou a cabeça ao ver o resultado dos créditos.

— Er... Parece que o senhor avançou mais um degrau na esc ada de nossa hierarquia,

Senhor Valgas.

— Obrigado! — riu Izac.

Instantes depois ele já estava no banco Galáxia Econômico. Ele che gou na mesa do gerente

e jogou ali a maleta cheia de créditos. O gerente ficou sem p alavras e, com um sinal, chamou

logo duas assistentes que trataram logo de contar todo aquele dinhe iro.

Ele também pegou um cartão de créditos que havia recebido com a transação do Sr. Xyline

e entregou ao gerente, dizendo:

— Mas não é só isso, quero que deposite na minha conta isso aqui t ambém!

De uma única vez o jovem havia subido quatro estágios na pirâmide social dos Superiores.

Desta vez, ao sair do edifício, o jovem já notou vários olhares em su a direção. Seu objetivo havia

sido alcançado, ele começou a incomodar o Sistema.

CAPÍTULO 13

CAINDO AINDA MAIS NO INFERNO

Pelas contas de Izac, já fazia um ano e meio terrestre que ele havia deixado a casa de seus

pais; pelos seus cálculos, ele deveria estar com 19 anos agora e se m ninguém para comemorar.

Era a primeira vez que andava solto pelas ruas da cidade met álica dos Superiores na lua de

Artatran III. Ele sentou-
se em um parapeito e começou a reparar naquele estranho mundo o nde

estava. Animais, ele não havia visto nenhum. Insetos, também não. Rios? Nada. Eles conseguiam

água através do gelo que era muito comum naquela lua apesar da t emperatura não ser das mais

baixas. Era um lugar muito poluído. A única coisa bela que havia era a visão do planeta dentro

da redoma de vidro brilhante e seus anéis dourados.

“Será que Izolda está lá?” pensou. Para ele era bem provável que ela estivesse no outro

planeta, pois tinha certeza que a menina havia vindo de um lugar on de a gravidade era maior que

a Terra e a lua de Artatran III era pouco maior que o tamanho de Mar te.

Izac finalmente pôde entrar sem ser barrado em um lugar sem elhante a um gigantesco

shopping center. Lá havia muitas lojas, música alienígena e bugigan gas eletrônicas que ele não

fazia a menor ideia para que serviam. Repentinamente algo lhe chamou a atenção: era um

projetor que os alienígenas ficavam olhando. Todos assistiam à cena que lembrava, de forma

vaga, os telejornais da Terra. Ali era possível ver outros planetas, provavelmente outros mundos

que faziam parte do chamado Universo Superior. Em um momento apareceu o planeta dos anéis

dourados da redoma de vidro brilhante.

“Em Orbus Cariballion II, a guerra continua. A C.A.S. — Central Absoluta de Supéria —

afirmou que enviará novos Comandos de Elite ao planeta a fim de garantir a segurança dos

investidores que pagaram muito e são alvo dos covardes ataques terroristas do local. A situação

no planeta é tensa.”

— Então, quando estes caras invadem uma casa, o dono da casa passa a ser terrorista…

Essa é muito boa! — riu Izac de forma irônica.

Enquanto a âncora falava, um Comando de Elite do sexo feminino apareceu na tela. Ela era

magra, comprida, seus lábios eram finos e as sobrancelhas pareciam pintadas de vermelho. Na

cena ela segurava pelo pescoço o que parecia ser um centauro. Repentinamente o ser parecia ter

sofrido uma espécie de convulsão e caiu no solo. Izac ficou h orrorizado, parecia que o corpo

daquele grande ser havia murchado em um fenômeno que ele jamai s havia visto na vida.

“O cronograma de pacificação está atrasado e o Presidente do Univ erso, Luks Hell Raggen,

que se encontra no planeta Kriptória, comentou o assunto.”

Naquele instante um gigante amarelo de largo sorriso e cabelos liso s e bem cortados surgiu

com uma armadura azul brilhante, cercado de alienígenas que queri am tocá-lo como a um deus,

mas eram repreendidos por soldados que faziam a segurança.

“— O Universo Superior é um Universo de paz! As guerras qu e já travamos são guerras

para trazer a nossa paz, a nossa verdade, a nossa justiça, a nossa p erfeição a todos os pontos do

Universo. Eu garanto, eu levarei a paz até Orbus Cariballion II e estes animais que trazem o

atraso e o terror serão todos extintos.”

Na tela tridimensional surgiu então outro gigante. Ele era muito mus culoso, barbudo, tinha

cabelos amarelos, pele dourada e usava óculos escuros. Naquele m omento todos os que estavam

no shopping começaram a gritar como loucos:

— É ele! É o Marechal! O Marechal do Exército em pessoa!

“Para garantir o sucesso na operação de guerra, desta vez o Presid ente convocou o maior

herói da história dos Superiores para coordenar pessoalmente as tro pas na limpeza do planeta, o

Marechal San Hell Hogan.”

“— Meus queridos de Artatran III, tenho uma mensagem para vocês — disse o Marechal,

ajeitando os óculos escuros. — Eu estou chegando! Não temam, poi s eu sou o mestre!”

Gritos histéricos foram ouvidos naquele shopping. Os alienígen as ficaram loucos. Um a

um, gritavam o nome do Marechal até que as vozes se tornaram um coro:

— Hell Hogan! Hell Hogan! Hell Hogan!

— Bando de malucos! — protestou Izac.

Enquanto os aspirantes a Superiores gritavam como loucos o nome do Marechal, Izac saiu

do shopping e seguiu pela rua. Ele seguiu para fora da cidade e com eçou a correr. Aquela lua era

formada por pequenas colinas e o céu era próximo, coisa natu ral em um planeta pequeno. Ele

corria e estava preocupado de estar perdendo a forma; se ele fosse mesmo para o planeta maior,

se não se preparasse poderia ter sérios problemas por conta da gra vidade. Quando ele sentiu que

estava distante, parou e virou-se para iniciar a corrida de volta.

Naquele momento ele reparou que havia algo entre as pedras. Ele andou em direção ao

lugar e viu que havia uma fenda, como se fosse uma erosão dividindo a colina ao meio. Ao

atravessar, Izac viu um campo verde com pequenas rosas de três p étalas brancas e um gramado

de folhas muito finas, da grossura de linhas de costura. Eram relativamente duras, pois

conseguiam ficar em pé, mas não atingiam uma altura maior q ue um punho fechado. Ao se

aproximar, Izac reparou que havia insetos do tamanho de pequenas formigas caminhando entre

as folhas. Eram insetos que não possuíam asas, eram coloridos e ti nham doze patas.

— Então são estes os verdadeiros nativos desta lua!

Os insetos começaram a se agitar fazendo grande barulho, um asso bio fino, que fez Izac se

lembrar das cigarras da Terra. Ele sentou-
se em uma pedra e ficou observando o que poderia

acontecer. Não demorou muito até que uma grande nuvem co brisse o céu e caísse uma névoa

úmida e leve. Izac jamais havia visto qualquer rastro de chuva desd e que chegou àquele planeta,

ele então entendeu que a atmosfera daquela lua era bastante frágil e o efeito estufa causado pela

atividade das fábricas onde trabalhavam afastava de lá a possibilida de de chuvas.

— Que triste! Se continuar assim os verdadeiros nativos deste lugar vão realmente

desaparecer!

Ele levou a mão até uma folha e um inseto vermelho, parecendo qu e entendeu o que estava

havendo, subiu no dedo de Izac e ficou quieto. Izac aproximou o ins eto dos olhos e disse:

— Me desculpe, queria ter forças para ajudar vocês! De onde venho , o único refúgio que

nós, terrestres, conhecemos nos momentos de desespero é Deus. T enham fé e sobrevivam!

Izac, então, devolveu o inseto à folha. O pequeno ser começou a se agitar em assobio e, em

pouco tempo, todos os insetos começaram a assobiar e a brilhar. O j ovem ficou admirado com a

cena. Parecia uma sucessão de vagalumes piscando enquanto a chuva caía fina como véu. Em

seu coração, de alguma forma, ele sentiu que aqueles pequenos ser es entenderam a sua angústia e

desejavam que ele obtivesse a força necessária para ajudá-los. Izac estremeceu-se com esta

sensação, se sentia pequeno demais para resolver algo tão gigantes co. Ainda assim, retornou feliz

para a cidade; era a primeira vez que teve a sensação de vida desd e que chegou ali.

Ao se aproximar do dormitório, Izac foi parado por dois alienígenas que vestiam trajes que

pareciam ser de seguranças. Um tinha a pele esverdeada e a cabeç a grande como um repolho e o

outro tinha a pele alaranjada e os cabelos pareciam folhas de alho-poró.

— Com licença, Senhor Izac. Poderia nos acompanhar até o Edifício do Governo

Galáctico? O senhor está convidado a participar de uma reunião.

Izac fez que sim com a cabeça. Ele entrou em uma espécie de carro de linhas arrojadas e

foi levado dali para o Edifício do Governo Galáctico. Ele já esteve po r lá, mas nunca havia saído

do térreo; desta vez ele foi levado para a cobertura, que ficava no oc togésimo andar.

Ao sair do elevador, o jovem sentiu uma tonteira; com uma atmosfer a tão baixa, a sensação

é que estava a três mil metros de altitude. Ele respirou fundo e segui u em frente acompanhado

pelos homens. O trio caminhou por um corredor com paredes cobertas por algo semelhante a

camurça e, por fim, chegaram em uma enorme sala.

— Comandante Straxus, o jovem que queria conhecer acabou de ch egar!

Izac caminhou para o interior da sala e viu uma grande mesa e, sentado em um sofá que

parecia ser de vidro, estava um Superior de olhos vermelhos, pele dourada e cabelos cor de ocre.

O rosto era liso e de aparência jovem, mas os ombros largos e braços grossos mostravam que ele

também deveria ter cerca de dois metros e meio de altura.

— Então, aqui está o aspirante a Superior que anda burlando as regras para subir

rapidamente na hierarquia, não é? — riu o Comandante.

— Isso é uma questão de ponto de vista, Senhor Comandante! — respondeu o jovem de

forma polida. — Na minha concepção eu apenas exigi da justiça o ressarcimento de algo que

deveriam ter me devolvido, que são meus créditos.

— Confesso que você foi muito esperto! Passou a pagar muito mais do que o valor das

faturas para as empresas de distribuição aguardando que elas devolvessem de alguma forma o

dinheiro no boleto seguinte. Uma vez que eles não devolviam, você acionava a justiça e ganhava

um capital muito grande com os juros. Mas como sabia que as companhias não devolveriam o

dinheiro no mês seguinte? Se isso acontecesse seus planos teriam ido por água abaixo!

— Isso é fácil! — riu Izac. — O corrupto nunca acredita que qualque r forma de justiça vai

prendê-lo.

— Acontece que todas essas companhias que você lesou era m minhas! Seu moleque

maldito! — irritou-
se o Comandante Straxus, fazendo Izac engolir em seco e recuar u m passo. —

Quando vi que você conseguiu me passar para trás, minha pri meira ideia foi de pegar esta

carcaça de carne inútil que você chama de corpo e arrancar suas ví sceras! Mas você estava certo,

usou o expediente da lei para me tirar créditos e isso foi notável.

— Obrigado! — respondeu Izac, tentando não demonstrar que ficou apavorado.

— Então, depois disso, eu quis entender o óbvio. Por que você fez a quilo? Quem é você?

— O Comandante tocou a mesa e um moderno projetor em 3D fez u ma cópia exata de Izac com

as mesmas roupas que embarcou na nau dos Superiores há um ano e meio terrestre. — Fiz um

breve levantamento sobre sua pessoa, Izac Valgas. Assim como os outros terrestres, você soube

sobre nós e aceitou embarcar para este mundo. Entretanto, ao contrário dos outros, você veio

aqui por um motivo, não foi?

— Sim, senhor. Eu estou à procura de informações sobre uma pess oa.

— E como você a chama?

— Izolda.

— Você faz ideia de quem é Izolda?

— Não — mentiu ele.

— Então eu vou lhe explicar. Eu sou o Comandante Straxus Reder, r esponsável pelo Setor

Quatro dos nove em que foi dividido o planeta Orbus Cariballion II. Os Superiores chegaram a

Orbus há cerca de três cíclons. No início éramos amigos, mas depoi s os seres inferiores daquele

planeta passaram a se recusar a fazer parte de nosso Sistem a e suas ações terroristas contra o

povo livre que faz parte do Universo Superior nos obrigou a tomar a ções militares contra eles.

Desde então estamos em guerra. Aquela que chamamos de Izolda é , na verdade, filha dos líderes

terroristas daquele mundo.

— E como a filha de um terrorista foi parar no meu planeta?

— Foi uma traição da parte dela. Durante a batalha contra os cães r enegados de Orbus, a

filha destes terroristas foi capturada e levada sob custódia. Ela era a penas uma menina e, como

nosso Sistema é justo, tentamos reeducá-
la aqui, em Artatran III. Ela parecia aceitar bem nossos

ensinamentos, mas quando estava prestes a completar oito he ctroncíclons conosco ela fugiu na

nave para a Terra. Antes que a nau pousasse, ela arrumou uma gra nde confusão e desapareceu

usando um módulo de sobrevivência.

— Mas ela foi encontrada e trazida para cá há bastante tempo. Meu único motivo de estar

neste mundo é saber como ela está!

— O que acha que aconteceu, Izac? — perguntou o Comandante St raxus entredentes. — O

que ela fez foi imperdoável!

— Ela era uma criança! — rebateu Izac.

— Uma criança que teve a chance de ser preparada como uma emb aixatriz pela paz e levar

o mundo dela a um estágio único de desenvolvimento através dos S uperiores, mas recusou! —

respondeu o Comandante em tom áspero. — Mais do que iss o, traiu nossos investidores e

frustrou todo o investimento que fizemos nela! Isso é imperdoável!

— Se ela é um problema para vocês, deixe que eu a leve pa ra a Terra comigo e vocês

nunca mais terão notícias dela, eu prometo!

Straxus parou, olhou para os olhos firmes do jovem e fechou a boca incisivamente,

demonstrando admiração.

— Então você aprontou mesmo tudo isso apenas para ter notícias d essa menina?

Sem se levantar de onde estava, Straxus tocou a mesa transp arente e uma luz azul se

acendeu, ele então disse:

— Ordenança, eu quero na minha mesa agora a cápsula de Karus p refixo KYOW114520.

Ao ouvir aquele nome Izac sofreu um arrepio na espinha, sent iu como algo horrível

estivesse para ser revelado e ele não queria aceitar. Instantes depois chegou um ser que

aparentemente era do sexo feminino da raça deles, pois era delgada , tinha lábios finos e pele lisa.

Ela trouxe uma cápsula de pouco mais de trinta centímetros e coloc ou sobre a mesa. Em seguida

se retirou sem dizer uma palavra.

— Isso é… — A voz do jovem quase não saía. Seu corpo tremia e e m sua mente imagem

alguma se formava, era como se ele fosse desmaiar a qualquer inst ante.

— Está em choque? — riu o Comandante. — Sim. Vejo que não con segue sequer seguir o

instinto natural de cair de joelhos diante de mim e chorar, não é? Hu huhuhu! — Ele então se

inclinou em direção ao jovem e sussurrou: — Verme, você jamais va i voltar à Terra enquanto eu

viver! Você é o tipo de indivíduo que não se adapta ao estilo que est amos oferecendo e não estou

disposto a permitir que você suba na hierarquia. Como Comandante do Setor Quatro de Orbus

Cariballion II, eu o condeno a passar o resto de seus dias no Forte-Prisão de lá.

— Como é? — assustou-
se Izac. — E quanto à lei de vocês? Eu não infringi nada!

— Você não conhece nada de nossas leis! Quem faz e executa as le is no Universo são os

Superiores, e eu sou um Superior! Você partirá imediatamente! Viverá até o fim de seus dias

junto com os cães renegados daquele mundo, lamentando a m á sorte de ter se metido em algo

muito maior que você! Agora saia e espere os guardas lá fora!

Izac estava em choque, não conseguia pensar em nada. Ele virou-se para caminhar quando

foi surpreendido mais uma vez.

— Leve isso na mesa como um presente pela sua genialidade em c onseguir uma maneira

de falar comigo! Estava pensando no que fazer com essas cinzas, já que a ingrata nunca foi uma

de nós. Como você queria tanto encontrar Izolda, vou deixá-la ir com você. Ainda vou te

conceder um último favor e permitir que leve para a prisão seus pertences. Espero que você e sua

Princesinha Izolda sejam felizes a partir de hoje!

Em silêncio, Izac saiu pela porta. Lá estavam os dois guardas que pediram para o jovem

acompanhá-
los. Sem demonstrar resistência, ele foi levado de carro até sua pousada. Lá ele

reuniu seus pertences e então foi levado para o hangar, onde foi embarcado em uma nau militar

para Orbus Cariballion II. Na nave, cerca de outros duzentos seres de vários planetas estavam lá

como condenados. O jovem se amarrou com os cintos de segurança, debruçou-se sobre a cápsula

que recebeu e finalmente chorou.

Chorou como nunca havia chorado na vida. Ele havia perdido tudo e todos, não veria mais

a família, a Terra e nem ninguém de lá. Chorou por ter perdido Izolda para sempre e pelo destino

triste que ela teve. Os seus olhos estavam fechados, mas em sua mente ele ainda conseguir ver

claramente o sorriso daquela menina pequena, magra, de rosto redondo e com olhos grandes e

verdes. Agora a criança estava ali, dentro de uma pequena cá psula de pouco mais de trinta

centímetros e em pó.

Que torturas terríveis aquela menina teve que passar até morrer? A angústia de imaginar os

gritos da jovem que amava até ela se transformar em pó encheram I zac de desespero e dor. Ele

fez tudo o que podia, mas não teve forças para evitar sua morte. A ú nica lembrança viva que ele

possuía da menina agora era o anel feito com um tufo de se us cabelos que ele carregava

amarrado em seu dedo anelar e o caderno de desenhos da m enina. Sua dor era tanta que nem

percebeu a extrema dificuldade que os Superiores passavam p ara vencer as defesas naturais e

pousar no planeta dos anéis dourados.

A primeira parte da viagem já tornava difícil a aproximação do planeta externo, que

parecia ser feito de vidro e diamantes. O que parecia ao long e ser vidro era na verdade uma

espécie de bolha formada por gigantescos cristais de gelo, dia mantes, gases, matéria escura e

água. O gigantesco corpo celestial de cristal possuía um tama nho de setenta e oito mil

quilômetros e sua rápida rotação durava apenas quarenta e oito hor as terrestres. Era tarefa suicida

adentrar aquele mundo que girava na região do seu meridiano central com a espantosa

velocidade superior a dez mil quilômetros por hora. A crosta que formava a superfície da bolha

era muito grossa, chegando a mil e duzentos quilômetros de espessura. A única maneira segura

para uma nau dos Superiores adentrar o planeta externo sem ser arrasado pela pressão e pelo

choque dos gigantescos cristais de diamantes (que, ao se tocarem, davam o efeito dos brilhos que

eram vistos de Artatran III) era entrar pelos polos. Ainda assim a viagem era perigosa. O piloto

tinha que ser hábil para percorrer o corredor da zona de convergência sem ser pego pelo ciclone

natural ou algum enorme cristal de gelo ou diamante.

Uma vez dentro do planeta externo, a nave chegou a uma espécie de espaço morto. Era

como se fosse um Universo totalmente diferente dentro da bolha de vidro que era o planeta

externo. Havia uma forte pressão na matéria escura que separava os dois planetas. Os gases que

formavam aquele espaço eram ainda desconhecidos até para os Superiores, que supunham que

pertenciam a um Universo anterior ao que existe atualmente. A influência de um universo

desconhecido justificava a estranha rotação do planeta interno que, obedecendo o sentido

imposto pela gravidade de uma pequena estrela anã negra em seu núcleo, girava

miraculosamente em seu eixo na direção oposta ao planeta externo.

Então, finalmente os Superiores puderam adentrar a atmosfera do pl aneta interno, seguindo

os procedimentos de segurança adotados em planetas grandes e rochosos como Orbus

Cariballion II. A viagem era tão difícil que durou quatro vezes mais que a viagem da Terra a

Artatran III.

Depois de tanto chorar, Izac dormiu um sono pesado e sem sonhos.

— Acordem, seus preguiçosos!

Um homem com mais de dois metros de altura, pele e olhos estranhamente amarelos

usando uma armadura vermelha e azul-
escuro começou a obrigar a todos da nau a descerem

rapidamente. Os prisioneiros que não obedeciam instantaneame nte levavam na cabeça; eles

desceram xingando e se colocaram perfilados para a revista.

O primeiro que saltou da nau, no pulo quebrou o pé e foi logo arrast ado por outros guardas

de pele amarelada, que reclamaram do zelador por não ter avi sado aos prisioneiros sobre a

gravidade do planeta. Os outros que saíam da nau sentiam o corpo pesado e mal conseguiam

andar. Izac desceu com cuidado, sentiu uma forte tonteira e começo u a vomitar. Não foi o único,

muitos também passavam mal.

— Acostumem-
se logo ou não viverão neste lugar nem por uma semana! Isso aqui é o

inferno, vocês todos são condenados! Não adianta clamarem por justiça, pois aqui não tem

justiça. Não adianta querer telefonar para a família ou querer mandar cartas, aqui vocês estão

isolados do mundo que conhecem. Aliás, aqui nem é o mundo que conhecem!

E apontou para cima.

Todos se assustaram com o que viram e num sonoro “Oh!” enxergaram no céu três grandes

luas — de cor branca, azul e laranja — e outras menores. Além disso, eles podiam ver

claramente gigantescos arcos dourados no céu, muito maiores que qualquer arco-íris que haviam

visto na vida, que cortava o horizonte de uma extremidade a outra. Quando olharam em volta

estavam em uma construção de ferro avermelhado com torres pontiagudas e longas. O local era

cercado por um muro de quarenta metros totalmente liso; no meio d o lugar havia um tanque de

água e, à esquerda, uma grande rocha com túneis onde as pessoas trabalhavam como escravos.

— Este é o Forte-Prisão Número Quatro. Sejam mal-vindos ao mundo de Orbus

Cariballion II! — Os soldados que os acompanharam riram. — Vamo s, ao trabalho! Levem suas

coisas para o alojamento e apresentem-se para conhecerem suas ferramentas. Vocês terão muito

tempo aqui!

CAPÍTULO 14

FORTE-PRISÃO NÚMERO QUATRO

Izac acompanhou os guardas até as cadeias. Tratava-se de celas com grades largas, com

espaço que dava apenas para uma pessoa deitada. No meio dela h avia um buraco onde se fazia as

necessidades fisiológicas. Era um inferno ainda pior que Artatra n III. Entretanto, antes dele

entrar, o Capitão o parou.

— Não, para este o Comandante Straxus concedeu um presente. D eve ser levado onde ele

possa colocar as coisas dele. Vou acompanhá-lo pessoalmente.

Izac foi então encaminhado para o subsolo da prisão, um luga r úmido, mas com celas

maiores e mais antigas.

— Posso perguntar o seu nome, chefe? — murmurou Izac.

— Não sou chefe, sou o Capitão. Capitão Set Rayzor. Não se i que tipo de crime você

cometeu, garoto da Terra… Não sei se você é um afortunado ou um desgraçado, mas o fato é que

o Comandante Straxus quer que você fique aqui conosco até o fim d a vida.

— Como assim, afortunado ou desgraçado? Não vejo opções aqui.

— Mas tem. Pelo que li a seu respeito, você é do tipo esperto. Vai e ntender tudo logo!

A cela de Izac tinha uma espécie de pedra que servia de cama e um buraco na rocha que

servia para colocar as coisas.

— Onde farei minhas necessidades, caso seja necessário?

O Capitão apontou para o final do corredor, onde havia uma caverna mal iluminada.

— A cela fica aberta neste nível?

— Você está no subsolo e a única saída é passando pela sala dos g uardas. Acha que tem

alguma chance de fugir? E se fugir, vai para onde? Além disso… — O Capitão tomou o braço de

Izac e mostrou ao garoto: as veias do corpo do jovem estavam azuis e a pele antes morena estava

completamente branca. — Aqui não tem os remédios que estava us ando em Artatran III.

Izac baixou a cabeça, concordando que o Capitão tinha razão: suas opções agora eram

nulas. Ele colocou seus pertences no buraco que servia de ar mário, cobriu a cápsula com suas

roupas e vestiu o uniforme de trabalho, que era feito de um tecido d uro na cor marrom. Era uma

roupa muito desconfortável e de pouca mobilidade.

Ele foi para a mina, onde encontrou-
se com outros seres humanoides como ele, a diferença

estava principalmente nos olhos muito brilhantes e muito pareci dos com os de Izolda. Quando

eles estavam trabalhando e conversando no idioma local, Izac cheg ou e os saudou:

— *Jei-eiô bakuani-il rozan'lorê estei'rá si'dó.*

Imediatamente o grupo de escravos parou. Um deles olhou para Iza c e disse:

— Quem ensinou a você o idioma dos povos de Dehva?

— Uma amiga que muito amava, mas que agora não está junto de n ós — disse Izac com

pesar, acariciando o dedo anelar onde os fios de cabelo da m enina ainda estavam amarrados

firmemente.

O escravo foi até o jovem, tomou o seu braço e viu o mau estado e m que se encontrava.

— Olá, meu nome Edocross. Sua saúde não está boa. Fique conosc o, ao menos terá um fim

de vida menos solitário.

E ali começou o martírio daquelas vítimas de um complô desconheci do. Durante todos os

dias, eles trabalhavam como escravos nas minas do Forte-Prisão Número Quatro, comendo

apenas um mingau sem gosto e bebendo água suja tirada das goteir as da infiltração das rochas.

Havia muita gente ali; gente de todos os lugares, inclusive terrestres . Os guardas eram altos, mas

não eram Superiores legítimos como Straxus. A maioria dos guardas usava uma espécie de elmo

que fechava todo o rosto, a única coisa que podiam ver eram suas p upilas.

A cada instante prisioneiros eram feridos, adoeciam e eram lev ados… estes nunca mais

voltavam. Não era uma boa ideia adoecer naquele lugar; era comum a ocorrência de fraturas por

qualquer tombo maior que oitenta centímetros, uma queda de apenas dois metros poderia ser

fatal. Para piorar, os guardas espancavam as pessoas sem qu alquer motivo; Izac mesmo foi

vítima de surras várias vezes. Os guardas apenas diziam: “est e lugar é tedioso” e baixavam a

porrada. Era um milagre ele não se machucar com gravidade, o que ocasionaria sua morte; outros

tantos que ali chegaram não tiveram a mesma sorte.

Izac percebeu que sempre quando muitas pessoas morriam um a nova nau cheia de

prisioneiros chegava. Era sempre assim, o número de seres ali não variava. Com o tempo ele

passou a conseguir estimar o número de humanoides que havia naq uela prisão. Sempre era cerca

de quatro mil. Os dias passavam de forma igual com trabalho nas mi nas, comer mingau e dormir.

O trabalho deles era cavar cada vez mais fundo tirando minério. Ele não fazia nem ideia do

que eles faziam com todo aquele material, pois havia cientistas ali que ficavam sempre

analisando as amostras de terra. Obviamente tinha algo novo naque le lugar e não apenas matéria-

prima para a construção da tecnologia dos Superiores.

— Estes caras estão procurando alguma coisa aqui — disse Izac a Edocross, um amigo que

fez junto aos escravos.

— Sim, os outros já sabem disso, mas ainda não conseguimos ente nder com certeza o que

é.

— Vamos continuar de olho, uma hora ou outra a gente vai descobri r o que está havendo.

Nesta época, a saúde de Izac piorou. Inicialmente começou com cris es de dor de cabeça e

estômago à noite devido ao tempo sem as drogas que lhe da vam resistência. Depois o jovem

contraiu uma espécie de micróbio que começou a crescer, ferindo su a pele de dentro para fora.

Sem muitos cuidados, ele só podia contar com a solidariedade dos o utros escravos:

— Izac, meu amigo. Se quiser durar mais algumas semanas, nós ter emos que amputar este

braço imediatamente. Aos poucos sua carne está apodrecendo e ga ngrenando. Se a contaminação

se espalhar, você vai morrer.

— Não sei se vale a pena continuar a viver, Edocross.

— Izac — Era um velho chamado Fazollo que falava. —, eu conheç o muito sobre a vida e

a morte e posso te afirmar que se suicidar é uma escolha muito ruim . Pense no que vai fazer, mas

lembre-se destas minhas palavras.

Sentindo a morte se aproximando, Izac saiu para caminhar pel a prisão e a reparar nas

coisas belas que havia naquele planeta; ele achava o céu daquele mundo lindo! Ao contrário do

que aconteceu em Artatran III, aquele planeta tinha noites, mesmo q ue de forma estranha. Para

os nativos dali, Orbus Cariballion II não existe; o planeta, para os nativos, chamava-se

simplesmente Áurius. E Áurius era um planeta que os Superior es classificavam como Gigante

Rochoso Leve. Um planeta formado por camadas durante sua criaç ão, criando um núcleo menos

denso e desta forma o planeta, mesmo sendo gigante, possuía uma gravidade não tão agressiva.

Áurius era pouco menor que o planeta Urano, com cerca de quarent a e seis mil e oitocentos

quilômetros. Sua rotação completa demorava cerca de setenta e duas horas terrestres. A cada

treze horas após o alvorecer, a penumbra surgia no horizonte e um véu negro cobria o planeta

como se fosse uma película de insulfilme, resultando em uma falsa noite que durava cerca de

nove horas terrestres; era esta a “noite de dormir” para os habitante s locais, que chamavam este

fenômeno de
Angaste. As noites verdadeiras eram muito claras devido às várias l uas existentes e

à ampliação de sua luminosidade devido ao reflexo dos cristais do planeta externo, mas ficava

tudo praticamente escuro durante a passagem do véu pelo céu dura nte a noite. As únicas coisas

que conseguiam brilhar durante a passagem da penumbra eram as t rês principais luas do planeta,

exatamente por este motivo estas três luas — a branca, a az ul e a laranja — eram celebradas

pelos povos daquele planeta. Brincando, Izac provocou um de seus novos amigos:

— Vi este planeta por fora e posso assegurar que ele não é dourado — riu Izac, olhando

para Gwim, um anão que se dizia lenhador antes de ser preso naqu ele inferno.

— Aurius Anelus — respondeu o anão, apontando para o céu e mostrando os anéis

dourados e distantes que ali eram vistos como um segundo céu.

Izac sorriu maravilhado e concordou:

— Sim, vocês vivem mesmo em Áurius.

Mesmo com todas as dificuldades, às vezes eles podiam rir e fazer piadas. Naquele lugar

Izac viu a Estação das Luas, onde as noites, claras como o d ia, eram iluminadas por uma das

principais luas de cada vez. Na Terra, a lua cheia pinta o mu ndo com uma luz azulada; em

Áurius, ora era como se um filtro azul iluminasse o mundo, ora um fil tro branco, ora um filtro

alaranjado. Ele também testemunhou a força das águas através de chuvas pesadas que os nativos

diziam que era apenas uma garoa e fortes tempestades com r elâmpagos tão furiosos que

chegavam a cortar o aço das estruturas do Forte-Prisão.

— É! — riu o anão Gwim. — Hoje temos uma chuva forte!

— Chuva forte? Isso é chuva forte de vocês? — gritou Izac, apavora do. — Deus do céu!

Eu é que não quero ver um tornado daqui!

Os outros companheiros riram a valer do desespero do rapaz.

Izac teve outros amigos, mas estes se foram, vítimas da dor e da doença e acabaram

mortos, seus corpos sendo carregados pelos guardas. A doença que começou pelas mãos já havia

se espalhado por todo o seu braço e começava a ferir parte do rosto do rapaz. Entretanto, ele não

tinha forças para fazer nada, estava ainda ferido demais pela perda de Izolda e a desesperança

com a situação em que estava vivendo. Ainda assim, Gwim tentava animá-lo.

— Izac, não se desespere. A Aliança deste planeta é forte! Quando eles colocarem abaixo

este lugar, todos nós seremos salvos! — disse o anão no idioma do planeta.

— Queria ter sua fé, mas eu não vejo chances de seus amigos traze rem a guerra deles para

cá para nos salvar.

— O Deus do Infinito não traria você para um lugar tão longe a pass eio — complementou

Ravenos em tom enigmático. — Existe algo misterioso e grande que vai acontecer, eu sinto isso!

— Queria acreditar no que disse, mas a verdade é que foram apenas meus atos que me

trouxeram para cá, não existe milagre algum nisso!

Mesmo desacreditando no futuro até em palavras, Izac em seu cora ção desejava encontrar

um meio de reverter a situação em que se encontrava. Este sentime nto se tornou certeza quando,

durante os trabalhos na mina, repentinamente Izac parou de s entir os movimentos do braço

ferido. Ele olhou para a mão e ela estava segurando firmemen te a marreta, mas não soltava a

ferramenta. Ele deu um puxão e ouviu um estalo. A última coisa que viu antes de tontear foi sua

pele rasgando como um retalho velho e a marreta — ainda com o br aço agarrado a ela — cair na

terra crua.

Gwim começou a gritar:

— Izac! Izac! Acorde, garoto, não apague!

Imediatamente Edocross e Fazollo começaram a gritar o nome de Izac, mas era tarde;

sentindo uma queimação no braço, tudo ficou turvo para o rapaz e el e caiu.

Ao acordar ele estava ao lado de uma fornalha, deitado ao la do de outros cadáveres de

escravos. Ele levantou-
se com dificuldade e viu um dos guardas tirar a parte de cim a da

armadura e o capacete que cobria o rosto. O guarda era como um m onstro amarelo com a pele

deformada pelos músculos que saltavam, dando a aparência d e recorte na pele. Os olhos eram

vermelhos, assim como os cabelos. O outro guarda também tirou a parte de cima da armadura e o

rosto era o mesmo. Seriam clones? Não. Tantos do Universo queria m ser Superiores que isso não

era necessário. Izac só chegou a uma conclusão: produção e m série. Um mesmo padrão para

todos aqueles que queriam se tornar Soldados Superiores. Não ter r ostos, não ter passado, não ter

distinção. Ser como uma abelha operária em uma colmeia. Isso era assustador!

Do outro lado da fornalha, os soldados responsáveis pela cozinha e stavam dilacerando os

mortos e colocando seus pedaços em uma panela. Era esta a refeição dos oficiais: a carne dos

escravos mortos no trabalho das minas. Izac estava certo agor a de que estavam no inferno.

Assombrado, o jovem berrou:

— Ninguém vai sair vivo daqui! Estamos todos condenados!

Um dos guardas pegou o garoto pelo pescoço e o ergueu como se f osse um brinquedo. Ele

olhou para Izac com fúria e abriu a fornalha. O jovem não conseguia falar e nem se mover, e com

um braço a menos não conseguia se defender. Quando o gigante es tava pronto para arremessá-lo

no fogo, uma voz o deteve:

— Este não. Deixe-o.

Imediatamente o gigante soltou o garoto, que despencou no so lo. Com dificuldade, Izac

olhou para cima e viu o Capitão Set Rayzor.

— Saia daqui, Izac. Seu tempo está acabando!

— Por quê? Por que você não me deixa morrer? — O jovem estava indignado. — Por que

todo esse sadismo?

— São ordens do Comandante Straxus, você deve ficar preso aqui a té morrer. Eu lhe disse

que você tinha ganhado uma bênção ou uma maldição, aqui você é uma ave que jamais voltará a

voar e agora já sabe disso.

Izac com o braço esquerdo buscou o punho direito, mas ele n ão estava lá. Ele baixou a

cabeça e disse:

— Não tenho condições de continuar o turno agora…

O Capitão soltou uma gargalhada:

— Você não entendeu mesmo o que o Comandante Straxus l he concedeu, não é? Tolo!

Você está preso aqui, apenas isso! Não precisamos do seu trabalho.

— Mas eu fui relacionado… — assombrou-se o rapaz.

— Pobre verme! — gargalhou o Capitão. — Foi você quem se relaci onou. Você entrou na

fila por vontade própria! Acha mesmo que se você fosse tratad o como um escravo daqui você

ainda estaria vivo? Olhe para suas condições quando chegou neste lugar! Você nunca teve

chance alguma! Pense bem, quantos terrestres você viu passa ndo por aqui e que ainda estão

vivos? Faça o que quiser com o tempo de vida que lhe resta, mas não aborreça a nenhum de

nossos soldados! Agora suma da minha vista, seu inseto!

Rapidamente Izac deixou o galpão. Sua mente vacilou, pensou então em se entregar,

permitir que a dor e a doença consumissem o seu corpo e a sua alm a para finalmente encontrar o

descanso. Ele correu pela terra suja até cair de cara em uma poça de barro. Queria chorar. Foi

então que se lembrou da promessa que fez a seus pais e de todas as pessoas inocentes que viu

morrer até aquele dia. Ele prometeu que voltaria para casa. Seus pa is confiaram nele ao deixar

fazer aquela viagem suicida e ele prometeu sobreviver.

“Não, não vou me entregar! Eu não quero morrer! Se eu morrer, vou acabar mostrando aos

meus pais que não estava pronto para a aventura que me pro pus a fazer! Izolda vai ser levada

para casa e enterrada no planeta Terra, ela vai ter um funeral digno porque foi o que prometi,”

pensou. Ele olhou para o braço que lhe restava e viu os fios de cabelos ainda amarrados com

força formando um anel em seu dedo. “Ainda tenho em que me ape gar”.

Naquela noite, Izac reuniu os outros escravos e contou tudo o que havia descoberto a

respeito do fim dos companheiros.

— Que desgraçados! — protestou Fazollo. — Isso é imperdoável, n ão somos animais de

abate! Jamais vou perdoar isso!

— Temos que saber o que os Ocres procuram tanto! Tem algum mot ivo para estarem aqui

e por escavarem com tanta disciplina, não estão atrás apenas de metais preciosos — declarou

Edocross. — Se não descobrirmos o que eles querem, mesmo que o exército da Resistência os

ataque e vença, eles vão voltar a atacar esta área.

— Eu estou com o pé na cova — riu Izac de sua situação. — Isso é uma vantagem, porque

posso me movimentar mais por aí e descobrir alguma coisa.

— Tome cuidado, garoto — disse Fazollo em tom grave. — Se eles desconfiarem de algo,

você não terá a menor chance.

Para não levantar suspeitas, Izac continuava sendo um escrav o que não desobedecia

nenhuma ordem e trabalhava com afinco durante os seus turn os, entretanto não deixava de

observar nada que fosse diferente e que pudesse de alguma forma ajudar a coleta de informações.

Izac olhou para o relógio e reparou que um ano terrestre inteiro havi a se passado. Izac passou a

mão no rosto e sentiu os pelos ásperos na face; ele já era um home m.

O jovem aprendeu a explorar os corredores do Forte-
Prisão sem levantar suspeitas, mapeou

o subsolo onde ficava sua cela e conseguiu descobrir a localização da sala de entrada dos Oficiais

Superiores e ali, escondido no forro do teto, conseguia ouvir o que o s Superiores conversavam.

Tudo o que descobria ele dividia com os amigos.

— Tenho grandes novidades, acho que descobri o que estão procurando. O Comandante

Straxus vem visitar o forte amanhã — disse o jovem doente.

— Você tem certeza disso? — perguntou Ian, um humano nativo da quele planeta que havia

sido preso ali há pouco tempo. Ele tinha 1,90 de altura, barba rala, cabelos castanhos e olhos

verde-água.

— Tenho, sim. E desta vez o Capitão Set Rayzor falou em alt o e bom tom o que estão

procurando. Ele estava furioso porque ainda estão sem uma pista co nvincente da localização de

um tal de *Blisar*.

—
Blisar? Ele disse mesmo “Blisar”? — O velho Fazollo arregalou os ol hos.

— Sim, tenho certeza absoluta! Isso quer dizer alguma coisa?

— O Blisar é a verdade, meu amigo — respondeu o velho, ol hando para os outros

companheiros à volta. — É uma lenda antiga, é antes do tem po da guerra. Muitos aqui eram

novos demais e não tiveram a oportunidade de aprender sobre as histórias do passado. Agora

tudo faz sentido!

“Logo no princípio da guerra, eu e alguns companheiros servimos co mo espiões na coleta

de informações sobre os Ocres. Descobrimos que eles são um a raça de conquistadores. Eles

viajam pelo cosmos atrás da chave para construir universos. Através da ciência deles, eles dizem

que as estrelas nascem a partir de colunas de gases estelares que se tornam tão densos em seu

interior que entram em colapso e se fundem, crescendo ao ab sorver a massa em sua volta. A

ciência deles diz também que, quando uma estrela morre, este s gases estelares se formam

também através de colapsos, se desfazendo e liberando energia… Ou seja, a estrela morta torna-

se pó e gases, então estes gases por algum motivo se aglutinam e f ormam uma ou várias estrelas

outra vez, repetindo este ciclo eternamente.

“Entretanto, a equação deles tem uma falha. Existem algumas poucas estrelas no cosmos

que são mais velhas que o próprio Universo conhecido. Isso signific a que antes do ajuntamento

dos gases que eles dizem já havia estrelas e, por consequênc ia, galáxias que funcionavam de

forma diferente das que são conhecidas na atualidade. A resposta que eles buscam passou a ser: o

que forçou o ajuntamento destes gases estelares pela primeira vez quando não havia estrelas? De

onde vem ou vieram esta ou estas primeiras estrelas que, ao morrer em, geraram as outras?

“Os Ocres descobriram que a resposta estava numa simples estrela morta, uma anã negra.

Dentro do corpo de uma estrela extinta existe uma poderosa chama energética que possui o poder

da criação ou, como eles dizem, possui todo o código genético para a criação das galáxias.

Blisar, a alma das estrelas! Ele é o estopim para a vida, o princípio do nascimento de um sistema

solar. Algo que veio de uma estrela morta para trazer ressurreição… um verdadeiro presente do

Deus do Infinito.

“Porém, os Ocres não acreditam em Deus, apenas na ciência deles. Acham que podem

controlar tudo através da tecnologia. Seu estilo de vida abusivo e dispendioso devora os mundos

e os consome até que os planetas por eles ocupados acabem se tornando desertos. Com a

velocidade que eles devoram a natureza fica cada vez mais difícil para eles encontrarem planetas

habitáveis, portanto agora eles estão com um novo projeto, qu e é construir novos sistemas

solares aprendendo e controlando o poder da criação do Universo at ravés do Blisar.

“Você deve ter notado que Áurius é diferente dos demais plan etas que você visitou; ao

conversarmos com outros alienígenas, nós percebemos isso. N enhum outro planeta rochoso no

Universo é tão grande, nenhum outro planeta possui uma quan tidade tão grande de raças

sapientes e nenhum outro planeta é semelhante em forma e varieda de a este aqui. Apenas Áurius

é um planeta rochoso formado em camadas. Isso porque, na verdade, Aurius é um planeta que

começou a surgir antes deste sistema solar.

“O núcleo de nosso planeta possui um pulsar negro, uma estr ela morta de nêutrons que

expele matéria escura em altas temperaturas no centro deste mund o. Debaixo desta crosta onde

pisamos existe uma espécie de gelatina e bolhas de gases que se m ovimentam entre as camadas

deste mundo e que mantém os restos desta estrela morta ainda ace ssa. Este pulsar negro que é o

núcleo do nosso planeta é mais velho que o próprio Universo conhecido. Áurius só é o que é

porque o novo Universo que surgia envolveu o Universo que morria no momento da criação. A

mina onde estamos escavando agora só pode ser um dos vul cões extintos onde a atividade

energética daquela época aconteceu. Estamos escavando em b usca do Blisar, a chave expelida

pelo núcleo deste mundo e é capaz de liberar um poder tão grande que pode criar estrelas e

planetas. É imperativo que este tipo de poder não caia nas mãos do s Ocres.

— O Blisar é uma busca antiga dos Ocres. Eu já ouvi falar da lenda do Blisar, mas nunca

desconfiei que pudesse estar nesta região! — completou Gwim.

— Eu também não esperava por isso, mas foram os próprios Ocres que sempre

perguntavam sobre o Blisar quando ainda éramos amigos, ante s da guerra começar. Isso quer

dizer que eles já suspeitavam que o Blisar estava aqui no nosso mu ndo há muito tempo e é por

isso que não querem ir embora — respondeu Fazollo.

— Se acharem, como vão saber que é ele? — perguntou Edocross.

— Não faço ideia, mas deve ser algo visível — respondeu Fazollo.
— Ninguém na história

jamais viu o Blisar.

— Ajudou muito, Izac! — agradeceu Ian.

— Por quanto tempo será que este maldito Straxus ficará aqui ? — reclamou Gwim. —

Sempre que ele aparece tudo piora.

— Vamos ter fé, talvez isso seja a chave para as coisas melhorarem . O importante agora é

levar essas informações para o outro lado do muro.

— Vocês estão trabalhando como espiões infiltrados? — asso mbrou-se Izac, que jamais

desconfiou disso durante todo aquele tempo.

— Mantenha-
se vivo, garoto. Você já é uma lenda entre nós — disse Edocross, to cando o

ombro de Izac.

O jovem sorriu. Era a primeira vez desde que chegou àquele mundo que sentia que algo

que fez realmente estava mudando aquela situação infernal.

CAPÍTULO 15

O CORAÇÃO DAS ESTRELAS

Na manhã seguinte, Straxus chegou em um transporte aéreo semel hante a um helicóptero

com várias hélices. Ele era o administrador da Região Quatro, mas os Superiores já possuíam

cidades instaladas no planeta e ele costumava passar mais te mpo lá do que fiscalizando os

trabalhos da mina.

Izac odiava aquele Superior; por outro lado, o Comandante com certeza achava que o

garoto já estava morto depois de tanto tempo ali. Naquele dia choveu da manhã até o fim da

tarde; as chuvas em Áurius eram muito diferentes da neblina que viu em Artatran III.

À noite, a sirene foi tocada no Forte-Prisão e todos os escravos foram ordenados a se

retirarem da entrada principal; apenas os soldados ficaram lá. Todos foram levados para o

refeitório e foi permitido comer uma nova cota do mingau. Izac achou aquilo estranho e correu

para se posicionar próximo à sala dos oficiais Superiores, pois sabia que, seja como fosse, o

Comandante teria que passar por ali. A chuva havia passado e as três luas iluminavam o lugar,

deixando tudo muito claro e bonito. De longe, o jovem ouviu a ordem de um dos soldados:

— Guardas, Comandante Straxus ordena que todos estejam em prontidão, pois a

Sacerdotisa de Dehva pediu uma audiência!

Os grandes portões se abriram. Então, um ser feminino de outro mundo surgiu. Ela era

jovem, alta, alva como a neve, os cabelos eram verde-água e os olhos cor de anil eram tão

chamativos que chegavam a brilhar. Ela caminhava de forma ereta e imponente, mas não levava

nenhuma arma. A nativa daquele mundo parecia ser uma elfa por causa das orelhas pontudas,

mas o mais diferente é que a cartilagem era dobrada, dando a impressão que ela possuía dois

pares de orelhas. Ao lado dela caminhava uma elfa de cabelos curtos, negros e olhos cor de

âmbar. Ainda havia uma escolta de dois seres armados, identificados por Izac como centauros,

que caminhavam atrás delas. Os centauros eram fortes, de queixo largo, pele quase negra e

cabelo moicano longo; as patas pareciam de onça com a diferença dos dedos serem mais

alongados. Ao ver Straxus, ela tirou a capa e revelou um par de asas de cisne.

— Caramba! Ela é linda, parece um anjo!

A auriana aparentemente escutou o que o jovem falou em sua língua. Ela o fitou enquanto

andava, sorriu e disse algo em voz baixa para a elfa de cabelos negros que estava ao seu lado.

Em instantes, Straxus atravessou o terreno e foi até ela.

— Sacerdotisa Vehda de Dehva, que visita interessante! — saudou o Comandante Straxus

de longe.

— Comandante Straxus, finalmente! — respondeu a auriana, falando no idioma de Supéria

de forma fluente.

— Você e sua tola Resistência não são nada para os Superiores, portanto não sei o que está

fazendo aqui…

— Ora, Comandante, pensei que estivesse disposto a procurar a paz! Não foi isso que

disseram aos meus amigos quando suas naus aladas desceram dos céus?

Straxus sorriu.

— Veio oferecer rendição?

— Não, vim apenas propor uma troca de prisioneiros. Tem muitos aliados seus enchendo

nossas masmorras e muitos familiares nossos sendo escravos de vocês aqui.

— Já entendi. Vocês tentaram fazer isso pouco mais de um quarto de cíclon atrás.

— Um ano auriano, você quer dizer — retrucou a Sacerdotisa, já que um cíclon

corresponde a quatro anos terrestres enquanto o ano no planeta Áurius dura cerca de 435 dias no

planeta Terra.

— Ainda insistindo com isso! Não vão conseguir manter sua cultura retrógrada por muito

tempo — disse Straxus entredentes. — Como eu disse naquel a época, nossos soldados são

treinados para morrer, não precisamos de homens que foram captur ados em batalha.

— Ainda assim gostaria de fazer algum acordo, os amigos de Áurius que aqui estão não

merecem viver sob as botas de vocês. Estou oferecendo a possibilid ade de conseguirem um bom

acordo sem lutar, do contrário teremos que usar a força.

— Vocês foram derrotados naquela época, fatalmente serão de rrotados novamente — riu

Straxus. — Uma turma de bruxos inúteis baseada em uma cul tura atrasada não é adversário

digno de enfrentar os Superiores.

— Sério? — riu a Sacerdotisa. — Então por que tanta preocupação conosco, Straxus? Por

que está escavando justamente aqui? Esta mina não tem apenas mi nério e você sabe disso!

Straxus olhou a Sacerdotisa com raiva. Ela estava bem ali, ba stava uma única ordem e

todos eles seriam mortos. Entretanto, obviamente a Sacerdotisa tinh a informações. Informações

que precisavam ser retiradas antes de assassinar a todos. O quanto será que ela sabia? O quanto

os povos daquele planeta sabiam?

— Você conseguiu chamar minha atenção, Vehda de Dehva. N ão tenho interesse em

soldados que perderam a batalha, mas tenho interesse em você! Vo cê é uma importante líder da

Resistência, se ficar no lugar dos nativos de seu mundo, farei a troc a com prazer.

— Parece então que temos um trato — disse ela num sorriso.

— Espere, Lady Vehda, não foi isso o que combinamos quand o você falou para virmos

aqui! — protestou um dos centauros.

— Não há outro jeito para solucionar este problema, confie em mim — afirmou categórica

a elfa de asas de cisne.

Um dos oficiais advertiu Straxus quanto às implicações de per mitir que tantos escravos

ganhassem a liberdade, mas ele rechaçou a ideia.

— Nosso cronograma está atrasado e isso dá margem para o s inimigos recolherem cada

vez mais informações sobre este forte. Além disso, garanto que, se eu torturar esta fêmea, antes

de um baricíclon nós teremos todas as informações que precis amos para acabar com os cães

revoltosos deste mundo. Assim que tivermos as informações, at acaremos e pegaremos o dobro

de escravos desta vez.

O oficial sorriu. Vehda conversou em voz baixa com os centauros e a elfa, eles pareceram

estar irritados a princípio e relutavam em entender, mas aparenteme nte eles chegaram a alguma

solução e aceitaram se retirar. Ao ver o grupo saindo pela porta, Stra xus gargalhou e chamou o

Capitão.

— Capitão Rayzor, avise ao Presidente sobre quem capturamo s desta vez. Tenho certeza

que ele ficará muito satisfeito!

Izac, que observou toda a cena, baixou a cabeça com pesar. “Que mulher notável, é mesmo

uma religiosa local. Ela perdeu a própria liberdade para salvar os outros.” Ele tocou o peito e

sentiu vontade de chorar. Aquela mulher fazia ele se lembrar d e Izolda que, por preocupação

com sua família, foi levada para o matadouro. “Queria ser mai s forte!” lamentou ele. Ao

perceber que Vehda se aproximava, Izac tentou chegar até ela , mas foi golpeado por um dos

guardas, que o derrubou.

— Onde vai, escravo? Vá recolher suas tralhas e se apresentar na s aída do forte!

A Sacerdotisa se exaltou falando em idioma Supério em alto e bom som:

— Deixe este aí, o meu acordo com Straxus era para libertar todos o s escravos de Áurius.

Este humano doente e mutilado não pertence a este mundo!

Izac continuou no chão e baixou a cabeça. Ficou decepcionado, ma s compreendeu o ponto

de vista da Sacerdotisa. Ele então tentou se levantar, mas foi surpreendido por Vehda, que

simplesmente se deixou cair em cima dele. Izac se assustou com aq uele corpo macio, grande e

quente sobre ele. O cheiro dela trazia paz. Vehda o abraçou e sussurrou em seus ouvidos de

forma melodiosa.

— Perdoe-
me, é que apenas posso confiar em você! Sei que está confu so, mas acredite,

vamos nos encontrar novamente!

Ela se levantou e continuou acompanhando os guardas. Izac abraço u a si mesmo e ficou no

chão pensativo. Eles nunca haviam se visto antes, então como ela p oderia confiar nele? E como

ela poderia ter tanta certeza que se veriam novamente? Enqua nto pensava, Straxus desceu até

Vehda e a levou sorrindo para as prisões no subsolo.

Naquela madrugada, cerca de mil e quatrocentos nativos de Áurius f oram libertados. Mais

de dois mil seres de outras raças permaneciam ali para continuar o t rabalho dos turnos, inclusive

Izac. Ele se despediu dos amigos na saída dos portões.

— Garoto, pode ter certeza, vamos voltar para buscar vocês! — emocionou-se o anão

Gwim.

— Não se preocupe, vocês estão lutando pela liberdade de vo cês e terão muitas coisas a

fazer, vocês precisam continuar lutando. Se voltarmos a nos v er ou não, só quero que me

prometam que sempre vão lutar, está bem?

O anão abraçou Izac e chorou.

— Droga! Sobreviva até a gente voltar!

Izac não respondeu, apenas sorriu. Quando os portões se fech aram ele caminhou para as

minas, era hora do seu turno no trabalho. Foi um turno difícil para Izac, ele olhava em volta e

não via mais nenhum conhecido. Os outros alienígenas que es tavam lá viviam muito mais

deprimidos que ele e evitavam chegar perto do jovem por causa de sua doença. Izac coçou o olho

e percebeu um caroço. Ele encheu um pires de água e o fez de esp elho. Ele reparou que em torno

do seu olho esquerdo já estava cheio de feridas e pus.

— É, meu tempo está mesmo acabando! — lamentou Izac num sorriso.

Ele continuou o trabalho até o fim do turno. Depois desceu até os níveis inferiores da

prisão, onde ficava sua cela. Ele entrou e deitou-
se no pedregulho que chamavam de cama. Seu

corpo doía, mas não tinha escolha a não ser tentar recuperar suas forças para o seu próximo turno

de trabalho. Mas trabalhar agora para quê?

De certa forma ele sentiu que seu trabalho estava completo e que sua vida havia chegado

ao fim. Ele buscou o seu braço e ele não estava lá, o seu rosto estava deformado e cheio de

feridas por causa da doença e Izolda estava morta… Seus pais estavam distantes demais para

serem alcançados. Era realmente o fim. Entre risos e lágrimas, ele gritou como um louco na

caverna. Caiu no solo e chorou o quanto aguentou, consumido agora pelo sentimento da solidão

de estar sozinho naquela prisão e sem nenhum amigo.

Ele pegou o velho caderno de desenhos de Izolda, passou algumas páginas, mas não

conseguia se animar. O infeliz apenas se lembrava das palavras do capitão Set Rayzor. Em um

determinado momento resolveu se entregar à tristeza e escuridão. Ele ria e chorava de forma

histérica e, tomado de ódio, ele quebrou um pedaço de carvão na mão e começou a rabiscar

furiosamente rostos nas paredes e a conversar com eles. Um rosto dizia: “o que há com você, vai

desistir?”, o outro respondia: “não há mais nada o que fazer, olhe pa ra ele, já está quase morto”.

“Seria melhor que morresse mesmo!” dizia o terceiro rosto desenhad o. “A culpa é daquela garota

que conheceu, se não tivesse se metido com ela isso não teri a acontecido”. Este quarto rosto

tinha a expressão mais severa de todas e parecia dizer: “amaldiçoe a sua sorte e as escolhas que

fez, morra no rancor que é o que você merece”. Naquele instante Iz ac pegou o carvão e rabiscou

repetidamente o rosto que havia desenhado.

Então ele começou a desenhar um par de olhos calmos, um nariz delicado e lábios bem

marcados e felizes… o rosto da Sacerdotisa que havia conheci do. Ela havia perdido a própria

liberdade para dar uma chance aos demais. Ele tocou a face do desenho como se desejasse

novamente tocar o corpo daquela elfa com asas de cisne que havia conhecido. Então ele pensou:

“ela também deve estar sofrendo agora!” e recostou a cabeça na par ede.

Ao encostar a cabeça na pedra, ele pensou ter ouvido algo. Curioso, ele colocou o ouvido

na pedra e tentou identificar o que era. Era uma espécie de c anto leve e distante, parecia que

vinha de algum lugar abaixo.

— Será a Sacerdotisa?

Imediatamente ele se levantou e saiu da cela. De alguma maneira ti nha que tentar descobrir

onde a elfa alada estava presa. Ele foi para a caverna que funcionav a como banheiro. Chegando

lá ele olhou para as rochas e viu o duto de ventilação. Com muita dif iculdade por poder contar

apenas com um braço, ele retirou uma grade de ferro e adentrou o b uraco.

Izac passou pelo duto e desceu no banheiro que ficava ainda mais abaixo daquele lugar.

Passou pelo corredor de celas inferiores e viu que estavam todas va zias. Com cuidado ele seguiu

em frente, sempre observando se havia guardas, até que chegou a uma porta lacrada que estava

muito bem vigiada. Como entrar? Já acostumado com o estilo daque le Forte-Prisão, Izac viu que

o duto de arrefecimento passava por cima da porta em um es paço de pouco mais de quarenta

centímetros. Ele olhou para cima e viu tapumes que serviam de esc ora para as rochas da prisão e

os dutos. Ele subiu neles e cuidadosamente passou por onde estava m os guardas e entrou na sala

protegida usando o vão do duto de arrefecimento.

Ao chegar do outro lado, ele encontrou uma sala mal iluminada com uma luz esverdeada e

a Sacerdotisa seminua amarrada com arames à parede. Com o próp rio peso, os arames feriam sua

carne e o sangue rubro jorrava por todo o corpo branco daquela fêm ea. Izac também viu sujas de

sangue algumas tesouras, pinças e agulhas longas. Não havia dúvidas: ela desde que chegou

estava sendo torturada.

Izac desceu do teto com muita dificuldade e foi até a mesa, onde ha via algo semelhante a

algodões usados para limpeza. Embebendo-
os em água, começou a cuidar da moça. Assim que

sentiu a ardência no corpo ferido, ela abriu os olhos.

— É você? — sorriu ela, demonstrando cansaço. — Eu sabia que p oderia confiar em você!

Qual é o seu nome?

— Izac Valgas. Você está muito machucada — lamentou ele.

— Você também. O seu rosto está consumido pela doença e sua al ma ferida pelos anos de

sofrimento. Quanto tempo está nessa prisão?

— Eu… não sei ao certo! Creio que dois anos… do meu mundo.

— Perto de você eu estou muito bem.

— Uma mulher não deveria passar por um sofrimento como o seu, não se preocupe

comigo, eu aguento.

— Você é orgulhoso! — riu ela. — Agora entendo porque está conse guindo sobreviver! —

Ela olhou para os punhos e fez uma expressão de dor. — Ficar pend urada assim dói muito, mas

você há muito tempo passa por coisas piores, não é?

Izac examinou a situação. A auriana estava pendurada pelos p unhos em arames que

estavam enrolados nos seus pulsos e cada arame tinha uma espéci e de gancho que estava cravado

na carne dela. O arame passava por duas roldanas no alto e descia para uma manivela ligada a

um aparelho gerador. Aparentemente, quando o gerador era lig ado Vehda ainda recebia uma

carga elétrica como castigo. As asas de cisne da dama estavam co m grampos de ferro as unindo;

era uma imagem bizarra para se imaginar, mas aparentemente havi a sido usada uma espécie de

grampeador para uni-
las. As pernas dela não estavam amarradas e ficavam suspensas no ar a uma

altura de cinquenta centímetros. O fato das pernas não estare m amarradas juntas era sinal que,

além das torturas “comuns”, ela podia estar sofrendo outro tipo de abuso. Só imaginar o que

fizeram com a Sacerdotisa fez a boca de Izac amargar de ódio.

— Vou te tirar daí. Se eu te levantar, você consegue soltar o cabo da roldana que está te

apertado?

— Consigo, sim, mas você não deve fazer isso, o nosso tempo é cur to e o que tenho para

falar é importante — respondeu ela.

— Não é justo você sofrer assim!

— Você também tem sofrido, e sejamos sinceros, se você me tirar d aqui o que faremos?

Na verdade, não há nada a ser feito, nossas estradas são estreitas e as encruzilhadas, limitadas.

Não temos opções de escolha, meu querido. No momento tem os apenas duas: ou sim, ou não.

Uma nos levará a uma morte rápida e improdutiva, a outra a uma m orte lenta, sofrida, mas com

uma compensação para os outros que ficarão.

— Eu não sei o que posso fazer, mas ainda assim prometo tentar aj udar, pois esta é a única

coisa que posso oferecer para aliviar seu sofrimento — disse ele.

— Você é um doce. Mesmo doente e ferido é um cavalheiro. É exatamente o tipo de

pessoa que vi que era nas visões que tive.

— Eu conheci uma outra pessoa do seu mundo — disse Izac com p esar. — Ela ficou em

minha casa e tenho a certeza que, para salvar minha família, ela se sacrificou. Ajudar você é

talvez minha maneira de mostrar minha gratidão por ela.

— Quem era esta pessoa? — perguntou a Sacerdotisa.

— O nome dela era Izolda.

— Você conheceu a Princesa Izolda? — assombrou-
se ela. — Estamos há muito tempo

procurando por ela! Sabe onde ela está?

Izac ficou em silêncio. Ela não podia ver o seu rosto, mas sentia o q uanto estava abalado.

A Sacerdotisa compreendeu.

— Eu já esperava, nós já não sentíamos a presença espiritual dela h á bastante tempo... mas

ainda assim esperávamos por um milagre. — Uma lágrima desceu d os olhos de Vehda, mas ela

manteve-
se firme e continuou. — O que vou contar agora é importante e você vai entender o que

é que está havendo aqui e porque estão nesta mina. Na verdade, o que eles estão procurando aqui

é o Blisar.

— Eu sei, o Senhor Fazollo me explicou. Como posso achar isso ant es deles?

— Você possui uma vantagem que os outros não têm. Abra sua men te por um instante e

me deixe mostrar algo! — E por um segundo a mente de Izac nublo u-se. Ele viu túneis e uma

pedra marrom, do outro lado da pedra havia uma caverna com um p equeno globo azulado de luz.

— Creio que você já passou por estes túneis na mina, não?

Izac viu claramente a pedra que deveria encontrar. Ficou assustado.

— Não se apavore, sou uma Sacerdotisa de uma ordem tão antiga que você nem

imaginaria. Eu converso com os espíritos anciões e com a Potência de Dehva, que é a Deusa-mãe

dos elfos deste mundo. Em meus sonhos, sou capaz de cami nhar com eles em espírito durante

minhas peregrinações astrais. A imagem que você acabou de ver é a que eles mostraram para

mim.

— Então você é um tipo de profeta? Porque juro que realmente reco nheço aqueles túneis.

— Pode-
se dizer que sim, a única coisa que peço pelo bem de todos os seres livres no

mundo é que jamais entregue esta joia a eles. Ao trazerem p essoas do seu planeta para serem

escravos aqui, os Superiores revelam a intenção de atacar o s eu mundo num futuro próximo.

Aqui existem seres com grande força dispostos a lutar contra os inv asores.

— Eu tenho uma pergunta: eu ainda vou ver minha família?

Vehda baixou a cabeça e não conseguiu conter o choro.

— Izac, não vejo futuro para você. Perdão, mas nas visões q ue tive você não saiu deste

Forte-Prisão com vida. Perdoe-
me, o que estou oferecendo a você é apenas um dos caminhos que

vai te levar à morte aqui.

Izac ficou triste, mas compreendeu. Por alguns instantes ele p arou para pensar nas

implicações de suas decisões. Se por muita sorte conseguisse voltar para o seu mundo, sabendo

tanto sua família viveria sitiada, vigiada pela inteligência dos S uperiores, correndo risco

constante e sem liberdade. Se ele ficasse parado na mina, ele seria consumido pela doença e

morreria em breve. No entanto, se seguisse as instruções de Vehda ele morreria, mas arruinaria o

futuro dos Superiores. Por toda a humilhação que havia passa do até aquele dia, sua morte em

uma situação assim parecia uma coisa boa.

— No fundo eu sempre soube que esta seria uma viagem sem volta — respondeu o jovem

por fim.

Vehda começou a chorar.

— Desesperançado, ferido, sozinho… Vejo em seu coração que você amava muito Izolda.

Você e ela são parecidos, se sacrificam pelos outros. Eu amo você, Izac! Você é o tipo de

homem que vale a pena amar. Sua coragem vai salvar a vida de planetas inteiros.

— E quanto a você, também não me parece que você tenha alguma esperança.

— Eu escolhi fazer isso pelos meus amigos! Agora deve ir, senão você correrá risco de não

conseguir realizar nosso desejo.

— Queria ser mais forte do que sou — lamentou Izac.

— Você é mais forte do que imagina! Lembre-se, Izac, no Universo a morte é apenas mais

uma transformação, não tenha medo de morrer, o Deus Infinito está com você! Adeus, Izac!

E a Sacerdotisa de Dehva novamente ficou sozinha em seu martírio enquanto Izac teve que

se desdobrar para encontrar uma maneira de subir a parede, chegar ao tapume e desaparecer.

Quando chegou ao seu aposento, o jovem mordeu o dedo anelar e ouviu um estalo. O osso

se partiu.

“Como eu esperava, este braço também não vai durar muito tempo. Está na hora de colocar

um fim nisso tudo,” pensou.

Ele pegou o dedo arrancado e viu que os fios de cabelos est avam bem presos. Ele então

colocou o dedo junto ao rosário, presente de sua mãe, do relógio do pai e outros objetos pessoais.

Então levantou-
se e pegou a picareta e o capacete de mineiro. Era hora de f azer o último

trabalho.

Sem perder tempo, Izac correu para os túneis da mina e começou a trabalhar junto com os

demais; entretanto, em determinado momento, tomou uma direção d iferente. Ele caminhou por

um corredor de pedras de cores variadas até que viu o rochedo cinz a idêntico ao da visão. Ele

meteu a picareta na pedra várias vezes até que ela começou a trinc ar. Alguns outros escravos

questionaram o motivo dele estar ali, mas ele, fingindo não entender , continuava a lascar a rocha

até que, em um som surdo, ele pôde ver um pequeno buraco. Os e scravos se assustaram e alguns

deles foram logo procurar por algum soldado. Izac, ignorando tudo, continuou a rachar a pedra

com a picareta até conseguir passar se arrastando. A rocha era gran de e ele continuou fazendo

isso até que repentinamente caiu. Com a ajuda da lanterna de miner ação ele olhou em volta e

identificou a direção que deveria seguir.

A caverna era estreita e úmida e havia um pequeno lago subterrâne o. No centro do lago ele

viu uma luz e, ao se aproximar, encontrou um pequeno sol m uito azul do tamanho de um

amendoim e pequenos vagalumes em torno dele, girando como se ali estivesse um pequeno

sistema solar. Era o Blisar.

Naquele instante ouviu-
se um estrondo e a caverna inteira estremeceu. Ao fundo ele

escutou a voz de um dos soldados:

— Tem mesmo um espaço aqui não explorado! Venham, seus escravos inúteis, venham!

Abram isso! Quebrem tudo! Nós queremos passar!

Izac olhou para o pequeno globo no meio do lago e caminhou em direção a ele. A água

estava de gelar os ossos, mas ele não se importou. Nada mai s importava. Na mente de Izac só

havia a ideia de encontrar uma maneira de destruir aquela pedra. Ele terminou de atravessar o

lago no exato momento em que os soldados adentraram a caverna.

— Comando, aqui é o Tenente 209, encontramos uma caverna subterrânea.

— Prossiga com o relatório, Tenente 209.

— Estamos caminhando em torno de um lago subterrâneo à nossa frente e podemos ver um

dos escravos. Ei, espere, ele está na frente de algo. Chame o Comandante Straxus, parece que

localizamos o Blisar!

— O Comandante Straxus já está na escuta, envie imagens da caverna, soldado.

No centro de comando, em uma das torres pontiagudas do Forte-Prisão, o Capitão Set

Rayzor e o Comandante Straxus Reder tinham as imagens geradas pelo capacete do soldado.

— Mude a paleta de cores, a imagem não está nítida — reclamou o Comandante.

O soldado operador obedeceu e o rosto do escravo surgiu cristalino na tela do Comandante.

— Mas… este aí não é aquele escravo que você mandou para cá? — disse entredentes o

Capitão, olhando para o Comandante.

O Comandante arregalou os olhos, não acreditando no que via . Sua ação em seguida foi

apenas de olhar o monitor de forma furiosa sem dizer uma palavra.

Na caverna, Izac olhou para trás e viu a pequena chama de sol. O q ue fazer? Ele não tinha

a menor ideia de como protegeria aquela luz de inimigos tão podero sos.

— Saia daí, escravo! Isso que está com você pertence aos Superior es.

— Vão se ferrar! — gritou Izac. — Muita gente morreu pra vo cês tomarem posse esse

treco aqui! Vocês não vão colocar a mão nessa joia nunca nessa vid a!

— E o que vai fazer? Acha que pode com algum de nós aqui?

Izac esfriou. Ele era fraco demais para lutar com qualquer sol dado. O que fazer? Então,

numa atitude desesperada, ele tomou para si o pequeno globo na m ão e o seu braço começou a

queimar com tamanha energia. O berro do rapaz foi tão apavorante que todos os escravos que ali

estavam saíram correndo da mina.

— Seu idiota! — disse o Tenente — Como quer tomar na mã o o poder capaz de criar

sistemas solares inteiros? Você é só um mísero escravo, menos que um rato!

Izac sorriu entre as chamas que o consumiam, reuniu suas últimas f orças e engoliu o globo

de fogo.

“Que porcaria, parece que vou mesmo morrer! Se Deus existe e eu pudesse fazer um

último pedido, seria que este globo fosse consumido junto com igo para que não seja usado de

forma errada por ninguém”.

E o corpo do rapaz se tornou azul como as chamas do Blisar.

“Pai, Mãe… perdão!” sussurrou fechando os olhos. E, numa explosã o de luz azul, a mina

inteira começou a se desfazer e Izac desapareceu consumido pelas chamas.

No interior da caverna, na prisão, uma elfa de asas de cisne chorava .

— Pobre garoto! — dizia em lágrimas o ser angelical. — Ele estava só, doente, ferido e

sozinho. E, no entanto... — Ela engasgou. — Eu o mandei para a m orte certa! — E finalmente

baixou a cabeça. — Se eu pudesse fazer um desejo, minha Deusa, seria que este jovem tivesse o

direito de uma nova vida! Lutar tanto e morrer de forma tão i nfeliz é triste, muito triste! —

continuava sua prece aos prantos. — Sua vida neste mundo a té agora foi apenas de injustiças

sofridas!

E um raio de luz e partículas subiu rumo aos céus. O solo começou a tremer.

— Comandante! — gritou um dos soldados. — Uma explosão do centro deste mundo

aconteceu. Este vulcão extinto vai entrar em erupção!

— Todos para os módulos de emergência agora! — bradou St raxus. — Vamos para a

cidade de Monte Negro.

— Vamos deixar o forte para trás? — reclamou o Capitão Set, que e ra o responsável pelo

Forte-Prisão.

— Dane-
se. A operação foi um fiasco. Vamos esperar a atividade vulcâ nica terminar e

reiniciar a busca pelo Blisar.

— Temos quanto tempo? — perguntou o Capitão.

— Cerca de dois kahecíclons.

O Capitão esmurrou a mesa e olhou para o Comandante com ódio. Ele sabia que, como

este era de hierarquia superior, a culpa pelo fracasso de anos de tra balho iria recair sobre si, que

era o imediato. Já o Comandante, nem olhou para trás. Foi logo par a sua nave e ordenou que ele

e seus batedores decolassem.

— Capitão, o que faremos? — perguntou o Tenente.

— Soe o alarme e tire todos os nossos soldados daqui. Mant enha os portões fechados,

vamos deixar que todos os escravos morram para que não haja test emunhas quando o exército da

Resistência deste planeta passar por aqui!

— Sim, senhor.

O alarme foi tocado. Todos os soldados dos Superiores deveri am decolar em até um

kahecíclon.

Já nos céus, a nave de Straxus e outras doze pequenas naves de e scolta voavam em direção

ao sudoeste, onde estava localizada sua principal cidade. Repe ntinamente, uma de suas naves

batedoras explodiu.

— Ataque! Estamos sob ataque! — A mensagem do rádio era clara.

— Mas que droga é essa? — praguejou o Comandante Straxus qua ndo uma sombra negra

cobriu o seu transporte.

— Comandante, é o Rei Kimsley!

— Como é?

— É o Rei Kimsley em pessoa!

A grande sombra superou a nave dos Superiores em velocidad e e fez uma parábola nos

céus. O Comandante claramente pôde ver o seu adversário: tratava-se de um gigantesco dragão

que media cerca de quarenta metros desde a ponta da cabeç a ao fim de suas sete caudas. Ele

possuía uma juba de leão e sua couraça era malhada nas cores dou rado e preto.

— É o dragão lendário das sete caudas! — afirmou o piloto. — É o Rei Kimsley com

certeza! E ele não está só.

Ao lado das naves dos Superiores, cavaleiros montados em gri fos, águias vorazes e

cavalos-alados acompanhavam o Rei.

— Que merda! — mordeu os lábios o Comandante Straxus.

CAPÍTULO 16

FOGO NOS CÉUS

Ísis acabava de chegar da escola quando parou diante da caixa de c orreios e viu uma carta.

Ao retirar a carta leu o remetente e sorriu, era a primeira cart a que recebia do irmão. Ela foi

correndo contar aos pais.

— Pai, Mãe! Olha só, é uma carta do maninho!

Ela imediatamente entregou a carta ao pai, que rasgou o envelope e viu que havia algumas

fotos e uma carta impressa. No rodapé, a assinatura do filho. Senhor George franziu a testa. A

esposa e a filha ficaram rindo ao ver as fotos de Izac, ele estava bem e vestia um uniforme

branco com abotoaduras douradas, ele parecia feliz na foto. Senhor George foi para o quarto e

nada disse. Sentou-
se diante da janela e começou a olhar as nuvens, preocupado.

O tempo passou. A cada dois meses ele recebia o mesmo estilo de carta com algumas fotos

e escrita à máquina, apenas a assinatura era do filho. Isso se repetiu por mais três vezes. Na

quarta vez Ísis chegou correndo e dizendo:

— Veja, papai, uma nova carta do maninho.

Ele não disse nada, apenas foi para o quarto, sentou-
se diante da janela e começou a olhar

as nuvens. Dona Tainá achou aquilo estranho, mas preferiu comemorar com a filha e ver as

fotos, não queria que ela se envolvesse nos problemas dos adultos. Naquela noite ela foi ter com

o esposo:

— Querido, não entendi. Por que não quis ver a carta de nosso filho desta vez?

— Desculpe, amor! Não consigo disfarçar mais. Pegue as cartas de nosso filho e dê uma

olhada nelas.

Dona Tainá foi até a gaveta e pegou as cartas. O velho espalhou as quatro cartas que

recebeu até então sobre a mesa e disse:

— Esta foi a primeira carta que ele nos mandou. Bem, Izac é esperto, ele não iria dar

bandeira e escreveria uma carta semelhante a que está aí, mas me deixaria pistas na carta sobre

sua real situação. Eu conheço o meu garoto e sei que ele iria passar uma outra mensagem dentro

da carta em código. Isso não aconteceu, então não foi ele quem escreveu esta primeira carta.

— Ele poderia ter tido medo e escrito em outra.

— Verdade, mas isso não aconteceu. E olhe bem as quatro cartas que temos aqui.

— Não vejo nada de diferente, querido. Foram escritas iguais, todas foram escritas à

máquina.

— Exato. Foi tudo escrito à máquina, inclusive a assinatura.



Dona Tainá se assombrou. Ela olhou as quatro assinaturas do filho e estavam realmente

idênticas.

— Um ser humano dificilmente consegue replicar duas assinaturas i dênticas, quanto mais

quatro. Quem escreveu essas cartas não foi o nosso filho. Iss o é muito ruim. Não vai demorar

muito até eles mandarem uma carta lamentando que algo aconteceu com nosso menino e vão nos

oferecer uma indenização.

Dona Tainá caiu na cama e começou a chorar. Senhor George olhou para a janela e seus

olhos estavam cheios de lágrimas. Em seu íntimo ele dizia:

“Você é muito valente, meu filho. Não sei o que vai acontecer ou o q ue aconteceu contigo,

mas tenho muito orgulho de você!”

E, de fato, dois meses depois eles receberam a temida carta t imbrada da Organização

Pamon-
r. A mãe tremia de nervosismo enquanto rasgava o envelope q ue continha a seguinte

mensagem:

“Senhor e Senhora Valgas. É com grande pesar que comunica mos que o seu filho, Izac

Valgas, faleceu em decorrência de um acidente de carro duran te o deslocamento entre nossas

unidades de ensino e trabalho. Seu filho era um garoto exemplar e a mado por todos nós. Por este

motivo, gostaríamos que visitassem nossa sede no Brasil, a fi m de que nossos psicólogos e

especialistas trabalhem com vocês para que superem este momento de perda. Nossa organização

dará todo o suporte à sua família.”

Dona Tainá caiu em prantos. No quarto, o Senhor George con tinuava sentado em sua

cadeira olhando as nuvens. Ele escutava o choro da mulher na sala, mas a sua dor era tanta que

ele mesmo não conseguia levantar, nem mesmo chorar. Seu peito d oía e sua alma, ainda mais.

Nos céus do planeta dos anéis, a cavalaria-
alada da Resistência perseguia impiedosamente

as naves dos Superiores. Uma rajada-relâmpago cruzou o céu e uma nave explodiu, obra do

gigantesco dragão que liderava o ataque.

Pouco atrás dele, duas dezenas de cavaleiros-alados se deslocavam nos céus. Dentre eles

estava Edocross montado em um cavalo-alado, o anão Gwim montado em uma águia feroz e Ian

montado em um grifo. Armados com uma besta de longo alcance qu e disparava flechas de fogo,

eles se atiraram contra as naves aéreas dos Superiores, obrigando-os a se dispersarem para não

serem alvejados.

Percebendo seus batedores perdidos diante do ataque, Straxus berr ou:

— Estes bruxos malditos querem aproveitar nossa desorganiza ção por causa da explosão

vulcânica! Isso é imperdoável! Vamos mostrar a eles novamente que nada é mais forte que nossa

tecnologia! Fogo neles!

— Não é fácil, Comandante — gritou o piloto. — Eles estão e m maior número, e a

presença do Rei Kimsley é um problema para todos nós.

— Será que eu, como Superior, serei obrigado a me levantar de min ha cadeira para fazer o

trabalho de vocês? — perguntou Straxus, possesso de raiva.

— Mas é o Rei Kimsley! — rezingou o piloto. — Os estudos indicam que esta criatura é

tão poderosa quanto um membro do Comando de Elite dos Superior es! Somos soldados comuns,

não temos recursos para lutar de igual para igual contra uma monstr uosidade deste nível!

— Cale-
se! Eu conheço estes relatórios — clamou Straxus, mas com olhar h esitante.

O Comandante tinha motivos para não sair do lugar; quando o Rei Kimsley liderou um

ataque contra os Ouvidores do Presidente, ele foi capaz de tirar a vi da de vários Comandos de

Elite. Os Superiores costumavam definir seus inimigos por nível de ameaça. Um inimigo ou

transgressor das normas dos Superiores ganha imediatamente o Status I. Se ele for perigoso,

recebe o Status P. Se for extremamente perigoso, recebe o Status M . Mas se algum deles é capaz

de realmente tirar a vida de um Superior, ele recebe a classificação de ameaça grave, ou Status

G. O dragão em questão ganhou status de ameaça grave para os S uperiores. Ele queria manter a

pose, mas não conseguia esconder o incômodo que sentia sendo el e o único ali que poderia lutar

contra tal adversário. Para sua sorte, o comunicador chamou:

— Comandante Straxus Reder, aqui é o Comando de Elite Int endente Baal Reavylord.

Localizamos em Monte Negro o deslocamento do Rei Kimsley em s ua direção e identificamos o

ataque do inimigo. Peço permissão para interceptar a ameaça de St atus G pessoalmente.

— Permissão concedida, Intendente Baal.

— Hell Straxus! — saudou o Intendente.

Nos céus de Áurius, estrelas cadentes se cruzaram. De um la do o Comandante e seus

batedores perseguidos pela cavalaria-
alada da Resistência e, de outro, o Intendente Baal

Reavylord e seus subordinados. Entre os cavaleiros-
alados estava Edocross que, assim que viu os

inimigos passarem por ele, gritou:

— Atenção! Os reforços dos Ocres chegaram! Cuidado com a retag uarda!

Os inimigos chegaram atirando; sem surpresa, sua arma preferi da eram os projéteis

inteligentes que detonavam assim que se chocavam contra qua lquer objeto e travavam o alvo

através de identificação visual, perseguindo o inimigo até o atingir. N ão era a primeira vez que a

cavalaria-
alada daquele planeta enfrentava este tipo de inimigo; os grifo s e os cavalos-alados

faziam verdadeiras acrobacias aéreas para se livrar dos projéte is e contavam com a ajuda dos

cavaleiros que, com suas armas, destruíam os artefatos.

Os grifos ainda possuíam a habilidade natural de cuspir bolas de fogo, mas os cavalos-

alados não tinham essa sorte e eram os que mais sofriam contra est e tipo de inimigo. Mesmo com

toda a habilidade, muitos não conseguiam escapar das armas. Quando o artefato atingia um

cavaleiro-
alado, uma grande explosão acontecia. Sangue e carne queimada c aíam fumegando dos

céus. A morte era certa.

Rápido como um pesadelo, Baal Reavylord voava pelos céus usando como forma de

propulsão apenas a sua armadura vermelha. Suas armas eram um par de lançadores em forma de

discos que possuíam sensores inteligentes ligados ao sistema nervo so do Soldado de Elite. Esta

arma obedecia a todos os movimentos que ele desejava, como se fosse uma extensão de seu

corpo. Os discos eram da espessura de um fio de cabelo e eram ar mas criadas com o objetivo de

bater e cortar. Os discos giravam com uma velocidade próxima à da luz e os lançadores tinham o

efeito semelhante ao de um ioiô, contraindo e esticando em distânci as aleatórias. Esta arma foi

batizada por Baal com o nome de “bate-corta”.

A quatro quilômetros de distância, o bate-
corta atingiu um cavaleiro-alado que montava

um grifo; o animal tentou segurar o dono, mas só conseguiu p egar a metade do guerreiro. Sua

cabeça e o restante do corpo precipitaram-
se no abismo, desaparecendo da vista de todos.

— Maldito Comando de Elite! — bradou Edocross, sacando a espad a.

— Espere! — urrou o dragão. — Lidere os homens, Edocross. Este aí é meu!

Edocross fez a volta com sua montaria alada e partiu para ci ma das naves inimigas

enquanto o grande dragão revidou o ataque de Reavylord com uma poderosa rajada de fogo. O

Soldado de Elite girou rapidamente o disco para formar uma b arreira de ar e minimizar o

impacto do ataque. Ele conseguiu neutralizar as chamas, mas por al guns instantes perdeu a noção

de distância, recebendo como castigo um violento golpe de uma das caudas do dragão.

O Superior despencou dos céus e se chocou contra uma flore sta que estava logo abaixo.

Várias árvores não suportaram o impacto e se partiram. O dragão n
ão perdeu tempo e incendiou

a floresta com o seu hálito flamejante, transformando em carvão tod
a a região do impacto. Em

seguida passou a voar em círculos, olhando atentamente o local; ele
 sabia que a possibilidade de

um inimigo daquele nível sobreviver era bem grande.

Ele estava certo. Emergindo das cinzas, o bate-
corta surgiu assobiando e atravessou as asas

do dragão. Instantes depois o outro disco também atravessou a pata
 de trás da criatura gigante.

Como se agisse por vontade própria, os discos circularam em
torno do corpo do dragão, o

amarrando com os fios finos de aço. O Rei Kimsley subiu ainda mais
 em altitude e arrancou do

solo o inimigo enquanto o bate-
corta atingia violentamente suas costas, perfurando suas escamas

e rasgando sua carne.

O dragão reagiu cuspindo uma violenta descarga-
relâmpago contra o Superior. Ele berrou

de dor, o bate-
corta parou de funcionar e as cordas afrouxaram. O Rei Kimsley ent
ão disparou

uma rajada de ar frio, congelando o Supercomando, que novamente
 despencou dos ares levando

sua arma consigo. O dragão circulou nos céus e caiu dentro de um rio caudaloso que cortava

aquela floresta.

No solo, o Intendente Baal Reavylord levantou-se com dificuldades. Sua armadura

vermelha trincou com os seguidos ataques do dragão e se partiu.

— Que maldito! Não acredito que exista uma criatura no Universo ca paz de fazer frente à

força de um Superior! Ele vai me pagar!

O Intendente olhou para o rio e viu um homem sair de lá. Ele era alt o, tinha cerca de dois

metros de altura, cabelos longos cor de vinho, barba grande, queixo largo, orelhas de elfo e olhos

cansados que demonstravam que tinha idade avançada. Ele usava uma armadura de escamas de

dragão nas cores preto e dourado. Sua perna sangrava, mas ele ca minhava sem dificuldades.

— Ora, o líder dos cães deste planeta! — riu o Intendente.

— Rei Morvan Kimsley para você, Ocre!

E em torno do Rei um poderoso dragão dourado feito de luz se formou e de seu punho

direito um relâmpago cortou o ar, atingindo em cheio o Intend ente que voou, caindo a vários

metros de distância.

O Superior executou um rolamento e se pôs de pé rapidamente, contra-atacando com os

dois bate-
corta que tinha à disposição. O soberano reagiu rápido, esquivou-se habilmente das

armas do adversário e saltou para o meio das árvores. Reavyl ord iniciou uma desenfreada

perseguição a Rei Kimley pela floresta, onde o Superior tentava a todo o custo não perder o

inimigo do seu campo de visão, planejando poder atingi-
lo com sua melhor arma. Já o Rei tinha

a intenção de atrapalhar os movimentos do adversário, e desta forma a poder contra-atacar.

A luta apresentava este cenário, até que, em uma manobra rápida, o Rei desapareceu da

vista do Superior. Imediatamente este recolheu o bate-
corta e assumiu uma postura defensiva.

— Mas que merda! — praguejou o Superior. — Isso não é nada bom!

Os ataques mais perigosos dos nativos daquele planeta eram aqueles que os Superiores

chamavam de bruxaria, já que os nativos usavam uma espécie de mantra para usar a energia do

próprio corpo como arma. Para os nativos de Áurius, aquilo nada mais era do que o alinhamento

do poder do espírito com a natureza à sua volta, capaz de distorcer momentaneamente o

ambiente e fazendo o que outros chamariam de “mágica”.

Um dragão é uma das três raças mais poderosas daquele planeta, e o Rei Morvan Kimsley

era o filho de uma Potência, o que equivaleria dizer que é o mais nobre de todos os dragões

daquele mundo. Em Áurius, existem sete raças de dragões. Os drag ões vermelhos do elemento

fogo, os dragões brancos do elemento ar, os dragões azuis das águ as, os dragões verdes da terra,

os dragões amarelos da luz, os dragões negros da escuridão e, finalmente, a sétima raça é

justamente a raça daquele Rei, a única que tem nas mãos o poder de todos os elementos das

demais, os dragões-
santos, um tipo de dragão tão raro que não existiam mais de três vivos

naquela época.

O que Reavylord viu em seguida foi o Rei dos dragões emergir da te rra como alguém que

sai de um mergulho nas águas. Por um momento ele hesitou. Este momento foi mais do que

suficiente para o que viria depois. Uma onda de fogo circulou o corp o do soberano, tomando a

forma de um dragão em chamas; agora era Reavylord que estava a cuado diante do poder de seu

atacante.

— *Mitio Fleuer Rorgon*! — bradou o Rei em idioma local.

O Intendente foi atingido em cheio pelas incontáveis bolas de fogo d o ataque do Rei. Sua

armadura explodiu em pedaços e o soldado que pertencia à el ite dos Superiores perdeu o seu

orgulho e sua vida, caindo carbonizado no solo.

Imediatamente o Rei Kimsley assumiu sua forma de dragão dourado de sete caudas e voou

rumo a seus subordinados.

Nos céus, Edocross perseguia uma nave dos Superiores que s ubia e descia, fazendo

movimentos em “S” para evitar o raio de ação dos disparos do caval eiro. Mas Edocross era frio

como gelo quando estava em combate; concentrado, ele só en xergava o momento certo para

fazer um único disparo que derrubaria de vez a nave inimiga. A chan ce veio quando ela fez uma

segunda volta. Prevendo o itinerário do adversário, Edocross efetuo u o disparo perfeito e a nave

inimiga rodopiou ao ser atingida no leme. Um segundo disparo pôs fim ao funcionamento dos

motores do inimigo, que despencou dos céus em meio à grande fum aça.

Ian e Gwim perseguiam a nave do próprio Comandante Straxus. O g rifo de Ian atacava a

nave com suas rajadas de fogo enquanto a nau, em zigue-zague, tentava escapar. Por meio de um

aparelho preso ao cinto semelhante a um headphone, os membros da Resistência se

comunicavam.

— Ian, não se afaste demais! — preveniu o anão. — É um Comando de Elite que está

naquela nave, seus poderes são estranhos e perigosos, precisamos ser prudentes!

— Se perdermos esta chance agora, Straxus escapará. Temos que derrubar a nave dele

agora mesmo! — respondeu de forma firme o cavaleiro-alado.

Neste exato momento, duas naves batedoras cercaram Gwim.

— Ian! Chegou a cobertura do Comandante, temos que nos afastar ou ficaremos na mira

deles!

E o anão foi obrigado a fazer manobras nos céus para escapar da mira das duas naves

atacantes.

— Só um instante, eu sei que vou conseguir! — retrucou Ian, concentrado. — Firme aí,

Cian, eu só vou precisar de um instante! — disse ele de forma mansa ao seu parceiro grifo.

O cavaleiro ergueu-se no ar sobre o seu grifo e fez pontaria com sua besta long

a. Mas,

neste exato momento, um ser de armadura vermelha surgiu do nada e arrancou Ian de sua

montaria. O cavaleiro olhou para o ser e identificou o inimigo: era um Comando de Elite dos

Superiores. Ele era muito magro, comprido, cabelos amarelo-claros, olhos brancos como leite,

lábios negros. Os seios eram salientes, mas pequenos. Tratava-se de uma fêmea dos Superiores.

— Você é um inimigo de elite, mulher? — perguntou Ian com dificuldades, sendo erguido

dos céus pelo pescoço.

Ela riu. Um pulso elétrico passou pelo corpo do Comando de Elite e chegou ao corpo de

Ian. O que Gwim viu de longe foi o corpo de seu amigo fazendo uma série de movimentos não

naturais de forma aleatória. O anão gritou de ódio. Ele percebeu que todos os ossos de seu

companheiro haviam sido quebrados. Quando parou de se mexer, o sangue jorrava por todos os

poros da armadura do cavaleiro-alado. Ele estava morto.

O corpo de Ian despencou dos céus como uma boneca de pano, seguido pelo seu fiel grifo,

que se apressava em tentar salvar o seu parceiro. Em meio a esta confusão, Straxus e dois de seus

batedores escaparam, deixando as oito naves restantes em co mbate cerrado contra a cavalaria-

alada da Resistência. A guerreira Superior sorria satisfeita ao v er o seu Comandante escapar

ileso.

Naquele instante, uma flecha de fogo cortou os céus em direção à c abeça da guerreira, que

simplesmente virou-
se de lado e agarrou o artefato bélico com uma das mãos.

— Maldita! — gritou Edocross, que chegava montado em seu cavalo -alado. — Sei que um

membro do Comando de Elite dos Superiores é praticamente imortal , mas nem sua imortalidade

escapará da minha ira nesta guerra!

— Não estou nem aí para a sua ira — riu a fêmea. — Você simples mente não tem recursos

para me tocar. Sua vida está em minhas mãos.

Edocross armou a besta e fez pontaria novamente para a cabeça da inimiga enquanto ela,

de braços cruzados, sequer dava mostras de que iria se mover.

— Diga o nome de quem eu serei o algoz! — bradou Edocross, furio so.

— Algoz? — riu ela. — De onde tirou esta ilusão? Direi o meu nome para que lembre bem

de quem te humilha! Sou a Major Germinim Vermitrax, Comando de Elite do Batalhão Superior.

E dizendo isso, ela desapareceu repentinamente do campo de visão de Edocross, surgindo

como um raio atrás dele, tão próxima que ele podia escutar a voz de la em seu ouvido.

— Vou te fazer entender por que tenho este nome, verme.

Ela tocou o cavalo-
alado de Edocross e o animal se contorceu, quebrando todos os oss os

desde a ponta dos cascos à ponta das asas. O cavaleiro e o animal morto despencaram dos céus

em meio às gargalhadas da guerreira de elite dos Superiores.

Edocross tentou acionar a mochila que tinha um paraquedas, mas q uando o mesmo foi-se

abrir acabou prendendo na pata do animal morto que caía e se emb olou. Nada mais poderia ser



feito por ele, a não ser esperar a morte. Mas a morte não era o desti no daquele cavaleiro naquele

dia; o grifo pertencente a Ian surgiu nos céus rápido como um a miragem e, em uma primeira

passagem, ele cortou o paraquedas que estava preso. Na seg unda, agarrou com suas presas o

guerreiro antes que ele atingisse o solo.

O grifo carregou Edocross até onde estava o corpo de Ian, seu com panheiro de batalha. O

animal pousou suavemente e começou a urrar e a cheirar o corpo d e seu parceiro. Ele não tinha

lágrimas, mas sua tristeza era visível para qualquer um.

— Sei o que está sentindo, Cian — disse Edocross, abraçando o grif o e baixando a cabeça

deixando escapar as lágrimas. — Mas isso não pode ficar assim! Aq uela desgraçada matou seu

parceiro Ian e o meu amigo Snoke. Não sei quando a você, mas eu quero dar o troco!

O grifo urrou e se posicionou ao lado do cavaleiro-alado. Este subiu no dorso do animal

que decolou como um raio. Furiosos, eles estavam prontos para mai s um round de batalha.

— Tenente, quanto tempo nós temos? — perguntou o Capitão Set R ayzor, ainda presente

na maior torre do Forte-Prisão de Número Quatro.

— Er! Eu não sei, senhor!

— Como não sabe, imbecil! Não é você o responsável pelas leituras do sistema? Como não

sabe ler quanto tempo nos resta até a explosão do vulcão?

— Capitão, não há como saber! — disse o Tenente. — As leituras mudaram totalmente!

— Como assim?

— Veja por si mesmo!

O Capitão foi até o visor e viu algo extraordinário. A reação em cadeia iniciada tempos

atrás assumiu uma nova característica; era como se a explosão do pulsar estivesse agora emitindo

apenas uma absurda quantidade ondas de energia, como se aquela erupção fosse de raios, e não

de lava.

O Capitão foi até a porta da torre e viu um canhão de luz subindo para os céus, onde

ocorria um fenômeno semelhante à aurora boreal. Naquele instante o Tenente também chegou à

porta.

— Capitão, as equações que acabo de receber… este fenômeno é exatamente o que nossos

cientistas afirmaram que seria em uma ativação do Blisar.

— Como é? Então o Blisar realmente estava aqui e foi ativado?

— É o que parece. O que estamos vendo é o poder da criação. Um poder tão grande, capaz

de criar e destruir estrelas. Estou transmitindo estas imagens ao vivo para Monte Negro. Mesmo

que não possamos tocar o coração das estrelas desta vez, as leituras que estamos fazendo aqui

serão de uma utilidade ímpar para todos nós no futuro.

— Então tudo não foi um fiasco total — sorriu o Capitão.

Em seu íntimo, ele enxergou ali a possibilidade de subir de patente e desta forma deixar de

obedecer às ordens de Straxus. Set era um Superior, mas não foi promovido a Comando de Elite.

Este era o seu sonho, receber um upgrade em seu corpo e ficar no mesmo patamar de poder dos

principais Superiores daquele planeta.

— Hahahahaha! Tenente, muito bom trabalho! — gargalhou, tocando o ombro do

subordinado. — Você será promovido a Capitão, e eu a Major depois desta. Todos nós vamos

nos dar muito bem por termos ficado aqui e apostado nossas vidas contra o vulcão.

— Fico muito feliz, Capitão — agradeceu o Tenente.

— Aquele covarde do Straxus… Queria ferrar comigo, mas agora ele vai ver só! — O

sorriso de revanche de Set brilhava naquela sala de aço escuro.

Repentinamente os raios que apontavam em direção aos céus se fixaram em um ponto

trezentos metros acima do Forte-
Prisão. Nuvens negras se formaram e relâmpagos atingiam

aquele estranho ponto onde se formou uma espécie de bolha que e mitia uma estranha luz negra.

A bolha era atingida por descargas de várias direções, tanto dos céu s quanto do centro daquele

mundo. O estranho fenômeno podia ser visto a olho nu por to dos os prisioneiros do forte e os

soldados Superiores que ainda estavam em suas posições.

Set olhou da torre o fenômeno intrigado; ele sempre olhava pa ra o Tenente de forma

inquiridora esperando alguma resposta. Mas esta não veio. O Tenen te estava tão surpreso quanto

ele. O Tenente voltou a olhar os instrumentos e avisou:

— Capitão, a radiação do centro do planeta cessou. Não sei o que é aquela bolha, se é o

Blisar, mas seja como for ela parou de entrar em colapso e se estabi lizou.

— Se for o Blisar, talvez seja uma boa chance de o capturarmos.

— Não sei se é mesmo o Blisar… — disse o Tenente de for ma reticente. — Nunca na

história ninguém viu um Blisar antes, então não sabemos ao certo a sua aparência. A aparência

mais provável era aquele pequeno globo de brilho azul incandescent e que vimos quando aquele

prisioneiro o encontrou… mas esta bolha é muito maior e o seu brilh o é negro, não sei se é uma

forma expandida do Blisar ou outra coisa.

A bolha negra começou a se desfazer, assumindo a forma de uma sombra humanoide. A

sombra desceu vagarosamente e pousou no centro do Forte-Prisão.

— Isso não é o Blisar, é outra coisa — afirmou o Capitão Se t, pressentindo algo muito

errado.

Ele engoliu em seco e um arrepio passou por toda a sua espi nha quando, em um último

estrondo partido daquela sombra, ele pôde ouvir claramente um grit o… um grito que pronunciou

a palavra “*Orzon*.”

CAPÍTULO 17

O SOLITÁRIO CAMINHANTE PROIBIDO

No começo não havia nada. Era como se tudo fosse escuro. Não havia som, não havia

imagem, não havia calor e nem frio. Repentinamente a consciê ncia despertou e reparou que

estava escuro. A princípio, ela se assustou e não aceitou que tudo fosse apenas escuro. Então,

como uma explosão, tudo surgiu. Faixas de luz cortaram a es curidão como cometas e imagens

começaram a se formar. Era o reinício. Lembranças de uma infância esquecida. O rosto do pai e

da mãe. O sorriso da irmã. Risos. Brincadeiras. Lembranças boas e outras nem tanto. Pecados?

Muitos. Mas nem só de pecados vive o homem. Vive também do trabalho, das alegrias, do

amor… o primeiro beijo. Lembranças daquela que foi especial em su a vida.

Ele reparou, então, que estava morto. Naquele espaço vazio e cheio de estrelas, percebeu

que não possuía braços, pernas, olhos, nariz, boca… ainda as sim enxergava uma imensidão de

poeira branca espalhada nas trevas. Ninguém dizia nada, mas ele sabia que cada fragmento

daquele pó era um fragmento dele mesmo. O que ele tinha d e especial era apenas a sua

consciência, o resto era apenas como leite em pó soprado na escuri dão.

E aquela consciência escutou uma voz que não poderia ser o uvida por aqueles que têm

ouvidos, e ela deslocou-
se pelo espaço entre as estrelas até onde a voz o chamava. Ao longe

havia uma velha estrela. Ela estava apagada e apenas suas c rateras emitiam um brilho azulado

muito forte. A consciência voou até a velha estrela e entrou por uma de suas crateras. Dentro da

estrela havia um imenso salão de pura luz azul. Ao fundo havia uma sombra negra que lhe era

familiar, mas ele não sabia quem era. A sombra possuía um l enço azul brilhante em torno do

pescoço que formava uma espécie de capa e cabelos muito b rancos. Era uma sombra muito

velha, que caminhava devagar e curvada.

— É você aquele que conversava com a Sacerdotisa? — perguntou a consciência.

A sombra mantinha a cabeça baixa e seus cabelos brancos ta mpavam seu rosto, mas a

consciência sabia que o velho sorriu.

— Por que está aqui? — perguntou o velho.

— Não sei para onde vou — respondeu a consciência.

— E por que não sabe?

— Estou morto, não sei onde fica o paraíso e nem o inferno.

— Claro que sabe, todos os mortos sabem. — E o velho viro u-se e começou a caminhar

lentamente. — Se você não vai é porque está esperando um caminh o.

— Caminho? Está tirando onda com a minha cara? Isso não é justo! — protestou a

consciência. — Fiz tudo o possível para fazer aquilo o que é certo em vida, então o caminho

agora que morri deveria ser mais fácil!

— Você fez em sua vida aquilo que você escolheu, portanto n ão deve reclamar se o que

passou foi justo ou não.

O velho caminhou até uma rocha de quartzo branco e ali se sentou.

— O que vem agora então? — perguntou a consciência.

— Um círculo maior que o círculo anterior.

— Que bênção! — riu a consciência de forma irônica — Mais proble mas para mim!

— Se quiser… — disse o velho de forma tranquila.

— Se eu não quiser é só ir embora?

— Isso mesmo.

Por alguns instantes a consciência e o velho ficaram em silên cio, mas a consciência era

curiosa e queria saber mais.

— Eu não entendo! Quem é você afinal? Por que passei por tu do isso na vida? Pelo que

morri afinal?

O velho sorriu.

— Criança, eu sou a estrela anciã que é o núcleo deste planeta. Voc ê passou por tudo o que

passou na vida e morreu apenas porque eu precisava que alguém como você viesse até aqui.

— Você é Deus? — perguntou a consciência.

— Talvez para alguém como você, sim. Mas para o infinito, que é o verdadeiro Deus de

tudo, não. No Universo tudo é formado por esferas. Para o átomo, a coisa mais importante é a

molécula. Para a molécula, a coisa mais importante é a célula. Para a célula, a coisa mais

importante é o organismo; para o organismo, a coisa mais importante é o corpo; para o corpo, a

coisa mais importante é a Terra; para a Terra, a coisa mais importante é o Sol; para o Sol, a coisa

mais importante são as outras estrelas; para as estrelas, a coisa mais importante é a galáxia… e

para a galáxia a coisa mais importante é o infinito.

“Eu lhe digo, em um corpo humano milhares de células nascem e morrem todos os dias;

para a célula, o corpo humano é tudo. O ser humano ama suas células e o seu corpo, por isso faz

de tudo para protegê-
lo, porque precisa delas bem e saudáveis. Mas, quando as células se

rebelam e passam a agir como bem entendem, elas se tornam uma doença, um câncer, e se o

humano não agir, a doença matará todas as células saudáveis, o lev ando à morte.

“Esta analogia pode ser levada em escala cósmica. Um planeta que tem milhares de seres

vivos é uma bênção, mas quando estes seres vivos se rebelam e pa ssam a destruir o planeta, o ser

vivo que faz isso passa a ser encarado como uma doença e receber á uma dura lição da natureza.

A consciência lembrou-
se de seu mundo, onde os efeitos climáticos causam muitos

problemas e as pessoas sofrem por culpa da destruição ambiental d esenfreada criada pela ação do

homem.

— Não pertenço a um grupo que seja o melhor exemplo de e quilíbrio com o planeta —

refletiu a consciência.

— Eu sei. Mas você é de um grupo que está vendo na prátic a as duas partes. Enquanto

vários de vocês lutam para restabelecer o equilíbrio, outros ag em como uma doença e apenas

pensam em destruir tudo. Exatamente por isso você é um espécime tão interessante e julgo que

seja uma vacina eficaz contra o problema que estamos enfrentando.

“Quando um câncer consome um corpo e este não consegue ser tratado, o corpo morre.

Mas o câncer é uma doença individual, assim como o ser humano é um problema individual para

o seu mundo. Entretanto, quando esta doença é capaz de salt ar de um corpo para outro, ela se

torna uma moléstia contagiosa, uma peste. Estes seres ditos Superi ores saltam de um mundo para

outro, contaminando-o e destruindo-
o rapidamente e sem piedade. Quando os planetas choram, é

hora das estrelas tomarem uma atitude.

“Eu pertencia a um Universo anterior a este. Quando o meu Univers o se extinguiu, outro

estava nascendo e me acolheu e me envolveu. Aqui, eu e o planeta que os nativos chamam de

Áurius criamos um mundo único, cujas propriedades não se verão ja mais neste Universo. Amo

as estrelas e este planeta. E eu aceitei o trabalho de ser o in termediário entre as estrelas e os

planetas, cabendo a mim a tarefa enviada de meus amigos ancestra is de aplicar o castigo que esta

raça dita Superior merece.

— Então, eu sou um escolhido? — perguntou a consciência.

— Escolhido? — O velho ancião gargalhou tão alto que os cristais d o salão estremeceram.

— Por que acha que o Universo sussurraria no ouvido de tua mãe q ue um dia ela teria um filho

que atravessaria o Universo para bramir uma espada? O Deus do In finito é o deus do silêncio do

cosmos, da paciência de ver estrelas surgirem e morrerem. O ser hu mano, cuja vida é tão breve

quanto o piscar de um vagalume, não deveria ser tão arrogante e se achar tão especial diante do

Universo. Respeite o círculo ao qual você pertence, criança, p ois não é o homem maior que o

mundo! Encare a verdade, você não é um escolhido, você se escolh eu!

— Como? — assustou-
se a consciência. — Eu escolhi morrer da forma que morri e estar

aqui?

O velho soltou uma nova gargalhada.

— Raciocine, criança. Tudo começou com Izolda. Ela surgiu e m seu planeta após uma

furiosa tempestade. Durante dias ela vagou sozinha em seu mundo. Acha que você foi a primeira

pessoa a vê-la?

Naquele momento a consciência entendeu tudo, foi como se uma im agem surgisse em sua

mente desde o momento da tempestade. Ele imaginou a nave da cri ança caindo; ela, de roupas

estranhas, andando pelas ruas e tentando se comunicar. Algumas p essoas sorriam para ela, outras



a ignoravam, umas poucas davam a ela alguma moeda, outras a em purravam com força. Deitada

no chão, a criança passava o tempo sozinha. Suas roupas se tornaram sujas, as pessoas se

incomodavam cada vez mais com ela. Em pouco tempo a criança nã o tinha mais outra escolha

senão viver na mata e procurar se nutrir de folhas e raízes. Passou a ter medo e desconfiança das

outras pessoas, medo de ser agredida novamente enquanto centen as de pessoas passavam pelas

ruas, sempre virando o rosto quando a viam.

— Eu sou como tinta que perguntou a um conjunto de pincéis: “ei, q ual de vocês gostaria

de escrever uma história?”. Dentre todos os pincéis disponíveis, voc ê se prontificou e começou a

escrever. Você a chamou para sua casa. Cuidou dela. Prometeu sal vá-la. Desafiou os conselhos

de sua família e rompeu as fronteiras do Universo rumo a um a morte certa apenas por amor

àquela menina e o orgulho de cumprir a promessa que fez. Q ualquer pessoa determinada o

bastante poderia ter feito o caminho que você percorreu, a diferença é que você foi o único bravo

o suficiente para escrever a história até o seu ponto final.

A consciência estava em choque; em sua mente todos os dias que p assou até o instante de

sua morte surgiram como um filme de recortes: as humilhaçõe s, a dor, a doença, a morte… A

consciência voltou-
se para o velho como se quisesse perguntar algo, mas nada se form ava em sua

mente.

— Criança, você pode sair daqui e ir para a morada dos mort os e passar para o próximo

círculo… Ou eu posso dar a você a chave do Blisar que os Superiores tanto querem. Com o

poder nas mãos de criar e destruir estrelas, você está autorizado a mostrar a eles a verdade que,

mesmo com toda a tecnologia que possuem, nada é mais terrível do que a cólera do Universo. A

escolha é sua.

A consciência ficou em silêncio, mas não demorou para um sorriso s urgir em sua face.

— Desde que tudo aconteceu, o meu único sonho era ser forte o suf iciente para dar uma

lição naqueles canalhas. Não vou desperdiçar esta oportunidade. M as como posso fazer isto?

— O poder do seu coração é o seu limite. Quando quiser usar o pod er das estrelas, chame

por aquilo que eles têm mais medo!

O velho estendeu a mão para a consciência. Neste instante a consciência reparou que tinha

um corpo.

— Sempre soube que você iria aceitar, eu conheço você muito bem!

Quando os dois seres apertaram as mãos, a consciência olhou para a face do velho e se

assombrou: o velho era *ele mesmo*.

A câmera do Forte-
Prisão focalizava diretamente a sombra humanoide que estava de pé no

centro da fortaleza. As imagens eram transmitidas para Monte Negro. Os técnicos que serviam

aos Superiores especulavam sobre a origem do ser enquanto o Marechal San Hell Hogan, em

pessoa, observava tudo sentado em uma cadeira rodeada por monitores. Altamaran, o

responsável técnico do setor científico em Orbus Cariballion II, iniciou sua explanação.

— Realmente os dados transmitidos do Forte-
Prisão Número Quatro estão corretos. O que

acabamos de assistir foi mesmo a ativação do Blisar. O artefato que procurávamos durante

centenas de cíclons, por algum motivo ainda desconhecido pelos nossos cientistas, reagiu com o

núcleo do planeta e iniciou um processo de criação em proporção de um microverso. O que

vimos foi a criação de um pequeno Universo que tomou a forma da esfera negra que foi vista

instantes atrás.

O Marechal apoiou-
se na cadeira e encostou a cabeça no braço, insatisfeito com a

explanação de seu cientista:

— Doutor Altamaran, este tipo de explicação eu mesmo poderia ter dado. O que me

interessa é saber o motivo do Blisar ter aparecido na forma de um círculo de eventos. É possível

responder a esta pergunta?

— Ainda não, Senhor Marechal.

O Marechal ajeitou os seus óculos escuros e sibilou:

— Doutor Altamaran, vocês têm muita experiência na área científica e tecnológica, mas

nunca estiveram em uma frente de batalha contra inimigos cujos recursos você não conhece. Eu

sou um veterano de guerra e posso lhe dizer que já vi muita coisa estranha neste Universo.

Exatamente por isso eu posso assegurar que é de fundamental importância entender o que é esta

sombra.

— Bom, Senhor Marechal, eu posso assegurar que este event o é um fato aleatório e que

não tem qualquer relação com a guerra e…

— “Quando dois poderosos seres incompatíveis se unirem nas cerá uma prometida, e

quando esta ressurgir das cinzas como uma Rainha guerreira terá c hegado a hora do coração das

estrelas tomar a forma da morte e castigar um mal que veio de long e”. — disse o Marechal de

forma severa. — Não acredito em contos de fadas dos bruxos deste planeta, mas ignorar o efeito

psicológico que uma coisa destas tem para o moral de nossos inimigos é superestimar nossa

competência. De todos os inimigos de outros planetas com quem já l utei, Orbus Cariballion é, de

longe, aquele que possui os adversários mais formidáveis. Nunca tiv emos tantas dificuldades em

nenhum outro mundo para nos fixarmos quanto aqui. Tem ciência di sso, Doutor Altamaran?

— Óbvio que sim, Senhor Marechal.

— Ótimo! Eu necessito de respostas convincentes. É a informa ção correta que faz nossa

tecnologia superar os outros povos em nossas guerras. Não me dec epcione.

— Hell Hogan — saudou o cientista, se retirando rapidamente em se guida.

Naquele instante, a leste do palácio de aço, a nave do Comandante Straxus pousou. Ele

caminhou até a grande construção de ferro fundido que parecia um enorme polvo de aço e vidro.

Chegando em seu interior, ele subiu em uma espécie de prancha redonda que deslizou pelo chão,

conduzindo-
o até a sala do Marechal. Chegando lá ele saudou seu superior.

— Hell Hogan! — sorriu Straxus. — Tenho notícias a relatar.

— O que está fazendo aqui? — perguntou o Marechal em tom seco.

— Ora, vim relatar pessoalmente os fatos ocorridos no Forte-Prisão. Fomos atacados no

caminho pelos terroristas do Rei Kimsley e…

— … e o Intendente Reavylord foi morto — completou o Marechal, olhando fixamente

para o rosto do Comandante.

Straxus ficou de olhos arregalados e sua garganta secou de tal maneira que não conseguiu

dizer nada.

— Poderia me explicar o motivo de você, como Comando de Elite, não ter deixado a

segurança de sua nave e enfrentado pessoalmente o líder da Resistência que é nosso principal

inimigo? — disse o Marechal de forma ríspida, mas sem elevar o tom de voz em demasia. — Por

acaso não avaliou que, se você e seu Intendente tivessem lut ado em conjunto, as chances de

derrotarem aquele dragão teria no mínimo dobrado? Que espé cie de Comandante é você,

Straxus, que é capaz de fazer o orgulho dos Superiores cair por terr a desta maneira?

Straxus ficou pálido.

— Minha vontade neste instante é de transformar esta sua car caça inútil em poeira e

enterrar seu pó com a liga de concreto das nossas construçõe s. Pelo menos assim você teria

alguma utilidade nas nossas operações neste planeta.

— Mil perdões, Marechal — disse em voz baixa o Comandant e, constrangido. — Vou

voltar agora mesmo ao Forte-Prisão e ajudar nas batalhas.

— Onde está a Major Vermitrax?

— Ela está no campo de batalha? — assustou-
se o Comandante. Neste instante o Marechal

retirou os óculos escuros e fuzilou o Comandante com seu olh ar. — Er! Vou ordenar que ela

venha para cá agora mesmo!

Straxus saiu rapidamente do campo de visão do Marechal e iniciou as tentativas de contato

com a Major. Naquele instante, o doutor gritou:

— Senhor Marechal! A sombra… ela está mudando de forma novam ente!

San Hell e Straxus foram para diante do monitor e observara m a sombra negra tomar a

forma de um ser humano. Era um ser jovem aparentando cerc a de vinte anos. Tinha estatura

mediana, cerca de 1,75. Era magro. Sua pele era de um tom moreno tão escuro que quase

chegava a ser negro. Os cabelos eram lisos, pretos, longos e estava m amarrados em um rabo de

cavalo. Os olhos tinham a íris branca e brilhavam como estrelas. Ele vestia um traje negro com



luvas e botas que pareciam ser de um material desconhecido e no p escoço havia um lenço na cor

azul muito claro e brilhante. Aparentemente o ser sabia que es tava sendo filmado e olhou

diretamente para a câmera. Straxus se assombrou:

— Mas isso é um absurdo! Esse sujeito era para estar morto!

— Quem é este sujeito? — perguntou o Marechal, visivelmente irrita do.

Straxus engoliu em seco.

No Forte-Prisão, o Capitão também reconheceu a face do inimigo.

— Isso é impossível! Isso rompe todas as teorias físicas que conhec emos! Não tem como

algo assim estar acontecendo! — exclamava ele, descendo as esca darias da torre.

Ao chegar no primeiro andar, Capitão Set entrou em uma sala e saiu de dentro dela com

uma grande arma lançadora de foguetes. O equipamento era u sado para destruir armamentos

pesados como muralhas, tanques e blindagens. Sem medo da mort e, Set foi para o centro do forte

e ficou cara a cara com o seu inimigo:

— Ei, você aí, onde está o Blisar?

O novo inimigo olhou para o Capitão Set e tocou duas vezes o própr io peito com o dedo

indicador. Straxus entendeu tudo:

— Vou arrancar o Blisar de seu coração, seu cretino!

E o Superior disparou o lança-
foguetes; o míssil teleguiado partiu rompendo o som com o

objetivo de atingir em cheio o adversário, entretanto o cavaleir o vestido de negro, com apenas

um tapa, desviou a trajetória o foguete e o mesmo explodiu contra o muro do forte, abrindo um

rombo na primeira camada de blocos de concreto.

Não satisfeito, o Capitão descarregou todos os seus foguetes contra o inimigo. O solo

explodiu em chamas e a fumaça negra subiu aos céus. Quando as chamas diminuíram, o

cavaleiro negro estava no mesmo local. Não havia se movido um único centímetro.

— Você não é o escravo que conheci. Quem é você, o que é você afinal?

— Quem sou eu? — disse o jovem de brilho negro. — Essa é uma boa pergunta…

Ele pensou um pouco, sorriu e respondeu:

— Eu sou um ser que não deveria existir, um Caminhante Proibido, sou *Black Busterblaze*.

— Caminhante Proibido?
Black Busterblaze? — repetiu ofegante o Capitão. — Você é

poderoso. Mas saiba que nós, Superiores, também somos! Portanto quero que saiba que seja de

onde for que você tira o seu poder, nossa tecnologia sempre vai te superar!

— Não tenho motivos para esconder de vocês de onde tiro o meu poder.

— E de onde é?

O guerreiro negro gargalhou:

— Do orzon!

Set Rayzor caiu sentado no chão como um idiota, tamanho foi o sust o. O orzon era como

se fosse mil pragas caindo sobre o Superior que foi sua vítim a. Aquela raça de conquistadores

não temia Deus ou tinha qualquer superstição, mas se existia algo que realmente temia era ser

vítima de um orzon.

— Ouça, talvez possamos chegar a um acordo! O que você deseja?

— Eu desejo que vocês todos morram!

E o Caminhante Proibido apontou a mão em direção ao muro que h avia sido atingido pelo

foguete e com apenas a pressão do ar fez o mesmo desmoronar. O Capitão ficou em choque:

— Forte! Eu só vi algo assim no nível de nossos Comandos de Elite… Não há recursos

aqui para deter este cara!

Black Busterblaze caminhou em direção ao Capitão, olhou para ele e abriu o sorriso:

— Isso é engraçado. Durante anos eu tive a vontade de surrar você s, mas essa sua cara de

pavor está tão ridícula pra mim que eu perdi até a vontade de lutar. Quantos homens você tem

aqui, Capitão?

— Para que a pergunta? — perguntou o Superior suando frio, mas t entando manter a pose.

— Acho que você não tem muitas opções, tem?

— Me sobraram cento e dez soldados — respondeu em voz baixa.

Blaze deu uma risada.

— Capitão, você uma vez você me deixou vivo porque a vida para mim seria uma

maldição. Pois bem, estou retribuindo o favor. Reúna seus cen to e dez homens e suma deste

forte. Saia agora e deixe todos os prisioneiros exatamente onde está o; se um deles estiver fora do

lugar, a nossa trégua será rompida e juro que vou despejar s obre você toda a cólera que tenho

guardado da sua raça!

— Você está me expulsando de meu forte? — gritou o Capitão. — O que você ganha com

isso?

— Você tem cento e dez homens, Capitão. Eu sou apenas um. Aind a assim não seria uma

luta justa — ironizou Blaze. — Suma da minha vista e volte em cond ições de me enfrentar ou

não volte a ficar na minha vista nunca mais. Corra com o rab o entre as pernas, chorando e

humilhado. No dia de hoje, eu me contento com isso.

Black Busterblaze, então, entrou no prédio onde os condenado s ficavam presos enquanto

Straxus, de cabeça baixa, entrava em contato com seu Tenente:

— Tenente, vamos embora do Forte-Prisão agora!

— O que aconteceu, Capitão?

— Apenas obedeça. Dê o alarme de retirada e vamos tirar todos daq ui enquanto podemos.

— Sim, senhor!

O Capitão Set olhou para o prédio onde os condenados ficavam, cer rou os punhos e berrou:

— Desgraçado! Desgraçado! Eu sou Superior! Sou Superior! Eu vou me retirar agora, mas

não tardará para você me pagar caro por essa humilhação, Black Bu sterblaze! Eu não esquecerei!

CAPÍTULO 18

CANTAM OS POVOS DE DEHVA

Os portões do gigantesco forte foram abertos e, um a um, os transportes dos Superiores

partiram rumo à cidade de Monte Negro. Em menos de meia hora o forte inteiro estava vazio.

Blaze abriu os portões das celas dos níveis mais altos, libertando os cativos, e em seguida desceu

para os níveis inferiores até que parou diante do grande portão onde a Sacerdotisa estava presa.

Com apenas um toque o portão de aço quebrou como vidro, caindo aos pedaços no chão.

Black Busterblaze olhou para a elfa de asas de cisne, que estava de sacordada e pendurada

pelas correntes. Com todo o cuidado, ele a retirou de lá e a carregou para uma espécie de mesa

onde os prisioneiros eram amarrados durante as sessões de tortura. Naquele local de morte, Blaze

tocou os ferimentos da elfa e, como mágica, acelerou a regen eração celular. Ele tocou as asas

cortadas da elfa e as curou, mas infelizmente não conseguiu fazê-las regenerar. Mesmo não tendo

o sucesso desejado, em poucos minutos todos os cortes no corpo d e Vehda estavam fechados.

Blaze suspirou e uma fumaça negra começou a sair de seu tr aje de batalha. Seus olhos

brancos ficaram negros e agora ele vestia apenas as mesmas roupa s de um prisioneiro qualquer

do Forte-Prisão.

— Caramba! — reclamou ele. — Usar o poder do Blisar é esquisito, parece que vou pegar

fogo!

Vehda abriu os olhos como se tivesse sido despertada pela voz do j ovem. Ela olhou para o

rosto de Blaze, o acariciou e sorriu:

— Eu conheço o seu rosto, mas vejo que seu espírito não é mais o mesmo. Minha mãe

estava certa, aquele jovem está mesmo morto, não é?

— Está, sim — disse Blaze, olhando para os olhos da Sacerdotisa.

— Eu lhe disse que a morte não era tão ruim.

Ele sorriu e, com dificuldade, pegou a donzela no colo e caminhou r umo à saída da prisão.

— Você está bem forte — riu ela.

— Não estou achando, não, você estava muito mais leve qua ndo te tirei das algemas

instantes atrás.

— Isso é natural, o Blisar que se esconde em seu peito não está mai s bombeando seu poder

para a corrente sanguínea de seu corpo. Você é um ser humano co mum agora.

— Como sabe de tudo isso?

— Vou contar tudo a você no tempo certo. Mas agora é hora de voc ê sair deste ambiente

que só lhe traz más recordações e receber a alegria e a hospitalidad e das pessoas deste mundo. É

mais do que justo que você viva agora alguns momentos de paz e d escanso.

Quando saíram do prédio da prisão, o Rei Kimsley na forma humana e seus guerreiros já

estavam lá. Os cavaleiros-
alados da Resistência colocaram os inimigos sob fogo cerrado e ele s

foram obrigados a se retirar para Monte Negro. Como a missã o ali era outra, a cavalaria-alada

preferiu partir para o Forte-
Prisão e, para sua surpresa, não encontraram resistência algu ma.

Alguns escravos contaram aos soldados o que aconteceu. Estavam todos impressionados com o

rumo que aquela batalha tomou.

Edocross e Gwim examinavam os prisioneiros e prestavam os primeiros socorros, pois

muitos estavam desidratados e doentes. Um dos escravos que espi ou o confronto contra Set viu o

jovem Blaze com Vehda nos braços e gritou:

— Vejam, eu reconheço o homem que expulsou os Superiores , aquele é o Black

Busterblaze!

Os prisioneiros começaram a gritar sem parar de alegria. O R ei caminhou até o jovem e

tomou a filha nos braços:

— Filha! Minha filha! Você está viva!

O Rei a ninava como uma criança ao mesmo tempo que, irritado, a r epreendia:

— Sua tola! Sua ingênua! Sua idiota! Que besteira foi esta que fez? Por que fez aquilo? Por

que se entregou àqueles monstros?

— Não fique nervoso, papai. Sou uma Sacerdotisa, lembra-se? É o meu dever sagrado

fazer as coisas tomarem o seu curso. Vi a mamãe em um sonho, ela me disse que, se eu apostasse

a minha vida, nossas chances na guerra seriam muito maiores.

— Idiota! Tive que reunir rapidamente um grupo de voluntários para vir até aqui! Já perdi

uma filha, como acha que vou me sentir se eu perder outra?

Naquele instante, Blaze baixou a cabeça. Ele voltou para dentro da prisão e lá reuniu todos

os seus pertences. Colocou o anel feito por Izolda com seus próprios fios de cabelos no dedo

anelar, colocou em volta do pescoço o rosário que ganhou da sua m ãe, colocou na bolsa o relógio

do pai e o caderno de desenhos. Quando saiu outra vez do p rédio da prisão, ele caminhava

abraçado à cápsula onde estavam os restos mortais da menina.

— Senhor Rei… — balbuciou o jovem de cabeça baixa. — Perdão.

O Rei Kimsley olhou admirado para o jovem quando este estendeu a cápsula para ele.

— Ela estava sob minha responsabilidade, eu prometi que cuid aria dela… — Ele não

resistiu e começou a chorar. — Não fui capaz de salvar sua filha.

O Rei colocou a mão na cabeça do jovem e, com os olhos cheios de lágrimas, disse:

— Você salvou a vida de Vehda e, pelo caráter que demonstr a, estou certo que lutou

bravamente para cuidar também de Izolda. Hoje estou levando minhas duas filhas para casa e

uma delas só está viva graças à sua intervenção. A partir de hoje você será meu hóspede, pois



mesmo sem nos conhecer você já demonstrou que faz parte de min ha família.

Gwim e Edocross cumprimentaram Blaze sorridentes e o último com pletou:

— Majestade, este garoto é mesmo um dos nossos. Foi ele o nosso principal aliado na

busca de informações dentro destes muros. Não sei como ele sobre viveu à doença que ele tinha,

mas sem dúvida é um amigo que tenho como irmão.

— Edocross, seu antigo amigo está morto — sorriu Vehda. — Quem está aí agora é Black

Busterblaze, o responsável para guardar o Blisar que nossos inimigo s tanto desejavam.

O Rei tornou-se um gigantesco dragão e disse:

— Tenho certeza que o Blisar está em muito boas mãos! Vamos, am igos, vamos retornar

ao reino de Flanória. Nossos conterrâneos nos esperam!

Assim se iniciou a marcha para a cidade do Rei enquanto ao fundo o grande dragão

lançava suas chamas e derrubava definitivamente o Forte-Prisão dos Superiores. Vehda

comemorava:

— Antes aqui nada crescia. Tudo foi destruído para a construção da quela fortaleza de ferro

e pedras, agora estas ruínas voltarão a ser cobertas pela vegetação nativa e a natureza vai voltar a

ter o seu espaço por aqui. Nossa casa é bela demais para ser profa nada por estes invasores, hoje

foi um bom dia para todos nós.

Uma cidade inteira construída à base de ferro fundido e vidro fumê. Assim é Monte Negro,

a principal cidade-
colônia dos Superiores naquele planeta. As edificações são cheias d e ângulos e

pontas, as ruas possuem um piso grosso e cascudo. Os veícu los movidos a petróleo artificial

expelem uma fumaça preta e bruta. O ar é pesado. Os invasores po ssuem relógios a cada esquina.

Tudo precisa ser dentro do tempo. A própria invasão possui um cron ograma claro e que precisa

ser cumprido a qualquer custo. Existem chaminés por todos os lado s para a queima das árvores

nativas que são transformadas em carvão e misturadas a vário s tipos de elementos químicos

responsáveis para a fabricação de um combustível barato e alt amente poluente. O visual de

constante neblina preta é belo para eles, é a assinatura do es tilo de vida Superior, que ama

veículos de formas arrojadas e de cores opacas. A cidade é c heia de pontos comerciais e sua

burguesia é feliz. No centro da cidade existe um palácio com tentáculos de aço que se

assemelhava a um polvo: o centro nervoso das operações dos Superiores naquele mundo, o

Palácio Monte Negro.

Capitão Set Rayzor chegou cansado e seu semblante demonst rava preocupação, pois não

havia conseguido o Blisar e ainda foi obrigado a se retirar com os se us homens da posição que

lhe foi confiada. Ele subiu em uma prancha redonda que flutuou pelo salão até uma espécie de

catedral onde a burguesia de Supéria se reunia. Era o momento da gravação de um programa de

televisão que seria transmitido para todo o Universo Superior. Os Su periores não acreditam em

Deus, mas veneram o seu Marechal como um. Ele é o ser que leva o nome dos Superiores para

todas as partes do cosmos, é o herói daquela raça expansionista e c onsumista. O conquistador de

planetas, San Hell Hogan.

— Hell Hogan! Hell Hogan! Hell Hogan! — grita a multidão de aristocratas, erguendo

seus punhos como torcedores fanáticos. Eles estão ali por um motivo, são todos burgueses

repletos de dinheiro e prontos para investir na extração de qu alquer coisa de valor que

encontrarem naquele planeta.

— Quem é o mestre que vocês querem? — grita o animador.

— Hell Hogan! — grita a multidão.

— Quem vocês vieram assistir?

— Hell Hogan!

— Qual é o nome do ser mais famoso e poderoso de todo este Univ erso?

— Hell Hogan!

— Como é?

— Hell Hogan!

— Eu não estou ouvindo!

— Hell Hogan! Hell Hogan! Hell Hogan!

Então, eis que surge o Marechal. Um imponente Comando de Elite de 2,50 de estatura,

cabelos longos e caídos até os ombros na cor amarelo-fogo, pele pálida, barba bem-feita,

vestindo uma pesada armadura escamada. Ele estava usando óculos escuros da marca *Grausley*,

um de seus patrocinadores oficiais. Hogan era um Superior diferente, ele realmente apenas usava

aquilo que gostava, era do tipo autêntico. Ganhar dinheiro usando aqueles óculos era apenas uma

formalidade para ele.

— Meus amigos, cheguei recentemente a este mundo para assumir pessoalmente a missão

de colonizar e trazer paz a Orbus Cariballion II — iniciou o seu discurso o Marechal. — Temos

uma boa notícia: o Blisar, a chave que nossos cientistas afirmaram que é capaz de resolver a

equação da criação de novos mundos a partir do nada, foi encontrado. Dentro de pouco tempo,

acreditamos ter condições de entregar o Blisar ao nosso Presidente Raggen.

A multidão foi ao delírio, aplaudindo e gritando como loucos. Mas quando uma luz

amarela se acendeu, todos se calaram instantaneamente. Era a disciplina de quem aparece em

programas de televisão.

— Infelizmente não tenho ainda uma data programada, pois os terroristas deste mundo

estão influenciando de forma negativa em nossas atividades de obte r o Blisar de forma definitiva.

Os progressos que obtivemos foram invejáveis e são estes dados q ue me dão confiança em nossa

vitória final.

A multidão foi ao delírio novamente. Depois de gritos e aplausos, a l uz amarela se acendeu

e todos ficaram quietos. Naquele instante o Marechal viu ao fundo o Capitão Set e sorriu:

— O local de onde extraímos as informações atuais sobre o Blisar estava sob a

responsabilidade do Capitão Set Rayzor, que por coincidência acaba de chegar até aqui. Por

favor, adiante-se, Capitão!

Como o mar vermelho diante de Moisés, os disciplinados Supe riores formaram duas

colunas de pessoas para permitirem a aproximação do Capitão Set. O salão inteiro o aplaudiu.

Surpreso, ele caminhou de forma ereta até chegar diante do seu líde r.

— O Forte Avançado de Número Quatro acabou destruído, ma s cumpriu sua tarefa —

sorriu o Marechal, tocando o ombro de seu Capitão. — O Capitão R ayzor, pessoalmente, vai dar

a versão oficial sobre este assunto.

O Capitão não se fez de rogado, respirou fundo e com firmez a deu sua versão para os

acontecimentos:

— Sangue da minha raça, é de conhecimento de todos que n ossos Fortes Avançados são

instalações importantes para o desenvolvimento científico da raça S uperior. Durante anos, todos

os criminosos que eram levados para lá lutavam para sua ree ducação e também trabalhavam

muito para descobrir o Blisar, que é a chave para resolver todos os n ossos problemas. Tínhamos

certeza que encontraríamos o Blisar e realmente o encontramos. Tiv emos a oportunidade única

de trabalhar com um fragmento deste poder. O que não esperávamo s é que este fragmento fosse

tão poderoso e que resultasse na explosão de nosso principal labora tório. Sim, sangue da minha

raça, eu peço a solidariedade de vocês, pois muitos valorosos monit ores e soldados que amavam

o que faziam perderam suas vidas naquele acidente. Eu, como líder daquele valoroso grupo,

sugiro ao meu querido Marechal que aqui está que aquela estação d e trabalho seja desativada e

que todos os que puderem comprem os painéis daquela magní fica instalação de nossos

patrocinadores. É uma forma adequada para que a lembrança daqu eles que se foram nesta missão

seja preservada e entre para a história.

Um sonoro e longo “Oh!” se ouviu na catedral. O Marechal Sa n Hell Hogan tomou o

microfone e disse:

— O relato apaixonado deste nobre Capitão tocou profundamente o meu coração. Muitos

que ali estavam eram meus amigos. Eles cumpriram o seu pa pel com dignidade e por isso

merecem esta honra.

O povo levantou-
se das cadeiras e aplaudiu o discurso fervorosamente. Instantes dep ois a

luz amarela acendeu e todos ficaram quietos, o Capitão continuou:

— Sangue da minha raça, eu afirmo que as vidas que lá se perdera m não foram em vão!

Não, senhores! Obtivemos dados maravilhosos e ainda mais es petaculares sobre o Blisar que

nossa ciência esperava. A partir de hoje, vocês podem ter a c erteza que o Blisar, com todo o

poder que demonstrou, quando for definitivamente conquistado por nós, dará aos Superiores a

chave final da criação e nós seremos os pais de Deuses!

E pela última vez o povo aplaudiu e gritou. O programa foi encerrado com o Capitão Set

erguendo o punho em sinal de vitória e esta imagem seria estampada em todos os jornais e

demais meios de comunicação espalhados pelo Universo com a manchete “Encontramos o

Blisar”; era a notícia que os especuladores esperavam para o mercado de ações subir.

— Você se saiu bem, Capitão Set. — Era o Marechal San Hell Hogan quem dizia,

caminhando lado a lado com seu comandado pelo corredor do palácio do governo.

— Não me sinto assim. O Blisar me escapou pelos dedos, perdi o Forte-Prisão Número

Quatro e ganhamos um novo inimigo chamado Black Busterblaze.

— Ainda assim você se saiu bem. Agiu como o tipo de soldado que eu espero e confio.

Você foi até o inimigo e cumpriu o seu dever. Se hoje você está vivo ou morto, isso é apenas um

detalhe para mim. O que conta é o orgulho de ser Superior e este orgulho você demonstrou no

campo de batalha.

— Eu juro que não esperava tal reação do senhor, Marechal — balbuciou Set, se

mostrando emocionado. — Eu sempre me espelhei no senhor e fiz aquilo que eu achava que o

senhor faria numa situação como aquela: lutar até a morte e, se por infelicidade do destino

acontecer algo improvável como a derrota, preservar a integrid ade dos seus soldados para

devolver na próxima batalha com um ódio duas vezes maior.

O Marechal parou, tirou os óculos escuros e olhou diretamente para os olhos do Capitão

Set. Este estremeceu, achando que havia dito algo que não fo sse boa ideia, afinal, como supor

uma possível derrota daquele que é o maior herói da história dos Superiores? Entretanto, o

Marechal deu um leve sorriso e disse:

— Se eu estivesse lá, o Blisar estaria em nossas mãos agora. Entret anto, se você estivesse

lá na forma de um Comando de Elite, que é o que você mer ece ser pelo seu trabalho, o Blisar

também estaria agora em nossas mãos. Como soldado Superior voc ê não poderia ter tido sucesso

contra um inimigo daquele nível, você fez o máximo que pode ria ser feito pelo nível de

hierarquia que lhe foi conferido. Este erro de não ter você na hierarquia mais alta eu não

cometerei novamente. Apresente-
se agora mesmo ao Doutor Altamaran, você está autorizado

neste instante a ser transformado em um Comando de Elite, Tenent e-coronel Set Rayzor.

Dizendo isso, San Hell colocou novamente seus óculos escuros e retirou-se enquanto o

Capitão Set ficou estático, embriagado pela realização de seu maior sonho.

CAPÍTULO 19

UM RÉQUIEM PARA OS HERÓIS

Era noite quando o exército do Rei Kimsley chegou à cidade Dehva, capital do reino de

Flanória. O véu negro ainda não havia chegado e o céu estava iluminado pelas doze luas do

planeta, em especial a Lua Azul, que naquela época do ano estava maior e brilhava mais do que

as outras. Isso fazia com que a noite fosse tão clara que se podia ver um alfinete dentro de uma

casa. O brilho transformava aquele cenário em uma fotografia com filtro azul, deixando o

ambiente ainda mais mágico que o de costume.

Os ex-
prisioneiros e o exército de cavaleiros chegaram até a cidade pelo alto de uma serra.

Dehva ficava localizada no que parecia ser uma descomunal cratera em forma de ferradura. No

seu entorno havia a serra pela qual passaram, que formava uma bela muralha natural. O cenário

era lindo, vários rios desciam pelas encostas da muralha formando onze gigantescas cachoeiras.

No fundo do vale se formou um grande lago de águas cristalinas co m várias ilhas de rochas. Era

sobre estas ilhas que a cidade se formou, onde cada ilhota er a ligada com a outra através de

pontes em forma de arco de pedra. Ao final da ferradura, as águas do lago corriam rumo ao

oceano na forma do grandioso Rio Mozar.

O palácio real, conhecido pelos habitantes como Castelo de Ki msley, ficava na maior de

todas as ilhas; era uma imponente construção de formas arred ondadas feita de cristal dourado

com detalhes de cerâmica. Para chegar ao castelo havia uma grand e praça de cerâmica que, do

alto da serra, podia-
se ver os fantásticos mosaicos que formavam desenhos de plantas e animais

típicos daquele mundo. Blaze também notou a presença de vá rias piscinas naturais fumegantes

tanto no castelo quanto nas praças da cidade e algumas ilhas com p oucas casas. Havia também

muitos chafarizes espalhados pelo local.

— A cidade de Dehva está localizada em uma área com ligação ao s ubterrâneo de nosso

mundo. As piscinas fumegantes que você está vendo são fonte s termais típicas daqui. Os

chafarizes da cidade são gêiseres e são regulados pela lua; sempre na mudança das estações eles

reagem e ficam vários dias funcionando, quando a estação est á para mudar eles param —

explicou o anão Gwim.

— Caramba! Que lugar lindo!

Vehda sorriu ao ouvir Blaze dizer aquilo. Ela o abraçou por trás e bei jou seu rosto:

— Todas as impressões ruins que teve de meu planeta eu vou fazer você esquecer!

A face de Busterblaze ficou corada. Eles desceram a estrada sinuos a e cheia de túneis que

passava atrás das cachoeiras até chegarem a uma grande pon te de acesso à cidade. Pequenos

postes redondos e com luzes coloridas marcavam o caminho. A ima gem era nostálgica e trazia

um clima de felicidade e tranquilidade ao lugar. Velhos, mulher es e crianças de diversas raças

passeavam pelas ruas. Alguns conversavam, outros jogavam *tizzuo*, um tipo de xadrez típico da

região, e as crianças jogavam bola. Os quintais não tinham m uros e havia muitos pomares em

torno das casas. Blaze observou que a divisão dos lotes era f eita pelas próprias ruas, que eram

calçadas com cerâmica. A limpeza e o brilho do local eram impressio nantes.

Os recém-
chegados olhavam tudo à sua volta com espanto e alegria. Tudo era diferente do

que haviam passado até ali. Eles faziam muitas perguntas a todos os que encontravam pelas ruas

e as pessoas que moravam por lá não tinham a menor pressa em responder, explicavam tudo com

calma e paciência. Não demorou muito até chegarem à grande praça dos mosaicos que viram da

serra. O Rei ordenou aos seus homens que levassem todos aos hospitais, onde seriam tratados e

depois levados para os centros universitários, onde poderiam começar a reconstruir suas vidas.

Busterblaze não pôde ir. Vehda estava agarrada no braço do jovem herói como se o

obrigasse a tomar apenas o caminho que ela desejava. O Rei-dragão, a elfa alada e o jovem

humano entraram no Castelo de Kimsley, onde foram recebidos na porta por uma mulher de

cabelos avermelhados, olhos verdes e vestindo um longo vestido vermelho com uma fenda. As

joias e a coroa dourada que usava mostravam que se tratava da Rainha do lugar. Ela olhou para

Vehda arregalando os olhos e, gritando, pulou em cima da elfa, enlaçando-a com as pernas.

— Nháaaah! Minha filha! Minha filhinha linda! Por que fez isso com a mamãe? Eu pensei

que você ia morrer! — disse aos soluços, chorando.

— Minha
matrina, tenha calma! — riu a elfa alada. — Está tudo bem! Eu estou bem, eu

juro!

— Mentira! — chorava ela, passando a mão nos cabelos verdes como água da Sacerdotisa.

— Eu sei que machucaram você! Não finja! Eu sei que você foi torturada e devem ter te

violentado! Bárbaros malditos!

— Eu estou viva e bem, minha
matrina! — riu ela. — Eu fui salva de corpo e de alma pelo

nosso novo amigo aqui!

A Rainha saltou de cima de Vehda e começou a caminhar em círculos em torno do novato,

o observando.

— Esse aí? Não pode ser… Ele é só um humano! Não vejo nada de especial nele! — Ela,

então, olhou para os olhos de Blaze, olhou para Vehda e disparou. — Já entendi, está

apaixonada!

O Rei Morvan Kimsley desatou a rir. Envergonhada, Vehda tentava contornar a situação:

— Não é nada disso,
matrina! Eu sonhei com minha mãe e ela me orientou a fazer o que

fiz para encontrar o Blisar. Este jovem que está aí conseguiu tomar o Blisar de nossos inimigos e

salvar a todos nós!

— Está mesmo apaixonada! — dizia a Rainha em tom de constataç ão. — Isso é bom, esse

negócio de sacerdócio como a Dehva deve ser um saco! Beijar na b oca de vez em quando ajuda a

acalmar o fogo que toda a mulher de verdade tem!

O Rei continuava rindo e Vehda olhava para Blaze cada vez mais vermelha. Ao olhar o

rosto da Sacerdotisa constrangida, ele mesmo não conseguiu resisti r e começou a rir também.

— Até que ele é bonitinho — continuou a Rainha. — Meu conselho é que se case com ele

logo, você tem a minha bênção. Precisa aproveitar rápido porque os humanos têm a desvantagem

de não viverem muito tempo, ainda mais nestes tempos de guerra. V ai te servir de experiência

porque quando você enterrar este aí vai conseguir arranjar alguém melhor, mais forte e que vai

durar mais tempo. Podemos marcar o casamento para a próxima lua branca, o que acha?

— *Ma-*
matrina, você está me colocando em uma situação ruim! — irritou-se a elfa.

— Então, qual é o nome do noivinho lindo da mamãe? — perguntou a Rainha, abraçando o

jovem e apertando-o de encontro aos seios.

— Pode me chamar de Black Busterblaze, Senhora Rainha. — Era Blaze quem respondia

com a voz abafada.

— Eu sou a Rainha Bhatra Vam-
Epieta. Pode me chamar de Rainha, imperatriz, mestra,

musa, linda… mas não volte a me chamar de Senhora, senão vai viv er ainda menos tempo! —

exclamou a Rainha com voz brincalhona como o de uma menina.

— Sem problemas, Rainha Vam-
Epieta — concordou Blaze, ainda com voz sufocada pelo

abraço.

— Não, não, não! — protestou a Rainha, apertando as bochec has de Blaze. — Que

“Epieta” mais sem graça! Olhe para mim! Eu sou uma Rainha e sou l inda, não sou? Você precisa

encher a boca e dizer: É-pi-é-tá!

— Formosa, esplendorosa, majestosa majestade É-pi-é-
tá! — brincou Blaze, de forma bem

exagerada no falar.

— Ai! Que menininho fofo! — A Rainha logo estalou um selinh o no rapaz e voltou-se

para a filha. — Case logo com ele, Vehda! Eu vou fazer até o vestid o!

A moça balançava a cabeça com ar de reprovação. Ainda aos risos, o Rei tomou a palavra:

— Perdoe a minha tresloucada esposa, meu jovem convidado. Este temperamento quente

dela é natural da raça das Fênix e do clã Epieta, aos quais ela perte nce.

— Não tem o que perdoar, eu adorei a sua esposa! Ela é igualzinha à Izolda nos dias que

ela tirava para implicar! Os olhos verdes, o rosto redondo e o s cabelos encaracolados são

iguaizinhos aos dela — sorriu o jovem, com olhar de profunda sauda de.

— Você conheceu minha filha? — gritou a Rainha, agarrando o rosto de Blaze com as

mãos para olhar diretamente nos olhos dele. — Onde você a viu?

O Rei tocou o ombro da esposa, e ela virou-
se. Com os olhos úmidos, ele retirou da capa a

cápsula que continha os restos mortais da criança e a entrego u. Ela abriu a cápsula e tirou um

pouco do pó com a mão.

— Está estéril — disse a Rainha, não conseguindo segurar as lágri mas. — Eles destruíram

qualquer possibilidade de haver alguma força vital da minha menina! Destruíram o seu corpo e

sua alma… Eles devem ter judiado muito dela para que isso acontec esse!

E a Rainha gritou naquele salão como uma leoa que perdeu sua cria . Blaze, extremamente

triste, se afastou e sentou-
se do lado de uma pilastra do castelo e baixou a cabeça. No centro do

castelo, o Rei e a filha abraçavam a Rainha, que chorava como uma criança agarrada à cápsula de

pó.

O véu negro cobriu a noite estrelada, dando lugar ao que cha mavam de “manto de

Angaste” naquele mundo; doze horas depois o véu se foi, deix ando a noite estrelada e clara

novamente aparecer. Da janela de uma torre, Busterblaze observav a o reino. Ali era o seu quarto

a partir daquele dia. Dali ele via a vida seguir normalmente naquela paisagem azulada devido aos

raios lunares daquela época do ano. Pouco acima de sua cab eça estavam os anéis dourados do

planeta. A paisagem era ainda mais linda com a liberdade que tinha naquele momento, entretanto

ele não estava feliz. Em seu íntimo ele sentia como se não fosse jus to o fato dele estar vivo e a

menina que ele tanto amou estar morta.

— Não era isso que eu tinha planejado! — dizia sozinho, em voz baixa. — Eu daria o

Blisar para ser o seu coração, Izolda. Era você quem deveria estar v iva, e não eu.

Naquele momento alguém bateu na porta do quarto. Quando ele abr iu era a própria Vehda

que o aguardava:

— O dia hoje será longo, venha!

Como sempre, antes que ele pudesse responder ela tomou o seu braço e o expulsou do

quarto. Eles desceram para o andar térreo do castelo, onde u ma grande mesa de frutas, pães e

sucos o aguardava. Depois de se alimentarem, a dupla foi para a pa rte de trás do castelo, onde as

piscinas naturais fumegavam. Ali encontraram o Rei e a Rainha con versando e caminhando pelo

jardim.

— *Daimo* Black Busterblaze, bom dia! — saudou o Rei.

— Virei “mestre” agora? Não sabia disso!

— Este título não te agrada? — riu o Rei.

— Sei lá, poderia ser o genro Busterblaze, já que, de acordo com a Rainha, vou me casar

com uma Sacerdotisa, não é?

O Rei riu e Vehda escondeu o rosto, mas naquele dia a Rainha estava de cara fechada e

parecia aborrecida.

— Hoje será um dia atípico. Daqui a pouco teremos o funeral de nossos heróis que

morreram nas batalhas dos últimos dias.

— E quanto à Izolda? — perguntou Blaze ao Rei.

— Os funerais dela deverão esperar um pouco. Duas importantes Potências estão se

dirigindo para cá para acompanhar pessoalmente a despedida de nossa filha.

— Potências? Já ouvi falar disso, mas não entendo muito bem. Potência é a raça de Dehva,

não é?

— Na verdade, Potência é o nome que se dá ao ser primordial de uma determinada raça. É

o patriarca de uma raça ou força da natureza deste mundo. As Potências são agraciadas de grande

poder e são, portanto, os deuses avatares de uma determinada raça consciente deste mundo —

explicou o Rei. — No mito primordial de nossos povos, há milhares de anos todos viviam como

simples animais, sem ter a noção de sociedade nem de consciência. Era uma época de

canibalismo, assassinatos e mortes sem sentido. Mães devoravam o s filhos e os pais estupravam

as crianças.

Blaze arregalou os olhos, Vehda deu uma risadinha e continuou a hi stória:

— Segundo as histórias antigas, um ser humano, assim como você, desceu a esta terra

caminhando por uma estrada construída pelo sol e colocou ord em no caos daquela época. Ele

perguntou a cada uma das raças de animais qual delas gostaria de mudar o rumo desta terra. O

primeiro animal de cada espécie que aceitou a missão recebeu o dom da clarividência, da

linguagem e o poder mágico necessário para guiar os outros de sua espécie. Dehva, minha mãe,

era a representante dos símios alados Eldors, estes símios são pare ntes distantes de nossa raça, a

raça dos Elfos Alados.

— E o que aconteceu com o cara que veio do sol? — perguntou Bla ze.

— Ele criou os primeiros seres humanos deste mundo através das s ementes de árvores. Ele

deu a eles o dom da agricultura. Só que aqueles animais que foram escolhidos tiveram inveja dos

humanos e mataram aquele que veio do sol. Eles o retalhara m e o comeram. Quando isso

aconteceu, o espírito daquele ser morto surgiu diante de todos e os perdoou. Foi então que eles

tiveram a noção do que é ser um assassino, um canibal, um estuprador… mas também

aprenderam a importância da justiça e do perdão.

— Entendi, aprenderam da pior maneira o que é o pecado.

— Exato — confirmou o Rei. — Este humano é chamado por nós de ste mundo de Santo

do Martírio, o mestre de todas as Potências. Segundo nossa cultura, é ele quem está sentado no

trono principal do grande círculo do mundo externo, um mundo aond e todos nós iremos quando

deixarmos o nosso corpo físico.

— Agora entendo por que Izolda gostava tanto de acompanhar minh a mãe quando ela ia à

igreja — riu Blaze. — No meu planeta, na religião cristã que pratico, também tivemos um

homem que ressurgiu da morte e mudou a história da humanidade. Parece que o Deus do Infinito

tem maneiras bem chocantes para fazer as pessoas despertare m para a importância do amor à

vida.

— De tempos em tempos uma Potência toma uma forma físic a e vem a este mundo —

tomou a palavra Vehda. — Esta forma-
avatar é vista como uma bênção por todos, pois

normalmente traz as orientações do Conselho do Mundo Exter no, onde as Potências estão

reunidas. Nestes tempos difíceis de guerra, a presença de um a Potência dá muita força

psicológica a todos nós. Quando os Ocres conseguiram matá-
la, eles fizeram contra nós a pior de

todas as ofensas. Mesmo como Sacerdotisa que prega a paz e o perdão, eu não sou capaz de

perdoar o que fizeram.

— Você não os perdoa porque se sente injustiçada — afirmou Blaze . — Não é a violência

que gera a violência, é a impunidade que gera a violência. Quando a lguém só pratica o mal sem

ser punido, você não tem a capacidade de sentir compaixão p or ela. Quando eles forem

derrotados e receberem uma punição justa, você, pelo coração que t em, vai ser capaz de perdoá-

los.

O Rei sorriu.

— Os seres humanos são mesmo magníficos. Eu sempre que ia lutar me sentia de certa

forma culpado porque a arte da guerra é a arte de matar e isso é co ntra nosso costume e nossa

índole. Quando você coloca desta maneira, eu entendo que devo continuar a erguer a espada e

lutar, mas com a doçura necessária para guardar a espada assim que a justiça for feita. Só assim a

justiça não será confundida com vingança. Derramar mais sangue que o necessário é despertar no

inimigo a mesma sensação de injustiça que nós sentimos. Quando isso acontece, não há paz. Eu

tenho certeza que você é o Santo do Martírio que retornou a este mundo para colocar fim a esta

guerra, *Daimo* Black Busterblaze.

— Hahahahah! — gargalhou Blaze. — Pode ter certeza que não sou nenhuma

reencarnação, mas não nego, pelo que me contaram, que tenho grande simpatia pelo Santo do

Martírio que vocês veneram. Não sou nenhum santo e não acho que farei nenhum belo milagre,

mas pelos poderes que recebi eu prometo que vou fazer muito barulho para solucionar o

problema dos invasores!

— Você é muito humilde — sorriu o Rei. — Você vai fazer grandes obras neste mundo,

Daimo Black Busterblaze. Está destinado a isso. Se não estivesse, o Blisar não teria escolhido

você.

— O Blisar poderia ter escolhido qualquer um — riu Blaze. — Pode acreditar no que estou

dizendo, eu só estou nessa porque me meti onde não fui chamado!

Blaze olhou para a Rainha e percebeu que ela estava de cab eça baixa e calada, muito

diferente daquela que os havia recebido no dia anterior. Ele nada dis se, sabia que a presença dos

restos mortais da filha despertou nela todas as lembranças que tinh a da jovem em vida, aguçando

ainda mais o sentimento da perda e da morte. Ele sorriu de forma tí mida e tentou animá-la:

— Acho que, pelo que entendo da fé de vocês, Izolda com c erteza deve estar no grande

salão do mundo externo neste momento. Creio que ela está feliz ao l ado das outras Potências.

— Ela não está lá — disse a Rainha em voz baixa. — Não há rastro espiritual dela. Eu sou

uma fênix, de almas eu entendo muito bem.

Todos ficaram calados e tristes.

No final daquele dia azul, uma procissão deixou a cidade. Mais de s essenta mil pessoas de

diversas raças partiram em comitiva e subiram a serra. Eles levava m os parentes e amigos mortos

em batalha para um dos vários casarões de pedras que forma vam um complexo de mausoléus

onde os restos mortais das pessoas da cidade ficavam.

A cerimônia era simples, cada família recitava poemas em ho menagem aos mortos com

orações às Potências para que recebessem bem aquele que partiu. Cítaras e harpas eram tocadas

durante os poemas, compondo um cenário emocionante e saud oso. Quando o véu negro do

Manto de Angaste surgiu no horizonte, todos iniciaram a desci da da serra e foram para suas

casas. Tudo em silêncio. A hora Angaste daquele dia foi melancólica , pois todos respeitavam o

luto. Mais do que isso, todos respeitavam os seus conhecidos, pois apesar da cidade de Dehva ser

grande, com mais de trezentos mil habitantes, todos ali ouviram falar da família do outro.

CAPÍTULO 20

OLHOS AZUIS, LÁBIOS VERMELHOS

A praça estava cheia de pessoas naquela noite azul, a terceir a e última daquele ciclo que

correspondia à noite no planeta, já que após a passagem do próxim o véu o sol voltaria a brilhar.

A vida havia voltado ao normal e a feira livre, cheia de carroças e ba rracas alinhadas, mostrava o

lado capitalista daquele mundo. Não era comum se vender car ne, verduras e frutas, já que o

alimento era visto pelas pessoas dali como um bem comum; o que e ra realmente vendido eram os

produtos manufaturados: os “doces da Mestre Elmora”, a “cerveja d o Velho Kabedeu”, o “vinho

de Dom Bramel”… O povo daquele planeta era amante da arte e de tudo o que era feito à mão e

bem trabalhado; não combinavam de maneira alguma com os Superiores e sua mania de

industrializar tudo e colocar em embalagens iguais.

O povo de Áurius possuía gosto por tudo o que era autêntico e único. Mesmo em

apresentações de música e dança, eles exigiam que cada grupo tive sse sua própria identidade; era

um desafio constante para aqueles que trabalham com criação, pois tinham que desdobrar-se para

surpreender as pessoas com novidades. Blaze achava aquilo interes sante, pois viveu muito tempo

observando os Superiores e o comportamento deles era o oposto. P ara os Ocres o que importava

era ganhar dinheiro rápido, então o que eles achavam que funcionav a simplesmente era sempre

repetido. Algumas vezes mudavam o tamanho e a cor do objeto à ve nda apenas para dizer que “a

moda agora é outra”. Ele ficava enlouquecido, uma vez que o vício d os Superiores em estar na

moda era tanto que jogavam o antigo objeto fora e compravam outro apenas por mudar a marca

de lugar ou a cor, sem qualquer preocupação com melhorias.

Era uma feira com muita música, muitas apresentações de teatro, jogos, e objetos

manufaturados para comprar. Nenhum jogo de cadeiras, de taças, talheres e panelas eram iguais.

Quem comprava adquiria um objeto único e para eles ali residia o valor de um objeto. Black

Busterblaze viu muitas músicas diferentes, artistas que pintavam retratos das pessoas e até foi

convidado a participar de uma peça de teatro onde os artistas interagiam com o público e iam

improvisando a ação na medida em que ela acontecia. O mais impressionante de tudo é que os

artistas sabiam exatamente a hora de encerrar uma peça improvisada. Era impossível não se

divertir naquele lugar.

Sempre ao lado dele, a Princesa-
Sacerdotisa Vehda também se divertia. Era ela quem

indicava as barracas que visitariam e fazia o roteiro do passeio.

— Venha, vamos ver os baús do carpinteiro Nestor!

E ela puxava o jovem pelo braço e o arrastava até o lugar que ela queria mostrar.

— Veja, é a tenda dos mascates, ali é muito bom! Temos que ir até l á!

E lá ia ela, puxando o jovem pelo braço novamente.

A tenda era muito grande, parecia um circo antigo. Havia muit as mesas e música. Era

como se fosse um grande bar. A diferença dali para outras ba rracas que visitou é que todas as

bebidas e comidas que ali eram servidas eram de outros reino s. Tratava-se de uma área para

comerciantes nômades que iam de cidade em cidade mostrand o a cultura de vários lugares

diferentes.

Vehda e Blaze riam e bebiam muito. Comiam de tudo o que era ofer ecido. Algumas vezes

as mãos deles se tocavam. Ela o olhava com carinho e ele, c omo se tivesse envergonhado,

baixava o rosto. Em um determinado momento, ele olhou para o ded o anelar onde o presente de

Izolda estava e acariciou o anel. A elfa não escondeu a decep ção, levantou-se da cadeira onde

estava e saiu da tenda.

Entretido com a música e as bebidas, Blaze demorou a perce ber que Vehda não havia

voltado. Ele pagou a conta com algumas moedas que lhe foram dad as pelo próprio Rei e saiu à

procura da Sacerdotisa. Ele perguntava a todos se haviam vist o a donzela élfica, mas ninguém

sabia responder. Ele continuou caminhando sozinho pela feira até q ue um grande coelho negro

com asas de morcego usando uma túnica branca o encontrou:

— O senhor é o *Daimo* Black Busterblaze?

— Eu não sou mestre de ninguém! — riu ele. — Mas sim, eu sou Bl ack Busterblaze.

— Se está procurando a Princesa Vehda, ela está naquela bar raca ali — disse o coelho,

apontando a pata para o local.

— Obrigado, Senhor…

— Nice — disse ele. — *Rafiuna Nice*.

— Que nome esquisito esse seu, hein? — riu Blaze.

— Falou o
Daimo Black Busterblaze — retrucou o coelho na mesma moeda.

— Não fui nada inteligente nessa, não é? — gargalhou de si mesmo o jovem.

— Neste caso é melhor eu acompanhá-
lo até lá, do contrário você vai acabar se perdendo.

— Também não precisa me subestimar, não é?

Desta vez quem gargalhou foi o coelho. Eles chegaram a uma barraca marrom-escura

armada em uma carroça grande, cheia de detalhes e feita de um ma terial que parecia areia colada.

Blaze tocou aquilo e achou estranho, nunca havia visto nada parecid o antes. Ele entrou sozinho

na barraca e o coelho ficou do lado de fora. Quando Blaze começou a olhar a decoração do lugar,

Vehda passou por ele rapidamente e sem dizer uma única palavra. O jovem ficou assustado.

— Acalme-
se, rapaz, a Sacerdotisa tem uma missão a cumprir e precisa refletir sobre ela.

Você vai encontrá-la quando sair daqui.

No interior daquela barraca era tudo escuro, o que iluminava o local eram luminárias em

forma de esferas com uma chama dentro. As luminárias pareciam es tar suspensas por si próprias,

sem nada as prendendo. Naquele ambiente de luz fraca, ele pôde v er que quem conversava com

ele era um ser que parecia não ter corpo; o que substituía seu corpo era uma máscara com olhos

sem pupilas e um sorriso leve. O material da máscara parecia ser lo uça, pois brilhava com a luz

fraca. A máscara pertencia a uma manta negra que refletia a noite e as estrelas. Quando se olhava

para a manta se via o próprio céu naquele momento, e cobria algo in visível como um corpo que

não estava lá.

Sentada em uma cadeira de aço estava uma mulher de corpo transp arente. Ela parecia uma

estátua de cristal; era como se sua musculatura fosse talhada por u m artesão no mármore, mas,

mesmo com toda a impressão de rigidez, ela se mexia na cadeira co m desenvoltura e delicadeza.

— Queríamos conhecer você pessoalmente aquele que teve a coragem de assumir a

responsabilidade de proteger o Blisar — disse a mulher de vidro. — Você é um indivíduo raro,

Mestre Black Busterblaze.

— Vocês são…

— Eu sou o *Milezra* e esta é a minha esposa,
Meidenu — disse a máscara.

Milez é como os habitantes de Áurius chamam as horas ou o próprio tempo. *Meiden* é o

verbo “transformar”. Blaze compreendeu, então, que estava dia nte dos próprios seres que se

intitulavam como Tempo e Transformação.

— Vocês são as Potências deste mundo que o Rei Kimsley estava a guardando para assistir

aos funerais da Izolda, não são?

— Sim, amanhã existe uma grande possibilidade de mudança, uma mudança que

desejamos há muito tempo. Estamos aqui, não esperando ver o enterro de nossos desejos, mas

sim para assistir ao possível nascimento de uma nova esperança para este mundo — disse

Milezra.

—

Daimo Busterblaze, espero que entenda nossa emoção neste momento — falou a dama

de vidro com voz animada. — Amanhã, se nossas previsões estiverem certas, aquilo que foi

escrito há muito tempo poderá se confirmar e isso mudará radicalmente o ciclo sangrento da

guerra que estamos vivendo.

— Eu não consigo entender… — disse Blaze. — Amanhã, para mim, será um dia muito

triste. Eu amava a Izolda. Sei que as coisas vão mudar, mas não consigo ver beleza alguma em

um velório.

— Você não precisa entender nada, apenas seguir o seu coração. Você é o dono do Blisar

agora. Todas as respostas que precisa estão no seu peito. Só precisa se lembrar de sua própria

história para perceber que a morte é apenas uma transformação — respondeu a máscara. — Você

escolheu ser o *Daimo* Black Busterblaze. Assuma esta condição.

A dama de vidro levantou-
se da cadeira de aço, o abraçou e deu um beijo gelado na testa

de Blaze.

— Agora vá — disse ela. — A Princesa Vehda vai necessitar muito d e sua companhia para

que ela tenha forças para fazer a parte dela neste jogo universal no qual nenhum de nós tem todas

as respostas. Por favor, faça ela feliz neste breve momento.

Blaze sorriu, fez um aceno cordial e deixou a barraca. Ele ca minhou pela feira e acabou

encontrando a Sacerdotisa deitada na beira de um chafariz bri ncando com a água quente. Ele

pegou uma pequena flor rosada que enfeitava uma cerca e ofereceu à elfa, em seguida sentou-se

do lado dela e começou a brincar com a água também.

— Essa água é uma delícia! — disse ele.

Ela acariciou a flor e a guardou no decote, então olhou para o rosto do jovem, risonha.

— Venha, se eu não me divertir com você hoje, não vou me divertir nunca mais.

Ele começou a rir e os dois saíram correndo da feira. Eles sa íram da praça principal,

caminharam por uma rua de cerâmica até um castelo que ficava do outro lado da cidade. Sobre

uma ponte de pedra, ela apontou para a ferradura onde o rio se form ava e disse:

— Naquela direção fica a vila dos pecuaristas e a Universidad e Cristal. Tenho boas

recordações de lá.

— Vamos visitar sua universidade?

— Não, não! — negou ela com veemência. — Estamos indo pra lá!

Ela apontou para um rochedo e na metade dele havia um mirante qu e, na verdade, era uma

casa construída em uma gruta. O lugar estava bem no alto, mas se via que era bonito. Tinha uma

sacada e um belo portão feito com madeira trançada.

— Ali é o meu retiro, é para onde eu ia quando queria medit ar e ficar sozinha. É o meu

ninho — disse ela com orgulho.

— Me parece bem alto — assustou-se o jovem com a subida.

— É. Vou ter que me acostumar a fazer a caminhada a pé — riu ela.

Blaze pegou Vehda nos braços e disse:

— Não consegui fazer com que suas asas se recuperassem, mas n ão vou deixar você ferir

os seus pés.

— Você é mesmo um cavalheiro, mas vai conseguir me carregar até lá?

— Isso é um desafio?

Ela respondeu dando-lhe um beijo no rosto.

— Te prometo que o prêmio vai compensar!

— Eu vou cobrar — riu ele.

E, lentamente, ele começou a caminhar por uma trilha sinuosa de pe dras morro acima.

— Você é mesmo um Caminhante Proibido! — sorriu a elfa, acaricia ndo o rosto do jovem.

Ele sorriu e continuou sua caminhada de forma concentrada, p ois era uma trilha difícil e

perigosa.

— Não está com medo? — perguntou Blaze.

— Nunca tenho medo quando você está comigo — respondeu ela, apoiando a cabeça no

ombro do jovem e fechando os olhos.

Em poucos instantes ela estava se sentindo tão relaxada que acabo u cochilando. Quando a

donzela acordou já estavam na sacada da casa na gruta. Blaze esta va ofegante, mas estava bem.

Com cuidado, ele a colocou no chão. Ela abriu a porta da construçã o e o puxou pelo braço para

dentro.

— Estou pesada para você, não é?

— Que nada! Eu é que estou fora de forma mesmo!

— Seu mentiroso! — riu ela.

Blaze encontrou uma almofada felpuda e perguntou o que era. Ela respondeu que aquilo

era a semente de uma árvore do norte, quando esta secava c ompletamente ficava daquela

maneira.

— Parece uma almofada de pelúcia — constatou Blaze, caindo sobr e ela.

— Não faço ideia do que seja pelúcia — riu ela. — É coisa da sua te rra?

— É, sim. Acho que você iria gostar.

A elfa ofereceu ao jovem um refresco de frutas espumante.

— Como é que você faz essas coisas? — perguntou ele.

— Vai ter muito tempo para aprender — riu ela. — Venha, nós viemo s até aqui para que

possamos nos divertir sozinhos um pouco e ficarmos longe dos dem ais.

— Longe, é? — Blaze engoliu em seco.

— Não percebeu que eu queria ficar sozinha com você? Está com m edo?

— Não, não! É que nunca fiquei sozinho com uma garota assim… Al iás, eu fiquei com a

Izolda, mas naquela época era diferente… Nós éramos muito jovens .

Vehda olhou para Blaze com um sorriso apaixonado, pegou-o pelo braço e caminhou com

ele para o interior da gruta. Ali havia uma pequena fonte termal rodeada de pedras redondas. Ela

sentou-se em uma das pedras e ficou observando o rapaz.

— Desculpe — disse ele. — Pode parecer idiota, mas não sei bem o que fazer, porque

estou aqui com você, mas não consigo parar de pensar na Izolda, que será enterrada amanhã.

— Também sinto o mesmo, me pergunto se fazer o que quero é algo errado, se é o

momento para isso… se você vai me entender mal.

— Não, não vou entender você mal! — disse Blaze com firmeza. — Você está certa…

Izolda morreu e eu preciso pensar em caminhar para frente. Eu fico feliz por ter você comigo,

que é uma mulher maravilhosa em todos os sentidos!

Vehda sorriu ao ouvir aquilo, ganhou coragem e se declarou:

— Quando eu vi você doente, mutilado e humilhado naquela prisão, eu não sabia explicar,

mas senti que você era o mais forte dos homens que conheci . Ali eu soube que era você. E

quando você acreditou em minhas palavras e foi ao meu enco ntro, sem nem me conhecer, eu

ainda tive mais certeza que amava você.

— Também te achei linda na primeira vez que te vi. Aliás, você é ma ravilhosa! Quando te

vejo é como se estivesse iluminado por uma estrela, tamanho o seu brilho. Quando eu me

recuperar da perda de sua irmã, nós…

Ela tapou a boca de Blaze com uma das mãos e disse:

— Não fale. Eu tenho o desejo de esquecer tudo o que está acontec endo à nossa volta neste

momento. Por alguns instantes, quero que seja apenas nós dois. Bla ze, me dói muito dizer isso,

mas apesar de ser uma Sacerdotisa, no fundo sou uma garota muito má. Eu amo minha irmã que

se foi, mas também amo você. Estar aqui agora significa muito pra mim, porque a única relação

que tive com outros homens foi a forma covarde como fui tocada qu ando estava nas mãos dos

Ocres. Eu queria ao menos uma vez sentir o que é um amor carnal verdadeiro, algo que fosse

para mim belo e que eu pudesse guardar para toda a vida.

Blaze sentou-
se ao lado de Vehda, olhou para os seus olhos e disse:

— Acho que agora eu entendi o que aquelas Potências queriam dize
r. Você é muito linda,

Vehda!

O jovem puxou a elfa para o seu encontro e a beijou. Os dois rolara
m da pedra e caíram

nas águas quentes da fonte.

O Universo inteiro desapareceu para a dupla de amantes. Eles se to
caram, se agarraram, se

arranharam, se morderam, se amaram…

Quando o jovem acordou, ele se viu na cama de Vehda, despertado
pelos raios do sol em

seu rosto. Ele sentou-
se e viu a elfa se banhando nas águas termais da gruta. Ao vê-
lo acordado,

ela se levantou passando a mão pelo corpo nu e pelos longos cabel
os verdes como a água.

— Caramba, você é mesmo muito linda! — disse o jovem, boquiaber
to.

Ela caminhou até o jovem e disse:

— Temos que nos apressar ou vamos nos atrasar para o velório de I
zolda.

— Tudo bem.

A partir daí ela não disse mais nada. Eles comeram frutas e bebera
m refresco. Desceram a

montanha e cruzaram a ponte de pedra. Tudo sem conversarem. Pr eocupado em ter feito algo de

errado, Blaze disse:

— Princesa Vehda, eu...

— Eu amei o tempo que passamos juntos — disse ela, anteci pando o assunto. — Vou

guardar isso para sempre comigo.

— Bem… — hesitou ele, buscando uma maneira de animar o clima. — Sua mãe disse que

abençoava nosso casamento… Se for ver por este lado, existe a possibilidade de passarmos

muito mais tempo juntos, não é?

— Não, não tem! — sorriu ela, ainda caminhando. — A Rainha Bhatr a é minha madrasta,

minha querida *matrina,*
mas não é a minha mãe. Minha mãe sabe que não estamos destina dos a

ficar juntos, *você* sabe que não estamos destinados a ficar juntos!

— Eu não entendo… — balbuciou o jovem. — Eu acho que v ocê gosta de mim e eu te

acho linda…

— Preste atenção no que você disse, Blaze. Você falou “exist e a possibilidade de

passarmos muito mais tempo juntos”, não disse “eu vou ficar com vo cê”. Você ama outra pessoa,

e não a esqueceu.

Blaze baixou a cabeça e tocou o dedo anelar, onde ainda est avam amarrados os fios de

cabelos de Izolda formando uma aliança. Vehda continuou:

— Eu amo você, Blaze. Entretanto, também amo minha irmã. Você não deve esquecer-se

dela e, se eu deixar você esquecer, seria como se eu a tivesse assa ssinado.

— Quem matou sua irmã foram os Superiores — afirmou Blaze cate goricamente.

— Mas quem a mantém viva é você — cortou Vehda. — O que pass amos juntos foi um

capricho meu, eu sempre vou amar você, Blaze. Como eu dis se antes, apesar de ser uma

Sacerdotisa, eu sou uma garota caprichosa e má. — Vehda sorriu, mas seus olhos estavam cheios

de lágrimas. — Você me chama de “princesa”, e minha irmã você ch ama apenas de Izolda. Você

me deu uma rosa, e para minha irmã você deu sua vida. Como o am or que sente por mim pode

competir com o amor que você sente pela Izolda? Por mais que eu n ão goste, a verdade é que eu

sou a derrotada nesta competição.

Blaze baixou a cabeça e disse:

— Você é maravilhosa, Vehda. É uma mulher e tanto! Eu não sei o que dizer… Eu me

sinto um idiota. Eu não queria que você se sentisse assim!

— Não diga nada, apenas lembre-
se que sua primeira vez foi com alguém que te ama de

verdade, assim como eu também jamais vou esquecer os momentos que ficamos juntos e o

quanto você é especial para mim.

Ela sorriu e continuou a caminhada.

Quando chegaram ao Castelo Kimsley, Vehda e Blaze foram levados de carruagem até a

saída da cidade, onde havia uma construção que poderia se dizer que era o aeroporto dali. Havia

um grande dirigível estacionado no local. Naquele mundo os zepelins movidos a hidrogênio

eram o principal meio de transporte aéreo civil de alta capacidade, cada um deles era capaz de

transportar cerca de quinhentas pessoas bem acomodadas. Era como um cruzeiro de luxo no céu,

já que a nau voadora possuía um grande restaurante e gabinetes para repouso. Os zepelins

decolavam verticalmente e eram bastante silenciosos.

Como filha de uma fênix, Izolda seria sepultada no vulcão ao norte de Flanória. Blaze e

Vehda viajaram em compartimentos diferentes. O jovem passou o te mpo olhando a paisagem do

alto e ainda tentando digerir todas as informações daqueles últimos momentos com a elfa alada.

Já Vehda ficou ao lado de Milezra e Meidenu, as duas Potências co nvidadas. A dama de vidro

olhou para o rosto da jovem, que não conseguia disfarçar a tristeza.

— Você está bem, Sacerdotisa Vehda? — perguntou ela.

— Sim, estou.

— Como foi com o seu pretendente?

— Foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida. — Ela sorriu e d epois baixou a cabeça

de forma triste.

— Não é uma escolha fácil — disse a máscara. — Mas cada escolh a tem o seu preço.

— Sim, é verdade — disse a jovem. — Foi uma noite maravil hosa. Quando eu estava

prestes a dormir, eu fiz uma prece para minha mãe, para que me mo strasse mais uma vez o meu

futuro. Eu queria saber qual seria o futuro se fosse ao lado d a pessoa que eu amo. Ela me

mostrou. Eu me vi casada com o Blaze, nós a princípio moraríamos no mesmo lugar onde nos

amamos pela primeira vez, depois nós teríamos nosso próprio lugar. Era um castelo fora da

cidade de Dehva.

Ela começou a apertar as próprias mãos como se, à medida que estava falando, estivesse

visualizando novamente o seu sonho:

— Eu tinha uma filha, ela era linda. Na visão eu vi que eu ficava muit o triste às vezes e

passava horas e horas no templo orando para que os nossos soldados que estavam na guerra

voltassem bem. Blaze nos meus sonhos ficava muito tempo for a de casa. Ele voltava muito

ferido e doente, mas voltava para a luta mesmo assim. Lembro-me que ficava agoniada, eu me

culpava por ter interferido no futuro, pois a guerra não acabava. Por ém…

— Porém… — sorriu a dama de vidro.

— Quando ele voltava, me pegava no colo e era tão carinhos o comigo que logo me

esquecia da culpa que sentia. Então eu me sentia egoísta… — E Ve hda começou a chorar. — Eu

o queria para mim, não importava como… ferido, doente ou quase morto... eu só o queria para

mim! E o pior, mesmo eu sabendo que minha escolha iria levar à mo rte de muita gente, naquela

realidade eu estava feliz!

A dama de vidro abraçou a jovem Sacerdotisa élfica. O Tempo disse :

— Você é uma excelente menina, Vehda. A prova que você passou f oi muito difícil. Tenho

orgulho de você!

A jovem continuou chorando amparada pela donzela de vidro enqua nto a nau alada seguia

deslizando pelos céus rumo ao vulcão.

CAPÍTULO 21

A PROMETIDA

O dirigível cruzou os céus do planeta. Black Busterblaze fazia companhia à Alcaidessa

Rosário e seu esposo Henrique Mariachi que vieram das savanas d o planeta, mais exatamente do

reino de Overin. Henrique era um Alcaide muito animado, gost ava de festas e de cantar, mas

naquele dia estava acabrunhado e triste assim como todos qu e participavam da comitiva.

Certamente Black Busterblaze e ele conversariam muito e se divertir iam muito se a situação não

fosse aquela. O jovem preferia o silêncio e olhar a paisagem daquel e mundo pela janela da nau a

expressar qualquer coisa. O silêncio entre eles era grande.

Tenso com a situação do velório e também com a atitude de Vehda, a quem tinha se

afeiçoado, a cabeça do jovem chegava a doer devido ao estresse. E m um determinado momento,

seu sentimento de sufocamento era tanto que acabou adormecendo . Quando abriu os olhos estava

no espaço, entre as estrelas. Ele voou pelo firmamento escuro até q ue viu um asteroide branco

perdido no meio do nada. Ele pousou no objeto e, caminhand o por ele, encontrou uma estátua

cinza de uma criança. Intrigado, Blaze chegou perto o bastante para identificar quem era: Izolda.

Os olhos do rapaz ficaram úmidos de emoção, mas quando el e tocou a face da criança, ela se

desfez em pó. Neste instante, a sombra de uma mulher enorme o co briu, dizendo:

— Eu não tenho coração!

O jovem acordou suado e ofegante no dirigível. Ele olhou pela janel a e viu que já estavam

pousando. Os convidados, em fila, iniciaram uma procissão ru mo ao vulcão. A Rainha Bhatra

chorava levando a cápsula que continha as cinzas de Izolda. O Rei seguia ao seu lado, Vehda

dois passos atrás deles e dois passos atrás da Sacerdotisa estavam as Potências do Tempo e da

Transformação.

No meio da comitiva, o Alcaide Henrique lamentou:

— Quando a Rainha Bhatra estava grávida de Izolda, eu sempre tive comigo que aquilo era

um milagre. Um dragão e uma fênix jamais poderiam ter filhos! Sempre tive a certeza de que

Izolda era a Prometida que as escrituras diziam. Fênix são lendárias e nascem através das

chamas… eu gostaria que ela renascesse. Eu gostaria de ter a certeza de que as forças deste

mundo estão nos guiando contra os invasores!

Blaze se sentiu incomodado com aquelas palavras, mas nada disse. Mas, à medida que a

procissão se aproximava do vulcão, maior se tornava o incômodo que Blaze estava sentindo. Ele

estava tenso e suando. Em um determinado momento, quando piscou, não se viu mais naquele

lugar. O que viu foi a sombra de uma mulher que ele não conseguia identificar. Sua própria voz

pulsava no interior de seu ego dizendo: “ela está morta porque não tem um coração”. Ele

acordou com a cara no solo; havia tropeçado em uma das inúmeras depressões do terreno.

— Tudo bem, Mestre Busterblaze? — perguntou a Alcaidessa Rosário.

— Sim, não se preocupe — respondeu ele, ainda atordoado e tratando de se recompor

rapidamente.

A Rainha chegou à base do vulcão e iniciou suas palavras de despe dida:

— Amigos, obrigada por terem vindo! Sei que muitos outros gostaria m de estar aqui neste

momento. Eu queria falar algo bonito aqui, mas… droga, é a minha filha! Era uma menina

quando os malditos Ocres a levaram! Durante muito tempo ele s nos humilharam pelo fato de

estarem com ela, nos fizeram recuar em muitas situações inac eitáveis, muita gente inocente

morreu por causa da canalhice daqueles cretinos! Mas, apesar disso tudo, eu ainda tinha

esperanças de que eles devolveriam minha menina. Eles nem para isso prestaram, precisou um

jovem de outro mundo trazer minha criança para casa dentro deste pote aqui!

A Rainha então parou, não conseguiu falar mais. Ela abraçou o pote e começou a chorar de

ódio. Todos ficaram em silêncio, observando a Rainha e sua d or. Blaze olhou para o rosto de

todos os convidados, que estavam apreensivos. Era como se quises sem fazer algo e não podiam.

O Rei estava de cabeça baixa, como se já estivesse convenci do de que nada mais poderia ser

feito. Ele então olhou para Vehda, a Sacerdotisa olhava para ele se m dizer nada, seu olhar era de

expectativa, como se coubesse a ele fazer algo. Sua cabeça latejav a. O que fazer? O que falar?

Lembrou-se então das palavras da Potência do Tempo:

“Você não precisa entender nada, apenas siga o seu coração. Você é o dono do Blisar

agora. Todas as respostas que precisa estão no seu peito. Vo cê escolheu ser o Mestre Black

Busterblaze. Assuma esta condição.”

Quando caiu em si, Black Busterblaze tocou o próprio peito assombr ado: “Não pode ser!”

pensava Blaze. Ele olhou para Milezra e Meidenu. Eles também olh avam para ele. “Será que...”

A Rainha levantou-se e, aos soluços, abriu a cápsula.

— Que este vulcão acolha você, minha filha, assim como acolheu os meus ancestrais. Que

os Bennus e as Fênix abençoem sua alma para que, lá no fundo, vo cê ainda possa brilhar, mesmo

que seja em outra vida!

— Majestade, por favor, espere! — gritou Blaze.

A donzela de vidro sorriu. A Rainha olhou para o rapaz com a r de reprovação, mas ele

continuou:

— Eu não queria entender ou não estava entendendo… mas está cl aro como água, sempre

esteve na minha frente e eu não vi. Izolda está morta, mas assim co mo uma fênix pode ressurgir

de um braseiro de fogo e um dragão pode comandar os elem entos da natureza, a improvável

união de você e do Rei tinha um propósito! Sempre teve!

— Do que está falando, jovem mestre? — perguntou o Rei.

— Da profecia: “Quando dois poderosos seres incompatíveis s e unirem nascerá uma

prometida, e quando esta ressurgir das cinzas como uma rainha gue rreira terá chegado a hora do

coração das estrelas tomar a forma da morte e castigar um m al que veio de longe”. Eu sou o

coração das estrelas, eu sou o portador do Blisar, eu sou o guardião do coração das estrelas.

Os convidados se olharam e alguns deles começaram a sorrir, estavam começando a

acreditar que a profecia poderia ser verdadeira.

— A princípio eu não entendi porque não consegui fazer as a sas de Vehda regenerarem

totalmente, mas isso também tinha um motivo. Quando usei o poder do Blisar pela primeira vez,

eu achei que podia fazer qualquer coisa que eu quisesse, fiquei frust rado quando as asas dela não

foram curadas totalmente, mas aquilo era uma lição que eu deveria aprender, que existem coisas

que eu devo fazer e outras não.

— Garoto, pare de falar por metáforas! — gritou a Rainha com a cáp sula na mão. — O que

você quer dizer afinal?

— A profecia está correta. É necessário o sangue de um dragão e d e uma fênix para que a

Prometida ressurja das cinzas como uma rainha guerreira. Eu posso salvar Izolda! Por favor, me

dê essa cápsula.

— De jeito nenhum! — Abraçou o artefato a fênix, contrariada. — Vo cê não conhece nada

sobre como uma fênix ressurge. As cinzas desta cápsula fora m contaminadas pelo veneno dos

Ocres e estão estéreis, não há sequer rastro do espírito de minha m enina aqui!

Blaze puxou o anel de cabelos que estava em seu dedo anelar e mo strou à Rainha.

— Eu e Izolda temos uma aliança.

O Rei compreendeu tudo, tomou a cápsula das mãos da esposa e c orreu para entregar ao

jovem.

— Mestre Black Busterblaze, eu confio em você para fazer cumprir a profecia!

Blaze sorriu. Pegou a cápsula e levou para próximo do vulcão.

— Ela vai precisar de um coração. Preciso de uma pedra, uma pedr a muito forte que seja

capaz de brilhar como o sol!

— Hunf! — Era a Rainha, ainda contrariada. — É bom que você est eja dizendo a verdade!

Se me fizer fazer papel de idiota, vai se arrepender!

Bhatra Vam-Epieta tornou-
se uma grande ave de fogo de mais de quatro metros de

comprimento e, em um rasante, mergulhou no centro do vulcão e ret ornou entre as chamas com

uma pedra vermelha incandescente. Fazendo uma volta pelos céus, ela depositou a pedra em

cima de uma rocha próxima ao jovem.

— Blaze, o que vai fazer? — perguntou a Princesa Vehda.

— Eu ainda não sei, vou tentar fazer com a Izolda o mesmo caminh o que fiz para voltar do

reino dos mortos.

— Isso é impossível, não se esqueça que você tinha o Blisar!

— Eu sei. Por isso vou tentar criar um para ela. — Então o j ovem olhou para os

participantes daquele velório e gritou: — Todos se afastem, vou conj urar o poder do Caminhante

Proibido agora!

As testemunhas que ali estavam se afastaram, curiosas com q ue tipo de transformação o

jovem faria.

—

Orzon! — gritou Blaze a plenos pulmões. Imediatamente o seu corpo incendiou em

labaredas azuis e negras. Uma onda de choque circulou o corpo do j ovem e o traje negro usado

por ele no dia de seu aparecimento ressurgiu.

— Impressionante! — disse o Rei. — Vi essa energia de long e no Forte-Prisão, mas de

perto é ainda mais magnífica!

A Rainha voltou à forma humana e abraçou o Rei. Ela estava boquia berta.

— Nunca vi algo assim antes! Nós, fênix, e vocês, dragões, somos c apazes de fazer coisas

extraordinárias, mas este tipo de poder que ele está mostrando não é coisa deste planeta!

Black Busterblaze colocou suas mãos sobre a pedra, as cinzas e os fios de cabelo de Izolda.

— Vamos lá, está na hora de criar um novo Universo! Volte pra gent e, Izolda! Eu tenho

certeza que é você a Prometida!

E a matéria que ali estava começou a reagir, formando vários círculos de energia que se

elevaram e formaram uma bolha azulada acima do vulcão. Quanto mais energia Blaze enviava,

mais rápido a reação acontecia. Primeiramente a pedra se fundiu com as cinzas e explodiu

criando um pequeno globo azul. Blaze sorriu satisfeito; ele havia conseguido emular o Blisar

como havia planejado, então as cinzas que restaram impregnaram nos fios de cabelo e uma

sombra humana surgiu. A nova estrela mudou de cor, tornou-se vermelho-brasa e começou a

expandir-se, engolindo a sombra.

— Acorda, Izolda! — berrou Blaze. — Você precisa me ajudar! Volte pra gente!

As ondas de energia do rapaz se multiplicaram, mas o traje negro que ele usava começou a

se tornar pó e a sumir lentamente. Vehda foi a primeira que percebeu que algo não estava indo

bem:

— Blaze está apostando seu coração na criação de um ser semelhante a ele, é a única forma

que encontrou de trazer Izolda de volta, mas o preço está sendo alto demais… Ele está apagando

seu próprio Blisar. Se o Blisar apagar, ele vai morrer!

As palavras da Princesa Vehda deixaram todos os convidados aflitos. Os únicos que

estavam sorrindo eram as Potências do Tempo e da Transformação.

Blaze começou a sangrar pelo nariz e ouvidos. Ele também se ntia o gosto de sangue na

boca, mas ainda assim não recuava:

— Izolda! Será que dar a você o meu coração não é o suficiente par a você viver?

Aquelas palavras voaram em direção ao jovem Blisar que nascia. O globo de luz vermelha

que girava com a velocidade da luz pulsou. Milhares de pequenos v agalumes rodearam o objeto

e um vento sussurrou no espaço a palavra "*Xaisur*", que significava " coração" no idioma daquele

mundo.

Naquele instante o sol vermelho explodiu em labaredas de fog o. De dentro dela emergiu

uma gigantesca mulher de seis metros de altura com o corpo cobert o por escamas vermelhas. Ela

possuía garras de águia, cabelo arrepiado e olhos vermelhos. Suas asas eram como os de um

dragão e cauda era de fênix. A criatura urrou tão alto que ciclones se formaram entre as nuvens.

Foi a última visão que Black Busterblaze teve antes de cair no solo. Seus olhos se fecharam e,

para ele, tudo se tornou trevas.

— Minha nossa! — gritou a Alcaidessa. — Ele criou algo imp ensável, uma criatura que

não deveria existir! É o *Rashtrafleuer*!

O monstro que existia apenas em suposições de magos necromante s que advertiam sobre o

perigo da fusão de seres diferentes pousou onde o rapaz estava e, b rilhando, começou a mudar

novamente de forma. Ela encolheu até a estatura de um metro e oite nta e se tornou uma donzela

de cabelos encaracolados e cor de favo de mel. Sua pele era branca e os lábios, muito vermelhos.

O rosto redondo e as sardas não deixavam dúvidas: aquela mulher era Izolda. Ela vestia um traje

prateado e vermelho que se assemelhava ao que Blaze usava na for ma de cavaleiro da galáxia,

mas o lenço em torno do pescoço era negro.

A Rainha caiu de joelhos e começou a chorar. Vehda correu em dire ção à irmã e a abraçou.

A recém-
chegada não sorriu. Seus olhos faiscantes estavam vermelhos e por instantes um sorriso

estranho era visível em seu rosto. Coube ao Rei Morvan Kimsley ch egar até a moça e dizer:

— Filha, bem-vinda ao lar! Nós aguardávamos você!

Ela olhou para o pai e seus olhos se acalmaram, ficando verd es como jade, e um sorriso

sincero surgiu em seu rosto:

— Papai…? Que bom rever o senhor! Eu pensei que jamais voltaria a ver você! Eu achei

que tudo havia acabado!

— Você ressurgiu das chamas como uma verdadeira fênix, mi nha criança! — disse,

orgulhosa, a mãe. — Você é a nossa Prometida!

Milezra e Meidenu se olharam satisfeitos:

— Se cumpriu aquilo que estávamos esperando por anos. Fo mos testemunhas do

surgimento de uma nova esperança para este mundo. Nosso trabalh o aqui está completo. É hora

de partirmos.

Assim que terminou de falar, uma carruagem alada desceu do s céus e parou ao lado do

casal de Potências. O coelho cocheiro abriu a porta e a dupla de ser es divinos foi conduzida para



o interior. Sorrindo, o coelho disse em idioma local:

— *Tekey ay-lore*! — Que significa “parabéns a todos.”

E, em meio a acenos de satisfação dos presentes, a carruagem alada desapareceu nos céus.

A chegada ao reino de Flanória foi de festa. A cidade de Dehva parou para ver o retorno da

Princesa Izolda, a Prometida. Aquela que, segundo as lendas, iria mudar os rumos da guerra

naquele mundo. Imediatamente os moradores organizaram uma festa. As barracas foram armadas

rapidamente. Música, dança, comida e bebida foram servidas à vontade para todos. As

testemunhas, após participarem das celebrações, voltaram aos seus reinos espalhando a novidade

de que a Prometida havia surgido e que a guerra tomaria um novo rumo. O boato se espalhou

como fogo pelo planeta e fora dele. Nos noticiários dos Superiores, a notícia serviu de chacota e

piada, entretanto um Superior não riu: o Marechal San Hell Hogan.

— Conte-
me novamente o que os cães de Orbus disseram a respeito do surgimento dessa

tal de Prometida.

— Segundo as fontes, um certo Mestre Black Busterblaze pegou as cinzas de Izolda e a fez

renascer — riu o informante.

A Major Vermitrax, que estava no local, também gargalhou.

— Alguém capaz de trazer um corpo de volta à vida a partir das cinzas? Isso é uma

bobagem! — disse ela. — A ciência prova que nada nasce de um ca mpo estéril.

— Não deveria rir daquilo que não compreende, Major. O importante não é a Prometida, é

quem fez a mágica — disse o Marechal de forma séria. — Black Bus terblaze tem o Blisar dentro

de si, ele tem o poder de criar e destruir estrelas. Ele aprendeu a cri ar vida. É como se ele usasse

a matéria escura que existe em abundância em todo o Universo e cri asse por si só uma colisão de

partículas semelhante ao Big Bang. Ter controle deste poder q uer dizer que ele é muito forte.

Isso está se tornando perigoso.

— Do que está falando, Marechal? Acha mesmo que essa tal de Pro metida pode nos trazer

problemas?

— A Prometida veio para ser uma Rainha, mas uma Rainha não é pr oblema se ela não tiver

uma espada. O problema é a espada. — O Marechal passava a mão no queixo seguidamente,

demonstrando apreensão. — No momento temos todas as vant agens porque a espada não foi

desembainhada. O usuário do Blisar talvez não saiba como de sembainhar o poder de destruir

estrelas. Pelo menos não ainda. Se a espada for sacada, teremos pr oblemas sérios aqui.

O informante compreendeu o raciocínio do Marechal e ficou mudo.

— Escute! — disse o Marechal. — Peça para Straxus marcar uma r eunião com o Conselho

de Guerra, temos que pensar em uma estratégia para neutraliz ar o portador do Blisar agora

enquanto a espada está embainhada.

— Hell Hogan! — saudou o informante antes de sair.

A Major passou o dedo na língua, como se escolhesse as palavras p ara conversar com seu

Superior:

— Marechal, acha mesmo possível que alguém possa renascer das cinzas?

— Acho. Ainda mais com a ajuda certa. — O Marechal lentamente c aminhou para a saída

da sala. — Foi um erro o Governo ter demorado tanto para me mandar assumir o comando da

guerra neste planeta, preciso conversar com o nosso Presidente.

A porta se fechou. Sozinha, a Major sentou-
se diante do painel de luz e começou a rever os

relatórios sobre o que aconteceu desde a destruição do Forte-Prisão. Repentinamente um painel

se acendeu e uma imagem holográfica do Tenente-coronel Set Razor.

— Major Germinim Vermitrax.

— Hell Set Razor — disse a Major num salto, fazendo a saudação tradicional dos

Superiores.

— Descansar — disse ele, sorrindo. — Parece que o Marechal já não está mais presente.

— Não, senhor. Ele esteve aqui, mas foi ter uma audiência com o Presidente.

— Entendo, os procedimentos estão prontos para que eu me torne um Comando de Elite.

Mas gostaria de opiniões dele sobre o que devo escolher como habilidades com base no que eu

observei de nosso novo inimigo, já que vencê-lo é nossa prioridade.

— Ele me parece preocupado. Não é comum um herói como nosso Marechal San Hell

Hogan se incomodar desta forma.

— É natural. Eu admiro muito o nosso Marechal. Ele sabe que estamos perto de conseguir

o Blizar, mas sabe que as coisas podem se complicar a partir de agora, já que ele está em posse

dos cães de Orbus.

— Viu o novo relatório?

— Que relatório?

Imediatamente a Major enviou uma cópia para ele, que tomou conhe cimento dos fatos. A

Major olhou a imagem do Tenente-coronel passando a mão na testa e reconheceu o mesmo

semblante preocupado do Marechal.

— Mas que raios está acontecendo afinal? — irritou-se ela. — O Marechal fez essa mesma

cara quando ficou sabendo deste relatório!

— Você não conheceu o Black Busterblaze. Eu já. E o Marechal, pel a experiência que tem,

já compreendeu o problema que temos nas mãos a partir de agora.

— "*Lohu buoh-rá'doums vermires ozanu'rá | Rô'danre tilkrere-ey deminea | Luk-Lohu-nea*

tilku'rá il pur | lahu-ey sirana guarine mouse'mo-eiô milez-il | Airuma xaisur meidenu'rá riô-

maoh | Luk jermure-il bao jei go'mo eio nifebo". — Vermitrax rangeu os dentes. — Por onde

pisamos neste maldito planeta, nos deparamos com esta citaçã o. Será que o Comandante está

começando a acreditar nesta lenda idiota dos seres primitivos deste planeta? Isso soa absurdo.

Religião, mitologia, lendas… Tudo isso são histórias de raças ignora ntes que buscam explicações

tolas e sem fundamento científico.

— Quando entrei para o Universo Superior, eu me esqueci de tudo o que passei no meu

antigo planeta. Não sei se sabe, mas o mundo de onde vim é uma m açã podre e que não é julgado

interessante no momento para fazer parte do nosso Sistema. Era u m mundo em que a ciência se

desenvolvia muito e estavam chegando a uma fase em que a religião estava perdendo força.

Entretanto, os cientistas do meu mundo queriam entender o motivo que, mesmo a ciência tendo

provado que não existe vida após a morte, não existe magia, não existe espiritualidade, tantas

pessoas ainda seguiam religiões…

— E o que descobriram?

— Que, por mais absurdo que possa parecer, quando muitas pessoas acreditam em uma

coisa e a procuram, de alguma forma aquilo acaba sendo encontrad o. A esperança é uma arma

poderosa que nós, do Universo Superior, não precisamos ter porque temos uma ordem perfeita.

Pesquise sobre os elementos “O” e “Y” que irá entender tudo.

Naquele instante a imagem holográfica desapareceu. Germinim começou a vasculhar os

arquivos; ela já havia escutado sobre a teoria dos elementos “ O” e “Y” antes, mas nunca deu

importância a uma teoria tão antiga e desatualizada. Depois de tanto vasculhar, ela finalmente

encontrou.

Desenvolvida há mais de trezentos mil anos terrestres, a teoria dizia que o elemento que

deveria ser buscado é sempre o elemento “O”; o “O” significav a o círculo perfeito, onde tudo

funciona de forma correta, não necessitando de nada mais de fora dele. Uma sociedade que

alcançou o elemento “O” tem controle de tudo para sustentar-se sozinha. Significa dizer que ela,

por si só, fechou uma cadeia alimentar ou pirâmide hierárquica que permite que o sistema

funcione eternamente. Tudo aquilo que é inútil ao sistema deve ser c ortado fora. Significa dizer

que, se existem duas florestas e uma atrapalha o desenvolvimento, ela deve ser cortada fora. Se

existem duas espécies de animais, uma serve de alimento e a outra não, a que não serve deve ser

eliminada. Se há duas espécies de grãos, um rende 100 e a outra re nde 90, a que rende 90 deve

ser eliminada do sistema. Se um grupo de trabalhadores braça is trabalha em turno que rende

menos que outro, o que rende mais deve ser preservado. Se um ser vivo adoeceu e está ocupando

espaço de outro que está são, o que adoeceu deve ser eliminado. T udo o que não serve ao sistema

deve ser eliminado para a continuidade do progresso.

A teoria “Y” ocorre quando a teoria “O” não foi implantada ou não está funcionando. A

teoria “Y” é a raiz de todos os problemas e soluções. O “Y” s ignifica que o caminho está

dividido e que a sociedade está em dúvidas sobre o rumo a seguir. Ela pode ser nociva ou pode

ser positiva, dependendo da situação. É nociva quando nitidamente há uma resistência ao corte

de um caminho que é ruim em termos de desenvolvimento par a todos. Mas é positiva quando

para a sociedade existe um problema aparentemente insolúvel e que cada um procura um

caminho para resolver este problema. A teoria “Y” é complicad a, pois consegue muitas vezes

variáveis que não podem ser computadas. Algumas vezes cons eguem soluções absurdas para a

ciência em um determinado momento, mas que são explicadas apenas com o passar do tempo

através de um estudo do resultado.

— Estudo do resultado? — A Major rangeu os dentes ao ler aquela informação. — Isso

nunca foi me dito antes!

Ela, como um raio, saiu da sala. Chegando no corredor ela su biu em uma espécie de

prancha em elíptica que deslizou pelo ar com ela pelo corredor até p arar em frente a um grande

salão. Ela tocou a porta e ela se abriu. Era uma espécie de centro médico onde corpos eram

desenvolvidos.

— Doutor, Doutor Altamaran!

O doutor fez sinal para que ela se calar e continuou os seus afazeres com os braços

mergulhados em uma bolha gelatinosa onde ele organizava po ntos que, ao serem alinhados,

formavam ramificações. Ela se aproximou e sussurrou:

— Doutor, preciso de explicações suas.

— Diga. Mas não me toque porque estou organizando o sistema ner voso deste novo corpo

aqui.

— Você é um homem da ciência, Doutor. Como vocês podem basear-se ainda em uma

coisa retrógrada como a teoria “Y”? Isso vocês não contam a ninguém, sempre dizem que a

ciência é perfeita e que ela tudo explica. Eu não entendo vocês deix arem um resultado acontecer

para tentar depois explicá-lo!

— Não existe nenhum absurdo nisso, a ciência precisa explica r um evento, para isso o

evento precisa existir. Como se explica algo que não existe?

— Eu não concordo com isso! Eu nasci em um planeta onde o Siste ma Superior já estava

instalado! Sempre aprendi que vocês sabiam absolutamente tudo de tudo!

— Ai, ai… — suspirou o Doutor Altamaran. — Major, você quer a ver dade? A verdade é

que nós não temos a explicação para tudo.

— Então vocês me venderam uma mentira? Sabem o que isso signif ica para mim? Eu sou

Superior! — exaltou-
se a fêmea. — Eu sempre pensei que fosse perfeita, que eu fosse… fosse…

— Um Deus? — O Doutor olhou para ela de forma séria. — Deuses não existem, Major.

Se tivéssemos a explicação de como o Blisar funciona, nós m esmos faríamos um. Se

soubéssemos como aqueles bruxos de Orbus Cariballion fazem aqu elas coisas estranhas, eles já

estariam perdidos, mas a guerra continua. Vamos descobrir tud o! A ciência sempre descobre

tudo com o tempo. Sempre foi assim. Já tivemos planetas estr anhos antes e muita coisa

descoberta foi incorporada e nos é útil. É assim que o Sistema cresc e.

— Então… nós não somos perfeitos.

— Ninguém é. Sempre há a possibilidade de fazer melhor, é por isso que novas gerações

de Comandos de Elite são produzidas, Major.

— Quer dizer… que vou ficar obsoleta — riu, nervosa.

— Sim, e será substituída por outra melhor se você não evoluir. Dev e sempre buscar mais

se quiser manter o seu status. É por isso que precisamos de outros mundos, para ser Superior

você precisa ter mais, quem faz parte deste Sistema é obrigad o a correr atrás de mais. Mais

alguma pergunta?

— Não, obrigada — respondeu entredentes, em voz baixa.

A Major virou-
se e saiu lentamente do local. Desta vez ela não pegou um d isco de

transporte como fez da vez passada, preferiu ir a pé. Andava de cab eça baixa e nervosa. Em sua

cabeça, começou a sentir a mesma angústia que sentia antes de se tornar um Comando de Elite.

Ela, no seu antigo mundo, era filha de uma pessoa influente, então t eve a sorte de já iniciar sua

trajetória de uma posição avantajada na sociedade. Ainda assi m, ela precisava se encaixar no

Sistema e subir cada vez mais se não quisesse ser destruída pelo Sistema. Ela ainda tinha

calafrios ao se lembrar das jornadas triplas de trabalho que tin ha que cumprir para conseguir

mais e mais créditos, as vezes que deixou de se alimentar para com prar roupas e equipamentos

necessários para estar na moda e fazer parte dos círculos mais aba stados da sociedade. Quando se

tornou um Comando de Elite, ela acreditou que havia chegado ao Olimpo, que finalmente

poderia viver uma realidade menos atropelada. Agora se sentia enganada, tinha a sensação de

que passaria por todo aquele tormento outra vez. Ela escorou em u ma parede, fechou os olhos e

abraçou a si mesma.

— Hell Vermitrax — saudou uma criatura humanoide de orelhas long as e gordo como um

ovo.

Imediatamente a Major se levantou, assustada e desconsertada por ter sido pega naquela

situação de fragilidade. A criatura, respeitosamente, estendeu suas mãos, dizendo:

— Sou teu servo fiel, estou pronto para ajudá-la, minha senhora!

Irritada, ela segurou o humanoide pelas orelhas e um relâmpago percorreu o corpo do

infeliz, destroçando todos os ossos de seu corpo e seus órgãos internos. Quando ela o soltou, o

ser já caiu agonizando.

— Criatura asquerosa, como um verme como você ousa demonstrar piedade de mim?

Ela pisou em cima do moribundo e o corpo do humanoide explodiu como um tomate,

espalhando gosma laranja e vísceras pelo piso. Sem olhar para trás, ela continuou a caminhar,

deixando atrás de si um rastro de pegadas alaranjadas.

CAPÍTULO 22

ESTRELA APAGADA

Uma dupla de seres de orelhas pontudas e asas de libélula que na Terra seriam facilmente

identificadas como fadas voavam pelo refeitório grande como um salão de festas rindo e

arrumando a mesa. Elas eram pequenas, não tinham mais que um metro e trinta de altura, mas

eram rápidas quando se tratava de organizar as coisas. Gostavam de fazer isso e eram

extremamente metódicas quando o assunto era arrumação, exatamente por isso eram os seres

ideais para cuidarem do palácio de Dehva.

A cozinha do palácio não possuía fêmeas, toda a comida era prepar ada pelos duendes. Os

duendes eram seres baixos, com estatura semelhante à das fadas, barbas longas e cabelos brancos

ou cinzentos. Eles não possuíam asas e eram extremamente chatos quando o assunto era comida;

na verdade os duendes eram, como se diria, os pares naturais das f adas. Conta a lenda que por

eles serem muito mal-
humorados é que os Deuses deram às suas parceiras asas e assim elas

podiam ficar distantes e evitar brigas. A lenda era verdadeira d e certa forma: um grupo não se

metia no trabalho do outro porque era confusão certa, eles só ficavam juntos na hora do véu,

quando se recolhiam às suas casas que lembravam ninhos de joão-de-barro e eram construídas

nas maiores e mais velhas árvores da floresta.

Esta raça de seres que pareciam duendes e fadas era conhecida e m Áurius como *gelfs*. Se

você quer ver um deles feliz é só atribuir a eles algum tipo d e tarefa sistemática. Eles não são

nem um pouco improvisadores e reclamam demais se algo que dev eria estar no sistema está em

falta ou não foi encontrado. Inicialmente são vistos por outros como chatos de mão cheia, mas

depois que se acostuma com eles os mesmos se tornam amigos lea is e até divertidos. O fato de

seguirem sempre tudo à risca os torna excelentes cozinheiros, contadores, juristas ou qualquer

outra profissão que envolva rotina. Em Flanória, sempre que al guém organiza algo com

perfeição logo se diz que ele é “organizado como um gelf.” Cl aro que um gelf sempre fica

orgulhoso quando escuta alguém elogiá-
lo; aliás, a maneira mais fácil de conseguir algo deles é

através do ego.

E assim eles prepararam mais uma vez de forma perfeita a refeição matinal dos monarcas

do reino de Flanória. Naquele dia eles capricharam na refeição a pe dido da Princesa Izolda, que

disse a eles:

— Mantenham um prato e uma caneca a mais na mesa. Hoje vai ch egar alguém que estará

morto de fome!

Assim que chegaram à mesa, a Princesa Vehda foi a primeira a repa rar o prato e a caneca a

mais. Ela olhou para a irmã, que saboreava uma suculenta fru ta cujo caldo chegava a escorrer

pelas bochechas rosadas.

— Izolda? — perguntou Vehda de forma inquisitiva. Ela não disse mais nada, mas a

Princesa de olhos de jade já sabia do que se tratava.

Izolda olhou para a irmã, sorriu enigmática e voltou a comer tranquilamente. Vehda

balançou a cabeça de forma negativa e, irritada, foi logo mordendo um grande biscoito e

enchendo sua caneca de suco. Não demorou muito até o Rei e a Rainha se juntarem às meninas

na mesa.

— Minha moral anda baixa mesmo! — O Rei coçou a cabeça, suspirando. — Antigamente

as pessoas da casa só comiam quando o chefe da família chegava à mesa e se sentava junto aos

demais.

— Eu sou inocente! — sorriu Izolda de forma sarcástica. — Só comi uma fruta porque

estava bonita. Eu estava mesmo esperando vocês, juro!

— Vehda? — perguntou o Rei, olhando-a com reprovação.

— Eu? Eu… — A Princesa engoliu em seco. Seus olhinhos estavam assustados e as

bochechas ficaram vermelhas como tomates maduros. — Eu estava um pouco irritada e vi Izolda

comendo então resolvi comer também e…

— Minha filha, que vergonha! — disse o Rei, cruzando os bra ços. — Você, uma

Sacerdotisa… alguém que deveria ser a primeira a obedecer à mora l e aos bons costumes… Que

coisa feia, menina!

Izolda desatou a rir e sua irmã mais velha juntou as mãos, baixou a cabeça e batia os dedos

indicadores, envergonhada.

— Bem, vamos comer! — disse o Rei, suspirando, e em segu ida puxou a cadeira para a

esposa sentar.

— Ora, temos vaga para mais um aqui! — sorriu a Rainha ao ver os talheres a mais. —

Nosso convidado vai se levantar?

— A qualquer instante — sorriu Izolda.

— Vamos deixar as coisas como estão. O jovem mestre é um a pessoa muito sozinha e

saber que estamos aguardando por ele tenho certeza que vai deixá-lo feliz, independente do

momento do dia em que acordar — sorriu a Rainha.

— Pensei que não gostasse muito dele — disse Vehda, lembr ando-se do jeito frio que o

tratou no jardim.

— Aquele dia eu estava deprimida, me dá licença? — disse a Rainh a, empinando o nariz e

abrindo o leque para se abanar, o que ela sempre fazia quando algo esquentava seu sangue. —

Mas um jovem tão talentoso que salvou não só uma filha min ha, mas duas, como poderia não

gostar dele?

— Humanos vivem pouco tempo e morrem rápido! — riu a elf a de asas de cisne,

provocando.

— É mesmo, ele tem a marca da morte no coração, coitado! — A Ra inha fez uma pausa e,

instantes depois, olhou para Izolda de forma maliciosa. — Você já é uma adulta agora, está em

suas mãos!

— Em minhas mãos o que, mamãe? — riu ela.

— Ora, ele veio de outro mundo atrás de você, morreu, voltou do inferno, te trouxe de

volta… Olha, eu no seu lugar não desperdiçava a oportunidade!

— Lá vem disparate! Querida, olha a insanidade! — advertiu o Rei, que já conhecia as

travessuras da mulher.

— Tá certo que ele não é lá muito corpulento e nem de longe é tão b onito quanto o seu pai,

mas a sua genética é forte e, se puxar à mamãe, vão ter filhos bonit os!

— Querida! — exclamou o Rei em tom moderado.

— A primavera é uma estação linda e muito afrodisíaca. Os c astelos dos penhascos de

Valkimie são lindos nesta época do ano. É um bom lugar para um ca sal apaixonado se incendiar

de amor!

— Acha mesmo, mamãe? — gargalhou Izolda, não perdendo a oportunidade de atiçar o

lado fênix da Rainha.

— Acho, sim. Quando ele acordar, vê se não vacila e faça-o queimar!

— Querida! — exclamou o Rei, elevando o tom de voz enquanto Izol da não parava de rir.

Vehda suspirou, terminou sua refeição, acenou discretamente como forma de licença e se

retirou da mesa. Ao ver a cena a Rainha sussurrou, fazendo uma ca rinha de travessa.

— Tome cuidado com a sua meia-irmã, se você não ficar esperta ela te atropela! Ela pode

ser uma Sacerdotisa, mas a convivência comigo a fez aprender com o as coisas devem ser!

— Como é? — espantou-se Izolda que, desta vez, não riu.

— Já chega! — O Rei se levantou, pegou a mulher com apenas um a das mãos, colocou-a

debaixo do braço e se retirou da sala. — Você hoje amanhec eu mais louca que de costume,

vamos dar uma volta no jardim que, talvez assim, você recobra o juí zo!

A Rainha, grunhindo em forma de protesto, foi carregada dali levand o consigo um grande

biscoito na boca.

Izolda observou a cena e voltou a rir. Calmamente ela termino u de comer, se levantou,

caminhou pelo palácio, subiu as escadarias até chegar ao quar to onde o hóspede estava e

vagarosamente abriu a porta. Ela colocou a cabeça dentro do quarto e espiou. Deu um leve

sorriso ao ver que Black Busterblaze ainda dormia. Ela caminhou at é a cama onde ele estava e

deitou ao seu lado.

Como que por encanto, ele abriu os olhos.

Ele virou-se e olhou para ela. Os seus olhos encheram-
se de lágrimas e um grande sorriso

surgiu em sua face; era a primeira vez que se viam depois de tantos anos e tantos contratempos.

Ela também nada disse, apenas sorria com seus olhos grandes e bri lhantes como duas pedras de

jade.

— Você… está linda demais!

Ela respondeu com um beijo rápido e carinhoso.

— Como você está? — perguntou ela.

— Mais vivo do que nunca!

Ele afagou os cabelos da jovem, a olhando com admiração. Ela o ab raçou e, desta vez, se

beijaram de forma longa e intensa.

— Será que desta vez eu terei sorte no amor? Meu namorad o anterior morreu sem casar

comigo… — riu ela.

— Você está aqui, talvez esteja mesmo na hora de partir para outra — respondeu o jovem

no mesmo tom jocoso.

— Talvez a Izolda também tenha morrido, e quem está aqui é Silver Slashersoul… afinal,

você agora é Black Busterblaze, não é mesmo?

O jovem ficou corado.

— Como era mesmo? Se me lembro bem, você tinha falado a lgo sobre outra língua,

colonização, algo assim, não é? — tripudiou Izolda.

— Ah… Não consegui pensar em nada naquela hora, tive que invent ar alguma coisa!

Izolda riu muito e depois disse:

— Eu gostei. Só gostaria de saber se o seu traje de batalha é igual ao que desenhei para

você quando éramos jovens... Se realmente fez esta homenagem p ara mim, talvez eu use aqueles

biquínis bonitinhos que as guerreiras dos jogos do seu mundo usam, mas só quando estiver com

você!

— Jura? Neste caso posso mostrar imediatamente, mas vai ter que pagar sua parte na

aposta.

A resposta inesperada fez a Princesa ruborizar. Blaze não perdeu te mpo e lançou um olhar

como quem diz “desta vez te peguei”.

— Só pode estar brincando, você não iria se lembrar!

Blaze riu e apontou para uma pequena mochila sobre um criado-mudo no quarto. Também

não disse nada, apenas a convidou com seu olhar a ver o conteúdo. Ela se levantou da cama, foi

até a mesinha, abriu a mochila e espalhou o conteúdo na cama: est avam lá o velho relógio do pai,

o rosário da mãe, uma velha toalha de banho e, para a surpresa da j ovem, o surrado caderno de

desenhos.

— Demorou um pouco, mas finalmente consegui te devolver — diss e ele, sorrindo.

Naquele momento um turbilhão de emoções passou pelo coraç ão da menina, mas não as

lembranças ruins, e sim todas as experiências que teve enqua nto viveu no planeta Terra. O

trabalho junto com Dona Tainá, as brincadeiras com Ísis, os c onselhos do Senhor George e os

momentos mágicos que viveu quando criança junto com Izac.

Ela se jogou em cima de Blaze e o abraçou com toda a forç a. Chorando baixinho, ela

agradeceu:

— Obrigada! Eu te amo! Eu te amo demais!

— Bem-
vinda de volta! — sussurrou ele, ignorando o fato que quem estava desacordado

há dias era ele.

Enquanto Blaze e Izolda desciam para o refeitório, em um qui osque na beira da piscina

natural nos fundos do castelo, um outro encontro acontecia. Eram G wim e Edocross que estavam

reunidos com o Rei e a Rainha.

— Meu Rei, os inimigos estão se movimentando — disse Edocross.

— O que descobriram? — perguntou o Rei.

— Observamos um exército bem grande. Os que estão misturados n a cidade dos invasores

falam sobre rumores nos últimos dias. Nós supomos que falta m duas peças para eles

completarem a estratégia deles, isso significa que partirão para o at aque em breve.

— Conseguiram descobrir o alvo?

— A nossa capital. Os telões de notícias deles falam sobre isso a to do momento — afirmou

o anão Gwim.

— Eles querem o nosso jovem mestre, como esperado — diss e o Rei de forma seca,

coçando o próprio queixo.

— Deixe que venham, vamos dar a eles uma surra tão grand e que será cantada pelos

nossos bardos durante os próximos dois séculos — bradou a Rainh a.

— Amor, não seja inconsequente — riu o Rei. — Essa luta deve ser feita fora dos limites

de nosso reino, vamos combatê-los no cânion do Rio Mozar.

— Isso é arriscado, se perdermos a batalha eles terão uma linha ret a para nossa cidade —

assombrou-se o anão.

— Então é melhor não perdermos, não é? — sorriu o Rei.

— Temos Black Busterblaze ao nosso lado, não temos com o que se preocupar. — disse,

tranquilo, Edocross.

O Rei e a Rainha se olharam desconcertados.

— O que foi? Aconteceu algo com o Mestre Black Busterblaze? — E docross engoliu em

seco.

— Digamos que não é uma boa ideia contar com ele nesta batalha — riu a Rainha Bhatra,

balançando o leque freneticamente. — Mas nunca precisamos dele antes, não é mesmo? Por que

precisaríamos agora?

— Normalmente os Superiores designam um ou dois Comandos de Elite por região de

ataque, mas a informação que tenho é que desta vez deve ser diferente.

O Rei franziu a testa.

— Então eles vão atacar com tudo. Posso estimar, então, que Straxus e Vermitrax estarão

na primeira linha… Se a informação for correta…

— Sim, eu também não creio que serão apenas estes dois seres poderosos que eles terão à

disposição, meu Rei. Convém mandarmos recado para outros reinos e pedir que algum herói

venha nos ajudar; quem sabe o irmão menor da Rainha, o bennu fer oz Gripöchrito?

— Sem chances, o meu irmão está tendo problemas demais na Estí quia contra a cidade da

Cova Vermelha, que os Ocres construíram.

— E quanto aos elfos-
estrela? — perguntou Gwim. — O Phaytor, o Príncipe de lá, disse

que lutaria ao lado da Prometida quando ela surgisse.

— Phaytor desde criança nutria um amor platônico pela Prometida, agora que ela surgiu de

verdade isso pode dar problema. A minha filha já é compromet ida com o *Daimo* Black

Busterblaze. Ele aparecer só traria confusão — sentenciou o Rei.

— Tem um grupo de heróis bons que podemos contar e que não estão longe. Ravenos

Black, o mago negro. A elfa ranger Sianna. A artilheira Robin. A alqui mista Youko. O dragão

negro Hokara. E o meio-lobo Garra do Trovão — sorriu Edocross.

— Eles são fortes, mas seria uma incógnita procurá-
los aleatoriamente — cortou a Rainha.

— Ainda assim é uma tentativa. Preciso de vocês dois aqui, mas se puderem enviar

mensageiros atrás deles, eu agradeceria muito.

— Será como o senhor deseja, Majestade — disse o anão, fazendo uma reverência.

A dupla partiu deixando o Rei e a Rainha se olhando preocupados c om a nova batalha.

— O que faremos, querido? — perguntou a Rainha Bhatra.

— Os heróis que eles propuseram não serão encontrados facil mente… Eles são uma

patrulha de ataque, precisam sempre estar em movimento para evitar serem cercados pelo

exército dos Superiores. Vamos ter que lutar sozinhos com tudo o q ue pudermos.

— Não acho uma boa ideia a Izolda lutar, a pobrezinha está tão feliz .

— Eu sei, também não quero isso! Se você segurar um dos Comand os de Elite, eu posso

cuidar dos outros.

— Rá, rá, rá! — riu, irônica, a Rainha. — Eu sou a Rainha das Fênix , acha que vou ficar

deixando você vencer vários inimigos enquanto eu fico com u m? Nada disso! Cada um que

vença quantos inimigos conseguir!

O Rei riu, mas em seguida baixou a cabeça, incomodado com lembr anças passadas.

— O que foi? Acha que não damos conta?

— Naquele dia… Dehva morreu diante dos meus olhos e não pude f azer nada porque não

pude passar por aquele monstro.

— Nenhum de nós pôde passar por ele naquele dia, não tem que se culpar, você não estava

sozinho.

— Perdemos muitos amigos e aquele monstro saiu praticamente ileso. Eu sei que ele está

de volta a este mundo, sei que cedo ou tarde vamos lutar novamente contra ele.

— O Marechal San Hell Hogan… — A Rainha apoiou o queixo na mão, pensativa. —

Você acha que alguém tão orgulhoso iria liderar pessoalmente este ataque?

— Os Superiores são estranhos, liderar pessoalmente o ataque seria algo que eu faria, mas

ele... Realmente não sei. O que sei é que naquele dia fui derrotado e não faço ideia se o resultado

seria diferente hoje.

A Rainha sorriu e abraçou o Rei.

— Somos um casal, lembra-se? Aconteça o que acontecer, nós estaremos juntos até o fim!

— É! — sorriu ele. — Mesmo se tudo der errado, ainda temos um ao outro.

— Sempre! — respondeu a fênix, dando um beijo no rosto do esposo.

Naquele instante o Rei e a Rainha se levantaram; era Black Busterblaze que chegava

acompanhando Izolda. A Rainha deu um grito e saiu correndo, pulan do em cima do rapaz, que

não teve alternativa a não ser carregá-
la para que os dois não caíssem no chão.

— Nháaaa! Que bom! Você finalmente acordou!

— Pois é... Me sinto estranho, com o corpo um pouco pesado, mas f inalmente eu acordei!

A Rainha se afastou e o Rei chegou perto do rapaz, tocando seu ros to. Em seguida olhou

dentro dos seus olhos e franziu a testa.

— Mestre Blaze, eu suspeitava disso quando trouxemos você para c á… O Blisar… eu não

estou sentindo nenhuma energia vindo dele.

— Como é? — O jovem ficou apavorado. — Como assim?

— Quando você esteve conosco depois da batalha do Forte-
Prisão era possível ver a chama

azulada do Blisar em seus olhos, mesmo com seu poder real recolhido. Agora eu não consigo

enxergar nada!

— Sem essa! — recusou prontamente. — Afastem-se um pouco!

Blaze respirou fundo e gritou:

— *Orzon!* — Nada aconteceu. — *Orzon!*
— Nada aconteceu novamente.

— Mestre Blaze! — O Rei se aproximou e tocou o ombro do jovem, t entando demonstrar

calma. — Não force. Parece que você feriu o Blisar ao ressus citar a minha filha, neste caso o

melhor é você tentar ter calma e esperar.

Blaze baixou a cabeça e passou nervosamente a mão nos cabelos. Ele sabia que o momento

era importante e que esta era uma péssima hora para estar sem con dições de combate.

CAPÍTULO 23

UM PULSAR PEQUENO E DISTANTE

Blaze passou mais de uma hora deitado na beira da piscina natural olhando para cima e de

cara emburrada. Não contava com uma coisa dessas; ele havia acor dado bem, então por que algo

assim aconteceu? Izolda, o Rei e a Rainha haviam se retirado do qui osque há algum tempo; antes

de partir o Rei havia lhe convidado a meditar com ele no Tem plo do Dragão assim que se

sentisse melhor.

Com a ausência momentânea da irmã, coube a Vehda se apr oximar de Blaze e sentar ao

seu lado.

— Não se preocupe comigo, Princesa. Eu só estou um pouco decepcionado comigo

mesmo!

— Você já fez muito, Blaze — disse ela com ternura. — Mesmo se n ão puder lutar mais, o

que você já fez já foi mais do que suficiente.

— Princesa Vehda, eu não consegui nem curar as suas asas! Como pode dizer que já é o

suficiente?

— Para mim foi o suficiente! Eu estou viva graças a você, Blaze. Eu não me importaria se

você não se envolvesse mais com essa guerra. Pense nisso!

— Princesa… não — respondeu ele, firme. — Eu estive no Salão da Morte, conversei com

o Ancião do Universo, que é um discípulo do Deus do Infinito. O Blisar está sob minha

responsabilidade, eu sei que alguma asneira eu fiz para as coisas c hegarem a este ponto e preciso

saber o que foi. Não era para as coisas seguirem por este rumo.

Vehda ficou quieta; para ela, Blaze não deveria lutar mais, apenas vi ver uma vida tranquila

com o Blisar, mas ele não era este tipo de pessoa. Ela apenas afago u o cabelo do jovem e sorriu:

— Não faça nenhuma besteira. Sua vida é muito importante para mi m!

— Obrigado, Vehda. Você é mesmo um anjo!

Nem bem o rapaz havia terminado de agradecer e o infeliz foi esma gado por Izolda, que

despencou do céu, sabe lá vindo de onde, em cima dele. A Prometid a olhou para irmã com cara

de poucos amigos e ela, com medo, fugiu e foi se esconder atrás da Rainha, que chegava

caminhando e usando trajes de batalha.

— Ei, Izolda, é impressão minha ou você está mais gorda? — provo cou Blaze sob as botas

da Princesa.

— Burro! — xingou a Princesa, pisando em cima da cabeça do nam orado. — Você apagou

mesmo o Blisar para me trazer de volta à vida, não foi? Agora está a í, fraco como um filhote de

camundongo! Estou indo treinar com a mamãe nos salões subterrân eos que ficam nas cavernas

do vulcão. Quer vir junto?

— Você está me provocando, né? Como vou treinar se o Blis ar está apagado? Só posso

escutar o conselho do seu pai e evitar qualquer coisa desnecessária até melhorar.

— É bom mesmo você descansar! Se lutar comigo neste seu estado lamentável, só vai

servir para eu me divertir dançando em cima da sua cabeça.

Em seguida ela saltou no chão e correu se posicionando ao l ado da mãe, que viu toda a

cena sem se manifestar. Blaze, ainda atordoado, olhou para a Rainh a, sorriu e exclamou:

— E-Pi-ê-Tá!

Ela, então, mandou um beijo para Blaze e fez pose.

— Ei, Rainha Bhatra, majestade majestosa! — gritou Blaze. A Rainh a levantou o rosto e

sorriu. — Me faça um favor, quando for lutar com a Izolda, dê a ela uma lembrança minha…

uma bem na cabeça!

Bhatra e Vehda desataram a rir enquanto Izolda fechou a cara e fez uma careta. A Rainha

logo se tornou um grande pássaro de fogo e foi montada por Izolda. A dupla voou e instantes

depois desapareceu no firmamento. Vehda permanecia imóvel o lhando Blaze, que se levantou

vagarosamente e constatou:

— Acho que a Izolda está certa! Ficar parado me lamentando não vai adiantar de nada.

Vou meditar com o Rei e tentar encontrar uma maneira de de scobrir o que aconteceu com o

Blisar.

— Siga-me, eu vou te levar até o meu pai.

E os dois seguiram pela borda do lago e tomaram a direção do jardim para cortar caminho.

Eles entraram por uma porta larga, atravessaram duas grandes salas e um corredor até que Vehda

parou diante de um salão.

— É aqui. Boa sorte!

— Obrigado por tudo, Princesa!

Vehda sorriu e se retirou. Blaze vagarosamente entrou no templo. Era um salão grande

com tapeçarias nas paredes retratando dragões. Havia três tapeçarias à esquerda com a imagem

de um dragão negro, um branco e um azul. E havia três tapeçarias à direita com a imagem de um

dragão amarelo, um verde e um vermelho. Ao centro estava um homem de costas sentado em um

tapete vermelho e na sua frente havia uma tapeçaria de um dragão maior que os outros. Suas

escamas eram de ouro e havia na pele da criatura ranhuras negras semelhantes às de um tigre.

Este dragão possuía sete caudas e seus olhos eram faiscantes. Blaze logo reconheceu o dragão:

— O Rei Morvan Kimsley.

— Olá, jovem mestre — respondeu o homem que estava sentado no tapete, que não era

outro senão o próprio Rei. Entretanto, apesar da sua voz soar forte c omo um trovão, ele não se

mexia.

— Desculpe, eu não queria atrapalhar sua meditação.

— Eu ainda não havia começado; para falar a verdade eu estava es crevendo!

O jovem aproximou do local onde o Rei estava e viu no chão um rolo de papiro

desenrolado, penas e tinta. No papel haviam algumas coisas e scritas com a caligrafia típica

daquele mundo.

— Sempre que posso exercito a arte da poesia, olha só:

“Uma ode para a guerra

O outono se vai

Não é a fruta que é vermelha

É o inimigo que cai.”

— É... Hum... Escrever como o senhor é algo que vou precisar apre nder!

— Entendeu a referência? Fruta vermelha e o sangue do inimigo? R á, eu sou demais! —

gargalhou o Rei enquanto Blaze tapava a própria boca para não rir d aquilo. — Bom, eu não sou

um bom professor, mas posso te indicar quem seja neste tipo de coi sa. Sou melhor professor na

arte de combate dos dragões e da meditação.

Blaze sentou-se ao lado do Rei e procurou posicionar-
se da mesma maneira que ele.

— Bom! Você é aplicado. Procure relaxar agora. Feche os olhos, ma s imagine-os abertos.

Você está olhando para o firmamento, as estrelas. Mantenha este ol har fixo nelas.

Ele obedeceu. Procurou manter-
se calmo e a olhar o céu. Acabou se lembrando da própria

visão daquele planeta quando ele o viu pela primeira vez. Não foi difícil se inebriar com a

lembrança de Áurius. Meio que sem querer ele conseguiu entrar em uma espécie de transe; tinha

a consciência de que não estava dormindo, mas que também não e stava acordado. Ele abriu os

olhos e viu o castelo como se estivesse todo em um tom esverdead o; aquilo foi estranho, pois não

existem noites verdes em Áurius e, além disso, era dia. Ele ol hou e viu todo o salão e o seu

corpo, que estava sentado ao lado do Rei, inerte.

Apavorado, Blaze gritou:

— *Sire*, o que está havendo?

Para sua surpresa o Rei respondeu, não com a boca, mas com a m ente; ele conseguia ouvi-

lo como se a voz do monarca viesse de todas as direções.

— Sua alma deixou o seu corpo, você está em estado sonâm bulo. Eu e minha esposa

costumamos fazer este tipo de exercício para procurar nossos ance strais.

— Seus ancestrais?

— Isso mesmo, entes queridos que não possuem mais uma forma fí sica. Que estão mortos

nesta realidade, por assim dizer.

— Isso nunca aconteceu comigo antes…

— Você tem certeza? Pense bem, jovem mestre, você tem talentos especiais agora!

Blaze então começou a sentir flashes de situações que comprovava m que ele havia passado

por aquilo antes. A viagem astral que fez quando encontrou o Blisar pela primeira vez, o corpo

de Izolda em forma de estátua de cinzas…

— Isso é novo pra mim, é apavorante! Por que isso está acontecend o?

— Nesta forma você pode visitar outros planos e outros mundos, tud o está a distância de

um pensamento. É o melhor modo de obter conhecimento fora dos li mites do mundo físico.

— Entendi. Já sei onde devo ir para encontrar respostas. Em breve r etornarei.

E o jovem subiu rumo aos céus como um relâmpago. Ele viu o planeta Áurius, o sol

daquele mundo e as estrelas… Em seguida mergulhou novame nte no planeta, adentrando o

oceano até o fundo, passou por rochas, lava, mais rochas, até que chegou a um espaço negro

formado por uma espécie de gelatina. Era a camada entre o núcleo e o planeta. Ele continuou

mergulhando até que avistou uma rocha negra cheia de lava, a estrela morta que era o núcleo

daquele mundo. Ele passou pela lava e encontrou em seu centro um a esfera brilhante e feita de

diamante. Na forma espectral ele não teve dificuldades de passar ta mbém pelo muro de diamante

e chegar a uma espécie de sala no centro do mundo.

O barulho de uma bengala batendo no solo ecoava pelo salão de cri stal e logo o velho de

cabelos brancos surgiu.

— Então você aprendeu como me encontrar. Acho que vou ter que a rrumar um cadeado e

uma porta, do contrário você vai começar a encher o saco. Como co nseguiu?

— Não foi difícil, você é parte de mim e ao mesmo tempo é parte de ste planeta, sabia que

havia uma ligação.

— Você é suficientemente esperto para resolver os seus problemas sem minha ajuda, você

tem poder para isso!

— Tenho poder, mas não tenho um mestre para me ensinar a usá-lo de forma correta.

Todas as vezes que usei o poder do Blisar, o efeito não foi b em o que eu esperava. Agora eu

estou sem um corpo, e o coração das estrelas parou de bater . Falta alguma coisa em mim e

preciso de ajuda para descobrir o que é.

— Blisar é a chave do segredo da criação. É onde tudo começa e on de tudo termina. Com

ele é possível criar universos inteiros e destruí-los também.

— Se é um poder que posso usar para criar qualquer coisa, por que eu estou todo

arrebentado?

—— Hahahahaha! — gargalhou o velho. — Quem você pensa que é? D eus? Você é alguém

que tem o poder divino, mas é só um humano. O primeiro passo par a você compreender o Blisar

é aceitar que você não tem o controle de seu poder e nunca vai ter. Para alguém do entendimento

de nível humano, aquilo que é caótico é medonho, mas para Deus o que achamos que é caos é a

matriz da verdadeira ordem. Não tente compreender tudo, aceite que você é um ser limitado e

aprenda a aceitar que a parte mais divertida da humanidade é sempre haver uma nova pergunta

após uma resposta descoberta.

— O que eu fiz errado no Blisar que criei?

— Nada.

— Como nada?

— O que você esperava? Para criar uma estrela, bastaria uma simples anã vermelha, que

atinge uma temperatura de até 3.500 graus Kelvin. Mas você quis dar tudo àquela mulher, não é?

O amor que sente por ela é tanto que quis dar a ela o Universo inteirinho! Confesso que foi a

maior criação de um amador que já vi na minha longa vida, deu a ela o coração de uma estrela

jovem, formosa e de um brilho tão intenso quanto uma Wolf–Rayat em expansão máxima, que

supera a temperatura de 75.000 graus. Agora você está aí, todo quebrado enquanto sua mulher

ganhou poder suficiente para sapatear em cima de você!

— Isso não tem graça! — disse Blaze de forma séria. — Quer dizer que meu Blisar está

mesmo morto?

— Blisar morto? Claro que não! — riu o velho. — Sem o Blis ar você não chegaria até

mim. Precisa ter paciência. A natureza se recupera sozinha co m o tempo, você só não deve

forçar.

O velho começou a se retirar quando Blaze gritou:

— Me ensine a lutar usando o Blisar! Eu não sei usar de forma corre ta o poder de criação e

destruição!

O velho caminhou um pouco com as mãos para trás, pensativo:

— Não sei… A parte mais divertida do Universo é a capacidade dele se aperfeiçoar após

uma roda de caos. Se eu ensinar você, eu, daqui, vou perder grande parte da minha diversão, que

é rir das suas desgraças!

— Só que, se eu for derrotado por não saber usar o Blisar e ele cair nas mãos dos

Superiores, a desgraça vai ser toda sua! — devolveu Blaze, sorrindo de forma irônica.

— É… tá certo. Faz sentido! — concordou o velho à contragosto. — Me mostre o que sabe

fazer!

Blaze assumiu a posição do caratê e fez um kata para impressionar o velho.

— Mas que droga é essa? — perguntou, irritado, o velho.

— É
karate shotokan, kata kanku dai! — sorriu Busterblaze. — Fui faixa marrom quando

era menino.

— E você sabe usar essas mãos?

— Sei — respondeu, apontando para o próprio punho direito. — Isso aqui vai no olho do

outro cara!

O velho coçou o cabelo, balançou a cabeça de forma negativa e con statou:

— É… isso vai me dar trabalho… A seleção natural nem sempre esc olhe as espécies mais

eficientes.



CAPÍTULO 24

ENTRE O EU E O EU MESMO

Seu rosto redondo parecia de menina, mas era uma mulher alta, clar a, de corpo bem feito,

cabelos encaracolados e cor de mel. Seus olhos eram tão ver des quanto duas pedras de jade.

Estava nua em uma espécie de mar que não tinha nem come ço e nem fim, mas era uma água

calma e parecia um espelho que refletia a própria imagem. Nã o havia correnteza, vento, nada.

Apenas o infinito daquele imenso espelho. A água estava pouco mai s alta que seus tornozelos.

Ela não via os próprios pés. Olhou à volta e não sabia para onde ir. Estava com medo. Não sabia

se todo aquele espelho tinha a mesma profundidade, ou, se saísse dali, seria tragada pelas águas.

Ela tinha muito medo de lugares escuros e de ficar sozinha.

Ela se abraçou e ficou onde estava, não tinha coragem de ir para fre nte ou para trás. Então

ela sentou-
se na água e começou a chorar. Naquele momento começou a sang rar de suas partes

íntimas. Enojada, ela se levantou rapidamente e começou a se lavar . O sangue que saiu formou

uma trilha que começou a se deslocar sozinha em uma direção. Ela ficou assustada, afinal, não

havia corrente naquele mar, então por que o sangue estava se deslo cando?

Sem opções do que fazer, ela seguiu o filete de sangue. Ao longe el a pôde ver uma pedra.

O filete começou a se deslocar mais e mais rápido, ela come çou então a correr e tentar

acompanhar o sangue, que logo chegou até a pedra e o que ela viu foi um bloco de gelo. Dentro

do cristal de gelo havia uma criança de olhos fechados. O sa ngue foi aspirado pelo cristal e

chegou às narinas e à boca da criança. Então o cristal se partiu.

Era uma criança pequena, magra, de cabelos encaracolados, rosto r edondo. A mulher olhou

para a criança e levou a mão à boca, surpresa:

— Sou eu!

A criança abriu os olhos. Seus olhos eram vermelhos como ru bis de sangue. Um sorriso

estranho surgiu no rosto branco e redondo da menina.

— Eu quero matar! — ela disse.

A mulher deu dois passos para trás e caiu sentada na água. Como u ma criança de corpo tão

frágil podia se tornar alguém de olhar tão terrível? A mulher encarou a menina de olhar diabólico

e balbuciou:

— Esta… sou mesmo eu?

Os sinos ribombaram na cidade de Melaktar, e a luz da lua alaranjad a daquela noite pintava

todo o firmamento com sua cor. O palácio central da cidade e stava cheio de representantes de

diversas nações daquele mundo. A Rainha era a embaixatriz do seu reino e vinha acompanhada

de dois conselheiros e sua pequena filha, que olhava tudo com curio sidade.

Alekmar, o soberano do reino, abraçou a Rainha e a beijou n o rosto. Em seguida olhou

para a criança e disse:

— Ora, se não é a pequena Prometida!

— Não diga isso! — riu a Rainha. — Ela é ainda apenas uma crianç a, não deve entender

de uma profecia que nós mesmos ainda não conseguimos decifrar c om certeza!

— Mas ela é a Prometida. Está em suas palavras: “Quando d ois poderosos seres

incompatíveis se unirem nascerá uma prometida, e quando est a ressurgir das cinzas como uma

Rainha guerreira terá chegado a hora do coração das estrelas tomar a forma da morte e castigar

um mal que veio de longe”. Não existe nada mais incompatível do q ue a filha de uma fênix e um

dragão. Ela está destinada a lutar na guerra e salvar o nosso mundo !

Izolda abraçou a perna da mãe e olhava o soberano de Melaktar com medo. Ela nunca

havia visto a guerra de perto, mas já havia visto várias vezes as pessoas chorando pela perda de

entes queridos e histórias de mutilações, tortura e morte nas batalhas.

— Eu não quero ser a Prometida! — gritou a menina, irritada.

— Calma! Você é muito pequena ainda, não tem que se preocupar com isso! — A mãe

afagou o cabelo da criança e ela baixou a cabeça.

— Sim, mas este velho aqui tem muita fé em você, pequenina! — riu o Soberano Alekmar.

A Rainha Bhatra o olhou com reprovação; como mãe, ela não queria que coisas assim

assustassem a sua filha e ela estava bem assustada. O trio então caminhou pelo corredor principal

do castelo e a menina olhava tudo com atenção.

Ao passar pelo tapete felpudo do palácio, a criança não teve dúvidas e mergulhou nele

dando risadas.

— Izolda! — Era a mãe que olhava para a criança com olhar fulminante.

De nariz torcido, a menina se levantou e ficou emburrada ao lado da mãe. Um velho

conselheiro do castelo deu uma risadinha e a menina, irritada, devol veu com uma careta. O velho

riu ainda mais. Ela, então, começou a rir também e, a partir daquele momento, todos os adultos

que passava por ela eram recebidos com uma careta. A Rainha esta va envergonhada, o trabalho

ali era sério. Foi então que um homem bem vestido sussurrou para a Rainha:

— Rainha Bhatra, sou o Barão de Delmar e não sou apenas o acompanhante do

representante de meu estado. Sua criança tem muita energia. Se quiser, posso levá-la para a

praça, onde há outras crianças, lá ela poderá brincar até a reunião a cabar. Quando isso acontecer,

eu a trago de volta.

— Não é perigoso?

— A praça tem muitos guardas e todos sabem quem são você e sua filha. Vou ficar de olho

nela. Não haverá problemas.

A Rainha olhou para a pequena e perguntou:

— Você iria com ele brincar com outras crianças até a mamãe acab ar a reunião?

— É! Quero brincar! — riu a menina.

— Então está certo! Não esqueça, filha, você tem o meu sangue e s e você chamar por mim

a mamãe vai aparecer, está bem?

— Tudo bem, mamãe!

O Barão estendeu a mão e conduziu a criança para fora do palácio s ob os olhares atentos da

guarda do lugar. Não demoraram a chegar até a grande praça central da cidade. O Barão

primeiramente levou a menina para a casa de um alfaiate. Ela estra nhou:

— Quando eu vou brincar?

— Você não pode brincar com um vestido tão longo, não é m esmo? Precisa de roupas

leves se quiser se divertir com as outras crianças — sorriu ele.

Instantes depois a dupla deixou a loja. Ela parecia um menininho co m cara sapeca. Após

caminharem pela rua principal chegaram à grande praça centra l de Melaktar. Muitas crianças

corriam pela grama e jogavam bola.

— Estarei te observando. Vá brincar com as outras crianças! Vá!

E Izolda correu pela grama dando gargalhadas. Não demorou a com eçar a chutar bola junto

com outras crianças, mas, irrequieta, logo ficou entediada. Cansada de correr e louca para fazer

alguma traquinagem, ela subiu em uma árvore e começou a jo gar frutas na cabeça de crianças

que passavam embaixo, dando risadas ao ver os meninos correndo e gritando. Um deles começou

a reclamar:

— O que você está fazendo? Está maluca, é?

Ela respondeu com uma careta.

— Você vai ver só, sua bruxa!

E ele começou a devolver as frutas que caíam, tentando derrubar a Princesinha da árvore.

Ao ver que sozinho não estava conseguindo sucesso, chamou outra s crianças.

— Olha só aquela arruaceira. Vamos acertar ela!

Agora eram três crianças atirando frutas em Izolda, uma menina, um jovem centauro e um

pequeno duende gelf que devia medir cerca de sessenta centímetro s. Com uma pontaria perfeita,

Izolda acertou o olho da menina e a testa do centauro. Só não acert ou o pequeno gelf porque ele

era muito rápido. Já os três, mesmo juntos, não conseguiam acertar fruta alguma na Princesinha.

— Precisamos de um plano, temos que acertar ela! — disse o centa urinho.

— Você e ela me dão cobertura, que eu subo lá e derrubo a encrenq ueira!

— Deixa comigo! — disse a menina.

E a dupla começou a mandar mais e mais frutas em cima de Izolda que, gargalhando, se

escondeu atrás de um tronco. O duendezinho rapidamente esc alou a árvore e agarrou o pé da

Princesa.

— Vou te derrubar!

— Não vai, não! — riu a menina, que reagiu dando pontapés na cab eça do duende.

— Para, sua arruaceira! Isso dói! — E ele agarrou a perna d e Izolda e deu-lhe uma boa

mordida na batata da perna.

A Princesinha gritou e, irritada, virou o pé na cara do gelf, que se de sequilibrou e caiu de

cima da árvore. Em meio a gargalhadas, Izolda não percebeu o estalo do galho que a estava

segurando e um segundo depois ela despencou lá do alto, cai ndo sentada em cima do duende

estatelado no chão. Quando ela viu o pequeno gelf com a lín gua para fora igual a um sapo,

percebeu que a brincadeira havia perdido a graça.

Com medo, Izolda saiu correndo da praça e escondeu-
se debaixo de uma carroça enquanto

o trio de crianças gritava que quando a encontrassem ela levaria um a surra. Encolhida, a menina

só pensava no castigo que sua mãe iria lhe dar quando soub esse que havia machucado um de

seus novos amigos até que a sombra da cabeça de um homem surg iu embaixo da carroça.

— Você aprontou uma legal, hein? — riu ele. — Venha, vou esconde r você!

Ela não pensou duas vezes e deu a mão para aquele desconhecido. Os dois correram pela

primeira rua que encontraram e deram de cara com vários caixotes de madeira.

— Rápido, entre aí que assim que tudo se acalmar eu a chamarei.

A menina obedeceu, mas assim que entrou o caixote foi fecha do. Ela tateou o lugar e

percebeu que aquilo não era madeira, parecia que estava em uma caixa de vidro dentro do

caixote. Ela estava presa. Pela fresta da madeira ela percebeu que o homem que a havia ajudado

estava rindo e estava acompanhado do Barão que a havia levado pa ra a praça e uma criança de

cabelos encaracolados que estava usando a mesma roupa que ela quando saiu do castelo.

Horrorizada, Izolda começou a gritar pela mãe. Foi então que perce beu que, de alguma forma, a

caixa de vidro impedia que sua voz saísse dali. Então uma lona cobr iu a caixa e ela não viu mais

nada.

Sozinha no escuro, Izolda chorou até dormir.

A menina dormiu e quando acordou alguém estava abrindo a caixa. Era alto, forte, muito

amarelo e falava em uma língua que ela não entendia. Ele a agarrou pelo braço e a puxou para

fora. O indivíduo meteu a criança em um veículo e de lá ela viu construções de aço e muitas

chaminés expelindo uma fumaça preta e malcheirosa. Nas ruas viu veículos com muitas rodas,

largos e com apenas um ou dois ocupantes. Estes, enquanto dirigiam, estavam ocupados

digitando ou falando em aparelhos eletrônicos.

Ela foi entregue a um homem com cara de rato que digitou algo em seu aparelho eletrônico

e a levou para um veículo. Olhando pela janela do automóvel em mo vimento, ela viu que ainda

estava no seu mundo, mas em um lugar que ela não conhecia. Havi a um rio com águas escuras,

cheias de espuma e com objetos semelhantes a plástico boiando. T udo era cinza, sem árvores ou

qualquer outro ser vivente que não fosse da classe dos habitantes d aquele lugar. Quando ela via

alguma raça conhecida para ela, como algum elfo, centauro ou tríclope, estes estavam

mendigando ou dormindo embaixo de alguma marquise de ferro.

A menina ficou incomodada, mas estava com medo. Ficou qui eta até chegarem a um

prédio de terra vermelha, onde acompanhou o homem com car a de rato. Ele finalmente puxou

conversa:

— Você está sob minha responsabilidade. Vou ensinar a você o idioma de Supéria.

Aprenda rápido, pois ninguém neste lugar falará em sua língua, exc eto eu, e é só por enquanto.

E a criança foi obrigada a aprender a falar aquele idioma des conhecido para ela e tudo

sobre os Superiores. Aprendeu sua história, sua cultura e com o funcionava o seu sistema de

hierarquia. No entanto, os ensinamentos de sua família não sa íam da mente da menina. Ela se

lembrava das vezes divertidas que correu atrás de borboletas de oit o asas, dos banhos gostosos

nas cachoeiras de águas quentes de Flanória, dos doces e das feira s da cidade e de quanto todas

as pessoas viviam rindo e brincando. Onde estava todos sorria m, mas ninguém ria. Era um

sorriso falso e tenso. Nos aparelhos eletrônicos que projetavam imagens, tudo era colorido e

bonito, mas fora dele era cascudo, cinza e feio.

Passou a estação do outono e do inverno em Áurius e no pri ncípio do verão ela já

dominava o idioma de Supéria. Ela aprendeu a vestir-se como eles, a compreender o que eles

diziam e o que realmente queriam. Seu mentor estava satisfeito, já era hora de a menina partir

para o outro estágio do seu aprendizado. Izolda foi levada para o castelo de Monte Negro, a sede

administrativa dos Superiores naquele mundo. Era a primeira vez que ela adentrava naquele

palácio de grandes tentáculos que cortavam o centro urbano.

Eles subiram em uma prancha que se deslocou suavemente pelos corredores do centro

administrativo até chegarem a uma espécie de galpão que possuía vários quadros com fotos do

planeta Áurius que eram usados como fundo nas transmissões que faziam. Izolda franziu a testa;

descobriu que era assim que o Sistema funcionava, todos os lugares lindos mostrados nos painéis

eletrônicos eram lugares onde nenhum daqueles que estavam ali havia pisado antes, mas eram

vendidos como lindos para quem estava de fora. Ilusões criadas pela tecnologia para fazer sonhar

os operários que pertenciam a categorias de hierarquia mais baixa e que desejavam ter créditos

suficientes para conhecer lugares assim.

Uma fêmea de cabelos cortados a uma altura de um centímetro e meio, muito magra e

pálida se colocou diante de um dos painéis e ordenou:

— Pode iniciar a transmissão.

Imediatamente luzes se acenderam e operários iniciaram o link para fora do planeta. Em

uma grande tela com fundo em três dimensões, logo um Superior sorridente vestindo roupas

azuis com detalhes dourados e brilhantes surgiu.

— Hell Senhor Presidente Raggen!

— Hell Intendente Sherah Lallupa.

— A pequena já aprendeu muito sobre nós e está pronta para o trabalho que iremos

desenvolver.

— Deixe-me vê-la, Intendente.

A Intendente fez sinal com a mão e Izolda se aproximou. O Presidente a viu e perguntou:

— Criança, quem sou eu?

— Senhor Presidente de todas as galáxias que formam o Universo Superior. — Ela, então,

assumiu a posição militar de sentido e ergueu o punho direito, deixando livres os dedos polegar,

indicador e médio como era costume do lugar ao saudar alguém de alta hierarquia. — Hell Luks

Raggen!

— Bom! — disse o Presidente. — Tragam a menina para o Cruzador Espacial Opala.

— Sim, Senhor Presidente!

Então a menina fez a sua primeira viagem para fora do planeta. Opa la era uma gigantesca

nave que estava na órbita do planeta Áurius; era uma fortalez a voadora, ou melhor, uma

metrópole que ficava nos céus e servia diretamente ao Presidente d os Superiores. Tratava-se de

uma das três maiores naves espaciais de todo o cosmo. Seu format o parecia com duas pirâmides

de doze lados achatadas e coladas uma de costas para a out ra. No centro havia anéis bastante

longos unidos por hastes de metal. Ao se olhar do espaço, a nave p arecia um planeta com anéis,

porém no lugar do formato esférico havia o octaedro. Cada andar só podia ser adentrado quando

se possuía a hierarquia certa. Assim sendo, apenas o Presiden te e os seus subordinados de

confiança podiam se deslocar de um extremo a outro da nave.

No setor central havia seres de vários mundos e de todas as formas. Trabalhadores braçais

e descartáveis, mas orgulhosos por estarem na nave do ser m ais importante da galáxia e que

enxergavam ali a oportunidade de enriquecerem e obter crédito s suficientes para subir nos

degraus da hierarquia Superior. Quando chegaram ao hangar, Izolda foi à última a descer. O

piloto, que usava um capacete fechado, a pegou pelo braço e disse em idioma de Áurius:

— Princesa Izolda! Finalmente encontrei você, não perca a fé, seus pais farão de tudo para

salvá-la.

A menina sorriu, e o piloto disse:

— Tenha fé e aguarde!

Em seguida ele a empurrou para que a conversa dos dois não levantasse suspeitas. Ela

olhou para trás e em seguida correu para perto da Intendente, que continuava a seguir em frente

sem olhar para trás ou para os lados. A Intendente foi encaminhada para um apartamento no

oitavo andar inferior, o que demonstrava que ela era uma pessoa de alta hierarquia e de grande

valor. Para os padrões Superiores, era um apartamento de luxo com móveis transparentes e o

chão aveludado. Ela tocou o painel e ele apitou quatro vezes até surgir uma imagem de um

Superior de alto nível.

— Hell Comandante Straxus Reder!

— Hell Intendente Sherah Lallupa.

— Tenho uma reunião marcada com o Presidente Luks Raggen, ond e ele está?

— Artatran III, ele mudou os seus planos e ficará 1,15 baricíclons co nosco.

— Entendi — disse entredentes a Intendente, visivelmente irritada p or ter que esperar. —

Mantenha-me informada, por favor.

— Claro, não se preocupe.

E o painel desligou. Ela começou a caminhar impacientemente pelo apartamento enquanto

a menina observava a cena sentada em seu canto. Depois, a Intend ente sentou-se à mesa, pegou

um aparelho eletrônico semelhante a um tablet e começou a n avegar pela Supranet. Assim as

duas ficaram por um longo tempo até que em um momento a Intendente pareceu perceber que

havia mais uma pessoa no lugar e perguntou:

— Está com fome?

A menina fez que sim com a cabeça.

— Há uma lancheria perto da porta de entrada, pode pegar o que qu iser.

— Gostaria de algo, Hell Lallupa, senhora?

A Intendente sorriu. Todos os Superiores gostam de ser bajulados.

— Sim. Quero algo para beber e alguns petiscos.

A menina se levantou e, como uma boa serviçal, preparou o p edido da Intendente e a

serviu seguindo todas as regras de etiqueta que aprendeu até ali. La llupa ficou satisfeita.

— Você é interessante. Parece que pode mesmo ser útil.

A partir dali a menina se tornou a copeira da Intendente, fazendo tud o o que ela ordenava.

Limpava suas roupas, polia as luvas, massageava seus pés, e Lallupa ficava cada vez mais à

vontade perto da menina, contando a ela tudo sobre os detalh es sórdidos do Universo em que

vivia e de como ela era esperta e estava conseguindo subir na vida ainda assim. A menina ouvia

tudo, absorvia tudo o que achava interessante, sempre imagina ndo alguma maneira de mandar

uma mensagem aos seus pais, pois acreditava mesmo que eles pod eriam salvá-la dali.

No espaço, a menina tinha dificuldades em administrar o temp o, quando ela percebeu já

estava nos corredores pegando o elevador para o décimo segundo andar, o andar do Presidente.

Era um salão muito grande forrado de veludo grená e azul-marinho. Havia ao lado do

Presidente outros oito indivíduos, todos Comandos de Elite. Quatro à sua esquerda e quatro à sua

direita. Por ordem de importância, o primeiro indivíduo à direita era o Marechal do Exército San

Hogan. O primeiro à esquerda era o Almirante de Batalha Doom Rh okron. O segundo à direita, o

Ouvidor-
mor Casht Dhollar. O segundo à esquerda, Marechal do Ar Shon Sh arkie. O terceiro à

direita, General Metran Marvell. A terceira à esquerda, Tenente-brigadeiro Griftie Tchariot. A

quarta à direita, a Ouvidora-
mor Sodeka Rocken. E o quarto à esquerda, Ouvidor-mor Med

Bancken.

A menina ficou ali, cercada pelos gigantes amarelos que ladeavam s eu líder. Ela caminhou

em direção ao Presidente, ergueu o punho direito deixando livres os dedos polegar, indicador e

médio e bradou:

— Hell Presidente Raggen!

O Presidente sorriu e respondeu:

— Hell Princesa Izolda de Kimsley. Você aprendeu bem nossa língu a e nossos costumes.

Estudou bem tudo o que lhe ensinaram?

— Sim.

— E está pronta para ser a minha embaixatriz e convencer os seus pais a pararem de lutar

conosco e cooperar com o nosso Sistema de governo?

— Não.

O Presidente ficou desconcertado e olhou irritado para a Inten dente, que imediatamente

gritou com a menina:

— Do que está falando? Você esteve comigo no último baricíc lon! Você conversou

comigo e mostrou que sabe tudo de nós!

— Sim. Eu sei tudo sobre vocês, estudei sobre vocês, andei com vo cês, mas não conheço

vocês. Todos os Superiores falam somente em duas coisas, acumul ar créditos e vender a própria

imagem. Mas eu não consigo ver aquilo que estão vendendo! O que vocês falam não é aquilo que

realmente tem. Eu não sei como representar isto!

— Isto é inaceitável! — disse o Presidente entredentes. — Explique-se, Intendente! Você é

a responsável pela educação da criança!

— Não, não sou! — Ela engoliu em seco. — Eu a recebi há apenas cinco dias para avaliá-

la.

— E em sua avaliação afirmou que ela estava pronta! — gritou o Pre sidente.

— Existe 92,64% de chances de não ter havido erro no progr ama, Senhor Presidente —

disse o Almirante de Batalha Rhokron com a voz gelada como a de um autômato. — O que

acontece é que a criança se baseia no raciocínio simples de observação e dedução de causa e

consequência. Para ela é fácil entender que se eu soltar o meu com unicador ele cairá e pode se

quebrar, pois aqui há uma força de gravidade que atrairá o comunic ador para o chão, mas ela não

entende se eu disser que este comunicador quebrou e que devo co mprar outro sem que este ainda

tenha caído. Ela não trabalha com estimativas como nós. Por i sso, se eu disser que o

comunicador quebrou ela dirá que é uma mentira, pois ele ainda est á inteiro na minha mão. Ela

não especula que o comunicador está quebrado ou que vai se quebr ar. Como não especula, ela

não compreende a essência do sistema capitalista que é capaz de c omprar ideias e projeções antes

que aquilo realmente ocorra. Com isso ela não tem vaidade d e consumo, pois para ela é inútil

substituir um aparelho que lhe serve, sendo que ele ainda funciona. Ela é como todos os outros

nativos daquele planeta que são desprovidos de agressividade de c onsumo.

— O que o sugere, Almirante de Batalha?

— O consumo nasce da vaidade e da ganância, ela precisa a prender isto para se juntar a

nós.

— Posso cuidar destes detalhes, Senhor Presidente! — implorou a I ntendente, louca para

mostrar serviço. — Faz parte da natureza feminina a vaidade e a lux úria. Posso ensinar isto a ela.

— Tudo bem, Intendente, prepare o novo programa de ensino. Por e nquanto, vamos isolar

a criança para observá-la melhor.

E a pequena Izolda foi retirada da sala e levada para o quart o andar da nave, onde foi

colocada sozinha em um grande salão. Foi permitido a ela toc ar e mexer com tudo o que a

tecnologia da nave permitia, mas havia câmeras monitorando a todo o momento cada uma das

suas atividades, suas reações e suas escolhas. Eles queriam entender como a criança pensava e

desta forma elaborar uma forma de ensiná-
la rapidamente a ser como eles.

A menina passou o tempo, então, mexendo na Supranet e aprenden do a acessar os dados

dos vários planetas colonizados pelos Superiores. Ela gostava de ver os mais diversos tipos de

animais que habitavam os diferentes mundos e ficava horrorizada a o ver os vídeos de caça e a

queima das carcaças e ossos das criaturas. Ela também ficava muito tempo deitada, olhando o

planeta Áurius da espaçonave. Ela achava o mundo em que vivia lin do.

Não demorou até que em um de seus devaneios, ela ouviu uma voz familiar em sua mente.

“Izolda! Izolda!” chamava a voz.

— Mamãe?

“Eu sabia que em algum momento eu poderia ouvir você, estamos in do te buscar!”

A menina levantou-
se da cama e escutou um estrondo. Ela imediatamente entrou na re de

da nave e pelo monitor viu seu pai, sua mãe, a Rainha Dehva, seu ti o Riyuumaru e outros lutando

em pontos diferentes do cruzador espacial. Os olhos dela brilharam de felicidade.

— Papai, mamãe! — sorria ela.

E a rede caiu.

Nada mais local era transmitido para as pessoas que estavam na ci dade voadora. Os únicos

arquivos disponíveis na rede eram dados antigos e transmissões de outros planetas. A criança não

sabia no que mexer para fazer as coisas voltarem a funcionar e aca bou desistindo.

Ela sentou-
se na cama e, cabisbaixa, deixou o tempo passar. O que terá acontecido com

seus pais? A angústia era grande.

Então a porta se abriu e entrou por ela uma elfa de asas de cisne com olhos brilhantes e

doces. Era a própria Potência de Dehva, a Rainha maior dos elfos e Deusa deles. Ela foi até

Izolda e a abraçou.

— Como você está, criança?

— Com medo! Onde estão os meus pais?

— Ai, linda! Me perdoe, mas não vai poder ficar com eles!

— Como assim? — chorou a menina.

— Todos nós viemos aqui com o propósito de te salvar e não para fazer com que você

volte conosco. Como matriarca dos elfos eu posso ver o futuro, diversas possibilidades deles. Em

apenas um você consegue escapar a salvo, você entende? Em nome desta esperança estamos

todos lutando agora.

— O que vai acontecer?

— Não tenho muito tempo, infelizmente não posso contar mais. Saiba que esta nave irá

explodir em breve e, quando tudo começar a cair, você terá a chance de sair daqui. Tem uma

nave vermelha na qual você deve embarcar, ela te tirará dos olhos de nossos inimigos.

— E para onde eu vou?

— Eu ainda não sei, este futuro não me foi revelado, mas sei que você vai sobreviver!

A Rainha se levantou, beijou a criança e saiu da sala.

— Viva! Faça o que fizer, você precisa sobreviver! Se conseguir sobreviver, em algum

momento sei que voltará para casa!

Imediatamente a rede voltou a funcionar. A menina pôde acompanhar o desfecho

dramático da luta de seus pais contra o Marechal San Hell Hogan e a detonação do reator

principal da estação espacial Opala. Como Dehva havia previsto, a porta se abriu e ela fugiu

pelos corredores sob a luz vermelha dos geradores de emergência. Era a debandada de todos

daquela espaçonave. No momento do pânico não havia qualquer controle de quem entrava ou

saída das naves de fuga e a pequena Izolda conseguiu embarcar na nave que a Rainha havia

indicado.

A nave de fuga era pequena e cabia cerca de trezentas pessoas. Ela decolou e partiu para o

setor Ono, onde alguns extraterrestres que ali estavam tinham negócios. Apenas quando já

estavam próximos da ponte espacial que alguns dos passageiros começaram a se incomodar com

a presença da pequena, que se sentia cada vez mais acuada com a maneira severa com que a

olhavam, como se perguntassem: “Como alguém como ela pode estar aqui? Ela não é da minha

classe. Alguém deveria enxotá-
la da nave". Um elfo de seu mundo, que trabalhava como

tripulante daquela nave, a pegou pelo braço e a tirou de junto de tod as aquelas pessoas.

— Princesa Izolda? — perguntou ele. — É você mesma? Graças à mãe Dehva! Você ainda

está viva!

— Você me conhece? — perguntou a criança.

— Sim, não tenho muito tempo. Muitos de nós trabalham para os Superiores como

informantes da Resistência de nosso planeta. Eu sou uma destas pe ssoas, meu nome é Ladin, da

cidade de Tellamur.

— Pode me ajudar? Eu quero voltar para casa!

— Vou ver o que posso fazer. Mas primeiro temos que esconder voc ê!

Juntos correram por um pequeno corredor. Ele tocou a parede da nave e ela se abriu,

revelando compartimentos onde se guardavam comida e materiais.

— A viagem até o próximo salto não será longa, mas será muito des confortável. Quando

sentir alguma movimentação estranha, encolha-
se e fique encostada na parede. Volto assim que

puder!

Ladin a fechou no compartimento e tudo ficou escuro. Realmente a viagem tornou-se

tortuosa e, durante um tempo interminável para ela, algo a prensou na parede de tal forma, como

se toda a pele de seu corpo fosse rasgar ao mesmo tempo que seus órgãos internos chacoalharam,

dando a impressão de que iam se soltar. Quando tudo se aquietou a criança desabou em um canto

e, de tanta dor que estava sentindo, acabou adormecendo. Ela despertou com Ladin abrindo

rapidamente a porta da espaçonave.

— Não temos muito tempo, esta nave vai pousar no próximo planeta, mas o Comandante

daqui já identificou você! Estão à sua procura. Se conseguirem te apanhar, vão levar você para

um dos planetas-
colônia dos Superiores e você perderá sua liberdade e sua alma.

— O que podemos fazer?

— Vou embarcar você no módulo de fuga e você vai pousar em algum lugar do planeta

que os nativos do lugar chamam de Terra. Não sei o que acontecerá quando estiver lá, mas pelo

que fui informado a raça dominante do lugar é humana, logo você não terá dificuldades em se

misturar.

— Eu não quero ir para lá! — chorou a menina. — Eu nunca mais p oderei voltar para casa!

— Confie no Deus do Infinito. Se você é nossa Prometida, como eu acredito que seja, esta

será uma experiência válida para que você volte e nos lidere na gue rra contra os invasores Ocres.

Ele ajudou a menina a descer e, no mesmo cômodo em que estavam, ele a embarcou no

módulo de fuga.

— Não quero ficar sozinha!

— Não posso ir com você. Tenho que programar e lançar o módulo manualmente, do

contrário eles vão conseguir impedir o lançamento travando o sistem a e revertendo o curso para

recapturar você. Vá e viva!

— Mas eu vou ver você outra vez, Ladin? Por favor, diga que sim!

O elfo sorriu e seus olhos tristes indicaram a verdade que até mesmo uma criança

entenderia: o significado da palavra fim.

— Enquanto você se lembrar de mim, eu sempre estarei vivo e junto com você! Nossas

esperanças estão contigo, pequena Princesa Izolda! Quando erguer a sua espada para lutar pela

liberdade de nosso povo, lembre-se de mim!

E o módulo fechou. A menina começou a chorar enquanto a c ápsula se soltou da nave e

deslocou-
se pelo vazio do cosmos. Foi então que ela percebeu que est ava próximo de um belo

planeta azul que possuía uma lua branca. A nave entrou na at mosfera conforme o esperado,

caindo em uma montanha cheia de árvores. Ela não sabia ao certo quanto tempo a viagem durou,

mas quando abriu a porta da cápsula percebeu que chovia forte e ve ntava muito. Ela olhou para

cima e pôde ver relâmpagos cortando os céus e ouvir os trov ões que estrondaram de forma

ameaçadora. Izolda estava acostumada com chuvas fortes, não tinha medo, mas percebeu que

aquela tempestade não era normal.

— Isso parece coisa de um Comando de Elite. — Engoliu em seco. — Será que havia

algum deles na nave? O que terá acontecido depois que eu escapei ?

CAPÍTULO 25

OLHOS DE SANGUE, ARMAS DE PRATA

Era um lugar totalmente escuro, Izolda não conseguia ver nada. Rep entinamente uma luz

vinda do alto acendeu. Ela identificou de onde vinha a luz: era uma l âmpada florescente como as

usadas no planeta Terra.

— Terra?

Ela estava em um cinema, sozinha. A luz do projetor se acendeu e a tela começou a

mostrar fragmentos de desenhos animados e novelas que ela se lembrava do planeta Terra. Em

uma das cenas, um casal era filmado de muito longe em uma estrada de terra e um havia um

carro muito antigo, um Corcel. A cena se aproximou e a face da mocinha era revelada. A

protagonista era ela.

— Izac, você me ama?

E Izac sorriu e acariciou o rosto de Izolda.

— Sim, eu te amo.

— Você me ama mesmo?

— Sim, eu te amo. O meu sangue ferve por você!

Ela riu. E já não era mais dia e nem mais uma estrada deserta. Era uma casa de madeira

iluminada por lampiões. Havia um lago onde a lua cheia refletia. Izac chegou na casa trazendo

peixes. Suas roupas suadas e a barba por fazer indicavam que estavam de férias ou coisa assim.

Apesar de estar de noite, Izolda usava um biquíni preto e uma canga.

— Vamos ter peixe para o jantar.

— Temos ingredientes para preparar isto?

— Temos, sim. Deixe comigo. — E ele estalou um beijo na barriga d a mulher. — Como

você está não seria nada legal se a gordura da fritura espirrasse em você.

— Posso colocar uma blusa e cuidar disso sem problema algum.

— De jeito nenhum quero perder este visual tão agradável!

Ela empurrou Izac para parede e perguntou:

— Você me ama?

— Claro que amo.

— Nunca vai me abandonar?

— Nunca. Eu sou um prisioneiro do nosso amor!

Ela riu e eles se beijaram longamente. Ele começou então a dar várias mordidinhas no

pescoço da Princesa, que fechou os olhos se deixando levar pelo m omento, mas, quando ela os





abriu, havia horror estampado em sua face.

Parado de pé no meio da lagoa, um Comando de Elite a obs ervava. Ele estava de braços

cruzados encarando a menina. Mesmo tão distante, ela conseguiu o uvir o que ele dizia:

— Aí está a terrorista que embarcou em minha nave para o planeta Terra.

A mulher de cabelos encaracolados fitava a criança de olhos t erríveis como a morte. A

criança olhou para a mulher e riu.

— Finalmente acordou, não é? Não adianta em qual realidade você tentar fugir, você nunca

vai deixar de ser quem você é!

— Por que me faz ver estas coisas? — gritou a mulher. — O que vo cê quer comigo? Diga-

me!

— Você tem o poder para machucar e isso pode ser muito divertido!

— Eu não quero machucar nada! — retalhou a mulher com voz firm e.

— Você precisa aprender a matar! Eu quero matar! Quero matar a to dos que me fizeram

mal! Quero os fazer sofrer com a fúria de um dragão e carbonizar ca da um deles com as chamas

de uma fênix e, quando todos eles estiverem agonizando no chão, pi soteá-los, rir, dançar sobre os

seus cadáveres e sentir os ossos quebrarem e virarem cinzas debaixo de meus pés. Diga, você

não quer isto?

A mulher caiu de joelhos na água e começou a chorar.

— Não! Eu não quero ser a Prometida!

— Mas você é.

— Mas eu não quero ser! — gritou a mulher e sua voz ecoo u no vazio. — Eu tenho o

direito de escolher! Eu escolho não lutar! Escolho não fazer n ada! Escolho não ir a lugar

nenhum! Eu não sei lutar!

— Você tem certeza que não sabe lutar?

— Eu tenho, sim!

— Então, você não entende mesmo o que é lutar, mesmo já tendo lu tado com todas as suas

forças antes?

— Impossível! Quando eu fiz isso? — gritou a mulher. — Me diga, q uando?

A criança de olhos vermelhos sorriu.

Artatran III é um planetoide na órbita do planeta Orbus Cariballion II. Para os nativos de

Áurius, é uma de suas luas. Para os Superiores, uma importante ba se que serve de apoio para as

operações de colonização. A principal cidade é administrada pelo Co mandante Straxus Reder e,

no Prédio da Justiça, os mais terríveis criminosos terroristas são julg ados e executados. Ele, em

seu traje militar, sentou-
se à mesa no centro do salão. À sua direita estavam os juízes, todos com

roupas militares. Estavam de pé, aguardando o pronunciamento do Comandante:

— Que entre a ré.

Em uma cadeira de rodas entrou uma criança, os seus pequenos ol hos estavam inchados, a

orelha esquerda havia sido cortada e o cabelo raspado. Em s eu crânio estavam cravados

parafusos e sua boca estava costurada. As pernas da criança haviam sido serradas na altura do

tornozelo. Segundo os militares, era para que ela não voltasse a tent ar escapar.

— Esta é a Princesa Izolda. A Prometida que diziam que iria guiar os terroristas de Orbus

Cariballion contra nós! — sorriu o Comandante Straxus Reder.

Os juízes começaram a rir. O Comandante então se sentou e todos os que estavam na Sala

da Justiça sentaram-
se também. Ele suspirou. Tocou o painel e um relatório feito a través da

simulação virtual começou a ser transmitido.

— A criança que vocês estão vendo é uma pessoa terrível, não se d eixem enganar pela sua

aparência frágil e doce; ela é má e foi educada para matar ainda mui to pequena. Vejam todas as

informações que temos sobre a vida dela através do vídeo de nosso serviço de inteligência.

Então, com as modernas técnicas de modelagem e animação, um ví deo em realidade virtual

começou a ser transmitido encenando a saga da pequena terrorista.

“A criança que estão vendo era levada pelos pais para as batalhas e , em uma delas, nossos

soldados, com muitas dificuldades, conseguiram capturá-
la. Ela era violenta e má, mas ainda

assim acreditávamos que com nossa tecnologia e nossas técnicas d e ensino iríamos ser capazes

de fazê-la entender o que é o bem e, desta forma, torná-
la uma embaixatriz, fazendo com que a

guerra contra os povos tribais e atrasados e Orbus Cariballion terminasse. Mas foi tudo um

engano.

“Inteligente, dissimulada e manipuladora, a criança que estão v endo usou de nossa boa

vontade para se tornar uma espiã de nossos inimigos, transmit iu informações importantes do

nosso cruzador espacial Opala para os terroristas e, como resultado , milhares de bons cidadãos

morreram naquele dia em que a nossa nave-
mãe foi destruída inescrupulosa e covardemente.

“Não satisfeita com o mal que havia feito, esta criança, a qual havía mos ensinado tudo de

bom, embarcou em uma das naves e, junto com um cúmplice terrori sta, causou grande tumulto.

Ela conseguiu escapar em um módulo de fuga. Nosso Coronel Molley Donar ainda tentou

alcançar o módulo, mas sem sucesso. Liderando o serviço de inteligência, ele conseguiu

monitorar a localização da terrorista e capturá-la, levando-
a sob custódia e a deixando presa até a

data deste julgamento. Como podem ver, pelo grau de periculo sidade que este ser desprezível

representa, o mais indicado é a pena máxima de desintegração no E difício Karus.

Os juízes olharam o vídeo, perplexos. Não havia a menor dúvi da de que a criança era o

demônio encarnado.

Straxus Reder levantou-se e olhou para a criança.

— Criança, quando esteve na Terra você fez contato com um grupo de terrestres e até

afeiçoou-se a um deles. Diga-
me, os terrestres sabem quem você é?

A criança tocou um botão vermelho e, na tela, apareceu a resposta: eles não sabiam.

Straxus Reder olhou para o Coronel Molley. Ele então sorriu e pegou uma cápsula e

colocou sobre a mesa. Havia nela a metade esquerda de uma cabeç a. Ele chacoalhou o recipiente

e aquela metade virou-
se para a criança; era Ladir, o elfo que a havia ajudado a fugir. Os ol hos

da menina encheram-
se de lágrimas quando viu o que aconteceu com aquele que havia s alvado a

sua vida.

— Criança, sabe que não pode mentir para nós e estamos aq ui para promover a justiça.

Diga-me, os terrestres sabem quem você é?

Ela novamente tocou o botão vermelho e, na tela, apareceu a respo sta: eles não sabiam.

Straxus Reder não se deu por vencido. Ele pegou o controle remoto e clicou em um botão;

imediatamente surgiu na grande tela a imagem projetada de um pré dio do planeta Terra. Na sala

duas pessoas conversavam, um adulto e um jovem:

— Então, se percebeu isso, podemos ir direto ao ponto, não é? — d isse o jovem. — Fiquei

com Izolda durante meses, ela chegou sem falar absolutamente nad a de português. Com o tempo

a gente aprende sobre as pessoas. Ela não é daqui.

— Por favor, sente-se — convidou o homem.

O jovem ajeitou-se na cadeira:

— Senhor Izac, por que está atrás dessa garota?

— Eu me tornei responsável por ela.

— Em outras palavras, você gostou dela.

— É.

— Isso é bonito. A paixão. O amor entre duas pessoas tão dif erentes! Diga-me, Senhor

Izac, você não vai desistir dessa menina, não é?

— Com certeza não.

— Entendo… — Misumo balançou a cabeça, pensativo. — Qu antos mais sabem que ela

não é daqui?

— Ela disse isso apenas para mim — respondeu Izac, sem h esitar. — Todos os outros

acham que ela é de outro país. Mas eu conversava muito com ela e ela se abria comigo.

— O que você diz é verdade? — Desta vez Misumo o olhou de form a tão penetrante que

parecia ser capaz de arrancar a verdade de dentro da alma de qualq uer pessoa.

— Se Izolda não foi aborrecida por tanto tempo é porque eu sei guardar segredos —

rebateu o jovem, sem fugir do olhar do inquiridor. — Eu sou do tipo q ue acha que tem coisas que

um homem deve fazer sozinho.

A menina na cadeira baixou a cabeça e fechou os olhos, as lágrimas não paravam de brotar.

De sua boca costurada podia se ouvir o som abafado, ela estava grit ando, mas ninguém ali podia

ouvir. A pequena Izolda compreendeu que ali era o fim da linh a para ela e a única coisa que

poderia fazer era proteger a família que lhe acolheu da melhor mane ira que pôde. O Comandante

Straxus não era tolo, sabia que aquelas pessoas foram importantes para a menina, mas eles eram

importantes para os projetos dos Superiores? Só havia uma maneira de ter certeza:

— Pela última vez, pequena, me responda, os terrestres sabem que m você é?

A menina, tremendo, tocou o botão vermelho e, na tela, apare ceu a resposta: eles não

sabiam.

— Parece que eles realmente não eram cúmplices da garota, ela talvez tenha notado que

naquele lugar não poderia fazer muita coisa e tentou apenas l evar a vida como uma pessoa do

planeta Terra — encerrou o assunto o Coronel Donar.

— Se é assim… Senhores jurados, qual é o veredito?

Os juízes se levantaram:

— Este tribunal, após analisar todas as provas apresentadas p elo nosso serviço de

inteligência, considera a ré culpada. Pelo alto grau de periculosidade que esta ré representa, este

tribunal exige do Senhor Juiz a pena máxima estipulada pela nossa l ei.

Straxus Reder sorriu:

— Senhores jurados, pelo bem de toda a comunidade livre do Universo e a fim de

preservar a vida de todos os cidadãos justos e de boa índole do Sist ema Superior, como juiz eu

condeno a ré à morte por desintegração celular no Edifício Ka rus em 0,35 baricíclons. Caso

encerrado.

A cadeira de rodas foi empurrada até uma pequena cela onde um soldado, aos pontapés,

atirou a criança. Ali ela não se moveu até a hora em que foi novame nte agarrada, arrastada pelos

soldados até a cadeira de rodas e foi empurrada ao Edifício K arus. Um soldado olhou para a

menina e disse:

— Esta vai ser usada para alguma coisa?

— Não. A sentença diz para transformar em pó — respondeu o outro .

— Tivemos outros com sentença parecida, mas o Comandante Straxus vendeu os

criminosos para a companhia de rações, para alimentar os mascote s das madames.

— Você não sabe? Esta é a tal da Prometida que tanto falam em Or bus Cariballion II. Se

ela não virar pó por nossa causa e algo der errado, podemos ter pro blemas.

— Ela vai estar morta, que problemas teríamos?



— Ela é filha de uma fênix. Se ela não for esterilizada até as cinzas, existe uma

possibilidade desta criatura retornar à vida.

— Você acredita em uma ficção idiota destas?

— Não, mas não vou descumprir uma ordem direta para negociar al guns trocados e depois

levar a culpa se algo der errado.

O soldado balançou a cabeça de forma negativa e ligou uma máquina transparente

semelhante a um liquidificador com várias hélices. No copo co meçou a jorrar um líquido

prateado que encheu a máquina até a metade. Naquele momento a criança foi atirada lá dentro e

foi triturada até se misturar com o líquido. Quando a máquina desligou a mistura escorreu por

uma tubulação até uma panela, onde foi resfriada a uma temp eratura de zero Kelvin e, em

seguida, reaquecida a uma temperatura de 1000 graus Celsius. Esta va pronto. O corpo de Izolda

agora era um pó prateado que foi colocado dentro de uma cá psula de pouco mais de trinta

centímetros que, por fim, foi rotulada e colocada junto com as demai s cápsulas.

— E então, mulher? Se você não sabe lutar, por que não disse toda a verdade aos malditos

Ocres? — sibilou a criança de olhos vermelhos.

— Eu não podia fazer isto, eu estava condenada e não podia prejudicar pessoas que me

ajudaram.

— Mas agora acha justo que seus pais, sua irmã e seu povo morram sofrendo como

aconteceu com você?

— Doeu! Doeu muito tudo aquilo! — A mulher se abraçou. — Você nem imagina o

quanto! Meu corpo… minha alma… eles me machucaram demais! Não sobrou nada de mim!

— Você tem a mim — disse a menina. — Me deixe mostrar a você o que realmente

podemos fazer, eu só preciso que você abra esta brecha uma única vez!

— Eu tenho medo!

— Eu sei que você tem, mas eu não. Deixe-
me pintar sua armadura prateada de vermelho,

deixe-me ser sua Silver Slashersoul, deixe-
me lutar no seu lugar! Troque comigo o seu coração e

liberte o eu que existe em você! Diga a palavra, minha pequena medrosa!

— *Xaisur*!

A mulher de olhos verdes estendeu então a mão e abraçou a criança de olhos vermelhos.

Naquele momento a criança desapareceu como uma tinta de sangue que cobriu o corpo da

mulher e a vestiu com uma armadura prateada e vermelha.

Silver Slashersoul sorriu, ela havia acabado de nascer.

Silver olhou para o indicador da mão direita e sua unha começou a b rilhar. Em um gesto

rápido ela fez um corte no espaço e onde havia o branco do fir mamento agora havia um rasgo

pelo qual se podia ver o espaço e as estrelas. Ela voou por ali e cruz ou o espaço até avistar um

planeta marrom e azul.

Era uma colônia dos Superiores que recebeu o nome de Alfa Capelan do Sistema T-23.

Este mundo possuía um tamanho pouco menor que a Terra, c erca de 11.300 quilômetros de

diâmetro, e quatro luas pequenas. Slashersoul lembrou-se do que estudou sobre aquele mundo

quando era obrigada a conhecer tudo sobre a cultura Superior: Alfa Capelan, no passado,

ofereceu forte resistência aos Superiores, mas acabaram sendo derrotados. O planeta definhou

muito nos últimos trezentos anos devido à forte exploração. Ho je o status de Alfa Capelan é

laranja, ou seja, considerado pelos Superiores como um planet a cujas reservas ambientais já

estão prestes a acabar e já está dando prejuízos no mercado de açõ es.

Como um relâmpago escarlate, a guerreira desceu dos céus e os op erários que trabalhavam

nas construções pontiagudas feitas de ferro fundido dos Superiores imediatamente pararam de

trabalhar e olharam o fenômeno. Ela parou e seus olhos verdes se tornaram duas pedras

vermelhas como brasa, de suas costas surgiu um par de asas de dragão, suas pernas e braços se

tornaram as garras de uma fênix. Agora a guerreira havia se tornado um monstro gigantesco com

cabeça e corpo de mulher, couraça e asas de dragão e garras e cauda de fênix que urrou tão alto

que fez tremer a principal cidade daquele planeta. Chegava ali o lendário monstro de Áurius

conhecido como *Rashtrafleuer*.

Ao despencar dos céus ela destruiu os três maiores prédios da cidade e, com um simples

bater de asas, todas as vidraças dos prédios em um raio de dois quilômetros foram estilhaçadas.

Era um pandemônio. Os Superiores corriam como loucos pelas ruas. Os mais ricos, que estavam

de carro, atropelavam sem piedade os menos afortunados, tudo era válido para preservar a

própria vida. A fera rugiu:

— Coronel Molley Donar, vim visitar o seu mundo e conhecer a sua venerável

administração. Não acha falta de educação deixar uma visitante esperando?

O prédio central do governo era uma torre grande cuja ponta lembra va uma maça de ferro

com diversas pontas. Do último andar, Donar observava a criatura e tentava identificar de qual

planeta era, mas ao ouvir tais palavras ele rangeu os dentes:

— Maldita! Seja quem for já me conhece! Eu vou tirar isto a limpo ag ora!

E o Comando de Elite saltou da cadeira, correu pelo parapeito e dec olou rumo aos céus, ao

encontro da criatura. Ele parou diante do monstro colossal e observ ou a fera de alto a baixo:

— Monstro maligno, de que lugar você veio? — bradou o org ulhoso guerreiro com sua

capa vermelha esvoaçante.

— Das cinzas onde você me deixou, canalha.

— Eu não entendo, já matei muita gente nas guerras; se viss e uma criatura tão grande

quanto você, certamente eu me lembraria. Quem é você?

— Eu sou aquela criança que vocês cortaram as pernas, cost uraram a boca, torturaram e

ainda fizeram ver o amigo morto, Ladin, em um pote em um tribunal que vocês chamavam de

Sala da Justiça.

O Comando de Elite estremeceu.

— Impossível, você é Izolda?

O monstro gargalhou e começou a diminuir de tamanho, voltan do à forma humana; era

mesmo Izolda com a armadura de batalha de Silver Slashersoul.

— Os noticiários dizem que você está em Orbus Cariballion II, esta mos em outra galáxia!

É impossível você ter atravessado bilhões de anos-luz só para encontrar-se comigo, vocês são

atrasados e não tem tecnologia para isso!

Silver Slashersoul respondeu ao Comando de Elite com um tre mendo murro no queixo.

Donar despencou no solo rasgando o piso da autoestrada. Ato rdoado, o Coronel tentou se

levantar e acabou recebendo um automóvel na testa. Mal ele caiu e um outro veículo semelhante

a um caminhão de transportes foi jogado em cima dele. Em seguida ele foi esmagado por outro

automóvel, uma aeronave semelhante a um helicóptero e uma viga de aço.

O traje de Donar começou a brilhar e, usando uma força cós mica, vagarosamente ele

começou a erguer as toneladas de objetos que estavam sobre ele. E le estava muito irritado:

— Mulher, você não sabe o tamanho da encrenca em que você se meteu!

Ele mal terminou de falar quando viu uma imensa sombra sobre ele. Era Slashersoul que,

desta vez, chegava voando e carregando consigo o prédio inteiro do governo. A torre explodiu

sobre Donar como uma bomba, derrubando dezenas de prédios que estavam próximos. Quando a

poeira baixou, o que sobrou foi uma pilha de entulho e destruição na grande metrópole daquele

mundo. Ela sentou-
se sobre o monte mais alto de escombros, cruzou as pernas e ficou

aguardando, demonstrando enfado.

Ela pôde ver as pedras se moverem e depois algumas vigas, por fim algo saiu se arrastando

debaixo de toda a terra; era o coronel Molley Donar. Ele se levantou e vários pontos de sua

magnífica armadura já mostravam avarias e pequenos curtos-circuitos. O rosto do Coronel

estampava o assombro e a irritação por aquela situação. Ele apontou o dedo para a inimiga e

berrou:

— Escute aqui, você…

E um pedregulho ribombou na boca do Coronel, arrancando-lhe o dente da frente.

Slashersoul limitou-
se a continuar sentada onde estava e a brincar com outra pe

dra do mesmo

tamanho, jogando-a para cima.

— Eu vou te matar mil vezes! Mulher desgraçada!

E ele partiu para cima de Silver como um relâmpago. Ele a agarrou e juntos atravessaram



três muros seguidos até caírem em um estacionamento e rolar em pelo chão trocando socos e

destruindo tudo no caminho. A fúria do Superior de Elite era g rande, mas a cólera escarlate e

prateada da guerreira era ainda maior. Com um pontapé o Coronel d ecolou e só parou quando se

esborrachou em uma loja de departamentos que parecia um s hopping center. Ainda tonto, ele

saiu novamente para a rua a fim de enfrentar a rival, mas o que viu f oi a Princesa arrancando um

poste de aço do solo e o atingindo bem na cabeça.

Molley caiu e foi duramente espancado com o poste até que a arma acabou não resistindo e

se partiu. Slashersoul caminhou até o inimigo e o agarrou pelo pescoço, erguendo-o como um

saco de lixo. Ao ver os olhos furiosos da guerreira, o Comando de Elite afinou. Ele já havia

ouvido falar o quanto uma fêmea furiosa poderia ser terrível, mas nunca havia experimentado

aquilo na prática.

— Olhe para mim, traste! — rosnou ela entredentes. — Quero que lembre bem do meu

rosto para compreender agora, na hora da sua morte, os pecados que cometeu!

— Eu sou o regente deste planeta, quem sabe podemos negociar!

Ela respondeu cravando o punho no peito do coronel e arrancando com as mãos o seu

coração.

— Quando vocês tiverem um coração, poderemos conversar — respondeu ela, entregando

o órgão nas mãos do coronel.

A guerreira virou-
se e sumiu no ar em direção ao céu enquanto Molley Donar, o orgulhoso

Coronel de Elite, jazia no solo com o próprio coração que ainda pulsava na mão.

Izolda abriu os olhos e estava novamente no mar. Ela vestia-se com a roupa de Silver

Slashersoul e suas mãos sujavam a água daquele mar de vermelho.

— Não pode ser! — chorou ela. — Aquilo aconteceu mesmo!

A armadura se desfez e Izolda ficou nua naquele mar infinito. O cald o vermelho e prateado

tomou, então, a forma da criança de olhos vermelhos que sorriu par a Izolda.

— Viu, não foi tão difícil, foi? Confesse, você amou, não amou? — E a criança começou a

gargalhar.

— Pare de gritar na minha cabeça! Eu não sou um monstro como vo cê pensa! — berrou a

Princesa, desta vez tão alto que ondas de choque cortaram a quele infinito mar e despedaçou a

criança como se ela fosse feita de vidro.

Izolda então caiu naquela água e começou a chorar.

— Eu machuco as pessoas e estou com medo de ser machu cada outra vez! Por favor!

Alguém me ajude! — berrou ela. — Blaze! Blaze! — Ela continuou g ritando.

Então ela olhou para o horizonte e viu um vulto caminhando pela ne blina naquele infinito

mar de águas calmas. Os olhos da mulher brilharam e um sor riso surgiu em sua face. Ele

realmente a havia escutado. Ela o viu usando o traje de batalha que haviam desenhado quando

eram crianças e que ela havia colorido com todo o carinho.

— Você não esqueceu! — sorriu ela.

— Jamais me esqueci de você. Não me esqueci em um minuto sequ er.

Ele estendeu a mão e ela segurou. Quando ele a levantou, to da a água daquele imenso

oceano cobriu o corpo da mulher e lentamente foi moldando d etalhe por detalhe da roupa de

batalha desenhado pela dupla. Quando a roupa estava pronta, Izold a chorou:

— Não, eu não quero ser a Silver Slashersoul!

— Não precisa ser se você não quiser. Você para mim sempre será I zolda. Você pode usar

este nome de Silver Slashersoul ou até de Jade para ocultar o seu medo, mas lembre-se que quem

vai decidir as coisas sempre vai ser você. A roupa não signific a nada, é só uma armadura que

serve para te proteger ou ocultar algo que você não queira mostrar.

— Estou com medo. Eu tenho medo dos meus olhos vermelhos. É c omo se dentro do meu

coração morasse algo muito ruim! Eu sou um *Rashtrafleuer*, um monstro que não deveria existir,

metade fênix e metade dragão!

— Metade não, um quarto. Um quarto fênix e um quarto dragão. Exi ste também um quarto

que é Silver Slashersoul e ainda um outro quarto que é você mesma . Se olhar por esta ótica, sua

parte racional é mais do que dominante. Ainda tem medo se pensar assim?

— Quando estou com você eu não tenho medo! — disse ela, o abra çando.

— Boba, meu coração bate no seu peito. Como é possível vo cê imaginar que em algum

momento você vai estar sozinha? Quando me chamar, eu vou escut ar você, sempre!

— Minha mãe me disse isto quando eu era pequena, mas ela não m e encontrou.

— Mas eu tenho um GPS colocado bem aqui — riu Blaze, tocando o peito de Izolda. —

Posso te encontrar sem você precisar abrir a boca.

— E se eu perder a luta?

— Vou estar do seu lado para vencer a guerra.

— E se eu tiver medo?

— Vou te conduzir pelo braço.

— E se meu desespero for tão grande que eu ficar paralisada?

— Vai ser nesta hora que você vai estar no meu colo e vou te carreg ar.

Ela colocou a cabeça no ombro de Blaze e suspirou.

— Eu tenho medo de não conseguir.

— Izolda, nós estivemos mortos e voltamos à vida! Acho que algué m que passa por isso

tem que ter medo de pouca coisa, não acha, não?

Ela começou a rir.

— É verdade! Você tem razão. Você ficou muito forte, como conseg uiu?

— Eu acertei as contas comigo mesmo! — sorriu ele. — Você precisa fazer o mesmo.

Você está dividida. Um lado está cheio de ódio e o outro cheio de m edo, no meio disso tudo está

você de verdade.

— Entendi. Você tem razão, eu preciso parar de chorar e ter medo… um lado meu ainda

insiste em ser criança, mas tenho medo de voltar a machucar as pes soas.

— Sua infância foi partida no meio por causa da guerra, é na tural que psicologicamente

você sinta falta disto. — Ele passou a mão nos cabelos de Izolda co m carinho. — Não precisa

deixar de ser você para fazer as coisas sérias. Seja séria na hora qu e tiver que ser séria e volte a

ser criança na hora que puder ser criança. Acha que não quer o passear com você pelas ruas

bonitas que há neste seu planeta, conhecer as frutas daqui e os ani mais?

— Não temos zoológicos aqui, mas prometo que vou te mostrar tudo de legal que existe no

meu mundo.

— Eu sei que vai. — Então Blaze a beijou com força e disse . — A gente se encontra

depois, você ainda precisa terminar o seu treinamento. E eu estou com muito sono ainda!

— Você vai se lembrar do que passamos aqui?

— Claro. Assim como vou guardar comigo cada momento de dor que você sentiu quando

estava nas mãos dos Ocres. Eles foram muito cruéis com você. Enquanto eu tiver um sopro de

vida, eu vou cuidar de você!

— Tá — concordou ela, ainda enxugando as lágrimas. — Prometo que da próxima vez que

a gente se encontrar vou estar mais forte do que você!

— Vou esperar por isso, Princesa!

E Black Busterblaze desapareceu.

Izolda ajoelhou-
se no chão com infinitas poças de águas tranquilas e olhou para o próprio

reflexo.

— Eu ainda vou me entender com você. Quando isto acontecer, eu não vou ter mais medo

dos meus inimigos e você não precisará mais odiar e nem matar. Eu quero ser sua amiga, Silver

Slashersoul, mas ainda não me sinto como Izolda, a Prometida. Con tinuo estando mais para Jade,

aquela criança do passado que tinha medo do próprio nome.

E os olhos do reflexo na água se tornaram vermelhos e um sorriso s orriu na face de Silver

Slashersoul.

— Tola, nós sempre seremos amigas. Eu amo você, apesar de ser u ma fraca. Quanto ao seu

sonho, você vai logo perceber que é uma utopia e uma estupidez. E m uma batalha o que vale é o

ódio e a fúria. Quando você perceber que a guerra nada mais é que um mar de insanidade e

violência sem sentido, entenderá que a única capaz de salvar a sua vida e as pessoas que você

ama serei eu.

CAPÍTULO 26

TABULEIRO DE BATALHA

O salão subterrâneo era um conjunto de grandes cavernas qu e só podiam ser alcançadas

através da boca do Monte Pharion, o vulcão sagrado da raça das fênix. O vulcão em eterna

atividade torna-
se a morte certa para qualquer ser vivo comum, por este motivo ape

nas três raças

de seres daquele mundo conseguiriam resistir à pressão de descer pela lava fulminante e alcançar

o lugar. Seria alguma Potência, que são dos deuses das principais r aças daquele mundo; as fênix

e seus pares masculinos conhecidos como bennus, por serem seus habitats naturais; e os dragões

de categoria Terra, Sombras, Luz e Fogo, além, é claro, do dragão s agrado Morvan Kimsley, que

é o mais poderoso dragão em atividade naquele mundo.

O salão é feito de túneis e cristais de diamantes e outro mineral que supera o anterior em

resistência. A luz da lava passa pelos cristais iluminando os co nfins daquele lugar inóspito,

tornando o lugar belo e mortal para seres viventes comuns. As cavid ades da caverna formavam

grandes salas interligadas, várias delas chegavam a ter três ve zes o tamanho de um grande

estádio de futebol. Mas era em uma sala relativamente pequena que a Rainha se encontrava de

joelhos, angustiada, abraçada às roupas que Izolda usava no mome nto em que treinavam.

Ela olhava há bastante tempo para a boca de uma sala, aguardando o retorno da filha até

que, finalmente, a espera valeu a pena. A jovem Princesa, des nuda, surgiu da porta com olhar

curioso, como se ainda também não estivesse acreditando que esta va ali.

— O que aconteceu, mamãe?

— Você não se lembra? Nós iniciamos o treinamento de medit ação e você foi para um

plano onde eu não podia alcançá-
la. Quando eu acordei, apenas as suas roupas estavam aqui. Isto

nunca aconteceu antes, mas você fez uma viagem astral não apena s de alma, mas também com o

corpo.

A jovem Princesa, ainda surpresa, pegou as roupas com a mãe e se vestiu.

— Filha, eu nunca vi alguém com tanto poder antes, o que v ocê e o Blaze se tornaram,

afinal?

— Não sei, mamãe. E sinceramente eu tenho medo das coisa s que sou capaz de fazer

agora.

— Fico feliz que tenha medo, enquanto tiver medo vai manter a sani dade nestes tempos de

guerra. É muito importante que você não se perca com tanto poder; aliás, se perder por causa do

excesso de poder é algo fácil demais. Mesmo eu e seu pai, com as centenas de anos que temos,

andamos diariamente no fio da navalha. Se não é algo fácil para nós , imagine para você, que é só



um bebê.

Izolda sorriu e beijou a testa da mãe.

— Fico feliz em ter você aqui comigo! Você, minha irmã e o papai sã o tudo para mim!

As chaminés das fábricas de Monte Negro trabalhavam a todo vapor. O entra e sai de

funcionários indicava que o ritmo frenético da produção seguia forte e gerando lucro. No centro

da cidade o palácio do governo se erguia com ferro fundido e vidro. Lá, o futuro do planeta era

discutido com vigor, pois o cronograma de conquista estava atrasad o.

— Estamos todos daqui, Marechal — sorriu o poderoso Straxu s Reder, o atual

Comandante de tropas dos Superiores.

À mesa estavam sentados o Marechal San Hell Hogan, o Dou tor Altamaran, a Major

Germinim Vermitrax e o Comandante Straxus Reder. O novo m embro sentado na mesa era o

Comando de Elite Coronel Goden Rilzon.

— Seja bem-vindo, Coronel — saudou o Marechal.

— Obrigado, é uma honra servir junto de um herói como o senhor.

— Os problemas aqui são grandes, temos uma batalha muito i mportante a ser travada.

Bom, sem mais delongas, vamos aos fatos…

O Marechal tocou a mesa e um globo de luz surgiu.

— A cidade a ser tomada é chamada pelos nativos de Dehva. É uma depressão vulcânica

que formou um vale com dezenas de ilhas em meio a águas termais . O vale possui mais de uma

dezena de rios que se encontram no ponto onde foi formada a cidade e as águas formam um

grande rio que segue em direção ao mar.

— Não parece um lugar extremamente protegido — disse o Coronel.

— O problema são as defesas desta cidade. O reino de Flanó ria possui uma fantástica

cavalaria-
alada formada por corcéis voadores e grifos, sendo este segun do grupo o mais

perigoso. Em solo, além de uma boa infantaria, eles possuem també m a ajuda de um batalhão de

centauros e gamoras, uma espécie de lagarto-tartaruga muito grande, veloz e resistente. Eles são os principais blindados deste planeta.

— Na teoria, um Comando de Elite conseguiria passar por algo assim. — O Coronel olhava para a Major com deboche, tentando marcar sua posição de alfa naquela mesa de reuniões.

— Um Comando de Elite inexperiente não entenderia o problema que estamos enfrentando aqui! — rebateu a Major irritada.

— Major, tenha calma, já vou chegar ao ponto — disse o Marechal, sem se exaltar.

— Desculpe, Marechal!

— O império de Flanória é governado por dois seres muito poderosos, uma fênix e um dragão. Sem passar por eles não será possível atacar a cavalaria-alada e nem a infantaria de solo.

Recentemente surgiram dois novos adversários cujo poder de luta ainda é desconhecido. Mas é garantido que é elevado. — O Marechal ajeitou os óculos e voltou-se para o Superior vestido de branco ao lado. — Doutor, por favor.

— Eu sou o Doutor Altamaran e me foi pedido fazer a projeção dos poderes dos dois novos

inimigos. A primeira é chamada de Princesa Izolda, não temos imag em alguma dela em nossos

registros, o que se sabe é que ela é filha deste casal de monstros, lo go ela deve possuir um poder

equivalente aos deles. Entretanto, como ela nunca esteve em combate, minha simulação indica

que ela provavelmente é inferior aos outros dois.

— Moleza — riu de forma irônica o Coronel.

— O problema todo é este sujeito aqui. — Black Busterblaze aparec eu no monitor. — Este

surgiu dos mortos por conta própria, arruinou o Forte-
Prisão e ressuscitou das cinzas a Princesa

Izolda.

— Isso é impossível, ninguém ressurge de material estéril. E, mesmo que o material não

fosse estéril, levaria no mínimo três cíclons e meio até que u m corpo complexo fosse formado

completamente com nossa tecnologia.

— Pois é — riu a Major. — Esse aí conseguiu fazer isso.

— Qual é o poder de luta desse cara?

— Ninguém sabe. Ele é uma incógnita irritante. Por ser inexpe riente ele pode ser mais

fraco que os outros três anteriores, mas em um lampejo pode ser su perior a qualquer Comando

de Elite que temos na atualidade.

— Então é este aí é o cara que tem o Blisar no peito? — perguntou o Coronel.

— Exato — confirmou o Doutor.

— Eu cuido dele. Deixo a ralé com a Major e o Comandante aí.

— Espere um minuto, Coronel. Eu não concordei com isso — disse entredentes o

Marechal. — O Tenente-
coronel Set Razor liderará a batalha, pois ele já enfrentou este

adversário.

— Espere um momento, eu não vou obedecer a alguém de patente i nferior —irritou-se o

Coronel, tendo o orgulho ferido.

— E nem eu! — Era Straxus quem socava a mesa, furioso.

— Não me interessa o que acham. Eu quero o Blisar e este é o segundo melhor cenário

possível nesta batalha.

— E qual seria o melhor cenário? — perguntou o Coronel, em tom d esafiador.

— Eu liderar o ataque pessoalmente e ficar com todos os bônus des ta conquista para mim

— retrucou o Marechal. — Se quer ganhar seus bônus é melhor faz er o que eu digo, Coronel.

O Coronel torceu as mãos, irritado. Mas não mais irritado que o Co mandante Straxus. Ele

era o chefão do lugar até o Marechal chegar; à contragosto ele bate u continência e disse:

— Hell Hogan.

— O Tenente-
coronel Set Razor é nosso melhor trunfo, estou preparando um corpo

especial para ele se tornar um Comando de Elite. Ele estará à dispo sição em 0,75 baricíclons —

afirmou o Doutor.

— Será quando o ataque ocorrerá. Alguma dúvida?

Nenhum dos membros da mesa se manifestou.

— Dispensados.

Straxus Reder saiu da sala como uma flecha, seus olhos chispavam de ódio. Estava claro

ali que ele havia perdido muita influência e perder status em uma so ciedade que é movida apenas

pela condição social poderia significar a queda na intrincada pi râmide de hierarquia dos

Superiores.

“Não, não vou cair da minha posição na hierarquia, eu sou Superior! ” dizia para si mesmo

como um mantra. Seus olhos não enxergavam nada além das suas naus de guerra destruindo o

reino dos seus inimigos. Ele precisava agir!

De sua residência que ocupava a cobertura inteira de um dos prédio s mais altos de Monte

Negro, ele mandou chamar a Major Vermitrax e o Coronel Goden Ril zon. Não demorou para a

dupla de Elite chegar ao local.

— Comandante Straxus Reder, por que mandou nos chamar de for ma tão repentina?

— Vocês dois devem estar preparados, em 0.5 baricíclons ire mos partir para um ataque

frontal e definitivo contra nossos inimigos de Flanória.

O Coronel e a Major se olharam surpresos e ela tomou a palavra:

— Senhor, sabemos que é o responsável pelo setor de Monte Negro, mas temos ordens

diretas do Marechal!

— Não me interessam as ordens do Marechal! — bradou Stra xus. — Vocês dois não

entendem o que está acontecendo aqui? Somos Superiores! S omos a Elite dos Superiores! O

Marechal neste instante está apostando suas fichas em um Comand o de Elite recém-formado e de

patente inferior! O que acha que nós três somos neste plano de ataq ue do Marechal?

A Major Germinim Vermitrax baixou a cabeça, pensativa. O Coronel cerrou os punhos e se

manifestou:

— Tenho o mesmo sentimento que você, Comandante Straxus. Eu quero subir de

hierarquia e chegar ao topo. Se completarmos a missão da forma como o Marechal deseja, o

único a chegar ao topo será o Tenente-coronel Set Rayzor!

— Mas… desobedecer às ordens diretas do Marechal não é um crime de guerra? —

questionou a Major.

— Um crime que será perdoado se nós estivermos trazendo a cabeça de nossos inimigos e

o Blisar nas mãos — afirmou Straxus. — E então? Quem está disposto a fazer uma aposta de

tudo ou nada contra aquele maldito orzon?

A dupla fez continência e gritou a uma só voz:

— Hell Straxus!

O Comandante sorriu, satisfeito.

— Queriam me ver lutar, não é? Todos aqueles malditos vão entender da pior maneira o

que é atrair a minha atenção!

A contagem regressiva para o ataque começou. O exército de doze mil soldados Superiores

iniciou seu preparo. Straxus escolheu para a investida pelo sol o quatrocentos veículos tipo

tanque-esmaga-crânios, duzentos canhões-
rastejadores de longo alcance e oito tanques-ponte que

são utilizados para o transporte de tropas, e cinquenta turbocó pteros, veículos alados de quatro

hélices que são capazes de carregar blindados e soldados. Pa ra combater a cavalaria-alada dos

inimigos, Straxus optou por levar cerca de quinhentos motojato s por serem leves, rápidos em

ataques ar-
ar e difíceis de serem atingidos por possuírem excelente aerodinâmi ca.

Uma movimentação daquele tamanho não tinha como passar despe rcebida para os nativos

do planeta Áurius; os pássaros piaram para o povo das árvore s, que confirmaram a história e

falaram com os aldeões dos lagos, os aldeões dos lagos contaram p ara os soldados da fronteira e

os soldados mandaram mensagens através da rede de luz, se melhante à tecnologia li-fi, para a

cidade capital de Dehva.

O Rei-
dragão, assim que recebeu o comunicado ordenou que seu ex ército se preparasse

para a batalha. Seis mil e seiscentos combatentes respondera m prontamente ao chamado de

Morvan Kimsley.

Dentre eles estavam mil e cem anões, especialistas na forja d o aço, portadores das

melhores maças e machados do continente. Cada um deles tr azia nas costas uma espécie de

carabina cuja boca assemelhava-
se à cabeça de um crocodilo: tratava-se de um pequeno canhão

cuja munição era uma esfera de aço explosiva com diâmetro duas v ezes maior que uma bola de

tênis. Mais perigoso que eles, apenas suas montarias, as temí veis gamoras, tartarugas gigantes

que os anões armavam até os dentes, capazes de fazer frente a qualquer tanque de guerra

inimigo.

Oitocentos centauros, membros de uma raça tribal amante das planícies ao lado das

grandes pedreiras e das árvores frutíferas. Guerreiros valentes e destemidos que usam de seu

tamanho descomunal e seu vigor físico para suplantar os inimi gos com suas lanças e flechas

forjadas através de uma técnica milenar de moldagem através da pe dra.

Trezentos centímanos, uma raça amante da beleza, da arte e da perfeição. Gigantes que

possuem quatro, seis ou oito braços, são os melhores escultor es e tecelões do mundo. Quando

brandem espadas possuem uma bênção dada pelos deuses capaz de criar “braços fantasmas” que

os permite usar até cem armas no mesmo instante por um certo tem po.

Quatro mil e quatrocentos humanos. Além de serem numeroso s, os humanos têm a

qualidade de aprender rápido qualquer coisa ensinada pelas ou tras raças e são hábeis com

qualquer tipo de arma. Para a guerra foram divididos em dois grupos: o primeiro, de três mil

homens, forma um batalhão de solo armado com espadas, lan ças-relâmpago e uma veloz

cavalaria de corcéis-
tempestade, os cavalos mais rápidos em solo do planeta. Nos céus, um

batalhão de mil homens divididos entre grifos e corcéis-alados prepara-se para dar cobertura

contra as naves inimigas e, na retaguarda, quatrocentos magos form am um corpo médico capaz

de salvar a vida dos feridos em batalha.

Finalizando o exército de defesa de Flanória, três fênix nos cé us e dois dragões, um

amarelo como o sol da tarde e outro verde como as matas que cobr em as terras daquele mundo,

se prontificaram a ficar na capital para servirem como última linha de resistência, assim os outros

poderiam lutar sem hesitação por saberem que Vehda e os habitantes da cidade não estariam

desamparados caso algum inimigo conseguisse avançar.

Quando a Rainha e sua filha chegaram de seu treinamento no vulcão, o Rei estava

encerrando a reunião com os capitães de cada unidade que formava a Resistência do reino. A

Rainha-
fênix abriu o seu grande leque e, incomodada por não saber o que estava acontecendo,

foi logo interpelando:

— O que foi que eu perdi aqui, meu querido e amado lagarto-Rei de Flanória?

O Rei riu. Ela sempre o provocava assim quando ficava irritada.

— Não precisa se preocupar ainda. Um grande exército dos Superiores está sendo

preparado e deve começar a marchar em nossa direção nas próximas horas. Como já

conversamos, vamos interromper a rota deles no cânion do Rio Mozar.

— Tão rápido?

— De certa forma já sabíamos, não é? — sorriu o Rei, mostrando tranquilidade. — Vehda

e Izolda assumirão o reino enquanto nós estivermos em batalha.

— Não mesmo! — protestou Izolda. — Eu sou a Prometida, eu vou l utar!

— Filha… — suspirou o Rei. — Black Busterblaze está no mo mento no quarto

desacordado, não sei que horas ele irá despertar e nem se el e poderá usar o poder do Blisar

quando isso acontecer. É prudente que você aguarde aqui por que, se eu e sua mãe falharmos,

você e sua irmã serão as únicas que poderão fazer alguma coisa.

— Não mesmo! — continuou batendo o pé a Prometida. — Não que ro nem saber, eu vou

lutar! Se não me levarem, eu vou sozinha e vou atacar primeiro. A e scolha é de vocês!

O Rei e a Rainha se olharam assustados. Bhatra foi logo cutucando o esposo.

— Acho melhor deixarmos ela ir. Quando estivemos treinando no vulcão ela fez uma

viagem astral de corpo inteiro. Somente as Potências consegui am fazer uma coisa dessas! É

prudente que fiquemos de olho em nossa filha.

— Mãe! — irritou-se a Princesa. — Não confia em mim?

— Filha, seu poder está transbordando. Isso pode ser perigoso! Acr edite em mim! Eu e o

seu pai estamos entre os seres mais poderosos deste mundo, ter po der demais muitas vezes não é

uma vantagem, e sim um sério problema!

— Se sua mãe coloca desta forma, então você deve mesmo vir conosco. Mas, por favor,

lembre-se em seguir as minhas instruções, tudo bem?

Mesmo à contragosto, Izolda concordou. Os pais não disseram nada, mas o leve brilho

vermelho refletido nos olhos da menina, para eles, era algo tão ame açador quanto a guerra que

estava prestes a iniciar.

CAPÍTULO 27

O SINO DE GUERRA DOBRA

Assim que o véu se foi, Vehda foi a primeira a aparecer no quarto de Blaze para ver como

ele estava, ela trazia um livro grande com capa feita de resina de m adeira e pintada a mão. Ela

olhou para o jovem e reparou que sua pele estava sem brilho algum e seus lábios estavam quase

brancos. Preocupada, ela tocou a pele do rapaz. Estava gelada.

Ela sentou-
se ao lado da cama e começou a ler o livro. Instantes depois chegou Izolda, que,

ao ver a irmã sentada ali, foi logo perguntando:

— O que houve?

— Ele… ele está muito mal, acho que está em coma profundo! Não sei o que fazer!

— Eu não acredito! Você tem certeza?

— Ele está frio, a alma dele se foi.

— Só acredito vendo! — sentenciou a Princesa, afastando a irmã.

Ela foi direto na artéria do pescoço de Blaze. Franziu a testa. Colocou o rosto colado no

nariz do rapaz. Deu um leve sorriso e deu um beijo na boca do jove m.

— O que está fazendo? — assustou-se Vehda.

— Estou ressuscitando ele — riu Izolda.

— E vai funcionar?

— Ah! Não seja burra! — riu Izolda. — Ele está vivo!

— Mas e quanto ao espírito dele? Sou uma Sacerdotisa e não sinto sua presença.

— Não se preocupe, ele ainda está em outro plano. Deve estar apre ndendo muitas coisas,

quando ele estiver pronto vai acordar! — riu Izolda, orgulhosa de si mesma. — Blaze e eu

estamos ligados, se ele estivesse mesmo morto eu seria a primeira a tomar conhecimento disso!

Vehda sorriu, mas seu semblante não deixava negar que senti a uma ponta de inveja da

irmã. Compreensiva, Izolda a abraçou com força e a beijou no rosto. A dupla deixou o quarto,

fechando cuidadosamente a porta.

Uma das fadas foi logo ter com Izolda assim que a viu passar pelo c orredor:

— Já é o momento, Princesa! O exército está se reunindo e deve pa rtir em cerca de uma

hora.

— Entendo — sorriu ela.

— Vocês vão esperar o exército inimigo próximo ao cânion do Rio M ozar?

— Não os deixaremos passar dali. Montaremos acampamento na m argem oposta e vamos

pará-
los antes que cruzem a grande ravina. Apenas com veículos aéreos eles não conseguirão nos

vencer.

— Vai mesmo lutar contra os Ocres? Digo… você assumiu mesmo o seu destino como a

guerreira Prometida que vai acabar com a guerra?

Izolda parou um pouco, suspirou e então sorriu:

— Algum tempo atrás tinha medo de assumir essa responsabilidade, mas agora, depois que

entendi um pouco mais sobre o meu coração, tenho certeza q ue posso fazer isso! Os Ocres

precisam pagar pela guerra que trouxeram a esse mundo e eu vou l utar para isso!

— Boa sorte então, irmãzinha! Vou rezar por vocês! — disse a elfa d e asas de cisne.

— Obrigada! Conto com você para lutar para proteger a cidade!

— Proteger, nada! Eu vou é fugir!

— Como é? — ralhou Izolda.

— Meu trabalho já acabou, você é a protagonista! Você é a minha heroína e conto com

você para nos defender!

— Não venha com essa, Vehda! Você é uma feiticeira muito p oderosa, talvez uma das

mais poderosas deste planeta por ser filha de um dragão e uma deu sa!

— Eu sou da paz!

Izolda espumou de raiva.

— Não me diga que já esqueceu o que os Ocres fizeram com você? ! Você tem a obrigação

de ficar e lutar!

— Lutar dói!

Izolda suspirou. Ela entendeu que a irmã ainda estava traumati zada com as torturas que

sofreu no Forte-Prisão, então tocou seu ombro e sorriu:

— Olha, você está certa, lutar machuca. Entretanto, somos mulhere
s guerreiras criadas por

uma orgulhosa fênix. Então temos que seguir essas regras: nú
mero um, uma mulher que bate

mais apanha menos. Número dois, a mulher que atira primeiro
morre depois. Se entrar na luta

contra os Ocres pensando assim vai se dar bem!

— Prefiro a regra número três, a mulher que grita e corre acorda se
m hematomas no outro

dia!

— É, passaram-
se muitos anos e acabei esquecendo que você é um caso perdido m
esmo!

— suspirou Izolda. — Vai pelo menos cuidar do Blaze para mim enq
uanto ele não acordar, não

é?

— Não se preocupe, eu conto com ele se algo der errado. Vo
u pular em cima dele até

acordar se os Ocres aparecerem por aqui! — sorriu Vehda, ce
rrando levemente os olhos,

revelando a provocação.

— É melhor que não se esqueça que ele já tem dona! — riu Izolda,
sibilando de forma bem

venenosa.



Vehda empinou o corpo e logo devolveu:

— Vou tentar me lembrar disso, mas não se preocupe, se usá -lo vou te devolver em

perfeitas condições!

As duas Princesas começaram a gargalhar, a se abraçarem, a se beijarem, mas ao se

separarem encararam uma a outra como duas serpentes prontas pa ra dar o bote.

— Boa sorte, irmãzinha do coração!

— Conto com você, querida!

Izolda caminhou pelo corredor, atravessou um grande salão e passo u pela porta de entrada

do castelo. Ao olhar para trás, viu sua irmã olhando para ela com ter nura e preocupação.

A Prometida olhou para ela e sorriu, afinal, era muito bom ter de nov o uma irmã, mesmo

que seja para brigar de vez em quando.

O exército imperial de Dehva iniciou, então, sua marcha para o combate. Seria uma

jornada longa, mas que o Rei desejava que fosse tranquila. Queria q ue todos chegassem em boas

condições físicas para o combate, afinal iria anoitecer em breve e a l ua laranja iria cobrir de um

tom avermelhado o campo de batalha. Todos sabiam que o fut uro reservava uma batalha

sangrenta.

O véu atingiu Monte Negro e a cidade metálica formada por a rranha-céus cinzentos se

iluminou de lâmpadas florescentes. No edifício central, o Marechal S an Hell Hogan caminhava

apressadamente até o gabinete do Governo do Estado, seguido de perto pelo Doutor Altamaram,

cientista máximo naquela cidade. Todos, ao verem a pressa do herói, saíam da frente. Um

soldado que o viu pelo corredor foi logo correndo para abrir a porta d o gabinete do Comandante,

afinal “o mestre” não precisava ser anunciado.

Ao entrar pela porta, o Marechal encarou o Comandante Straxus Re der, que desta vez não

se curvou.

— O que pensa que está fazendo desobedecendo as minhas ordens, Comandante Straxus

Reder?

A voz do poderoso Marechal era firme, forte, mas o tom não era alto. Ele nunca precisava

falar alto para impor respeito e pavor. Só que, desta vez, ele encontrou pela frente um ser

encurralado e pronto para fazer qualquer coisa para resgatar s eu orgulho e dignidade de

Comandante.

— Com todo o respeito, Marechal, mas ainda sou o líder deste setor. Como Comando de

Elite no cargo de Comandante, meu trabalho é comandar e é isso o que farei. Tenho um plano

traçado para colocar a capital Dehva abaixo e vou liderar o ataque p essoalmente.

— Sua cabeça está nublada, Comandante Straxus. Não creio que sua análise sobre a

situação de nossos inimigos esteja correta. — O Marechal neste inst ante parecia sorrir ao ajeitar

os seus óculos. — Se partir sem meu consentimento, você estará ap ostando tudo! Sua carreira,

sua posição, sua vida… enfim, tudo o que construiu para chegar até onde chegou.

— Você está brincando comigo, não está? — Straxus estava transto rnado, mas não podia

explodir contra o seu Superior. Isso o deixava ainda mais irritado, po is antes de San Hell chegar

ele era a maior autoridade daquela região do planeta. — Você está me tirando tudo, Marechal!

Você quer que um novato assuma o comando da operação enquant o eu seja seu suporte! Isso é

intolerável! É o mesmo que entregar a minha posição e o me u cargo! Eu vou colocar abaixo

aquela cidade e provar para todos que eu sou Superior! Eu sou o ch efe daqui! Eu mando!

— Nossa! — O Marechal não conseguiu esconder o riso. — Estou to cado e impressionado

com seu orgulho, Comandante Straxus Reder. Minhas ordens f oram claras, explícitas e minha

decisão é lei! — Neste instante, os olhos de Straxus chisparam de ó dio. — Porém… se você e o

seu exército não estiverem aqui em dez kaheciclons, não have rá tempo suficiente para que eu

solicite sua prisão por insubordinação. — Dito isso, o Marechal virou -se de costas e se retirou,

completando: — Eu não estive ainda com você, nossa reunião está marcada para o nascer do sol.

Straxus olhou admirado o Marechal partindo; neste instante o orgulho Superior inflamou

em seu peito a tal ponto que, de longe, o herói dos Superiore s conseguiu ouvir o grito de

saudação de seu subordinado:

— Hell Hogan!

Altamaram, que acompanhou toda a cena, comentou:

— Não entendi, por que permitiu que Straxus fizesse o que quer, Ma rechal?

— Straxus já demonstrou sua incompetência mais de uma vez para mim, ele sabe que se

for derrotado é o fim da linha para ele. Vamos ver o que vale mais, o coração de um Blisar ou

um coração de um Comando de Elite em desespero para se livrar d o destino do orzon. Seja qual

for o resultado, não sairemos de mãos vazias, pois temos pouquíssi ma informação a respeito de

Black Busterblaze e da Prometida renascida.

Altamaram ficou assombrado:

— Você é um ser temível, Marechal. Temos sorte de tê-lo do nosso lado!

San Hell sorriu envaidecido.

Straxus não perdeu tempo, ele foi logo enviando mensagens pelos c omunicadores de que

iriam partir antes do nascer do sol. O Coronel e a Major passaram a s ordens para os Capitães, e

os Capitães ordenaram aos seus soldados que se preparasse m para a batalha. Exatos nove

kahecíclons depois, a armada de Monte Negro partiu para a guerra.

Os pássaros solares que sempre cantavam ao amanhecer sobrevoa ram em grandes bandos o

acampamento da Resistência próximo à ravina do Rio Mozar. Fazollo, o mago necromante, ao

ouvir o alarido dos pássaros sentenciou:

— Este não é o som normal dos pássaros da alvorada. Eles estão passando por aqui nos

trazendo um alerta: está na hora de nos prepararmos, nossos inimig os estão a caminho!

Imediatamente os anões começaram a se levantar e a tocar s uas cornetas. As fogueiras

foram apagadas e os atrasados comiam rapidamente os pedaços de frutas-pão e atiravam o que

sobrava nas cinzas. Rapidamente os sete mil soldados já estavam p rontos para a batalha.

Bem do alto, uma ave de fogo descia dos céus. Assim que tocou no solo a majestosa fênix

tomou a forma de uma mulher, a Rainha Bhatra Vam-Epieta. O Rei a abraçou e ela foi logo

relatando o que viu:

— Vão chegar aqui em no máximo meia hora. São muitos, su peram em número o nosso

exército.

— Quantidade não é qualidade — respondeu o Rei. — O que me preocupa não são

quantos, mas quem está com eles.

— Não parece que os inimigos mais fortes vão sair de suas c aixas se não batermos forte

nelas antes, meu Rei — disse Kallima, a donzela de fogo pertencent e à raça das fênix.

Gwim, o anão, se aproximou:

— Seria uma boa hora para a patrulha dos heróis aparecer por aqui!

— Não se incomode com isso — sorriu o Rei. — Eu já esperava que fosse difícil encontrá-

los. Lutar sem a ajuda da patrulha já era esperado. Vamos no s preparar para lutar com o que

temos a disposição.

Naquele momento, Edocross apareceu gritando:

— Meu Rei, olhe! Do outro lado da campina!

O Rei e a Rainha saíram da tenda e viram um outro exército se apro ximar. Eram os elfos.

Quatrocentos deles, arqueiros magníficos com suas montarias seme lhantes a grandes leões com

listras de tigre que possuíam garras tão poderosas que eram capaze s de rasgar o aço; vinham à

guerra em honra ao pacto de Dehva, sua Deusa-
Potência que foi morta pelos invasores. Na frente

deles vinha um elfo-
estrela, um elfo da dinastia de linhagem rara e de poderosa magia.
Os elfos-

estrela tinham a capacidade criar asas de luz semelhantes às de lib élulas para si mesmos, além de

ter uma anomalia genética que o diferenciava dos demais: a cartilag em de suas orelhas possuía

uma fenda, o que dava a impressão de possuírem dois pares de orel has e na testa eles possuíam

um terceiro olho. Segundo as lendas, era ali a sua fonte de poder ex traordinário.

O Rei Morvan foi logo ter com os recém-
chegados. Sua preocupação era grande, afinal os

elfos eram liderados pelo Príncipe Phaytor e este jovem nutria a fant asia de ser o par perfeito da

Prometida quando a profecia se realizasse desde que ouviu contos sobre o fim da guerra em sua

infância. Se ele estivesse ali, certamente poderia haver problemas. Para sua sorte, o elfo-estrela

que liderava o exército era Phizaor, Ministro de Guerra dos Elfos.

— Seja bem-
vindo, Phizaor! Que grande bênção o Deus do Infinito trazer vocês a té aqui!

— As notícias voam, grande Morvan Kimsley. Nossos olhos não nos enganaram, previmos

que vocês teriam problemas e tratamos de vir ajudar! Só não compr eendo porque não recebemos

notícias de vocês pedindo ajuda, afinal uma fênix poderosa como su a esposa tem o poder de ver

algo assim no futuro também, não é?

— É! — riu o Rei, sem jeito, olhando para a esposa e acariciando se us cabelos. — Creio

que foi o instinto materno, afinal nossa filha Izolda está de volta e iss o pode ter nublado a visão

dela do futuro, não é?

— Não havia pensado nisso. Izolda é a Prometida, não é? Neste ca so é mesmo possível que

o sopro das Potências que regem o tempo não tenha chegado aos o uvidos de uma mãe amorosa!

Bem, seja como for, aqui estamos! Prontos para ajudar!

Então o anão Gwim imediatamente pegou o seu berrante feito com o chifre de um

carcarassauro e o soprou fazendo grande barulho. Outros chifr es começaram a ser tocados e

todos os soldados do exército de Dehva se alinharam.

— Vamos marchar! — ordenou o Rei.

E o grande exército caminhou pela campina até chegar ao val e do cânion do Rio Mozar.

Nos arredores de Dehva, o rio facilmente atingia a largura de dois o u três quilômetros, mas ali

uma barreira de pedras e uma grande depressão derrubou o ri o para dentro de um perigoso

cânion que media, de lado a lado, uma distância de trezentos a quat rocentos metros. Um rio tão

volumoso em um espaço tão curto tornava a visão do cânion simplesmente ameaçadora. Nenhum

ser humano sobreviveria se caísse ali; mesmo uma fênix ou dragão, que são as raças mais

poderosas daquele mundo, estariam flertando com a morte se ousassem desafiar o rio naquele

lugar. A grota formava uma depressão que levava as águas em direção ao mar por cerca de trinta

quilômetros onde, depois, o relevo se torna favorável e o rio retornava ao seu tamanho natural.

O exército de Flanória aguardou os Superiores ali até que, do outro lado da grande grota,

surgiram os militares Superiores com suas máquinas de guerra.

— Comandante Straxus. — Era a voz do Capitão que se ouvia no transmissor do tanque-

ponte que liderava a operação. — Estamos com problemas!

Os exércitos estavam perfilados lado a lado e a linha que separava um grupo do outro era o

perigoso cânion. Era evidente que o exército de Kimsley iria assumir uma postura defensiva,

com isso a tentativa de transpor o rio tornaria os Superiores alvos fáceis do inimigo.

— Eles realmente calcularam bem! — Straxus rangeu os dentes. — Este é o único ponto

onde nosso conjunto de tanques-
ponte teria condições de nos ligar ao outro lado do rio! Mas

nossos planos não serão mudados, pois somos Superiores! Va mos nos preparar para atacar!

Abriremos espaço para a formação de nossa ponte à força!

— Hell Straxus! — saudou o Capitão.

Os tanques-
ponte começaram a operação de conversão. Cada tanque-ponte possuía um

comprimento de sessenta metros, podendo expandir para oitenta. O s cinco veículos convertidos,

quando juntos, facilmente eram capazes de criar uma ponte de quatrocentos metros, distância

mais do que suficiente para cruzar o cânion em segurança.

Izolda olhou para a cena da operação de conversão e ficou furiosa:

— Estão ignorando a gente! Que desgraçados! Estão achando que vão formar a ponte e

vamos ficar apenas olhando!

— Filha! Você é a Prometida, a tropa precisa de suas palavras neste momento. Cabe a você

abrir o seu coração e inspirar cada um dos filhos desta terra a lutar! É a sua vez, mostre porque

veio — sorriu a Rainha Bhatra.

Izolda então pegou sua espada e, montada em um cavalo bra nco cujas crinas brilhavam

como ouro, correu gritando e tocando as lanças e as espadas de ca da um que estava formando o

primeiro pelotão. Em seguida, ela colocou-
se na frente de todos e gritou:

— Meus irmãos desta terra, o momento de nossa batalha chegou. N
ossa missão é impedir o

avanço das tropas dos Superiores de qualquer maneira! Sei que mui
tos de vocês não voltarão a

ver suas famílias depois deste dia, mas ainda assim peço que lutem
por todos os entes queridos

que não podem se defender! Hoje quero que lutem até o limit
e de suas forças! Não temam a

morte, pois eu conheci a morte e o inferno quando estive com nosso
s inimigos! Se for para vocês

temerem alguém, que temam a mim! Digo isso porque hoje, graças
à experiência que ganhei com

estes malditos carniceiros filhos de uma incubadora de lixo, eu
sou a única presente neste

exército que conhece exatamente o caminho do inferno, que é
para onde vou enviar cada um

deles! Avancem, filhos de Kimsley, avancem filhos de Dehva!
Que os invasores sofram uma

derrota tão humilhante que jamais ousem retornar a este mundo! Pel
a liberdade! Por nossa terra!

— Pela liberdade! Por nossa terra! — bradaram os soldados.

O Rei suou frio.

— Esta será uma batalha de vingança. Espero que nossa filha fique
bem, o ódio dela pelos

Superiores está transbordando!

— Eu espero é que ela mantenha a sanidade e pobre da alma que c ruzar o caminho desta

menina no dia de hoje! — riu a Rainha.

Do outro lado da ravina, o transmissor soou novamente com a voz d o Capitão.

— Parece que estão fazendo muito barulho na outra margem do rio, Comandante!

— Se eles querem barulho, vamos mostrar a eles — sorriu St raxus Reder. — Lance os

mísseis!

E a guerra começou.

CAPÍTULO 28

UMA PONTE LONGA DEMAIS

Foguetes riscaram os céus em direção ao exército de Dehva localiz ado na outra margem da

ravina do Rio Mozar. Sem perder tempo, o Rei e a Rainha assumira m suas formas de dragão e de

fênix e voaram rumo às ogivas seguidos por alguns cavaleiros e as jovens fênix que

acompanhavam a soberana. Explosões ribombaram quando dez enas de mísseis foram

interceptados no ar antes de chegarem às linhas de defesa dos com batentes de Dehva.

Enquanto o tempo passava, os tanques-ponte continuavam sua sequência de montagem,

onde um passava sobre o outro e o tanque da ponta cravava-se nas rochas através de poderosas

perfuratrizes de pressão que serviam para equilibrar o peso descomunal dos equipamentos.

— Parece que vão assumir uma estratégia extremamente defensiva — suspirou a Major

Germinin Vermitrax. — Eles vão nos atacar no momento em que cruzarmos a ponte. Mesmo em

maior número, a estratégia deles é perigosa para nós. Em um corredor estreito nossos números

são inúteis.

— Enviem nosso esquadrão aéreo, precisamos de espaço para completar a ponte —

ordenou o Comandante.

Os motojatos alçaram voo no exato momento em que o Comandante saiu do tanque-ponte.

— Major, Coronel. Sem dúvida alguma aquele dragão e aquelas fênix vão nos atrapalhar

novamente, precisamos tirá-los daqui!

— Hell Straxus! — saudou o Coronel, que alçou voo seguido de perto pela Major.

— Capitão, vamos entreter os nossos inimigos. Use os turbocópteros e mande os esmaga-

crânios para o outro lado da ravina. Os motojatos darão cobertura.

— Hell Straxus! — obedeceu o Capitão.

Ao lado de Cian, o grifo, Edocross observa o enxame de mot ojatos se aproximando

perigosamente do Rei e seus companheiros. Ele montou o animal, s acou a espada e bradou:

— Cavalaria-alada, comigo! Nosso Rei precisa de apoio!

Aos gritos, a poderosa cavalaria-
alada de Flanória alçou voo, partindo sem temor para uma

sangrenta batalha nos céus. Entre as explosões e as perseguições, os turbocópteros atravessaram

a ravina carregando os blindados esmaga-
crânios. Mesmo as flechas certeiras dos arqueiros elfos

foram incapazes de evitar que os perigosos veículos Superiore s fossem lançados no solo e

iniciassem sua investida contra os defensores.

Uma grande gamora partiu para cima de um blindado esmaga-
crânios e com um violento

encontrão o fez capotar. Sobre a fera-tartaruga estava o anão Gwim.

— Irmãos! Avancem sobre os blindados, não os deixem se or ganizar para atacar. Os

veículos aéreos deles só podem transportar um número limitad o de tanques. Vamos destruí-los

antes que consigam aumentar seus números!

Obedientes, os centauros e os centímanos partiram para o ataque com suas lanças, espadas

múltiplas e tacapes, vergando o aço dos tanques com seus golpes poderosos.

De dentro do tanque-ponte, Straxus estava irritado. O número dos seus soldados estava

caindo rapidamente. Mesmo com toda a tecnologia dos Superiores, o conhecimento do terreno e

a melhor organização dos nativos estavam destroçando sua operação de ataque. Ele suspirou,

ligou o comunicador e gritou entredentes:

— Major, Coronel… Por favor, matem logo este dragão e esta fênix! Preciso de vocês no

solo o quanto antes!

— É mais fácil falar do que fazer! Precisamos de ajuda, Comandante! — reclamou o

Coronel.

Irritado, Straxus socou o controle do tanque, a escotilha se abriu e ele partiu voando dali

em direção à batalha entre os seres mais fortes. Um pequeno globo semelhante a um olho

acompanhou o líder dos Superiores; tratava-se de um módulo não tripulado que tinha como única

missão filmar e mostrar o desenvolvimento da guerra.

Em Monte Negro, Altamaran, o Marechal Hogan e o agora rec ém-formado Comando de

Elite Set Rayzor os observavam.

— Straxus é um idiota! — protestou Altamaran. — Como as coisas e stão, ele irá colocar

tudo a perder!

— Devemos colocar a transmissão ao vivo para o planeta, Ma rechal? — perguntou Set

Rayzor. — Todos já estão sabendo da incursão e querem saber o qu e está acontecendo!

— Não — sentenciou o Marechal. — A batalha no momento não nos favorece e mostrar ao

Universo uma luta assim pode trazer prejuízo junto aos investi dores. Vamos aguardar para

descobrir se Straxus ainda consegue virar este jogo, ele é um Coma ndo de Elite muito poderoso e

tem capacidade para tal se não fizer mais besteiras.

— Isso é preocupante. Primeiro aquele incidente no planeta Alfa Ca pelan, onde o Coronel

Molley Donar foi assassinado, e agora esta batalha ruim em tã o pouco espaço de tempo… O

governo ficará preocupado! — advertiu Set Rayzor.

— Alguma notícia do assassino do Coronel Molley?

— Não. Não há nenhum registro da criatura que o matou no banco d e dados e muito menos

da mulher que a criatura se tornou durante a luta. Tudo ainda é um mistério. O Sistema tem

muitos inimigos pelo cosmos, mas nada que se pareça com aquilo!

— Não temos que nos preocupar com isso — finalizou o Marechal. — O ataque terrorista

aconteceu em outra galáxia, não tem nada a ver conosco. Aquela re gião pertence ao Almirante

Rhokron, ele é competente o suficiente para cuidar disso.

— Vamos ajudar o Comandante Straxus? — perguntou Set Rayzor.

— Você ajudaria aquele que quer derrubar o seu lugar? — devolveu o Marechal.

— Não, senhor.

— Sábia decisão — riu o Marechal.

— Sei que é idiotice minha, mas fico incomodado com a man cha que uma guerra assim

traz à glória dos Superiores.

— Não se preocupe com isso, Straxus se enrolou sozinho. Ou ele s e vira, ou morre!

E Straxus se virou. Como um raio ele cortou os céus e atingi u de forma direta as três

jovens fênix que guardavam a Rainha, as irmãs Kallima, Rokka e Gr uper.

Com mais espaço, Vermitrax e Goden Rilzon conseguiram sair da posição defensiva e

começar a atacar o Rei-
dragão e a Rainha Bhatra. Kallima, Rokka e Gruper cercaram o

Comandante Straxus e abriram fogo com suas asas flamejantes. O braseiro formado foi extremo;

mais quente que as chamas das fênix, só o olhar cheio de ódio do C omandante dos Superiores.

— Pragas! — gritou ele. — Tenho nojo de entrar em combate contra vermes! Por culpa de

vocês agora tenho que estar aqui! Vão pagar caro por me obrigarem a sair do meu conforto e ter

que compartilhar deste lixo de batalha!

De sua pele uma substância viscosa começou a se formar, cri ando uma esfera pastosa

cinzenta. Ele a apontou em direção aos três pássaros de fogo e atiro u. A esfera se desfez em uma

espécie de seda fina que, ao tocar nos seus alvos, grudou de forma demoníaca. Quanto mais as

criaturas se debatiam, mais a seda enrolava em suas penas, suas a sas e seu bico. Não demorou até

que as três aves ficassem tão emboladas que despencaram d os céus em meio a grandes

explosões. Kallima caiu no cânion do rio e Rokka e Grupper no solo próximo à Izolda.

A sombra de um grande dragão dourado passou riscando o céu e m ergulhando no perigoso

cânion. Era o Rei que, na passagem, gritava:

— Socorra Rokka e Grupper. Eu vou salvar Kallima!

Izolda correu em direção às suas tias aos seus tios, mas pouco antes de chegar duas grandes

bolas viscosas caíram do céu sobre cada uma das aves. Os olhos da Prometida se arregalaram ao

ver as bolas se tornarem vermelhas como o sol e explodirem, transformando as duas poderosas

fênix em cinzas. Ela levantou a cabeça horrorizada e encarou Straxus, que já havia formado não

uma, mas dezenas de pequenas bolas cinzentas viscosas que flutuavam ao lado de seu corpo.

Em um único gesto, as bolas caíram bombardeando o caudaloso rio, fazendo subir uma

grossa neblina criada a partir do calor das explosões. Ao assistir seu pai e sua tia serem alvo do

violento ataque, Izolda soltou um grito tão feroz que aquele que dormia vigiado por sua irmã

Vehda na cidade de Dehva acordou assustado.

Izolda pôs as mãos na cabeça, transtornada. Quando levantou os olhos para Straxus uma

voz sussurrou:

“Eu lhe disse, menina. A guerra é um mar de morte e insanidade! É simplesmente

violência! É esquecer a humanidade! É abandonar a linguagem e si
mplesmente bater até matar.”

“Mais uma vez Straxus estraga a minha vida! Mais uma vez faz a mi
nha família sofrer!”

disse sua própria voz.

“Eu sei, menina. Não chore. Ele está bem ali! Vingue-se! Mate-
o! Para fazer isso, você só

precisa me soltar! Troque o seu coração com o meu! Basta você diz
er!”

E Izolda disse…

— *Xaisur*!

E seus olhos se tornaram vermelhos como brasa e sua capa, negra como as trevas, e sua

armadura pintou-
se nas cores prata e vermelho sangue. Era a hora de matar, era a h
ora de Silver

Slashersoul.

Em Monte Negro a luz de alerta do quartel General começou a piscar sem parar. Era o

sinal de que um inimigo de categoria G havia surgido. Altamar
an, Hogan e Rayzor ficaram

boquiabertos.

— Isso é impossível! Não pode ser o inimigo desconhecido! O inimig
o era a Prometida?

— gritou Set Rayzor.

— Como ela conseguiu ir para outra galáxia? Como isso é possível sem uma ponte

espacial? Como ela foi capaz de romper todas as leis do cosmos? — perguntava Altamaran em

desespero. — Não tem como ser ela, ir para outra galáxia sem uma ponte espacial e retornar teria

lhe custado no mínimo meio milhão de anos! Isso é contra as leis da gravidade, é contra as leis

da física conhecida!

O Marechal não disse uma palavra. Apenas cruzou os braços e, de cara fechada, observou

o desenrolar da guerra.

Ele viu pelo monitor um relâmpago escarlate subir vertiginosamente rumo aos céus em

direção a Straxus. Izolda só pensava em matá-lo. Nos olhos da guerreira parecia que o mundo

estava parado entre as chamas, era como se tudo se movesse em câmera lenta. O seu punho

avançou rumo a cara do inimigo que estava no alvo, mas o que ela viu foram os olhos do

Comandante Straxus a fitarem e ele sorrir.

Ela nem viu o que a atingiu. Um outro relâmpago amarelo a arremessou no solo do outro

lado da ravina, fazendo-a rolar pelo chão e derrubar dezenas de cavalos e humanos que

formavam um segundo pelotão e estavam ali postados. Quando a p oeira baixou, Izolda tentou se

levantar e localizar Straxus, mas foi esmagada pelo raio amarelo qu e caiu sobre ela.

— De acordo com a análise, você é a tal Prometida, não é? — A gargalhada da Major

Germinin Vermitrax ecoou pelo vale enquanto pisava na cabeç a da Princesa. — Que sorte a

minha, assim que te matar a profecia idiota deixará de existir e a gu erra chegará ao fim! Acho

que vou ficar famosa, quem sabe não chego ao posto de General co m isso?

Quando viram Izolda no solo, os elfos ficaram furiosos; saltaram de suas montarias e, com

espadas na mão, avançaram sobre a inimiga sabidamente muit o mais forte que eles, simples

mortais. O resultado foi uma chacina. Todos aqueles que eram tocad os pela Major recebiam um

choque que dilacerava seus ossos e órgãos internos. A morte era in stantânea. Em pouco tempo

Vermitrax gargalhava pisoteando os mortos enquanto seus corp os estouravam como tomates

maduros. Em instantes o lugar ficou tomado por um tapete ver melho formado por vísceras e

corpos dos elfos mortos.

Alheia a tudo isso, Izolda só repetia baixinho uma única frase:

— Matar Straxus! Matar Straxus! Matar Straxus!

Irritada com a falta de foco da filha na batalha, sua mãe, que no mo mento enfrentava uma

batalha difícil contra o Coronel Goden Rilzon, gritava:

— Izolda, acorde! Nossos amigos estão morrendo!

Ela mal teve tempo de desviar e um facho de luz cortou o cé u deixando um rastro de

partículas queimadas. Quem via do solo tinha a impressão de que havia uma cicatriz no

firmamento. Golden Rilzon sorriu; ele acabara de usar sua arm a mais poderosa, o canhão de

aceleração de partículas do seu braço direito.

A poderosa fênix reagiu lançando três grandes bolas de fogo do bico. Com três tiros

rápidos, Golden Rilzon anulou o ataque inimigo. A orgulhosa R ainha não se abateu, suas asas

brilharam como o sol e delas incontáveis penas flamejantes foram la nçadas como dardos. Desta

vez o Coronel não conseguiu desviar. Ele se protegeu como p ôde, mas dezenas de setas

atingiram seu corpo de forma certeira. Sua armadura vermelha ficou cheia de pequenas marcas e

trincos. Ele a olhou assustado, pois nunca, em todas as batalhas qu e se envolveu, sua poderosa

proteção havia sofrido avarias.

A fênix agarrou a cabeça do Coronel com uma das garras e as pernas do inimigo com a

outra. Suas penas se tornaram cor de brasa e ela gritou:

— É hora de churrasco de Ocre! *Arieda* | *Torom Badoom!*

E uma bola de fogo foi lançada contra o Coronel no exato momento em que ele se

defendeu lançando um tiro de seu poderoso canhão de partículas. A bola de fogo explodiu e um

facho de luz perfurou a fênix na altura do ombro. Ela soltou o Coronel e despencou dos céus.

Straxus olhou a cena e sorriu. A guerra começava a entrar nos eixos para o exército dos

Superiores. A Major Vermitrax dominava Izolda, o Rei perdeu-se nas águas do cânion, agora a

Rainha caiu. Os tanques-ponte encerravam as operações de junção e finalmente os blindados

poderiam avançar contra a Resistência. Os esmaga-crânios acachapavam os centauros sob suas

rodas e os centímanos que ousavam desafiá-los e os elfos não conseguiam parar o avanço das

tropas com suas armas.

Na queda a Rainha via tudo, ouvia tudo, até que, por alguns instantes, Bhatra perdeu os

sentidos. Ela só acordou quando sentiu que foi recolhida por algo ainda no ar. Era um blindado

dos Superiores. Mas o que um blindado fazia ali, naquela altur a? A queda continuou, mas, ao

contrário do que ela esperava, não sentiu o impacto do seu corpo no solo. Ela caiu em cima de

algo macio que havia amortecido sua queda. A gigantesca ave não entendeu nada. Ela se

levantou e pisoteou a sucata do tanque, que amassou facilmen te. Parecia que todas as peças

estavam soltas e haviam perdido a resistência, foi assim que ela mal sentiu o impacto ainda no ar.

Mas ainda não resolvia o mistério de como ela não sofreu o impacto no solo. A gigantesca ave de

fogo sentou-
se sobre a sucata e começou a examinar o terreno; talvez fosse o s olo dali, pensava

ela.

— Ei de cima, está dormindo? — perguntou uma voz embaixo dos e scombros.

De susto, a ave saltou no chão assumindo uma posição de at aque, abrindo as asas em

chamas.

— Quem ousa? Quem está aí? — gritou ela.

O jovem Black Busterblaze levantou a sucata do tanque e fez uma c areta.

— Mal-agradecida!

— Uh! Era você? — disse a Rainha, surpresa, assumindo novament e a forma humana.

— Pois é! Ainda dá tempo de fazer alguma coisa?

— Claro que sim, venha comigo! — disse ela, de forma animada.

O jovem olhou para o ombro da Rainha e viu o ferimento horrível qu e havia se formado

com o tiro do Coronel. Ele não teve dúvidas e a deteve pelo braço.

— Olha, sei que você é orgulhosa, mas espere aqui!

Assustada, ela o olhou. Quando viu seu próprio ombro, acabou ente ndendo a preocupação

do rapaz.

— Sou uma fênix velha e experiente, não se preocupe! Posso lutar a inda! — riu ela.

— Você quer lutar e arriscar perder a vida só porque gosta d e lutar ou porque há

necessidade? Digo isso porque necessidade de você lutar, no momento não tem! Não comigo

aqui!

A soberana arregalou os olhos assustada e depois deu um lindo sorr iso:

— Obrigada, não vou me esquecer disso! Vou ajudar os feridos, ent ão mostre pra mim o

que é capaz de fazer!

Ele tocou o ferimento do ombro da Rainha e um leve brilho a zulado tomou conta do

machucado.

— Isso vai resolver com a dor e a hemorragia, mas vai ter que se co mportar ou o ferimento

vai abrir outra vez!

— Ora… isso é magia de cura? Se bem que é algo diferente!

— Onde está a Izolda? Eu sei que ela está sofrendo na batalha, ma s ainda não consegui vê-

la!

A Rainha suspirou e disse:

— Minha filha é muito forte, mais forte do que eu e o pai dela… mas está cega de ódio e

sem foco na batalha. Estou preocupada, pois, se ela continuar assi m, ela vai acabar morrendo!

— E quem aqui não corre o risco de morrer? — riu Blaze, para o esp anto da Rainha. —

Também não faço a menor ideia de como se luta em uma guerra, é uma coisa que vamos ter que

aprender na prática; se conseguirmos sobreviver é porque apre ndemos alguma coisa, não é?

Afinal, somos todos apenas humanos!

A Rainha riu.

— Você tem razão, não existe manual de instruções em uma batalha de vida ou morte!

Mas, como mãe, eu quero que minha filha retorne bem.

— Eu acredito que sua filha é a Prometida que está destinada a pôr um fim nesta guerra.

Ela vai aprender a controlar seu poder, Rainha fênix, senhora!

— “Senhora”? — irritou-
se ela. — Já disse para me chamar pelo nome, Bhatra Vam-

Epieta! Você disse isso para me provocar, não é?

Blaze começou a rir e ela, ao olhar para a cara dele, não conseguiu conter-se e começou a

rir também.

— Se manda daqui, seu moleque atrevido, antes que eu me arrepen da de deixar a batalha

em suas mãos! — sentenciou a Rainha.

Blaze fez uma saudação e correu como um raio pela campina em direção ao campo de

batalha, enquanto ela não perdeu tempo e assumiu a forma de um g rande pássaro de fogo e voou

em busca do esposo e da irmã.

Não longe dali, Germinim Vermitrax agarrou Izolda pelo cabelo e a levantou do solo. A

menina continuava a sussurrar:

— Straxus! Tenho que matar o Straxus! Tenho que matar!

A oficial dos Superiores gargalhou:

— Patético! Então a famosa Prometida é só uma menina perturbada que vive atrás de uma

vingança pessoal! Que triste! Eu poderia facilmente te matar, mas se rá muito mais divertido que

você seja morta por aquele que você mais odeia! — Ela olhou para o Comandante Straxus Reder

e a ergueu. — Hell Straxus!

Straxus sorriu e uma bolha cinzenta surgiu em suas mãos. A menina olhava para o inimigo,

queria reagir, mas era como se o seu corpo não a obedecess e. Ela viu quando Straxus atirou a

bola pastosa cinzenta, viu a bola se aproximar de sua cabeça e viu a mão de alguém segurar o

artefato bélico a poucos centímetros do seu rosto. Era a mão destra de Black Busterblaze.

— Você? — perguntou Straxus entredentes, dando um leve sorriso. — Não sei o que você

pensa ser capaz de fazer, mas acho que não sabe o que tem aí nas mãos.

Blaze olhou para o artefato e sorriu:

— É, parece perigoso! Acho que não é algo que dá para resolver us ando apenas uma fração

da capacidade do Blisar! Sorte minha que tenho a ferramenta certa para lidar com uma coisa

assim!

— Isso é uma bomba plástica, idiota! — riu a Major, que aind a segurava Izolda pelos

cabelos. — Que ferramenta seria esta?

— *Orzon!*

E a bomba explodiu. Labaredas de fogo subiram à altura de s etenta metros, mas, para a

surpresa de Vermitrax e Straxus, as chamas foram debeladas tão ra pidamente quanto apareceram.

No lugar delas estava Black Busterblaze com seu traje negro e olho s azuis como o mais quente

dos sóis. Ele olhou para a mão direita e lambeu a ponta dos dedos, que estavam ligeiramente

queimados.

Vermitrax agarrou Izolda pelo pescoço, colocando-
a em posição de refém; afinal, não era

prudente subestimar alguém que anulou o ataque mais podero so de um Comando de Elite do

nível de Straxus Reder.

— Vai tentar salvar sua amiguinha? — provocou a Major.

Blaze olhou para Izolda, coçou a cabeça e respondeu:

— Hum… não! Silver Slashersoul é criação minha e tenho muito org ulho dela. Apesar de

ainda lutar igual a um troglodita com um porrete, sei que ela vai sab er se virar.

— Como é? — assombrou-se Vermitrax.

— É sério! Izolda é forte pra caramba! Ela não precisa da minha aju da, não é, Izolda? A

única coisa que ela precisa fazer é olhar à sua volta e se lembrar do que tem que fazer. Ela é uma

menina genial e é muito corajosa… passou por muita coisa… conhe ce bem o que é o inferno e é

por isso que não preciso me meter; eu sei o que ela é capaz de faze r!

Os olhos de Izolda deixaram a cor vermelha de fúria de lado e assumiram a coloração

verde. Ela olhou para Blaze e uma lágrima desceu pelo seu rosto.

— Blaze… — balbuciou a Princesa. — Desculpe!

— Desculpe o cacete! — devolveu ele. — Pare de escolher adversár io e lute! Qual é a sua

prioridade?

Os olhos verdes da menina começaram a brilhar e ela agarrou o pul so da Major com tanta

força que a armadura da Comando de Elite trincou como plástico, de ixando a fêmea assombrada.

— Minha prioridade… é acabar com essa batalha o mais rápido pos sível!

Blaze sorriu. Do alto, Straxus Reder observou toda a cena e resolve u intervir:

— Black Busterblaze! Está na hora de você me enfrentar!

— Se quer lutar comigo pegue uma senha! — riu Blaze. — Você não é minha prioridade

agora! Espere-
me por três minutos que a gente volta a conversar! — E saiu caminhando em

direção à ponte recém-
completa dos Superiores sem olhar para cima.

— Como é? Está me ignorando, seu desgraçado?

Naquele instante, Edocross e três cavaleiros-do-
ar de Dehva chegaram com seus corcéis-

alados e grifos. Para completar o time, o mago elfo-
estrela Phizaor estava com eles.

— Straxus, nós viemos te fazer companhia!

— Acha que vermes como vocês são capazes de me derrotar?

— Não disse que iríamos te derrotar, eu só disse que vamos te fazer companhia pelos

próximos três minutos! — E com seu cajado-
relâmpago disparou uma descarga elétrica contra o

inimigo, que precisou desviar para não levar o tiro direto na cara.

Straxus partiu para cima do quarteto, que se espalhou para não facil itar a vida do inimigo

de Elite. No solo, Blaze caminhou em direção à ponte e lançou aos c éus três estrelas ascendentes

que explodiram no ar formando ondas semelhantes a auroras astrai s.

Como por encanto, os veículos dos Superiores pararam de fun cionar e se desligaram. O

Coronel Goden ficou paralisado:

— Isso foi… uma explosão estelar!

Ele sabia bem o quanto algo assim era problemático; o impuls o eletromagnético tinha a

capacidade de danificar o sistema de navegação dos tanques e, par a que isso não acontecesse, as

naves dos Superiores reiniciavam o sistema operacional como f orma de prevenção. Porém,

durante os próximos dois minutos até o sistema recarregar, tod os os veículos deveriam ser

operados no modo manual. Por alguns instantes os soldados Superi ores ficaram perdidos por não

entenderem direito o que houve, e isso foi tempo suficiente pa ra que o exército de Dehva

percebesse uma brecha para contra-atacar.

— Eles estão desnorteados! — gritou o anão Gwim de cima d e uma gamora. — Vamos

destruir os tanques deles!

E assim foi. As gamoras, centímanos e centauros se uniram e m contra-ataque e

rapidamente iniciaram a destruição dos esmaga-crânios. Nos céus a cavalaria-alada de Dehva

passou a levar vantagem sobre os motojatos dos Superiores e os qu e tentavam escapar baixando

de altitude eram facilmente alvejados pelas setas certeiras dos elfos e da cavalaria de solo dos

humanos.

Não longe dali, um corpo terminava de rolar pelo chão e tenta va se levantar com

dificuldade. O seu rosto estava cheio de pó e o sangue negro escorri a pelo canto da boca. Era a

Major Germinim Vermitrax, que via a sombra de Izolda cada vez mai or para ela:

— Eu devia ter te matado quando tive a chance!

— É! Devia mesmo! — disse a Princesa com os olhos brilhan tes como duas pedras de

brasa.

CAPÍTULO 29

O FURIOSO CAMINHANTE PROIBIDO

Cristais de todas as cores, formatos e tamanhos formavam um a espécie de tapeçaria

naquele lugar. Era algo indescritível e maravilhoso. Alguns era m densos, outros pareciam

gelatinosos e alguns pareciam possuir líquido por dentro.

— Consegue ver? — perguntou o ancião.

— Consigo, sim — respondeu Black Busterblaze.

— Repare bem, pois é assim que as coisas no cosmos funcionam. Quanto mais distante as

moléculas estão, mais difícil é a reação. O seu poder é o poder da r eação, então deve se lembrar

que quanto mais duro parecer um objeto, mais fácil é para você dobr á-lo, pois você tem o poder

de transformação e quanto mais distante, mais difícil, pois você prec isará trabalhar com eles de

forma separada ou até individualmente.

— Entendi. Os gases são mais complicados que o aço. Assim como no cosmos os gases

para se incendiarem precisam primeiro ser reunidos.

— Exato. — O velho se aproximou de um cristal e convidou o jovem a tocá-lo. — Olhe

bem. Quando você toca o cristal, o que você percebe?

— Sua resistência.

— Isso é pouco! — reclamou o ancião. — Esqueça a droga dos seu s olhos, você está acima

dos seus cinco sentidos agora. Tente outra vez!

Blaze fechou os olhos e quando tocou o objeto o sentiu por c ompleto. Seu tamanho, sua

cadeia molecular, poros invisíveis a olho nu e, esforçando-se mais, o movimento produzido por

cada átomo daquele cristal.

— Indescritível! — disse o jovem, engolindo em seco.

— Abra os olhos e tente ver agora!

Quando abriu os olhos ele não viu mais o cristal como um ser huma no consegue ver e ele

não sabia mais como descrever o que antes ele chamava de cristal.

— Repare que a cadeia de moléculas deste cristal é perfeita. Não p ossui falhas, não possui

brechas. Para alguém que não consegue ver como nós, esta cadeia de cristal seria indestrutível.

Mas, para nós, esta resistência é uma facilidade.

O velho, com um simples toque do dedo indicador, fez o cristal partir de tal forma que caiu

em forma de pó no solo. Blaze ficou assombrado.

— Isso é o que acontece se você usar mais força do que precisa, m eu caro. Com o poder

que você tem, o problema não é ter força, mas ter controle. A pergun ta é: como quebrar apenas



aquilo que você precisa sem danificar o restante do cristal?

— É, isso vai ser difícil!

E foi. Black Busterblaze não sabe quanto tempo ficou ali corta ndo cristais de diferentes

espessuras, tamanhos e estados físicos. Ele teve que aprender a cortar a água, o fogo e o ar.

Evitar o excesso de força e destruir apenas o que precisava, conservando o restante. Quando

conseguiu estava exausto.

— Está vendo? É isso o que precisa para lutar! — sorriu o velho. — Este é o poder para

criar e destruir estrelas. Com a matéria que aprendeu a manip ular, você será capaz também de

reverter o processo, separar a matéria e criar coisas novas e maravil hosas. Mas isso você vai ter

que aprender sozinho.

— Obrigado, mestre! — sorriu Blaze.

— Agora se arranca daqui e me deixa passar minha eternidade em paz conversando com as

estrelas jovens! — resmungou o velho. — Trate de usar o poder co
m respeito e responsabilidade,

ou o poder das estrelas não será mais do que um pedaço de pau na
mão de um macaco, como é o

caso da sua mulher!

— Minha mulher?

— Sim, não está ouvindo o grito dela?

Blaze acordou assustado com o grito de Izolda. Ele suspirou e olhou
à sua volta. O que viu

foi o olhar calmo de Vehda, sentada ao lado de sua cama.

— Vehda… Eu pensei ter ouvido Izolda gritar!

A elfa de asas de cisne sorriu e beijou a fronte do rapaz, dizendo:

— Vá! Você precisa ajudar ela e meus pais. A guerra já começou!

Ele saltou da cama, seus olhos se tornaram azuis como pequ
enas tochas brilhantes e ele

saltou pela janela, desaparecendo.

Isso foi vinte minutos atrás. No momento, Black Busterblaze caminh
ava entre os tanques

esmaga-
crânios dos Superiores. Bastava apenas um toque e o chassi
das máquinas se partia,

quebrando em todos os pontos onde o veículo de guerra possuía alg
um tipo de solda ou parafuso.

Os centauros, centímanos e humanos ficavam admirados ao assistir os poderosos blindados dos

Superiores desmontarem como brinquedos.

Sem seus veículos, os soldados de Monte Negro não tinham chance alguma contra a cólera

dos nativos daquele mundo, que imediatamente avançaram con tra os soldados inimigos,

partindo-
os com seus machados, lanças e espadas. A única alternativa para os invasores era

correr gritando: “recuar, vamos nos reagrupar”. Na verdade, era puro orgulho; a tropa estava era



correndo da morte certa mesmo!

Blaze chegou à base do tanque-
ponte e imediatamente os blindados que nela estavam

pararam de avançar. Temendo serem desmontados, eles aguar davam a ordem do Coronel, que

estava de pé sobre o maior tanque do local. Blaze colocou as mãos na cintura, olhou para os

inimigos e disse:

— Toc, toc!

— Que merda é essa? — esbravejou o Comando de Elite. — Não sabe falar nenhuma

língua?

Blaze então sussurrou algo que o inimigo não pôde escutar de onde ele estava.

— Fale mais alto! — gritou o Comando de Elite. — Por acaso é mudo?

Blaze então colocou a mão atrás da orelha, como se mostrasse que queria que o adversário

escutasse melhor. O inimigo não se fez de rogado e colocou a mão na orelha, baixando também a

cabeça em direção a Blaze do alto do tanque para escutar melhor. Naquele exato momento, Black

Busterblaze aplicou um murro tão violento na base da ponte que as ondas de choque percorreram

toda a extensão dos veículos combinados, culminando no colapso total da edificação. O estrondo

foi tão alto que poderia ser ouvido a quilômetros de distância.

O Coronel e os seus veículos, bem como centenas de Superiores, despencaram nas águas

turbulentas do rio. E assim caiu a grandiosa ponte dos Superiores, destruída em bilhões de

pedaços com apenas um soco.

— Huahahaha! — gargalhou o Caminhante Proibido. — Que otário! Ouçam bem, Ocres:

eu sou Black Busterblaze e este é o meu cartão!

Os tanques que restaram do outro lado da ravina pararam, pois não sabiam mais o que

fazer. Do outro lado a guerra continuava, mas os anões montados nas gamoras e o batalhão de

humanos já faziam uma grande algazarra, como se estivessem prevendo o resultado daquela

batalha.

Nas águas turbulentas do Rio Mozar, o Rei Morvan tentava se agarrar nos rochedos em sua

forma humana. A situação era difícil, pois além da corrente ser muito poderosa, ele podia usar

apenas uma das mãos, já que na outra estava segurando a desacordada fênix Kallima. Ambos

estavam feridos devido ao ataque de Straxus. O Rei lamentava os seus ferimentos nas costas,

pois as queimaduras eram tão graves que mesmo se revertesse à sua forma de dragão ele não

conseguiria ter sucesso para vencer aquelas águas. Naquele momento uma grandiosa ave de fogo

surgiu no ar e o avistou. O Rei sorriu. Com suas garras, a gigantesca fênix capturou o Rei e a

irmã, voando entre as pedras do cânion.



Ele sorriu para a esposa e fechou os olhos, pois sabia que enquanto estivesse protegido por

suas asas estaria seguro. Mas o descanso foi breve; um grande estr ondo assombrou a ambos. Por

um momento o Rei e a Rainha trocaram olhares. A fênix conti nuou subindo o rio e, para sua

surpresa, viu tanques e soldados Ocres sendo arrastados pela pode rosa corredeira do Rio Mozar.

— O tanque-
ponte foi destruído! — constatou a Rainha. — Como é possível?

Em perseguição ao elfo-estrela e o quarteto de cavaleiros-dos-céus, Straxus ficava cada vez

mais distante do campo de batalha. O conhecimento do terren o favorecia os destemidos

guerreiros, que conseguiam se manter a uma distância segura do poderoso inimigo. Straxus

estava se irritando cada vez mais com a situação:

— Parem de brincar comigo! Não tenho tempo para a palhaçada de vocês!

Edocross e Phizaor voavam lado a lado, o mago dos três olhos sorri u e disse:

— Tenho uma ideia, mas preciso de distração.

— O que pretende fazer?

— Explodi-lo com seu próprio golpe.

Edocross sorriu, a ideia parecia promissora. Com um sinal co m o braço, os quatro

cavaleiros-
alados fizeram meia volta e partiram em direção a Straxus, que paro u surpreso:

— Não esperava que vocês fossem jogar fora a vida de vocês com t anta facilidade!

No mesmo instante em que das mãos de Straxus saía uma gosma e se juntava até tomar a

forma de uma esfera, o feiticeiro elfo aproveitava a distração e conju rava em língua local o seu

feitiço:

— *Ay Dehva* | *ozana-nom* | *Roe Boeyore-*
iô dumre eiô otabicy. Prisão dos céus, eu te

conjuro!

Para a surpresa de Straxus, uma parede de luz o cercou de quatro direções diferentes,

formando uma prisão em forma de pirâmide de cristal.

— O que é isso? Mais uma bruxaria dos nativos deste mundo?

— Isso mesmo! — sorriu Phizaor. — Eu reparei que o que você é capaz de fazer são

bombas, agora você está preso com sua própria criação.

Straxus começou a gargalhar.

— Seu cálculo foi quase certo, bruxo dos três olhos. Eu crio bombas e, uma vez que são

ativadas, nem mesmo eu sou capaz de voltar atrás, mas você se enganou apenas em um detalhe:

esta bomba que tenho nas mãos não foi ativada ainda! E, como ela é um explosivo plástico, eu

posso moldá-la da forma que eu quiser!

Com a ponta do dedo Straxus tocou a bolha que tinha nas mãos e, como se estivesse



brincando com tinta, ele fez um círculo prateado na prisão de cristal. Uma vez concluído, bastou

um simples estalar de dedos e o cristal explodiu, libertando o líder do exército inimigo.

— Fujam todos! — gritou o elfo-estrela.

Mas era tarde demais para ele. Straxus já o havia agarrado pelo pes coço e anexado em seu

peito o artefato mortal. Edocross e os outros só puderam observar o olhar desesperado do mago

enquanto o seu corpo explodia em pedaços e caía como uma chuva de pequenas tochas de fogo

sob as gargalhadas do Comandante Straxus.

— Agora é a vez de vocês! — sorriu Straxus.

O quarteto percebeu que não havia mais como enrolar o combate, el es sacaram as espadas

e esperaram pelo pior. Mas a sorte favorece o bravo, e naquele mo mento ouviram uma poderosa

explosão ribombar na direção onde a batalha estava acontecendo. P elo barulho Straxus percebeu

o que era:

— Minha ponte? Não! Minha ponte, não!

E ele voou desesperado para o local da batalha, deixando o quartet o de guerreiros sozinhos.

Entretanto, mesmo com toda a força da natureza, o Rio Mozar não c onseguiu impedir que

um ser se erguesse incólume das águas. Era o Coronel Gode n Rilzon, Comando de Elite dos

Superiores.

— Então você é o maldito orzon! — disse entredentes, apontando s eu canhão para Black

Busterblaze. — Pelo que vejo, você parece ter nível de um Comand o de Elite, mas isso não me

assusta, um novato recém-
formado como você não é adversário para mim! Acha que é capaz d e

bater de frente comigo?

— Vamos testar? — convidou Blaze, sorrindo.

O Coronel partiu para cima do jovem e ambos desembalaram em u ma feroz corrida onde

cada golpe trocado rompia a barreira do som, resultando em e strondos e ondas de ar que

levantavam poeira e sedimentos quando estavam no solo por t oda a extensão da campina. Um

jato de ar cortou o chão, derrubando gamoras e anões; instant es depois eram tanques esmaga-

crânios que capotavam com o impacto que algo que mal podia ser vi sto. Ondas de ar cortaram o

solo em direção aos céus. A dupla trocava golpes no ar cada vez ma is rápido. O que era estrondo

de som agora se tornou relâmpagos e explosões.

A Resistência parou de lutar. Os Superiores também. Mesmo I zolda, que neste instante

tinha Vermitrax aos seus pés, ficou chocada com o que assisti a. A Major, com uma rasteira

rápida, derrubou a oponente e provocou:

— O Coronel Goden vai arrasar com o maldito orzon e sairemos daq ui com o coração dele

nas mãos!

Naquele exato momento, um relâmpago cortou o ar e explodiu no chão, formando uma

cratera. Era o Coronel, que havia sido superado por Blaze na troca d e golpes. Irritado, ele olhou

para o céu e viu o adversário sorrindo de braços cruzados, de monstrando que estava em muito

melhor forma que ele.

— Inaceitável! Inaceitável! — bradou o Coronel Goden Rilzor. — Eu sou invencível! Eu

sou Superior! Fui criado para ser Superior! Tudo o que fiz foi para qu e eu me tornasse Superior!

E o Coronel apontou o punho direito em direção a Blaze; a gr ande luva que ele usava

começou a girar e um ponto de luz se formou na altura do punho.

— Isso é mau! — sussurrou a Rainha fênix que, sobrevoando de longe, viu o brilho da

arma do inimigo sendo preparada. — Ele está carregando o canhão acelerador de partículas em

sua velocidade máxima. Quando aquilo atinge algo, o resultado é de sintegração por completo!

No ar, Blaze olhava para o adversário e para os seus dedos indicad or e médio. Izolda olhou

para a cena e percebeu que a ponta dos dedos de Blaze brilhava.

— Vou fazer você virar pó, seu canalha maldito!

E uma rajada em forma de cometa subiu aos céus no exato momento em que Blaze

disparou um pequeno facho de luz. O facho atingiu em cheio o cometa, que se desfez no ar, e

seguiu cortando o espaço em direção ao Coronel.

— Acabou, Coronel! — sentenciou Blaze.

Os soldados Superiores estavam atônitos com o que viram. O Coron el estava de pé com o

punho apontado para Blaze, mas em sua cabeça havia um buraco d o diâmetro de uma caneta de

bolso que atravessou o crânio de um lado a outro. O buraco estava cauterizado como se um laser

com o calor de um sol tivesse passado por ali. Nenhuma prot eção criada pela tecnologia dos

Superiores suportaria algo tão quente e que atingisse um ponto tão preciso.

O Coronel Goden Rilzon desabou.

Ao ver o Comandante abatido, Vermitrax soltou um urro de ódi o. O seu urro só não foi

maior que o do Comandante Straxus, que retornou ao local on de ponte estava destruída e

testemunhou os momentos finais da batalha entre Blaze e Rilzon.

— Não, não, não! Minha operação! Minha batalha! Minha vitória! Mal dito seja você, seu

orzon!

Blaze olhou para o Comandante Straxus e sorriu.

— Black Busterblaze, seu maldito! — praguejou Vermitrax.

Ela correu como uma flecha e, em um salto, estava montada sobre os ombros do

Caminhante Proibido, que permanecia olhando apenas para Str axus e mantinha os braços

cruzados. Porém, antes da Major o golpear na cabeça, ela foi surpreendida por Izolda, que

escalou a inimiga e agarrou o seu braço direito. Com o joelho, a Prin cesa guerreira pressionou a

nuca da adversária com tamanha força que ela não teve alternativa a não ser usar o outro braço

para defender o ataque e evitar que o pescoço fosse quebrado.

— Izolda! Maldita! — gritava Vermitrax.

— Blaze! Faça alguma coisa! — bradou a Princesa.

— Eu te disse que confiava em você para resolver com essa mulher! Se vira!

— Droga! Se você morrer, eu juro que te mato! — praguejou a guerr eira prateada.

A Prometida viu que realmente tinha que se virar. Ela balanço u o corpo e atingiu

Vermitrax com uma violenta joelhada na coluna. A Major sentiu o golpe e caiu dos ombros de

Blaze. Porém, antes dela atingir o solo, Izolda, que havia pousado primeiro, usou os braços como

base e, com uma rápida giratória, atingiu a Major com um violento pontapé, fazendo-a voar a

uma distância de uma quadra de tênis. Pela primeira vez em um combate, Vermitrax vomitou

sangue.

Com dificuldade, a Major se levantou e encarou a oponente. A poucos metros dali, Blaze e

Straxus também se encaravam. A situação da guerra havia mudado, não havia mais combates. O

exército dos Superiores se reagrupou na outra margem do rio e a Resistência terminava de

derrotar os últimos soldados Ocres ainda de pé. Apenas Blaze e Izolda ainda lutavam contra

inimigos.

Bhatra, em forma de fênix, pousou no solo trazendo nas garras a irmã e o esposo.

Imediatamente um grupo de magos que correspondia ao grupo médico dos guerreiros recolheu o

corpo dos dois para iniciar os tratamentos. Antes de partir, o Rei agarrou o braço da esposa:

— Nossa filha… onde ela está?

— Encerrando esta batalha — sorriu Bhatra. — Ela está assu mindo a responsabilidade

como a Prometida e está lutando por nós.

— Temos que ajudá-la!

— Não é uma boa ideia, querido! Agora é uma batalha do nív el de Comandos de Elite,

você melhor do que ninguém sabe que se alguém se meter pode ac abar sendo morto e atrapalhar

mais do que ajudar.

O Rei se colocou sentado.

— Eu quero ver a luta! Depois continuo o tratamento!

— Mas, meu Rei… — retrucou o mago.

— Por favor! É importante para ela nos ver a apoiando neste mome nto!

A Rainha apoiou o Rei e o ajudou a se levantar. Naquele momento Gwim chegou com uma

gamora e estendeu o braço para o Rei. Ele e a Rainha subiram no g rande animal e dali passaram

a observar o que estava acontecendo.

— Black Busterblaze! — gritou a plenos pulmões Straxus. — Me dê o seu coração!

— Vá se ferrar, seu animal, eu sou espada! Acha que vou en tregar meu coração pra

homem? O que vou te entregar é um bilhete para o inferno se não d er meia volta e se arrancar

junto com o que restou do seu exército! Aproveite a promoção que e stou oferecendo, porque é a

última que estou disposto a oferecer!

— Não brinque comigo, desgraçado! O principal objetivo desta batal ha é obter seus ossos

dilacerados. Quero o Blisar e vou conseguir!

E imediatamente partiu para cima de Blaze, que apenas dobrou o pu nho direito. Num flash,

centenas de milhares de pontos de luz atingiram Straxus no ar, que i mediatamente recuou a uma

distância duas vezes maior que a anterior. Blaze flutuou calmamente pelo ar e foi ter com ele nos

céus. Agora os dois estavam frente a frente a uma distância p ouco maior que uma quadra de

vôlei.

CAPÍTULO 30

A SUPERAÇÃO DA DONZELA PRATEADA

Germinim Vermitrax partiu para o ataque, primeiramente com chutes rápidos e depois com

socos. Izolda bloqueava os ataques da inimiga e contra-atacava sempre que achava brechas, mas

a luta era difícil; a Major se mostrava bem preparada e até à vontad e em uma luta como aquela.

Por que será? Sempre que paravam um pouco, elas ficavam s e estudando por vários minutos

seguidos. Izolda começou a achar aquilo estranho, era como se ela não estivesse com pressa em

derrotá-la.

— Vermitrax, posso te fazer uma pergunta?

— Não preciso responder nada para um inimigo.

— Será mesmo? Você matou muitos de meus amigos rapidamente, mas comigo até agora

você tem agido diferente. Por algum motivo você não pode ou não q uer revelar aquele seu truque

que mata as pessoas instantaneamente para mim. O que você prete nde?

— Até que você não é tão burra. Quando comecei a lutar com você, eu pensei que era só

uma desequilibrada psicótica sem a menor experiência, mas, d epois que você conversou com

aquele maldito orzon, se tornou perigosa até para mim. Você continua evoluindo e agora já

começou até a raciocinar sobre o xadrez de uma batalha. Isso está f icando interessante! — riu a

Major.

— Que bom que me tornei uma adversária de valor para você , mas isso não responde a

minha pergunta.

— A resposta é simples, quero você viva!

— Como é?

— Black Busterblaze trouxe você dos mortos, não é difícil adiv inhar que ele tem uma

atração por você. Pode não perceber, mas você é minha refém desd e o começo de nossa luta! —

Izolda arregalou os olhos enquanto Vermitrax continuou sibilando. — Esta operação está a cada

instante se tornando um pesadelo maior. Então estou simplesm ente te mantendo como minha

refém para quando a luta acabar decidir como te matar. Strax us e Blaze estão lutando, se o

Comandante vencer vou simplesmente te matar; se perder troc o sua vida pelo coração dele. É

simples! Para um homem que te resgatou do inferno, perder a vida pela mulher que ama não

deve ser tão complicado, não é?

— Você está me dizendo que eu só estou viva porque te interessa q ue eu seja sua moeda de

troca em caso de necessidade?

— Isso mesmo! — sorriu Vermitrax. — Não vou negar que você me acertou um ou dois

golpes de sorte, mas eu já fiz os meus cálculos sobre você, Izolda! Posso te matar em poucos

segundos! Não me leve a mal por esta estratégia de luta, mas eu sou uma guerreira e tenho que

garantir algum tipo de vitória nessa guerra, senão posso perder o meu status.

— Isso… isso é humilhante! — Os olhos da Prometida ficaram vermelhos como brasa. —

Eu vou te matar!

Izolda tentou aplicar uma giratória, mas acabou vendo algo inimaginável para ela até o

momento: Vermitrax saltou sobre sua perna no momento do golpe e a atingiu na cara com uma

poderosa joelhada. A Major estava mostrando uma habilidade de luta corpo a corpo que não

havia mostrado até então. Antes que a Prometida pudesse se levantar, ela montou sobre ela e com

as pernas aplicou-lhe uma chave, a imobilizando no solo.

— Não seja estressada, menina! Vamos ver o meu Comandante lutar! — Ela agarrou

Izolda pelos cabelos e a fez olhar para o alto, onde a luta estava acontecendo. — Veja! Vamos

ver se o seu namorado vai morrer!

Straxus partiu para o ataque com socos e pontapés enquanto Blaze tranquilamente se

defendia usando apenas uma das mãos.

— Straxus, você já está derrotado, eu não consigo entender por que insiste em lutar se sua

estratégia já está totalmente arruinada!

— Black Busterblaze, eu sou um Supercomando! Sou o mais avançado soldado dos

Superiores. Vou vencer porque sou o que há de mais moderno na te cnologia do Universo! Minha

persistência me levará à vitória!

— Isso não é persistência, é burrice, rapaz! Você é um maso quista! Vai gostar de sofrer

assim lá no inferno! — E numa giratória rápida, Blaze atingiu a cara do oponente, que despencou

do céu como um meteoro se espatifando no solo.

O urro de ódio do Superior foi ouvido no vale do Rio Mozar. Straxus estava decidido,

jamais perdoaria Black Busterblaze por aquelas palavras humilhante s. O inimigo ergueu os dois

braços e, com as mãos espalmadas, permitiu que a espuma p egajosa formasse milhares de

bombas:

— Prepare-
se para conhecer o que é o terror das minhas dez mil bombas telegu iadas!

E as bombas voaram em direção a Black Busterblaze, que ar mou o punho direito e

disparou num flash dezenas de milhares de estrelas que voaram em direção ao inimigo.

— *Orzon | Rokama Cidramon!*

E as bombas foram detonadas pelo canhão da galáxia de Blaze, e o s milhões de pontos que

luz que sobraram atingiram o solo no local onde estava Straxus com o um bombardeio. Fumaça e

escombros subiram. Os soldados dos dois exércitos assistiam à bat alha assombrados. Quando a

poeira baixou Straxus havia desaparecido. Blaze suspirou e cruzou os braços.

— Te peguei! — sorriu Straxus, surgindo repentinamente atrás de Blaze e tocando suas

costas. — Esta é minha bomba atômica de nêutrons! — E saiu rapid amente de perto, rindo.

Blaze tentou tocar o objeto esférico, mas percebeu que, se fiz esse isso, sua mão ficaria

grudada também e a situação ficaria pior.

— Minhas bombas são altamente aderentes e não podem ser desar madas! Você tem apenas

dez segundos de vida! Aproveite o tempo para se arrepender por ter cruzado o caminho da raça

dos Superiores! — gargalhou o Comandante.

Blaze olhou para Straxus e de repente, num sorriso cínico, desapare ceu.

— O quê? Onde você está?

— Aqui! — respondeu Blaze, surgindo um pouco acima do inimigo e atingindo a testa de

Straxus com uma violenta cotovelada.

Novamente o adversário despencou dos céus e se arrebentou no solo levantando pedras,

poeira e abrindo no impacto uma cratera de quinze metros de diâmetro do lado da margem do

exército dos Superiores.

— Está assim tão desesperado, Busterblaze? Eu esperava um ataque final melhor do que

isso de sua parte! — Foi então que Straxus olhou bem para Blaze e viu que algo estava errado.

— Ei, onde está aquele colete negro que faz parte do seu traje?

— Meu? Ele é seu! — riu Blaze.

Straxus se olhou e viu que o colete agora estava com ele. Uma expl osão, então, ribombou.

A poeira e a fumaça se espalharam pelo cânion do Rio Mozar . Os soldados dos Superiores

corriam desesperados, pois a explosão foi do lado deles. Lentament e a fumaça baixou e Straxus

surgiu com a armadura totalmente destruída nas costas. De certa for ma, o colete de Blaze salvou

a vida do vilão; apesar de perfurado na explosão, era também muito resistente.

— Como? — Straxus não se conformava. — Quando você colocou i sso em mim?

— Simples… Sabe que, numa luta do nosso nível, se piscar tá nas tr evas! Você piscou, eu

lhe dei uma cotovelada na cabeça e, instintivamente, no mome nto em que ia cair você deixou

seus dois braços soltos. Foi aí que passei meu colete para você. Até que ficou bonito! Se quiser

posso te arranjar outro como presente de despedida!

Straxus urrou de ódio e, esquecendo da própria dor, ele voou como um míssil novamente

para os céus e ficaram mais uma vez frente a frente. Straxus, com olhar insano, começou a

formar uma bomba com tanto material radioativo que ela mudo u de cinza para um vermelho

denso e luminoso.

— Seu desgraçado! Diga adeus a este vale, esta região e seus amig os! Vou explodir esse

lugar inteiro com a maior bomba atômica da história do Universo!

A mudança de pressão do ar fez Kallima acordar gritando; ela, como fênix, conseguia ver o

futuro e ali ela viu grande perigo. Ela não foi a única a pressentir o pi or, a rainha Bhatra também:

— Essa não! Isso é uma tragédia! Straxus surtou de vez e vai acaba r com tudo! Temos que

sair daqui!

— Não vai dar tempo! — sentenciou o Rei. — Não poderemos salva r os nossos soldados e

nem a nós mesmos. Nossa única esperança é que o
Daimo Busterblaze ainda tenha alguma carta

na manga!

Não era só ali que a atitude tornava a situação perigosa; Ver mitrax, que tinha Izolda sob

controle, hesitou:

— O que este idiota pensa que vai fazer com todo este lugar?

A hesitação abriu uma brecha suficientemente boa para Izolda revert er o golpe e derrubar a

inimiga. Sem perder tempo, ela montou sobre a Major e a esmurrou sem piedade:

— Não vou deixar você fazer as coisas do jeito que você quer!

Vermitrax reagiu com um leve toque no calcanhar de Izolda, q ue sentiu como se algo

tivesse entrado por dentro de sua pele e mordesse seu calcanhar. El a escutou um estalo e soltou o

berro de dor; o osso se partiu. A reação da Major foi instantâ nea; com um safanão expulsou

Izolda de cima e rapidamente se levantou e a atingiu com vários pon tapés.

— Você é muito inconveniente, menina! Você precisa de uma lição!

A Major golpeou Izolda pela esquerda e pela direita na altura dos pul mões:

— Vamos ver se você vai ter toda essa energia agora! Queria ver mi nha técnica especial,

não é? Essa é minha onda rompedora de ossos! Agora você t em três costelas esquerdas

quebradas e quatro costelas quebradas na direita!

Izolda gritou de dor ao sentir o choque invadindo sua carne e transformando em pó dois

centímetros dos ossos de cada costela atingida. Ela caiu de joelhos no solo, sua visão ficou turva

e, por fim, ela tombou estirada no solo. Vermitrax sorria enqua nto o globo azul de vigilância

filmava tudo o que acontecia a uma distância segura.

O olho azul voltou-
se então para os céus, onde Blaze erguia os dois punhos sobre a ca beça

e juntava os dedos das mãos, deixando de fora apenas os de dos polegares e indicadores. A

energia brilhante como um sol azul começou a ser concentrad a na ponta dos dedos do

Caminhante Proibido e ficava cada vez maior:

— Então é o fim de tudo, não é? Que seja nossa última rodada, Stra xus!

— Você não terá coragem de atirar! Se você acertar minha b omba, ela irá detonar de

qualquer maneira e todos nós, inclusive os seus amigos, seremos m ortos!

— Esta é a sua maneira de enxergar o problema, eu já vejo com out ra ótica… Se meu tiro

for mais rápido e preciso que sua defesa, você terá a mesma morte do tal do Goden!

— Você não tem este ângulo de ataque! Não acredito neste blefe se u, mas o fato é que não

há como me impedir! O que seguro é um artefato com poder equival ente à explosão de quatro

mil bombas nucleares! Todos nós morreremos!

— Huhuhu! — riu Blaze, com a ponta dos dedos brilhando como o s ol. — Eu tenho sérias

dúvidas que você queira mesmo jogar sua vida fora e deixar t udo o que ganhou para trás! Eu

aposto que vai atirar a bomba de qualquer maneira e se mandar! Ble fe meu ou não, esta é a única

alternativa que você me deixou. Se prepare porque eu vou avançar!

Os dois rivais se encararam de tal forma que parecia que o t empo havia parado. Straxus

hesitou, pois a situação era desconfortável para ele, que não podia atacar de qualquer maneira.

Black Busterblaze olhou para o inimigo e reparou o suor descendo p or sua face, ele então sorriu

e disparou. Toda a ação aconteceu em uma fração de segundo. Stra xus viu o facho de luz vindo

em sua direção e, por reflexo, usou a bomba que tinha nas mãos como escudo.

Inexplicavelmente, o facho se desfez no ar antes de atingi-lo. Straxus ficou confuso por alguns

instantes, os milésimos de segundos necessários para Black Buster blaze retirar seu cachecol em

forma de capa, passar pelo inimigo em grande velocidade e, n a travessia, enrolar a bomba nos

dois pulsos do Comando de Elite com um único lance. Agora, por cul pa do cachecol de Blaze,

Straxus estava com as mãos amarradas na própria bomba.

— Para sua sorte, espero que você não tenha ativado sua bomba… Ou ativou?

Straxus, desesperado, berrava com os olhos esbugalhados.

—
Maldito! Maldito! Você me enganou! Desgraçado! Desgraçado! — gri tava ele enquanto

chacoalhava os braços como um louco, tentando se livrar do artefat o mortal.

Blaze não teve dúvidas, meteu um pontapé tão forte nas costelas do infeliz que o colocou

em órbita.

— Vai dizer “boa noite, Cinderela” para a lua, seu canalha!

E a bomba explodiu na estratosfera. Labaredas de fogo cobria m os céus. Um grande

cogumelo surgiu no lugar, formado por partículas e línguas de raios amarelos, vermelhos e azuis.

— Que pena que estamos de dia, se o véu já estivesse chegado seri a um lindo espetáculo!

— lamentou Blaze, gargalhando.

E o Caminhante Proibido desceu até Izolda, que se encontrava caíd a sob os pés da inimiga

Superior. Em um suspiro, o seu traje negro de guerreiro se de sfez como a noite nos primeiros

raios de sol e agora Blaze não era mais que uma pessoa comum.

— Acabou, Germinim! — disse Blaze. — Se entregue e poder á continuar viva. Não há

mais motivo para você lutar agora que seu Comandante se foi . Faça a coisa certa e aceite a

derrota antes que acabe morta!

— E quem vai me matar, você? — riu ela.

— Eu já disse que não iria me meter na luta entre vocês dua s, eu só estou te advertindo

antes que aconteça o pior para você!

Vermitrax pisou na cabeça da Prometida e a espremeu no chã o. Lágrimas escorreram do

rosto da Princesa, que não se movia.

— Black Busterblaze, eu faço contigo uma troca: o seu coração pela vida da Prometida!

— Isso não vai funcionar, Vermitrax. Se você não se entregar, a única coisa que vai

acontecer é que meu coração vai ficar no mesmo lugar onde está e a Izolda vai tirar a sua vida!

— Você tem tanta fé assim nesta inútil que está aos meus pés? O q ue ela pode fazer com as

costelas e a perna quebrada?

— O que acha, Izolda? Acha que a Major tem razão? — perguntou Black Busterblaze.

— Me desculpe! — choramingou a Princesa. — Eu não consigo ver os movimentos dela!

— Então pare de olhar os movimentos dela e olhe para ela, Izolda! Somente olhe para nós!

Já está na hora de você entender o poder do seu coração! — E Blaze abriu os braços para

Vermitrax. — Vermitrax, se quer o Blisar vai ter que tirá-lo.

— É o que vou fazer!

A Major caminhou em direção ao garoto franzino de cabelos e olhos negros e ficou frente a

frente com ele. Blaze ajeitou o pé de apoio, o enterrando na areia. A preensiva, Izolda continuava

no chão; ela queria se levantar, socar a cara da puta alienígena, ma s não conseguia. O que fazer?

Ela fechou os olhos e, para sua surpresa, quando os abriu novamen te viu Blaze e Vermitrax de

uma maneira diferente. Os olhos do rapaz agora brilhavam como est relas azuis e em torno do seu

corpo havia um brilho esbranquiçado de uma tranquilidade qua se cósmica. Vermitrax não

possuía brilho algum em torno do corpo, apenas uma espécie de corrente magnética em tom

amarelado que começava na altura do peito e ficava cada vez mais f orte até a palma das mãos.

Sem dúvidas era o caminho percorrido pela técnica mortal da inimig a.

— Blaze! — gritou Izolda, preocupada ao olhar para ele, que apenas devolveu um sorriso

sereno.

Vermitrax tocou o peito do rapaz e, como se o tempo parasse, Izolda viu a carga de energia

passar pela palma da mão da inimiga e atingir o peito do rapaz. Ver mitrax sorriu ao ver o truque

funcionar e Izolda se surpreendeu, pois o que viu foi a corrente pass ar pelo peito de Blaze, descer

pela perna e desaparecer no solo.

Ao ver que o seu poderoso rompedor de ossos não havia fun cionado, Vermitrax ficou

possessa. Com um poderoso pontapé Blaze foi atirado no solo. Ela saltou com os dois pés sobre

o peito do rapaz, que cuspiu sangue, e sem a menor piedade ela o p isoteou repetidamente:

— Maldito! Maldito orzon! Não sei que bruxaria você fez, mas vou rasgar o seu peito e

arrancar o Blisar nem que seja com os dentes!

— Vermitrax! — Era Izolda quem gritava e se erguia em meio a labaredas amarelas e

azuis.

A Major olhou para a Prometida e riu.

— Você outra vez? O que pretende fazer contra mim com as costela s e a perna quebrada?

Izolda assumiu uma ameaçadora posição de ataque. As chamas se ergueram e tomaram a

forma de asas de fogo.

— Vai lutar comigo usando a técnica de ataque das fênix? Sua mãe, que é a Rainha desta

raça infeliz, não conseguiu superar os Superiores quando lutam os, acha que logo você vai

conseguir?

Vermitrax correu em direção à Izolda. A Princesa claramente c onseguia ver os artefatos

brilhantes da inimiga; mais do que isso, ela finalmente conseg uiu compreender como a arma

funcionava. Sem qualquer temor, no momento em que Vermitrax a a tacou ela agarrou a inimiga

em um abraço e decolou com ela, subindo em grande velocidade. D esesperada, a Major a tocava

sem parar, mas a arma não fazia efeito.

— Por que não funciona? Por quê? — gritava a Major.

A cada toque que Izolda recebia, as ondas passavam por seu corpo, mas, em lugar de

romperem os órgãos que a Major desejava, a corrente percorria o si stema nervoso da guerreira de

armadura de prata e escapava pelas asas de fogo até suas p ontas, onde finalmente explodiam,

liberando energia. Energia de fogo que, naquele caso, só servia par a tornar as asas da fênix cada

vez maiores, maiores e mais quentes.

— Eu sou Superior! — bradava Vermitrax. — Não pode me vencer! Eu sou Superior!

E, quando a fênix chegou tão alto que era possível ver as trê s luas no grande globo do

firmamento, Izolda olhou para a inimiga com desprezo e rosnou.

— Vou te fazer conhecer as chamas do inferno, vadia! — Então a jo vem guerreira soltou a

inimiga e completou no idioma dos moradores de Dehva. — *Arieda* | *Fleuer Otogan!*

O que Vermitrax viu foi o seu corpo caindo dos céus e as asas de Iz olda se tornarem uma

bola de fogo que voou em sua direção e resultou em uma grande ex plosão. O exército assistiu às

pequenas estrelas cadentes riscarem os céus com as partes dilacer adas da Major.

O poder de Silver Slashersoul desapareceu. Izolda apagou por vários minutos. Sentiu o

vento tocar os seus cabelos na queda. Em seu íntimo estava sorrind o. Enquanto os seus olhos se

fechavam, Izolda teve uma visão de seu mundo com seus grandes a néis, satélites naturais, o sol e

as estrelas. O sentimento de vitória a deixou em paz e, ao fe char os olhos, um pequeno filme

passou em sua mente. Ela viu o rosto do Senhor George, Dona Tain á, Ísis, seus pais, sua irmã e

por fim da Deusa Dehva, que sussurrou: “Sempre soube que você c onseguiria”. E ela adormeceu.

Ela não soube bem o que aconteceu, mas quando acordou estava n os braços de Blaze e ele

a carregava em direção ao exército de Flanória, que comemorava fa zendo grande bagunça.

— Você me salvou? — perguntou Izolda, se aninhando nos braços d e Blaze.

— E você achava mesmo que eu, estando aqui, ia deixar você se es borrachar? — riu ele.

— Agora tente descansar, o importante é vermos logo o seu f erimento. — Para completar, ele

deu um leve beijo na testa da moça. — Saiba que você lutou muito b em, Izolda!



Ela sorriu e fechou os olhos. Afinal, a batalha havia acabado e agora ela estava segura.

O globo azul que tudo filmava se retirou do campo de batalha e junt o com ele o resto do

exército de Superiores que ocupava o outro lado do Rio Mozar.

Finalmente a Resistência de Dehva retornou à sua vida. Cerca de u ma semana depois, parte

da rotina voltou ao normal. Nas manhãs, os grupos de trabalho eram divididos para manter em

ordem tudo o que correspondia aos bens comuns e os comércios ab riam no período da tarde. As

universidades faziam suas pesquisas e as noites eram animadas co m os festivais e os teatros. O

véu, as chuvas e o sol seguiam o ciclo natural naquele mundo de gr andes anéis dourados.

O Rei e a Rainha conversavam com o conselho do reino e o velho dragão contava com

orgulho sobre como a filha havia ficado forte. Vehda se dedica va cada vez mais aos serviços

sociais, chefiando o corpo médico do reino, que tinha muito trabalho com os feridos das batalhas.

Gwim, Fazollo e Edocross também trabalhavam, isso quando n ão estavam em alguma taverna

enchendo a cara com alguma bebida alcoólica espumante.

Saindo da praça central onde fica o castelo de Dehva, à direita, exist e uma via estreita feita

da tradicional cerâmica daqueles povos. A via era rodeada com cerc as-vivas e casas grandes de

um lado e de outro, descendo até o rio, onde duas pequenas pontes em forma de arco levavam à

rua para fora da área urbana e chegava à uma ilhota onde h avia um castelo bem pequeno com

apenas uma torre. Da janela da torre um jovem olhava uma p equena cascata que havia no

paredão de pedras e caía dentro do grande lago de águas cri stalinas, onde grandes carpas

coloridas nadavam nas águas quentes do vulcão extinto.

— Caramba! Este lugar é mesmo lindo! — ria Black Busterblaze. — Amanhã, depois do

trabalho, devo ir com o Edocross e o Gwim pescar! Ele disse que de scendo o rio existe um tal de

panjiki que é usado para fazer aquele ensopado que custa doze con tos na barraca do Cinta-larga!

— Só o Cinta-
larga sabe fazer o ensopado ficar daquele jeito. Só ter o peixe não a dianta!

— riu Izolda, que estava estirada na cama e coberta apenas por um fino lençol.

— Tentar adivinhar como ele faz aquilo através de experiência s com temperos parece

divertido!

— Você se adaptou bem ao meu planeta, não é? — riu ela. — Uma pena que dias como o

de hoje não vão durar para sempre… logo vamos ter que voltar a lut ar, pois a guerra continua.

— Eu sei — lamentou ele. — Fazer o quê, não é? Quando f or a hora vamos lutar

novamente! — Ele sentou-se na cama e suspirou.

Izolda se arrastou pelo colchão e montou nos ombros de Blaz e, laçando o pescoço do

amado com as pernas.



— Sabe do que me deu saudade?

— Deixa eu adivinhar… Para me fazer de cavalinho outra vez, deve estar imaginando o

pessegueiro lá do planeta Terra.

— Ah! — ela riu. — Mas eram tão gostosos!

— Eram mesmo! — respondeu ele, dando-
lhe beijinhos e mordidinhas nas coxas grandes e

macias. — Sabe… Até que você tem razão! Está faltando pêssego n este mundo!

Ela puxou os cabelos de Blaze e o fez encarar seus grandes olhos c or de jade.

— Você vai arrumar pêssegos para o nosso mundo?

— Por que não? — riu ele. — A gente voltou dos mortos, nã o foi? Para quem faz algo

assim, tem pouca coisa que não podemos fazer!

Em uma sala cheia de monitores, o globo azul foi colocado e m um compartimento

eletrônico e imediatamente as telas passaram a mostrar parte da bat alha do Rio Mozar. Estavam

na sala o Doutor Altamaran, o Tenente-
coronel Set Rayzor e o Marechal San Hell. O cientista foi

logo comentando:

— Como o Senhor ordenou, Marechal, as manchetes estão de stacando a traição do

Comandante Straxus e os oficiais Germinim Vermitrax e Goden Rilz on. Muito pouco da batalha

foi revelado. A vida segue normalmente e as pessoas continua m focadas em manter o Sistema

Superior de pé.

— Vamos continuar lutando para a felicidade delas, Doutor! — disse o Marechal, ajeitando

os óculos. — Afinal, somente com a pirâmide de hierarquia perfeita em que vivemos é possível

dar à existência vazia das camadas populares que nos sustentam u m propósito: o propósito de um

dia se tornar Superior!

EPÍLOGO

Senhor George lia os e-
mails da escola. Eram trabalhos de alunos que eram entregue s

completos ou pela metade. Os pela metade sempre vinham ac ompanhados de alguma desculpa

triste. O velho professor, como conhecia cada um dos seus alunos, adorava ler estes e-mails de

desculpas. Tirando um ou outro que realmente tinha tido probl emas, a grande maioria sempre

deixava o trabalho para a última hora e depois tinha que criar algum a tragédia para justificar a

falha e implorar pelos pontos.

Só que naquele dia ele recebeu um e-
mail inesperado. Era de seu filho. Senhor George não

queria acreditar, afinal, ele estava morto há seis anos. Mas se rá que estava mesmo? O velho

coçou um pouco o queixo e clicou no ícone, já que só ele e a espos a sabiam que o filho estava

em uma jornada nada convencional e, dada as circunstâncias, nada era impossível. A mensagem

se abriu:

“Pai, como está o senhor? Espero que esteja com saúde e bem! Est ou com muitas saudades

de todos! Sei que sexta é o aniversário da mamãe e eu e Iz olda queremos nos encontrar com

vocês e fazer uma surpresa para ela. Queria ir para casa, mas sabe como é, estou literalmente em

uma guerra por aqui e quanto menos gente souber dos detalh es, melhor. Aguardo seu retorno

com o lugar que achar melhor, só peço que marque no lugar mais le gal que conseguir e não se

preocupe com dinheiro, eu tenho bastante! Forte abraço e até breve. ”

O velho não conseguiu conter suas lágrimas e chorou.

Na noite de sexta, Dona Tainá, Senhor George e Ísis estavam chega ndo em um restaurante

de frutos do mar fora da capital. Era um restaurante grande e muito chique que ficava em um

balneário e era frequentado apenas por turistas. Ela reclamou:

— Você é maluco, velho! Inventar um jantar para mim em um lugar destes tão longe de

casa! Para que isso?

— Achei que você ia gostar — riu ele. — Você está envelhecendo e ficando uma velha

muito ranzinza! Uma coisa assim não amansa o coração?

A Dona Tainá praguejou ainda mais e Ísis caiu na gargalhada. Eles entraram no restaurante

e o garçom os levou para uma área vip que ficava no segundo andar. Lá em cima, em uma

grande mesa com vista para o mar, os olhos da velha mãe marejaram ao ver não mais uma

adolescente, mas um jovem adulto vestindo um terno azul-marinho tomando cerveja e ao seu

lado uma mulher alta e muito bonita de cabelos ondulados que usava um vestido cor de fogo.

— I-izac… Meu filho! — balbuciou a mãe.

O casal se levantou e abraçou Dona Tainá, que não parava de chorar. A princípio ela não

reconheceu a senhorita que acompanhava seu filho, mas quando ela virou o rosto em sua direção

e sorriu, seu rosto redondo e seus grandes olhos verdes não deixaram dúvidas, era Izolda.

Ísis sorria e pulava de alegria e o velho Senhor George foi logo pedindo um copo para o

garçom e enchendo de cerveja.

— Este é o melhor aniversário que já tive na vida! — chorava Dona Tainá. — Minha filha

e o meu filho! Vocês voltaram!

A família unida comeu, bebeu, riu e se divertiu. Quando começou a ficar tarde, Izolda

tomou Ísis pela mão e a tirou de junto dos pais com a desculpa de que queria saber todas as

fofocas sobre a irmãzinha e por isso deveriam ter uma conversa de mulher. O velho George

percebeu e disse:

— Você está muito diferente, meu filho. Essa jornada fez você realmente se tornar um

homem. Você parece ter uma saúde de ferro, estou impressionado com o quanto você parece

forte!

— Nem sempre foi assim, meu pai. A jornada foi difícil e minha preocupação em trazer

você e a mamãe para cá neste encontro é porque aqueles falsários que levaram Izolda são

perigosos.

Ele levou a mão até um o chão e pegou um quadro.

— Isso é uma lembrança dos pais de Izolda, eles queriam que vocês os conhecessem e por

isso mandaram isso aqui.

O quadro era uma fotopintura, uma técnica que não é comum na Ter ra. Eles usam a câmara

escura e tiram o negativo de uma foto sem a revelar e um artista “re vela” a foto com uma técnica

artesanal, criando um quadro realista. Na foto estavam Blaze, I zolda, Vehda, Bhatra e o Rei

Kimsley. O cenário era o portão de entrada do castelo e a luz ambie nte era a lua azul. Os pais de

Blaze tocaram o presente mal podendo acreditar que era possível fa zer algo como aquilo.

— Infelizmente eu não posso voltar para cá a não ser em visitas curt as como esta de hoje.

— Eu entendo, filho — sorriu a mãe. — Se puder vir no Natal ou no aniversário de seu pai,

eu ficaria muito feliz!

— Vou fazer o possível! — riu Blaze. — Ah! Quero que vocês se cuidem enquanto eu

estiver fora!

Ele tomou um estojo de um material semelhante a couro nas mãos e entregou ao pai.

Quando o velho abriu a bolsa, viu que estava cheia de notas de cem .

— Filho, isso é muito dinheiro! — assustou-
se o velho. — Como conseguiu?

— Quando eu estava trabalhando para aquela organização internacional que mandava

cartas para vocês, eu fiz uma conta em um banco de outro planeta. Como o dólar vale pouco no

Universo, a casa de câmbio acabou me rendendo bastante. Quando cheguei ao banco daqui para

trocar para o real então… aí que deu tudo isso mesmo! — gargalhou Blaze.

— Mas você não disse que esses caras são perigosos? — preocupou-se a mãe.

— São, mas os bancos de lá são como os daqui da Terra. O banqueiro não tem muita

preocupação em quem é o cliente, contanto que esteja dando algum lucro para eles.

Provavelmente se me descobrirem vai haver uma série de trâmites burocráticos antes, até lá eu

penso em alguma coisa!

O velho George começou a rir.

E por volta da meia-
noite o encontro acabou. Izolda e Blaze se despediram da família. Ele

levava uma pequena mochila com coisas do planeta Terra, como um tablet com várias fotos de

todos que Ísis tirou do encontro. Izolda estava feliz levando o par de mudas de pessegueiro que

haviam comprado. Dona Tainá, Senhor George e Ísis acenaram par a os dois, que caminharam em

direção ao mar até que as luzes dos postes não os alcançavam mai s.

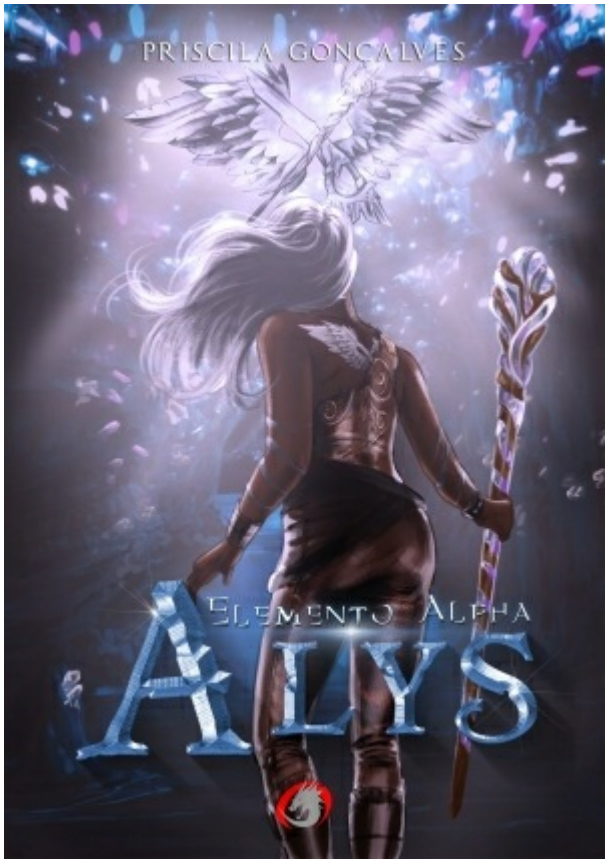
Então, como qualquer mistério de outro mundo, eles foram sor vidos pela escuridão e

desapareceram.



Conheça nosso catálogo

Vendas: www.editorapendragon.com.br



ALYS

Gonçalves, Priscila

9788569782872

354 páginas

Compre agora e leia

Alys era só uma garota supervalorizando seus pequenos problemas adolescentes. Até

que uma simples incursão abriu mais que o mundo que ela desejava conhecer. Abriu

os seus olhos pra verdadeira natureza dos metais Nifrity e as respon sabilidades de ser

a única pessoa capaz de mantê-
los em segurança. Agora, ela precisará desenrolar o

emaranhado de segredos em que sua vida foi mantida, aprender a d ominar seus

poderes e encontrar seu guardião antes que a escuridão chegue. U ma aventura

fantástica repleta de mistérios, aprendizado e superação, que levarã o uma garota a se

transformar em uma guerreira e encontrar o seu lugar no mundo.

Compre agora e leia



Erros... Nas Entrelinhas

Ripardo, Brenda

9788569782537

340 páginas

Compre agora e leia

Samantha é capitã do time das líderes de torcida e namora Devin, o quarterback do

time de futebol. Mas para ela, as coisas não haviam sido fáceis, já q ue era o tipo de

garota invisível. Logo no primeiro dia de aula ela conhece Benjamin, um garoto recém-

chegado na cidade, cujo contato inspirador, desperta novamente nel a o amor pela

música, que há anos permanecia adormecido. Benjamin é diferente, envolvente, e faz

com que os sentimentos de Samantha em relação a ele cresçam, e embora ela tente

lutar contra isso, o destino parece sempre querer uni-los. O intenso envolvimento de

ambos a deixa certa de que ele é o seu verdadeiro amor. Entretanto, nada parece estar

a salvo, pois Samantha acaba cometendo erros e ferindo os sentimentos das pessoas

que a cercam. Ela terá como lição que os segredos nem sempre estão seguros e que

tomar certas decisões, podem trazer sérias consequências.

Compre agora e leia



Lendárias

Angel, Cristy S.

9788569782575

212 páginas

Compre agora e leia

Em sua busca pela libertação de uma maldição, Kahlan, a líder das l endárias, é

capturada pela legião em uma emboscada para ser levada ao rei da s terras do norte.

Na jornada, repleta de perigos e segredos através da floresta negra, têm seus poderes

removidos por um bracelete mágico. Enquanto isso, o restante de se u clã guerreiro terá

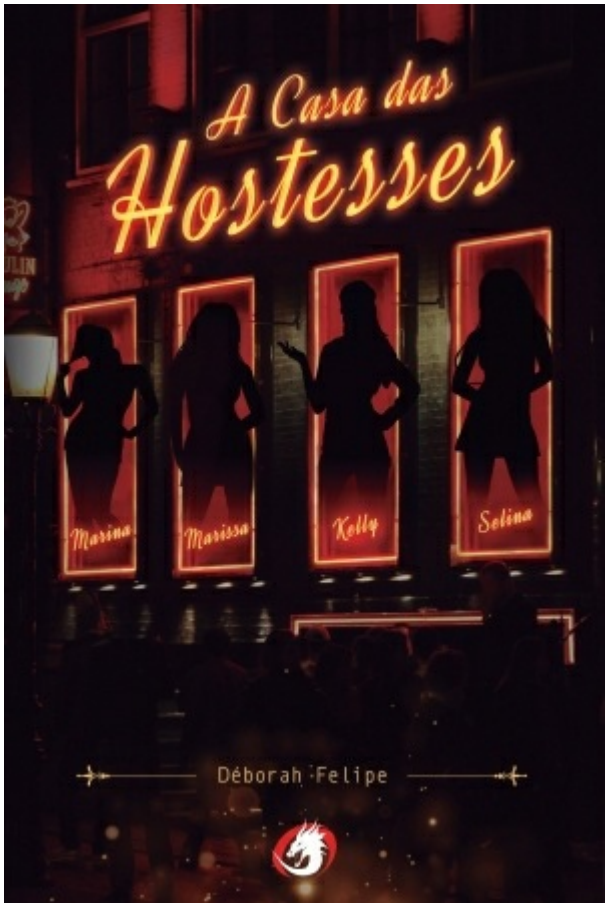
de decidir se partirá em sua busca ou se desvendará um novo misté rio no forte das

bruxas. Nesse meio tempo, a jovem e encantadora Líder é levada c omo prisioneira pelo

comandante da legião, o belo Lian Ruthven, mas o que ambos não s abem, é que seus

destinos estão mais ligados do que poderiam imaginar.

Compre agora e leia



A Casa das Hostesses

Felipe, Déborah

9788569782407

158 páginas

Compre agora e leia

O que você faria se tudo o que planejou para a sua vida desmorona sse em um

segundo? Para onde iria quando seu coração é partido e nada mais parece verdadeiro?

Quem buscar quando você busca aconchego e conforto numa noite de tempestade? As

hostesses podem cuidar de você… A Casa das Hostesses não se p arece com um lugar

que Souji frequentaria normalmente. A música é muito alta, as pesso as parecem

menos inibidas, as luzes dançam muito rápido, as bebidas se parec em mais com

poções mágicas… e as garotas… bom, ele não sabe ao certo como é que um trabalho

como aquele funciona. Mas aquele lugar misterioso surgiu em seu c aminho como se

fosse um encontro marcado pelo Destino… Takeshi Souji sempre co nduziu sua vida

sobre três pilares: seu trabalho na empresa Takeshi, que um dia ser á sua; seu noivado

com Juury, sua namorada do colégio e seus amigos de infância. Por ém, dois desses

pilares desmoronam quando ele descobre que sua noiva tem um ca so com seu pai,

deixando-
o completamente sem chão. A Casa das Hostesses é um prédio de aparência

antiga que germina como se fizesse parte do solo. Ninguém percebe ria aquele lugar se

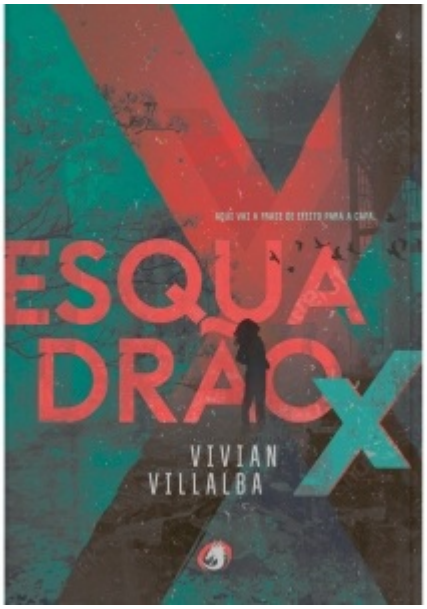
não o estivesse procurando, e talvez isso faça parte de seu charme, como um lugar

que sabe exatamente quem deseja conhecer a cada noite, como se fosse uma das

hostesses que trabalha ali… A todos que estão para conhecer esse novo mundo…

Sejam bem-vindos à Casa das Hostesses.

Compre agora e leia



Esquadrão X

Villalba, Vivian

9788595940550

254 páginas

Compre agora e leia

Quase 100 anos se passaram desde que a Terra foi invadida e os h umanos quase

exterminados, mas eles ainda tentam prosperar em meio a um cená rio de guerra

eterna. Um novo governo surgiu e novas leis foram criadas. Com o a listamento no

exército obrigatório, Roxanne Bournier é mais uma jovem a entrar n a guerra e descobre

ter sido designada a um esquadrão de elite especial: o Esquadrão X . Liderados pela

própria Major, Cat, Max, Maya, e Roxanne compõem um esquadrão singular, mas

extremamente capaz. Roxanne inicia sua jornada de treinamento e missões, lutando

pela sobrevivência ao mesmo tempo em que a guerra piora e a desv antagem dos

humanos só aumenta. À medida que o contato com a guerra cria cic atrizes profundas

em Roxanne, também molda seu destino e faz com que se question e: Teriam o

necessário para ganhar a guerra?

Compre agora e leia

Document Outline

- PRÓLOGO
- CAPÍTULO 1 ANTES DA CHUVA
- CAPÍTULO 2 DEPOIS DA CHUVA
- CAPÍTULO 3 A ESTRANHA
- CAPÍTULO 4 LAÇOS
- CAPÍTULO 5 CORAÇÕES
- CAPÍTULO 6 SEPARAÇÃO
- CAPÍTULO 7 DESAPARECIDA
- CAPÍTULO 8 O PERSEGUIDOR
- CAPÍTULO 9 A PARTIDA
- CAPÍTULO 10 O PASSAGEIRO DO FUTURO
- CAPÍTULO 11 CAINDO NO INFERNO
- CAPÍTULO 12 VOMITANDO SANGUE
- CAPÍTULO 13 CAINDO AINDA MAIS NO INFERNO
- CAPÍTULO 14 FORTE-PRISÃO NÚMERO QUATRO
- CAPÍTULO 15 O CORAÇÃO DAS ESTRELAS
- CAPÍTULO 16 FOGO NOS CÉUS
- CAPÍTULO 17 O SOLITÁRIO CAMINHANTE PROIBIDO
- CAPÍTULO 18 CANTAM OS POVOS DE DEHVA
- CAPÍTULO 19 UM RÉQUIEM PARA OS HERÓIS
- CAPÍTULO 20 OLHOS AZUIS, LÁBIOS VERMELHOS
- CAPÍTULO 21 A PROMETIDA
- CAPÍTULO 22 ESTRELA APAGADA
- CAPÍTULO 23 UM PULSAR PEQUENO E DISTANTE
- CAPÍTULO 24 ENTRE O EU E O EU MESMO
- CAPÍTULO 25 OLHOS DE SANGUE, ARMAS DE PRATA
- CAPÍTULO 26 TABULEIRO DE BATALHA
- CAPÍTULO 27 O SINO DE GUERRA DOBRA
- CAPÍTULO 28 UMA PONTE LONGA DEMAIS
- CAPÍTULO 29 O FURIOSO CAMINHANTE PROIBIDO
- CAPÍTULO 30 A SUPERAÇÃO DA DONZELA PRATEADA
- EPÍLOGO